

**Produções Arquitetónicas e Intervenções no
Património Religioso Pós-Concílio Vaticano II
Arquitetura religiosa contemporânea em
Portugal**

Sofia Alexandra Fialho Reis de Amoreira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(mestrado integrado)

Orientador: Prof.^a Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

setembro de 2020

O guardador de rebanhos

“Porque eu sou do
Tamanho do que vejo
E não do tamanho da
Minha altura...
E o que vejo
São meus sonhos.”

Fernando Pessoa (Alberto Caeiro)

Agradecimentos

Aos meus pais, Alexandra e Joaquim,

A toda a minha família,

Às minhas amigas que me acompanham desde criança, Raquel Carmona e Andreia Sousa,

Ao meu namorado Bruno Mareco,

Aos meus amigos de faculdade, Alexandra, Tiago, Mariana e Verónica,

A todos os meus colegas, amigos, professores e funcionários, com que fui labutando ao longo de todos estes anos,

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Maria Martins,

Agradeço a todos pela ajuda, apoio e companheirismo.

RESUMO

Desde a Antiguidade que o Homem encontra no Templo uma forma de praticar a sua Fé, de estar em comunhão com o(s) seu(s) Deus(es). Em qualquer culto ou religião, a arquitetura é imprescindível na expressão e materialização da sua interpretação divina. Ao longo dos séculos, a construção de edifícios, de cariz religioso, evoluiu através de Eras e estilos, de mudanças sociais e culturais, nomeadamente na religião católica.

Juntamente com o Movimento Litúrgico, o Movimento Moderno, na Europa do século XX, impõe-se culturalmente tendo como objetivo a concretização de uma nova arte concebida renunciando aos modelos clássicos até então seguidos. A arquitetura religiosa é, assim, repensada e renovada como o objetivo não só de corresponder às necessidades da igreja, mas dos próprios artistas e arquitetos que pretendiam transpor para os espaços sagrados o espírito moderno.

Convocado no ano de 1962, teve lugar em Roma, o Concílio Vaticano II, o qual visou a modernização da Igreja Católica centralizando a sua reforma na participação ativa dos fiéis nas celebrações e atos litúrgicos. Um conjunto de diretrizes fora elaborado de forma a definir e sintetizar as alterações litúrgicas, as quais detiveram enorme influência na conceção e alteração de edifícios e espaços religiosos. O Concílio Vaticano II quebrou com o pensamento existente e conseqüentemente permitiu a evolução do mesmo tornando possível a renovação da espiritualidade da Igreja.

Em Portugal, os primeiros passos em direção à mudança do panorama da arquitetura religiosa só viriam a ser dados de forma mais tardia, na década de 50, com o Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Numa época de forte secularização, o MRAR, fruto de um conjunto de católicos, de espírito comunitário e de forte consciência ética social, política e estética cuja sua ação modificou a realidade da arte religiosa em Portugal, valorizou e dignificou toda a arte sacra e arquitetura religiosa, inculcando na sociedade portuguesa a importância dos princípios da arquitetura moderna na conceção de novos espaços religiosos.

Sendo o espaço religioso obrigado a dar resposta às necessidades do Homem na forma como vivência e pratica a sua fé, assim como a sua expressão e comunhão com Deus, foi e continua a ser, sem dúvida, uma das tarefas mais difíceis para o arquiteto.

Palavras-chave

Arquitetura religiosa; Concílio Vaticano II; MRAR; Arquitetura religiosa contemporânea; Igreja; espaço sagrado.

Abstract

Since antiquity, Man has found in the Temple a way to practice his Faith, to be in communion with his God (s). In any cult or religion, architecture is essential in the expression and materialization of its divine interpretation. Over the centuries, the construction of buildings, of a religious nature, evolved through eras and styles, through social and cultural changes, namely in the Catholic religion.

Along with the liturgical movement, the modern movement, in Europe in the 20th century, imposes itself culturally aiming at the realization of a new art conceived renouncing the classical models hitherto followed. Thus, religious architecture is rethought and renewed as the objective not only of meeting the needs of the church, but of the artists and architects themselves, who intended to transpose the modern spirit into sacred spaces.

Convoked in 1962, the Second Vatican Council took place in Rome, which aimed at modernizing the Catholic Church by centralizing its reform in the active participation of the faithful in celebrations and liturgical acts. A set of guidelines had been developed in order to define and synthesize the liturgical changes, which had an enormous influence on the design and alteration of buildings and religious spaces. The Second Vatican Council broke with the existing thought and consequently allowed its evolution, making possible the renewal of the Church's spirituality.

In Portugal, the first steps towards changing the religious architecture landscape would only be taken later, in the 1950s, with the Religious Art Renewal Movement. In a time of strong secularization, MRAR, the result of a group of Catholics, with a community spirit and a strong social, political and aesthetic ethical conscience whose action changed the reality of religious art in Portugal, valued and dignified all sacred art and architecture religious, instilling in portuguese society the importance of the principles of modern architecture in the design of new religious spaces.

Being the religious space obliged to respond to the needs of Man in the way he experiences and practices the faith, as well as his expression and communion with God, it was and continues to be, without a doubt, one of the most difficult tasks for the architect.

Keywords

Religious architecture; Vatican Council II; MRAR; Contemporary religious architecture; Church; sacred space.

Índice

Lista de Figuras ----- XV

Lista de Acrónimos ----- XXXVI

Capítulo 1

1. Introdução

1.1. Objetivos ----- 1

1.2. Estrutura ----- 1

1.3. Metodologia ----- 2

1.4. Estado da Arte ----- 3

Capítulo 2

2. Cristianismo

2.1. A Igreja, o Homem e o Sagrado ----- 5

2.2. A Igreja e a Arquitetura ----- 7

2.3. Origem, Influências e Difusão ----- 8

2.4. “Domus Ecclesiae” ----- 10

2.5. Império Romano- A Basílica ----- 13

Capítulo 3

3. Liturgia

3.1. Edito de Milão ----- 15

3.2. Liturgia precedente ao Concílio Vaticano II – Da origem ao Concílio ----- 16

3.3. Celebração Litúrgica e Espaço Litúrgico ----- 18

3.4. O Movimento Litúrgico ----- 19

3.4.1. Relação entre espaço litúrgico e comunidade ----- 24

3.4.2. Lambert *Beauduin* – O pai do Movimento Litúrgico ----- 26

3.4.3. O Movimento Litúrgico em Portugal ----- 27

3.4.4. O Movimento Moderno na Arquitetura ----- 29

3.4.5. A Modernidade e o seu carácter revolucionário ----- 32

3.4.6. Relação e articulação entre o Movimento Litúrgico e o Movimento
Moderno ----- 34

3.4.7. A Igreja Modernista: *Grupo Quickborn* ----- 35

Capítulo 4

4. Concílio Vaticano II	
4.1.O Concílio de Trento -----	39
4.2. O Concílio Vaticano II -----	41
4.3. SACROSSANCTUM CONCILIUM -----	44
4.4. O novo espaço sagrado -----	45
4.5. Diretrizes para o novo espaço sagrado -----	47
4.6. A Missa -----	54

Capítulo 5

5. Movimento de Renovação da Arte Religiosa	
5.1 Introdução -----	55
5.2 O MRAR -----	56

Capítulo 6

6. Arquitetura Religiosa	
6.1 Introdução -----	60
6.2 Estilo Bizantino -----	62
6.3 Estilo Românico -----	64
6.4 Estilo Gótico -----	66
6.5 A Idade Moderna - O Renascimento -----	69
6.6 Reforma, Contra-Reforma e Barroco -----	72
6.7 Historicismo -----	75
6.8 Arquitetura Religiosa Pós-conciliar -----	78
6.9 O novo modelo “ <i>Domus Eccesiae</i> ” -----	80
6.9.1 Modelo Casa-Igreja- Exemplos -----	81
6.9.1.1 Igreja de Santa Ana, Madrid -----	82
6.9.1.2 Igreja de São Lourenço, Munique -----	84
6.9.1.3 Igreja da Abadia de São Benedito, Vaals -----	86
6.10 Arquitetura Religiosa da 1ª metade do século XX: Europa -----	88
6.11 Arquitetura do MRAR -----	90
6.12 Obras de referência da Arquitetura religiosa moderna em Portugal -----	94
6.12.1 Igreja da Nossa Senhora de Fátima, Penamacor -----	95
6.12.2 Capela da Nossa Senhora de Fátima, Picote -----	100

6.12.3 Igreja de Santo António, Moscavide	103
6.13 Década de 60: Consolidação da Arquitetura Religiosa Moderna em Portugal	107
6.14 20 anos de diversidade e contradição: 1970-1990	109
6.15 Arquitetura religiosa Minimalista: de 1990 à atualidade	111
 Capítulo 7	
7. Caracterização e análise dos casos de estudo	114
7.1. Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa	115
7.2. Igreja Matriz Paroquial da Portela, Portela	120
7.3. Igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes	126
7.4. Igreja Santa Joana Princesa, Lisboa	135
7.5. Capela de São José, Vila Nova de Gaia	141
7.6. Igreja de Nossa Senhora de Lurdes, Coimbra	147
7.7. Conclusão: Obras 1estudadas	153
7.8. Diretrizes Conciliares/Casos de Estudo	157
7.8.1 - Quadro de análise 1	158
7.8.2 - Quadro de análise 2	158
7.8.3 - Quadro de análise 3	158
7.8.4 - Quadro de análise 4	159
7.8.5 - Quadro de análise 5	159
7.8.6 - Quadro de análise 6	159
7.8.7 - Quadro de análise 7	160
7.8.8 - Quadro de análise 8	160
7.9 Análise e comparação das obras com as Diretrizes do Concílio	161
 Capítulo 8	
8. Conclusão	162
 Anexos	
Anexo I – Glossário	165
Anexo II – Elementos do MRAR	167
Anexo III – SACROSSANCTUM CONCILIUM	168
Bibliografia	183
Referências Online	189

Índice de Figuras

Figura 1 - “CHRISTOS ANESTI” - A Ascensão de Cristo, Christos Anesti - Alithos Anesti. Acedido online In: <https://www.hiitsdon4wine.com/dons-blog/2018/4/4/christos-anesti-alithos-anesti>; Consultado Online: 12 de Janeiro de 2020.-----9

Figura 2 - Judaísmo - Laurent de LaHire: Abraham sacrifica Isaac,1650, de Laurent de La Hyre. Acedido online In: https://pt.wikiversity.org/wiki/Introdu%C3%A7%C3%A3o_ao_Juda%C3%ADsmo/Breve_Hist%C3%B3ria_do_Juda%C3%ADsmo#/media/Ficheiro:Abraham.jpg; Consultado Online: 12 de Julho de 2017.-----10

Figura 3 - Paganismo – Charon carrega as almas pelo rio Styx - Alexander Dmitrievich Litovchenko (1835 - 1890). Oil on canvas, 1889 The State Russian Museum, St. Petersburg, Russia; Entre o Paganismo e o Cristianismo. O óbolo de Caronte. in <https://projetosarilhosgra.wixsite.com/website/post/entre-o-paganismo-e-o-cristianismo-o-%C3%B3bolo-de-caronte>; Consultado Online: 12 de Janeiro de 2020.-----10

Figura 4 - Planta - Casa Romana; A influencia da liturgia na arquitetura cristã. Acedido online In: <http://arquiteturaeliturgia.blogspot.com/2007/07/influncia-da-liturgia-na-arquitetura.html>; Consultado Online: 12 de Janeiro de 2020.-----11

Figura 5 - Domus Ecclesiae; Espaço sagrado e arquitetura. Acedido online In: http://artecristianoybelleza2.blogspot.com/2013/02/origenes-de-la-arquitectura-cristiana_27.html; Consultado Online: 12 de Janeiro de 2020.-----13

Figura 6 - Basílica de Maxêncio, IV d.C – Constantinopla; Basílica de Maxêncio. Acedido online In: <https://studylib.es/doc/6359735/bas%C3%ADlica-de-majencio-bas%C3%ADlica-de-majencio>; Consultado Online In: 12 de Janeiro de 2020. -----14

Figura 7 - Basílica do Santo Sepulcro, Jerusalém; Santo Sepulcro: local da crucificação e ressurreição de Jesus. Acedido online In: <https://m.epochtimes.com.br/santo-sepulcro-local-da-crucificacao-e-ressurreicao-de-jesus/>; Consultado Online: 12 de Janeiro de 2020.-----15

Figura 8 - Basílica do Santo Sepulcro, Jerusalém, de KNA. Acedido online In: <https://www.katholische-sonntagszeitung.de/layout/set/print/Buntes/Kirchenfuehrer-mahnen-zu-Distanz-und-Hygiene-in-Grabeskirche-Sonntag-22.-Maerz-2020-08-40-00>; Consultado Online: 12 de Janeiro de 2020.-----15

Figura 9 - Pintura alusiva ao Edito de Milão; O que foi o Édito de Milão in Acedido In: <https://pt.quora.com/O-que-foi-o-%C3%89dito-de-Mil%C3%A3o>; Consultado Online: 17 de Janeiro de 2020. -----16

Figura 10 - Marie-Alain Couturier; O Renascimento Católico. Acedido online In: <https://crc-canada.net/liens-utiles/archives-de-notre-bulletin/la-rebellion-erigee-en-art-ou-lart-de-lapostasie.html>; Consultado Online: 18 de Janeiro de 2020. -----21

Figura 11 Romano Guardini; Romano Guardini, 1935. Acedido online In: <https://www.mutualart.com/Artwork/Romano-Guardini/3516C77FD048F122>; Consultado Online: 17 de Janeiro de 2020. -----21

Figura 12- Rudolf *Schwartz*; Rudolf *Schwartz*, três igrejas 1929-1964. Acedido online In: https://galeriezonder.com/en/exhibition/three_churches_1929_1964/work/st_bonifatius_aachen_forst_1; Consultado Online: 17 de Janeiro de 2020.-----21

Figura 13- Igreja St. Fronleichnam, 1930, Alemanha, Rudolf Schwarz; St. corpus christi Aachen. Acedido online In: <https://www.neues-bauen-im-westen.de/objekte/St.-Fronleichnam-Aachen--6560.htm>; Consultado Online: 18 de Janeiro de 2020. -----22

Figura 14- Igreja St. Anna Duren,1956, Alemanha, Rudolf Schwarz; Igreja St. Anna. Acedido online In: https://web4.deskline.net/eifel/en/event/detail/RPT/83e98020-356f-4d20-bc62c1552f6ff63/stadtfc3%bchrung__die_annakirche?selArrivalDate_die_annakirche?selArrivalDate=20201121&MobileForced=False&AspxAutoDetectCookieSupport=1; Consultado Online: 2 de Fevereiro de 2020. -----22

Figura 15 - Igreja St. Fronleichnam,1930, Alemanha, Rudolf Schwarz; St. Fronleichnam church, Rudolf Schwarz Acedido online In: <https://newchurcharchitecture.wordpress.com/2014/03/23/st-fronleichnam-rudolf-schwarz/>; Consultado Online: 2 de Fevereiro de 2020. -----22

Figura 16 - Igreja St. Anna Düren,1956, Alemanha, Rudolf Schwarz; St Anna Düren. Acedido online In:[**Figura 17** - Lambet Beaudin; Lambet Beaudin. Acedido online In: \[**Figura 18** - Igreja de Riola, Itália, de Franco Di Capua. Acedido online In: \\[**Figura 19** - Igreja de Riola, Itália, de Franco Di Capua. Acedido online In: \\\[**Figura 20** - Capela de Notre Dame-Du-Haut, Ronchamp, **de Marydoll** Acedido online In: \\\\[**Figura 21** - Capela de Notre Dame Du Haut, Ronchamp; Notre Dame Du Haut: Uma Capela de Le Corbusier. Acedido online In: \\\\\[**Figura 22** - Igreja da Ressurreição, Essen, Alemanha, de Volker Wagenitz. Acedido online In: \\\\\\[**Figura 23** - St. Engelbert, Colónia, Alemanha; St. Engelbert. Acedido online In: \\\\\\\[xvii\\\\\\\]\\\\\\\(https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/6/6d/St._Engelbert_K%C3%B6ln.jpg/790px-St._Engelbert_K%C3%B6ln.jpg; Consultado Online: 15 de Fevereiro de 2020. -----37</p></div><div data-bbox=\\\\\\\)\\\\\\]\\\\\\(https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Auferstehungskirche_Essen_228o.jpg; Consultado Online: 15 de Fevereiro de 2020.-----37</p></div><div data-bbox=\\\\\\)\\\\\]\\\\\(https://www.roadtripsaroundtheworld.com/notre-dame-du-haut-a-chapel-by-le-corbusier/; Consultado Online: 15 de Fevereiro de 2020. -----32</p></div><div data-bbox=\\\\\)\\\\]\\\\(https://www.dezeen.com/2016/07/24/le-corbusier-notre-dame-du-haut-ronchamp-chapel-france-unesco-world-heritage-list/; Consultado Online: 3 de Fevereiro de 2020. -----32</p></div><div data-bbox=\\\\)\\\]\\\(https://www.archdaily.com/161448/ad-classics-riola-parish-church-alvar-aalto/50381de728ba0d599b00of75-ad-classics-riola-parish-church-alvar-aalto-photo?next_project=no; Consultado Online: 3 de Fevereiro de 2020. -----32</p></div><div data-bbox=\\\)\\]\\(https://www.archdaily.com/161448/ad-classics-riola-parish-church-alvar-aalto/50381de728ba0d599b00of75-ad-classics-riola-parish-church-alvar-aalto-photo?next_project=no; Consultado Online: 3 de Fevereiro de 2020. -----32</p></div><div data-bbox=\\)\]\(https://www.wikiwand.com/en/Lambert_Beaudin; Consultado Online: 3 de Fevereiro de 2020. -----27</p></div><div data-bbox=\)](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:St_Anna_D%C3%BCr; Consultado Online: 2 de fevereiro de 2020. -----22</p></div><div data-bbox=)

Figura 24 - Igreja de St. Thèese, Áustria; Arquitetura da igreja paroquial Linz-St. Theresia Acedido online In: <https://www.dioezese-linz.at/pfarre/4207/glaubeleben/bilder/gallery/16222.html>; Consultado Online: 17 de Fevereiro de 2020. -----38

Figura 25 - Igreja de Aço, Essen, de Hugo Schmölz Acedido online In: <https://www.stylepark.com/en/news/otto-bartning-has-shaped-the-modern-architecture-in-germany>; Consultado Online: 20 de Fevereiro de 2020.-----38

Figura 26 - Igreja Fronleichnam, Aachen, de Moritz Bernouilly. Acedido online in: <http://www.strasse-der-moderne.de/portfolio/aachen-st-fronleichnam/>; Consultado Online: 20 de Fevereiro de 2020. -----39

Figura 27 - Planta, Igreja Fronleichnam de Moritz Bernouilly. Acedido online in: <http://www.strasse-der-moderne.de/portfolio/aachen-st-fronleichnam/>; Consultado Online: 20 de Fevereiro de 2020. -----39

Figura 28 - Pintura alusiva ao Concílio de Trento; Concílio de Trento - O que foi, história, principais causas e consequências. Acedido online: <https://conhecimentocientifico.r7.com/Concilio-de-trento/>; Consultado Online: 23 de Fevereiro de 2020. -----41

Figura 29 – Desenho ilustrativo de uma reunião do MRAR de autoria de José Escada. in CAPTIVO, Teresa; Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica; 2016; p.34.-----56

Figura 30 - Capa do Boletim do MRAR, 2ª série, nº1, autoria de José Escada,1961. in CAPTIVO, Teresa; Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica; 2016; p.34.-----51

Figura 31 - Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea, Ponta Delgada, 1954; in CAPTIVO, Teresa; Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica; 2016; p.34.-----51

Figura 32 - Hagia Sofia, Istambul; Museu Hagia Sophia de Istambul se tornar-se-á uma mesquita. Acedido online In: <https://en.shafaqna.com/90535/hagia-sophia-museum-of-istanbul-will-become-a-mosque/>; Consultado Online: 13 de janeiro de 2020. -----64

Figura 33 - Hagia Sofia - Corte Longitudinal; Hagia Sofia. Acedido online In: <http://www.beneaththehagiasophia.com/history-hagia-sophia-christian-period/>; Consultado online: 13 de Janeiro de 2020. -----64

Figura 34 - Hagia Sofia - Planta; Hagia Sofia. Acedido online In: <http://www.beneaththehagiasophia.com/history-hagia-sophia-christian-period/>; Consultado online: 13 de Janeiro de 2020. -----64

Figura 35 - Principais elementos constituintes da planta de uma Basílica românica; Arquitetura Românica. Acedido online: <https://concretoemcurva.com/2016/03/23/arquitetura-romantica/>; Consultado Online: 13 de Janeiro de 2020. -----65

Figura 36 - Abóbada de aresta e de berço; Arquitetura Românica. Acedido online: <https://concretoemcurva.com/2016/03/23/arquitetura-romantica/>; Consultado Online: 13 de Janeiro de 2020. -----65

Figura 37 - Igreja de S. Domingo, Sória, Espanha; Arquitetura Românica. Acedido online: <https://concretoemcurva.com/2016/03/23/arquitetura-romantica/>; Consultado Online: 13 de Janeiro de 2020. -----66

Figura 38 - Tipos de abóbadas da arquitetura gótica; Vitrais, gárgulas, arte e beleza o aguardam na arquitetura gótica Acedido online: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/arquitetura-gotica/>; Consultado Online: 13 de Janeiro de 2020.-----67

Figura 39 - Tipos de abóbadas da arquitetura gótica; Vitrais, gárgulas, arte e beleza o aguardam na arquitetura gótica Acedido online: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/arquitetura-gotica/>; Consultado Online: 13 de Janeiro de 2020.-----67

Figura 40 - Gárgulas, Catedral de Notre-Dame; Vitrais, gárgulas, arte e beleza o aguardam na arquitetura gótica Acedido online: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/arquitetura-gotica/>; Consultado Online: 13 de Janeiro de 2020.-----68

Figura 41 – Rosácea- Catedral de Notre Dame; Rosáceas: Mandalas de Luz e Cores. Acedido online In: <http://tempodemandala.canalblog.com/archives/2015/03/01/31626531.html>; Consultado Online: 13 de Janeiro de 2020. -----68

Figura 42 - Fachada, Catedral de Notre-Dame, de Virtual Junkee. Acedido online: https://78.media.tumblr.com/0102c97cbbdfc595e862d376ae391d09/tumblr_opv4dn8U1y1svu7e203_1280.jpg; Consultado Online: 13 de Janeiro de 2020. -----69

Figura 43 - Planta, Catedral de Notre-Dame; Vitrais, gárgulas, arte e beleza o aguardam na arquitetura gótica Acedido online: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/arquitetura-gotica/>; Consultado Online: 13 de Janeiro de 2020. -----69

Figura 44 - Homem Vitruviano, Leonardo Da Vinci; O Homem Vitruviano, Leonardo da Vinci. Acedido online In: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/o-homem-vitruviano-leonardo-da-vinci/>; Acedido online: 14 de Janeiro de 2020. -----70

Figura 45 - A criação de Adão, Miguel Ângelo; Humanismo e Maçonaria; Acedido online In: <https://www.freemason.pt/secmaconaria/historia/humanismo-e-maconaria/>; Consultado Online: 14 de Janeiro de 2020. -----70

Figura 46 - Tempietto,, Bramante, 1502; Arquitetura Renascentista. Acedido online In: <https://concretoemcurva.com/2016/04/20/arquitetura-renascentista/>; Consultado Online: 14 de Janeiro de 2020.-----71

Figura 47 - Perugino: A Entrega das Chaves a São Pedro, Capela Sistina, 1481-82; Perspetiva: Desenho. Acedido online In: <https://historiaartearquitetura.com/2017/04/26/perspectiva>; Consultado Online: 15 de Janeiro de 2020. -----71

Figura 48 - Jonh Wycliffe; John Wycliffe, precursor da Reforma. Acedido online In: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/john-wycliffe-precursor-reforma.htm>; Consultado Online: 14 de Janeiro de 2020. -----73

Figura 49- Jan Hus; Jan Hus (1369-1415) e as guerras hussitas (1419-1436). Acedido online In: <https://www.museeprotestant.org/en/notice/jan-hus-1369-1415-and-the-hussite-wars-1419-1436/>; Consultado Online: 14 de Janeiro de 2020. -----73

Figura 50 - Martinho Lutero; Martinho Lutero. Acedido online In: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Martinho-Lutero/481778>; Consultado Online: 14 de Janeiro de 2020. -----73

Figura 51 - Basílica de São Pedro, Roma; Basílica de São Pedro é a Igreja católica de maior dimensão no mundo. in Acedido In: <https://www.italiani.it/en/did-you-know-that-st-peter-s-basilica-is-the-largest-catholic-church-in-the-world/>; Consultado Online: 15 de Janeiro de 2020.-----75

Figura 52 - Figura 29 - Igreja San Carlo alle Quattro Fontane, Roma; San Carlino: uma joia barroca. Acedido online In: <https://www.picturesfromitaly.com/rome/san-carlo-alle-quattro-fontane>; Consultado Online: 15 de Janeiro de 2020.-----75

Figura 53 - Catedral de St. Paul, Londres; Catedral de St. Paul. in Acedido In: <https://www.viajonarios.com.br/londres-vista-de-cima-na-st-pauls-cathedral/>; Consultado Online: 15 de Janeiro de 2020. -----75

Figura 54 - Igreja San Marcello al Corso, Roma; Capela do Crucifixo em San Marcello al Corso (Roma). Acedido online: <http://www.viaggispirituali.it/2013/03/cappella-del-crocifisso-in-san-marcello-al-corso-roma/>; Consultado Online: 15 de janeiro de 2020.-----75

Figura 55 - Igreja Saint Clotilde, Paris; Igreja Gótica de Saint Clotilde em Paris. Acedido online In: <https://pt.depositphotos.com/69145389/stock-photo-saint-clotilde-gothic-church-in.html>; Consultado Online: 15 de Janeiro de 2020. -----76

Figura 56 - Catedral de Barcelona – fachada; Uma exposição explica como foi construída a fachada neogótica da catedral de Barcelona. Acedido online In: https://www.ub.edu/web/ub/es/menu_eines/noticies/2020/02/028.html; Consultado Online: 16 de Janeiro de 2020. -----76

Figura 57 - Catedral Nacional de Washington; Catedral Nacional de Washington. Acedido online In: <http://carolabarreto.blogspot.com/2010/08/catedral-nacional-de-washington.html>; Consultado Online: 16 de Janeiro de 2020.-----76

Figura 58 - Igreja Saint Eugéne-Saint Cécile; Igreja Saint Eugéne-Saint Cécile. Acedido online In: <http://parisadele.com/portfolio/paroisse-saint-eugene-sainte-cecile/>; Consultado Online: 16 de Janeiro de 2020. -----77

Figura 59 - Igreja Saint Jean de Montmartre; Igreja Saint Jean de Montmartre. Acedido online In: <https://structurae.net/en/structures/saint-jean-de-montmartre-church>; Consultado Online: 16 de Janeiro de 2020. -----77

Figura 60 - Fachada, Igreja Notre Dame du Rancy; Igreja Notre Dame du Rancy Acedido online In: <https://tv.unam.mx/portfolio-item/arquitecturas-iglesia-de-nuestra-senora-de-rancy-arquitecto-auguste-perret/>; Consultado Online: 16 de Janeiro de 2020.-----78

Figura 61 - Plantas, Igreja Notre Dame du Rancy; O racionalismo estrutural de Auguste Perret na arquitetura moderna brasileira. Acedido online In: <https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq4/SESSAO%2026/S2607VANCONCELLOS,%20J.pdf>; Consultado Online: 16 de Janeiro de 2020.-----78

Figura 62 - Fachada, Igreja Notre Dame Du Rancy; Notre Dame Du Rancy. Acedido online In: https://www.urbipedia.org/hoja/Notre_Dame_de_Raincy#/media/File:AugustPerret.NotreDameRaincy.7.jpg; Consultado Online: 17 de Janeiro de 2020.---78

Figura 63 - Corte longitudinal, Igreja Notre Dame du Ranc; Notre Dame Du Rancy . Acedido online In: https://www.urbipedia.org/hoja/Notre_Dame_de_Raincy#/media/File:AugustPerret.NotreDameRaincy.7.jpg; Consultado Online: 17 de Janeiro de 2020.---78

Figura 64 - Desenho ilustrativo da casa de Pedro de Cafarnaum, de Marie Christine Ceruti. Acedido online In: <https://www.abbe-carmignac.org/?La-maison-de-Saint-Pierre-a>; Consultado Online: 26 de Fevereiro de 2020.-----81

Figura 65 - Mapa das Ruínas de Cafarnaum; A casa de Pedro. Acedido online In: <https://colunasercatolico.blogspot.com/2015/02/a-casa-de-pedro.html>; Consultado Online: 26 de Fevereiro de 2020.-----81

Figura 66- Planta da Igreja de Santa Ana, Madrid, de Simon Garcia. in Acedido In: <https://divisare.com/projects/385156-miguel-fisac-simon-garcia-arqfoto-santa-ana-church>; Consultado Online: 27 de Fevereiro de 2020. -----83

Figura 67- Exterior - Igreja de Santa Ana, Madrid de Simon Garcia. in Acedido In: <https://divisare.com/projects/385156-miguel-fisac-simon-garcia-arqfoto-santa-ana-church>; Consultado Online: 27 de Fevereiro de 2020. -----84

Figura 68 - Interior - Igreja de Santa Ana, Madrid de Simon Garcia. in Acedido In: <https://divisare.com/projects/385156-miguel-fisac-simon-garcia-arqfoto-santa-ana-church>; Consultado Online: 27 de Fevereiro de 2020. -----84

Figura 69 - Interior - Igreja de Santa Ana, Madrid de Simon Garcia. in Acedido In: <https://divisare.com/projects/385156-miguel-fisac-simon-garcia-arqfoto-santa-ana-church>; Consultado Online: 27 de Fevereiro de 2020. -----84

Figura 70 - Igreja de São Lourenço, Munique; Emil Steffann - St Laurentius, Munique. Acedido online In: <http://www.prewettbizley.com/graham-bizleyblog/2018/1/15/emil-steffann>; Consultado Online: 27 de Fevereiro de 2020.---85

Figura 71 - Planta da Igreja de São Lourenço, Munique; Emil Steffann - St Laurentius, Munique. Acedido online In: <http://www.prewettbizley.com/graham-bizleyblog/2018/1/15/emil-steffann>; Consultado Online: 27 de Fevereiro de 2020.---85

Figura 72 - Altar - Igreja de São Lourenço, Munique; Emil Steffann - St Laurentius, Munique. Acedido online In: <http://www.prewettbizley.com/graham-bizleyblog/2018/1/15/emil-steffann>; Consultado Online: 27 de Fevereiro de 2020. -----86

Figura 73 - Igreja de São Lourenço, Munique; Emil Steffann - St Laurentius, Munique. Acedido online In: <http://www.prewettbizley.com/graham-bizleyblog/2018/1/15/emil-steffann>; Consultado Online: 27 de Fevereiro de 2020.-----86

Figura 74 - Igreja de São Lourenço, Munique; Emil Steffann - St Laurentius, Munique. Acedido online In: http://www.prewettbizley.com/graham_bizleyblog/2018/1/15/emil-steffann/; Consultado Online: 27 de Fevereiro de 2020. -----86

Figura 75 - Planta da Igreja da Abadia de São Benedito; A abadia de St.Benedictusberg em Vaals por Hans Van der Laan. Acedido online In: <http://socks-studio.com/2014/08/17/the-st-benedictusberg-abbey-at-vaals-by-hans-van-der-laan/>; Consultado Online: 1 de Abril 2020. -----87

Figura 76 - Planta da Abadia de São Benedito; A abadia de St.Benedictusberg em Vaals por Hans Van der Laan. Acedido online In: <http://socks-studio.com/2014/08/17/the-st-benedictusberg-abbey-at-vaals-by-hans-van-der-laan/>; Consultado Online: 1 de Abril 2020. -----87

Figura 77 - Exterior da Igreja da Abadia de São Benedito, de Frans de la Cousine. Acedido online In: <http://www.vanderlaanstichting.nl/en/visuals/variousphotographers/fdelaCousineVaals-color>; Consultado Online: 2 de Abril de 2020. -----88

Figura 78 - Exterior da Igreja da Abadia de São Benedito, de Frans de la Cousine. Acedido online In: <http://www.vanderlaanstichting.nl/en/visuals/variousphotographers/fdelaCousineVaals-color>; Consultado Online: 2 de Abril de 2020. -----88

Figura 79 - Interior da Igreja da Abadia de São Benedito; A abadia de St.Benedictusberg em Vaals por Hans Van der Laan. Acedido online In: <http://socks-studio.com/2014/08/17/the-st-benedictusberg-abbey-at-vaals-by-hans-van-der-laan/>; Consultado Online: 1 de Abril 2020. -----88

Figura 80 - Igreja de Águas, Penamacor; Fotografia da autora. -----91

Figura 81 - Igreja de Santo António, Moscavide; Igreja de Santo António de Moscavide em processo de classificação. Acedido online In: <https://www.municípiosefreguesias.pt/noticia/51045/igreja-de-santo-antonio-de-moscavide-em-processo-de-classificacao> Consultado Online: 13 de Março de 2020. -----92

Figura 82 - Capela de Picote, de José Carlos Melo Dias. Acedido online In: https://www.flickr.com/photos/josecarlosmelodias/21216046082/in/photostream/ ; Consultado Online: 15 de Março. -----	92
Figura 83 - Planta da Igreja de Águas; Igreja de Águas. Acedido online In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf ; Consultado Online: 17 de Março de 2020. -----	96
Figura 84 - Alçado principal da Igreja de Águas; Fotografia da autora. -----	97
Figura 85 - Interior da igreja de Águas; Fotografia da autora. -----	97
Figura 86 - Batistério da Igreja de Águas; Fotografia da autora. -----	98
Figura 87 - Via-Sacra composta por 14 painéis; Fotografia da autora. -----	99
Figura 88 – Estatuaria; Fotografia da autora. -----	100
Figura 89 - Estatuaria; Fotografia da autora. -----	100
Figura 90 - Altar da Igreja de Águas; Fotografia da autora. -----	100
Figura 91 - Alçado Principal da Capela da Nossa Senhora de Fátima, Picote, de António Cruz. Acedido online In: https://www.flickr.com/photos/cncporto/5176425908/in/photostream/ ; Consultado Online: 20 de Março de 2020. -----	101
Figura 92 - Capela da Nossa Senhora de Fátima, Picote, de António Cruz. Acedido online In: https://www.flickr.com/photos/cncporto/5176425908/in/photostream/ ; Consultado Online: 20 de Março de 2020. -----	102
Figura 93 - Interior da Capela de Nossa Senhora de Fátima, Picote. Segundo piso do ultimo corpo, de António Cruz. Acedido online In: https://www.flickr.com/photos/cncporto/5176425908/in/photostream/ ; Consultado Online: 20 de Março de 2020. -----	102

Figura 94 - Interior da Capela de Nossa Senhora de Fátima, Picote. Segundo piso do último corpo, de António Cruz. Acedido online In: https://www.flickr.com/photos/cncporto/5176425908/in/p_hotostream/; Consultado Online: 20 de Março de 2020. -----101

Figura 95 – Torre sineira da Capela de Nossa Senhora de Fátima, Picote, de António Cruz. Acedido online In: https://www.flickr.com/photos/cncporto/5176425908/in/p_hotostream/; Consultado Online: 20 de Março de 2020. -----103

Figura 96 - Planta da Igreja de Santo António, Moscavide, de João Morgado Acedido online In: <https://www.archdaily.com.br/br/872364/centro-pastoral-de-moscavide-plano-humano-arquitectos/592c2258e58ece6ba1000030-centro-pastoral-de-moscavide-plano-humano-arquitectos-20-pavimento>; Consultado Online: 25 de Março de 2020.-----104

Figura 97 – Igreja de Santo António, Moscavide; Igreja de Santo António de Moscavide em processo de classificação. Acedido online In: <https://www.cm-loures.pt/noticia.aspx?displayid=6480>; Consultado Online: 25 de Março de 2020.--105

Figura 98 – Fachada da Igreja de Santo António; Igreja de Moscavide. Acedido online In: <https://www.allaboutportugal.pt/pt/loures/religiao/igreja-de-moscavide>; Consultado Online: 25 de Março de 2020. -----105

Figura 99 – Pia batismal, de Rui Jorge Martins. Acedido online In: https://www.snpcultura.org/nos_60_anos_da_igreja_de_santo_antonio_de_moscavide.html; Consultado Online: 25 de Março de 2020. -----106

Figura 100 – Altar, de Rui Jorge Martins. Acedido online In: https://www.snpcultura.org/nos_60_anos_da_igreja_de_santo_antonio_de_moscavide.html; Consultado Online: 25 de Março de 2020. -----106

Figura 101 – Crucifixo em Bronze, de Rui Jorge Martins. Acedido online In: https://www.snpcultura.org/nos_60_anos_da_igreja_de_santo_antonio_de_moscavide.html; Consultado Online: 25 de Março de 2020. -----107

Figura 102 – Estatuária, de Rui Jorge Martins. Acedido online In: -----107
https://www.snpcultura.org/nos_60_anos_da_igreja_de_santo_antonio_de_moscavi_de.html; Consultado Online: 25 de Março de 2020.

Figura 103 – Baldaquino, de Rui Jorge Martins. Acedido online In:
https://www.snpcultura.org/nos_60_anos_da_igreja_de_santo_antonio_de_moscavi_de.html; Consultado Online: 25 de Março de 2020.

Figura 104 - Igreja da Sagrada Família de Paço D’Arcos, Órgão de Tubos para igrejas. Acedido online In: <https://www.cm-oeiras.pt/pt/descobrir/cultura/Paginas/orgao-tubos-para-igreja.aspx>; Consultado Online: 27 de Março de 2020. -----109

Figura 105 – Interior da Igreja da Sagrada Família de Paço D’Arcos, de Rui Jorge Martins. Acedido online In: https://www.snpcultura.org/igreja_da_sagrada_familia_de_paco_de_arcos.html; Consultado Online: 27 de Março de 2020. -----109

Figura 106- Igreja de Boidobra, Covilhã, Fotografia da autora. -----111

Figura 107 - Igreja de Boidobra, Covilhã, Fotografia da autora. -----111

Figura 108 - Igreja de Boidobra, Covilhã, Fotografia da autora. -----111

Figura 109 - Igreja de Boidobra, Covilhã, Fotografia da autora. -----111

Figura 110 - Igreja São Vicente de Paulo, Lisboa; Igreja São Vicente de Paulo. Acedido online In: <https://mapio.net/pic/p-49625801/>; Consultado Online: 29 de Março de 2020. -----112

Figura 111 - Igreja da Santíssima Trindade, Santuário de Fátima, autoria do próprio. Acedido online In: <https://www.fatima.pt/pt/news/13-novembro-santuاريو-fatima-celebrou-aniversario-dedicacao-basilica-santissima-trindade>; Consultado Online: 29 de Março de 2020. -----114

Figura 112 - Igreja de Santo António, no bairro dos Assentos, Portalegre; Igreja de Santo António e Centro Social de São Bartolomeu / Carrilho da Graça Arquitectos. Acedido online In: <https://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo->

antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-
arquitectos/33560_33606; Consultado Online: 29 de Março de 2020. -----114

Figura 113 – Igreja de Santo António, no bairro dos Assentos, Portalegre; Igreja de Santo António. Acedido online In: https://guiasdearquitectura.com/pt/produutos/packs-south/_483; Consultado Online: 29 de Março de 2020. -----114

Figura 114 - Igreja da Boa Nova, no Estoril., de João Morgado. Acedido online In: https://www.snpcultura.org/igreja_da_boa_nova_ganha_novo_premio_arquitetura.html; Consultado Online: 16 de Abril de 2020. -----114

Figura 115 – Planta Igreja do Sagrado Coração de Jesus; FILIPE, Fátima Alexandra Barreto; Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; pp.369. -----116

Figura 116 - Exterior - Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa, de Eduardo Antunes. Acedido online In: <http://home.fa.ulisboa.pt/~20091268/>; Consultado Online: 16 de Abril de 2020. -----117

Figura 117 - Exterior - Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa, de Rui Alexandre Cavaleiro. Acedido online In: https://www.snpcultura.org/vol_igreja_Sagrado_Coracao_Jesus_assinala_40_anos.html; Consultado Online: 16 de Abril de 2020. ---117

Figura 118 - Interior – Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa; Sagrado Coração de Jesus recebe filme de Nuno Grande. Acedido online In: <https://www.construir.pt/2017/10/12/sagrado-coracao-jesus-recebe-filme-nuno-grande/>; Consultado Online In: 16 de Abril de 2020. -----118

Figura 119 - Interior – Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa; Nuno Teotónio Pereira. Acedido online In: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/09.034/3288?page=4>; Acedido online: 16 de Abril de 2020. -----119

Figura 120 - Interior – Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa; ; Nuno Teotónio Pereira. Acedido online In: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/09.034/3288?page=4>; Acedido online: 16 de Abril de 2020. -----119

Figura 121 - Interior – Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa, de João Valério. Acedido online In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Altar_orgao_igreja_sagrado_coracao_jesus_lisboa.jpg; Acedido online: 16 de Abril de 2020. -----119

Figura 122 - Igreja Matriz Paroquial da Portela; FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; p 392. -----121

Figura 123 - Planta – Igreja Matriz Paroquial da Portela; FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; p. 406-----122

Figura 124 - Igreja Matriz Paroquial da Portela, de Vítor Oliveira. Acedido online In: <https://www.flickr.com/photos/vitor107/48959225563/in/photostream/>; Consultado Online: 24 de Abril de 2020. -----123

Figura 125 - Interior - Igreja Matriz Paroquial da Portela, de Vítor Oliveira. Acedido online In: <https://www.flickr.com/photos/vitor107/48959225563/in/photostream/>; Consultado Online: 24 de Abril de 2020. -----124

Figura 126 - Baldaquino - Igreja Matriz Paroquial da Portela, de Vítor Oliveira. Acedido online In: <https://www.flickr.com/photos/vitor107/48959225563/in/photostream/>; Consultado Online: 24 de Abril de 2020. -----125

Figura 127 - Igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes, de Fernando Guerra. Acedido online In: <https://divisare.com/projects/93275-alvaro-siza-vieira-fernando-guerra-fg-sg-igreja-e-centro-paroquial>; Consultado Online: 24 de Abril de 2020. ----127

Figura 128 - Alçado, Igreja de Santa Maria; Igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes. Acedido online: <https://www.igrejasantamaria.pt/igreja/fachadas/>; Consultado Online 3 de Maio de 2020. -----128

Figura 129 - Alçado, Igreja de Santa Maria; Igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes. Acedido online: <https://www.igrejasantamaria.pt/igreja/fachadas/>; Consultado Online 3 de Maio de 2020. -----129

Figura 130 - Planta, Igreja de Santa Maria; Church in Marco de Canavezes. Acedido online In: <https://en.wikiarquitectura.com/building/church-in-marco-de-canavezes/#planta-baja-y-gral-marco-de-canavezes>; Consultado Online: 3 de Maio de 2020. -----130

Figura 131 - Porta, Entrada Principal; Igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes. Acedido online: <https://www.igrejasantamaria.pt/igreja/fachadas/>; Consultado Online 3 de Maio de 2020. -----131

Figura 132 - Porta, Entrada Principal; Igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes. Acedido online: <https://www.igrejasantamaria.pt/igreja/fachadas/>; Consultado Online 3 de Maio de 2020. -----131

Figura 133 - Planta piso 1 - Igreja de Santa Maria; Church in Marco de Canavezes. Acedido online In: <https://en.wikiarquitectura.com/building/church-in-marco-de-canavezes/#planta-baja-y-gral-marco-de-canavezes>; Consultado Online: 3 de Maio de 2020. -----132

Figura 134 - Presbitério, Igreja de Santa Maria; Igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes. Acedido online In: <https://www.igrejasantamaria.pt/igreja/presbiterio/>; Consultado Online: 3 de Maio de 2020. -----132

Figura 135 - Altar, Igreja de Santa Maria; Igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes. Acedido online In: <https://www.igrejasantamaria.pt/igreja/altar/>; Consultado Online: 3 de Maio de 2020. -----133

Figura 136 - Batistério, Igreja de Santa Maria; Igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes. Acedido online In: <https://www.igrejasantamaria.pt/igreja/batisterio/>; Consultado Online: 3 de Maio de 2020. -----133

Figura 137 - Órgão de tubos e sinos, Igreja de Santa Maria; Igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes. Acedido online In: <https://www.igrejasantamaria.pt/igreja/fresta-horizontal/>; Consultado Online: 3 de Maio de 2020. -----134

Figura 138 - Iluminação, Igreja de Santa Maria; Igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes. Acedido online In: <https://www.igrejasantamaria.pt/igreja/fresta-horizontal/>; Consultado Online: 3 de Maio de 2020. -----134

Figura 139 - Iluminação, Igreja de Santa Maria; Igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes. Acedido online: <https://www.igrejasantamaria.pt/igreja/parede-curva/>; Consultado Online: 3 de Maio de 2020. -----135

Figura 140 - Igreja Paroquial Santa Joana Princesa; Igreja Paroquial Santa Joana Princesa. Acedido online In: <https://mapio.net/pic/p-49640812/>; Consultado Online: 5 de Maio de 2020. -----136

Figura 141 - Igreja Paroquial Santa Joana Princesa; Igreja Paroquial Santa Joana Princesa. Acedido online In: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=paroquia-santajoanaprincesa&set=a.423987758368152>; Consultado Online: 5 de Maio de 2020. -----137

Figura 142 - Interior - Igreja Paroquial Santa Joana Princesa; Igreja Paroquial Santa Joana Princesa. Acedido online In: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=paroquiasantajoanaprincesa&set=a.423987758368152>; Consultado Online: 5 de Maio de 2020. -----138

Figura 143 - Planta - Igreja Paroquial Santa Joana Princesa; Igreja Paroquial Santa Joana Princesa. FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; p 425. -----139

Figura 144 - Interior - Igreja Paroquial Santa Joana Princesa; Igreja Paroquial Santa Joana Princesa. Acedido online In: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=paroquiasantajoanaprincesa&set=a.423987758368152>; Consultado Online: 5 de Maio de 2020. -----139

Figura 145 - Iluminação - Igreja Paroquial Santa Joana Princesa. Igreja Paroquial Santa Joana Princesa. FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; p 426. -----140

Figura 146 - Iluminação - Igreja Paroquial Santa Joana Princesa. Igreja Paroquial Santa Joana Princesa. FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução* - Learning from Satellite, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; p 426. -----141

Figura 147 - Localização, Capela de São José, Vila Nova de Gaia; Quebrantões Chapel. Acedido online In: <http://www.habitarportugal.org/EN/projecto/capela-de-quebrantoes/>; Consultado Online: 8 de Maio de 2020. -----142

Figura 148 - Acesso à Capela de São José, Vila Nova de Gaia, Alessandra Chemollo. Acedido online: https://www.cultour.com.pt/galeria?field_arquitecto_target_id=All&field_tipologia_target_id=All&field_local_target_id=All&page=22; Consultado Online: 8 de Maio de 2020. -----143

Figura 149 - Acesso Exterior, Capela de São José, Vila Nova de Gaia; Capela de São José, Vila Nova de Gaia. Acedido online In: <https://2015.openhouseporto.com/places/capela-de-s-jose-quebrantoes/index.html>; Consultado Online: 8 de Maio de 2020. -----144

Figura 150 - Entrada, Pia Batismal, Capela de São José, Vila Nova de Gaia; Capela de São José, Vila Nova de Gaia. Acedido online: <http://www.habitarportugal.org/EN/projecto/capela-de-quebrantoes/>; Consultado Online: 8 de Maio de 2020. -----144

Figura 151 - Capela Mortuária; Capela de São José, Vila Nova de Gaia; Capela de São José, Vila Nova de Gaia. Acedido online In: <http://www.habitarportugal.org/EN/projecto/capela-de-quebrantoes/>; Consultado Online: 8 de Maio de 2020. -----144

Figura 152 - Planta, Capela de São José, Vila Nova de Gaia. MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI*, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.34 -----145

Figura 153 - Presbitério, Capela de São José, Vila Nova de Gaia. MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI*, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.34 -----145

Figura 154 - Altar, Capela de São José, Vila Nova de Gaia. MONTEIRO, João Miguel Castanheira; Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.34 -----145

Figura 155 - Interior da Capela de São José, Capela de São José, Vila Nova de Gaia; Capela de São José, Vila Nova de Gaia. Acedido online: <http://www.habitarportugal.org/EN/projecto/capela-de-quebrantoes/> Consultado Online: 8 de Maio de 2020. --146

Figura 156 - Interior da Capela de São José, Capela de São José, Vila Nova de Gaia; Capela de São José, Vila Nova de Gaia. Acedido online: <http://www.habitarportugal.org/EN/projecto/capela-de-quebrantoes/> Consultado Online: 8 de Maio de 2020. -----146

Figura 157 - Exterior da Capela de São José, Vila Nova de Gaia; Capela de São José, Vila Nova de Gaia. Acedido online: <http://www.habitarportugal.org/EN/projecto/capela-de-quebrantoes/>; Consultado Online: 8 de Maio de 2020. -----147

Figura 158 - Exterior da Capela de São José, Vila Nova de Gaia; Capela de São José, Vila Nova de Gaia. Acedido online: <http://www.habitarportugal.org/EN/projecto/capela-de-quebrantoes/>; Consultado Online: 8 de Maio de 2020. -----147

Figura 159 - Igreja de Nossa Senhora de Lurdes; Igreja de Nossa Senhora de Lurdes. Acedido online In: <https://www.aba.com.pt/pt/portfolio/servicos-e-saude/igreja-nossa-senhora-de-lurdes>; Consultado Online: 10 de Maio de 2020. -----148

Figura 160 - Igreja de Nossa Senhora de Lurdes; MONTEIRO, João Miguel Castanheira; Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.60. -----149

Figura 161 - Igreja de Nossa Senhora de Lurdes; MONTEIRO, João Miguel Castanheira; Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início

do Séc. XXI, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.60. -----150

Figura 162 - Igreja de Nossa Senhora de Lurdes; MONTEIRO, João Miguel Castanheira; Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.62. -----150

Figura 163 – Igreja de Nossa Senhora de Lurdes; MONTEIRO, João Miguel Castanheira; Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.62. -----150

Figura 164 – Entrada Principal, Igreja de Nossa Senhora de Lurdes; Igreja de Nossa Senhora de Lurdes. Acedido online In: <https://www.aba.com.pt/pt/portfolio/servicos-e-saude/igreja-nossa-senhora-de-lurdes>; Consultado Online: 12 de Maio de 2020. --151

Figura 165 – Entrada Principal, Igreja de Nossa Senhora de Lurdes. MONTEIRO, João Miguel Castanheira; Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.66. -----151

Figura 166 – Presbitério, Igreja de Nossa Senhora de Lurdes. MONTEIRO, João Miguel Castanheira; Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.66. -----152

Figura 167 – Capela do Santíssimo Sacramento, Igreja de Nossa Senhora de Lurdes. MONTEIRO, João Miguel Castanheira; Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.66. -----152

Figura 168 – Batistério. MONTEIRO, João Miguel Castanheira; Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.66. -----152

Lista de Acrónimos

a.C	Antes de Cristo
d.C	Depois de Cristo
S.C.	Sacrossanctum Concilium
MRAR	Movimento de Renovação de Arte Religiosa

Capítulo 1

Introdução

A escolha do tema, para a presente dissertação, teve por base o interesse e identificação pessoal pelo tema proposto.

Esta temática suscita interesse, pela sua importância histórica, social, cultural, religiosa e pela forma como alterou, evoluiu e consolidou as cidades e a sua vivência ao longo dos séculos.

1.1- Objetivos

A presente dissertação tem como objetivo principal abordar a Arquitetura religiosa em Portugal, mais especificamente após o Concílio Vaticano II, ou seja, pretende-se trazer a debate a produção arquitetónica pós-conciliar e a sua relação com a produção arquitetónica contemporânea. Compreender o Concílio Vaticano II, no contexto da arquitetura religiosa contemporânea portuguesa, é um objetivo principal. O Concílio Vaticano II, como renovador da liturgia católica, permite abordar a sua influência na arquitetura religiosa contemporânea assim como todo o processo de renovação e intervenção arquitetónica religiosa, desencadeado pelo mesmo e pelas suas diretrizes. Analisar e perceber de que forma, com que regras, princípios, critérios eram pensados e construídos os edifícios religiosos antes do Concílio assim como após a sua realização é fundamental para melhor compreensão e estudo desta temática.

Será também importante abordar a temática do MRAR, Movimento de Renovação da Arte Religiosa, que surgiu em Portugal na década de sessenta do século XX e perceber em que medida está relacionado com o Concílio Vaticano II.

Através da análise de um conjunto de obras religiosas concebidas em Portugal, no período pós-conciliar, pretende-se compreender de que forma o Concílio influenciou e orientou as suas construções e em que medida se mantem atual, cerca de 60 anos após a sua realização.

Na atualidade, onde tudo e possível torna-se também como objetivo perceber o que se faz hoje em dia na arquitetura religiosa, como e de que forma e que estes edifícios são pensados e construídos, seguindo ou não as diretrizes do Concílio Vaticano II.

1.2- Estrutura

A presente dissertação, em concordância com o resumo previamente apresentado, encontra-se estruturado e dividido em oito capítulos, os quais abordam o tema escolhido, seguindo os objetivos definidos. Assim sendo, a mesma encontra-se organizada da seguinte forma: Capítulo I: Introdução, Capítulo 2: Cristianismo, Capítulo 3: Liturgia, Capítulo 4: Concílio Vaticano II, Capítulo 5: Movimento Renovador da Arte Religiosa, Capítulo 6: Arquitetura Religiosa, Capítulo 7: Caracterização e análise dos casos de estudo e Capítulo 8: Conclusão.

O capítulo I correspondente à introdução, sendo composto pela justificação da proposta, objetivos, estrutura metodologia e estudo da arte, enquanto que no capítulo II é abordado o tema do Cristianismo e conceitos relacionados com o mesmo, nomeadamente, a Igreja, o Homem e o Sagrado.

De forma a melhor compreender o capítulo 4, referente ao Concílio Vaticano II, o capítulo 3 aborda a temática da liturgia.

O capítulo 5 é dedicado ao MRAR- Movimento Renovador de Arte Religiosa, à sua importância e legado deixado em Portugal nos anos em que se manteve ativo. Introduce o capítulo 6 que se debruça sobre a arquitetura religiosa, pré-conciliar, pós-conciliar e produzida na era do MRAR. Também neste capítulo é analisada cronologicamente a evolução da arquitetura religiosa ao longo dos séculos e das várias vertentes estilísticas.

Foram escolhidas seis obras de arquitetura religiosa concebidas em Portugal, cuja análise e estudo se encontra no capítulo 7.

A conclusão constitui o último capítulo, no qual se encontram presentes as respostas aos objetivos definidos para a concretização da presente dissertação.

1.3- Metodologia

De cariz unicamente teórico, a presente dissertação, foi desenvolvida através da pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos, dissertações de mestrado e informação online de repositórios fidedignos referentes ao tema escolhido para a realização da mesma.

De forma a completar a pesquisa referida procedeu-se ao levantamento fotográfico de 2 igrejas que foram posteriormente analisadas e estudadas ao longo da dissertação (Igreja das Águas em Penamacor e a Igreja paroquial da Boidobra).

Os capítulos foram organizados de forma cronológica.

Seguiram-se as normas do atual acordo ortográfico na redação da presente dissertação.

A escolha dos casos de estudo, que integram o capítulo 7, teve como critério a data da sua construção e inauguração, ou seja, pretende-se, num período de 4 décadas, pós-conciliares, verificar e analisar, através das mesmas e da sua comparação, as características comuns e dispare e conseqüentemente estudar a evolução da arquitetura religiosa no período mencionado em Portugal.

1.4- Estado da Arte

Movimento Litúrgico, Movimento Moderno e Concílio Vaticano II, destaca-se a obra de Adriano Cornoldi (1995), *“L’architettura dell’edificio sacro”*, no qual são referidas 50 obras de referência de arquitetura religiosa, do século XX.

O livro *“Scraped Spaces”* (2015), de James Pallister, aborda conceitos como congregação, clareza, massa, reflexão e revelação, inerentes a concepção de espaços sagrados contemporâneos.

Esteban-Fernández Cobian, importante figura na investigação acerca do tema da arquitetura religiosa contemporânea, é autor de diversos livros como *“Arquitectura de lo Sagrado”* e *“Escritos sobre arquitectura religiosa contemporânea”* dos artigos de enorme importância para o desenvolvimento da presente dissertação, *“Arquitectura religiosa contemporânea: El estado de la cuestion”* e *Arquitectura religiosa y modernidade”*.

É importante referir as 3 edições dos Congressos Internacionais de Arquitetura Religiosa Contemporânea, organizados por Esteban Fernández Cobian: o primeiro realizou-se em Ourense, em 2007, tendo por base o tema “Arquiteturas do sagrado: memória e projeto”, o segundo também em Ourense, teve lugar em 2009, com o tema “Entre o conceito e a identidade” e o terceiro, em Sevilha, em 2013, no qual fora abordado o tema “A construção da Igreja mais além dos edifícios de culto: evangelização e arquitetura”. As atas destes 3 congressos contêm um considerável volume de informação e conteúdo relevantes acerca do tema escolhido.

Do secretariado Nacional de Liturgia destacam-se 3 livros, “Espaço Celebrativo” e “Movimento Litúrgico em Portugal” ambos da autoria do Abade de Singeverga e “Espaços de igrejas e imagens de Igreja” de Klemens Richter, fundamentais na compreensão e análise do movimento litúrgico em Portugal, do Concílio Vaticano II e a sua adequação a era contemporânea e a concepção de espaços religiosos pós-conciliares.

O livro “Igrejas do século XX - Arquiteturas da região de Lisboa”, de José Manuel Fernandes, mostrou-se de enorme relevância para a realização dos capítulos 6 e 7 da presente dissertação. Nele é compilado e feito o enquadramento e contextualização de

um conjunto de obras de referência no panorama da arquitetura religiosa em Portugal, mais especificamente na região de Lisboa.

Encontram-se disponíveis para consulta algumas dissertações de mestrado e pós-graduações que servem de referência ao abordar e estudar as mesmas temáticas: “*Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos - Análise Morfológica*” (2016) de Maria Teresa Captivo, “*Arquitetura Religiosa pós Concílio Vaticano II - Adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico: o caso do Alto Minho*” de Jorge Martins e “*A produção do espaço sagrado na Arquitetura contemporânea - A interpretação da tradição católica a partir do séc. XX*” de Daniela Oliveira.

Capítulo 2

2- Cristianismo

2.1 A Igreja, o Homem e o Sagrado

A palavra igreja deriva da palavra em latim “*ecclesia*”, sucessora do topónimo grego “*ekklesia*”, que significa reunião, assembleia e também convocação.¹

Na Era de Jesus Cristo vivo, existiam em Israel, o templo, a sinagoga e a igreja, três instituições, em que as duas primeiras possuíam um cariz religioso e a última resumia-se, somente, a uma assembleia de cidadãos. Todavia, no Novo Testamento a designação de igreja é aplicada para caracterizar uma comunidade de fiéis, seguidora da doutrina cristã. Na passagem *Mateus 16:18*: “*Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja.*”, Jesus Cristo é, portanto, o amago da comunidade cristã, da Igreja.²

Na Bíblia, a Igreja não se trata de um espaço físico, mas sim de um grupo de pessoas convocadas a deixarem o pecado no mundo e a seguirem e servirem o Senhor: *Também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo*” (1 Pedro 2:5). *Estas pedras vivas são chamadas santos e são membros da família de Deus: “Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito”* (Efésios 2:19-22).³

Em arquitetura, trata-se de um espaço sagrado para celebração pública do culto divino “ (...) é uma casa para acolher uma congregação reunida em torno de um altar.”⁴, que deve ser capaz de responder a quatro usos básicos: receber os fiéis para realizarem as suas orações, aclamar a palavra de Deus e a celebração da Eucaristia, propagar a adoração pelo *Santíssimo Sacramento* e permitir a celebração dos restantes

¹O Significado da Palavra “Igreja” no Novo Testamento; Acedido online In: <https://www.estudosdabiblia.net/jbdo82.htm>; Consultado Online: 11 de janeiro de 2020.

²Civilizações da Antiguidade/Origens e difusão do Cristianismo; Acedido online In: https://pt.wikibooks.org/wiki/Civiliza%C3%A7%C3%B5es_da_Antiguidade/Origens_e_difus%C3%A3o_do_Cristianismo; Consultado Online: 11 de Janeiro de 2020.

³O que é a Igreja? Acedido online In: <https://www.estudosdabiblia.net/d40.htm>; Consultado Online: 11 de janeiro de 2020.

⁴A Igreja; Acedido online In: http://www.centroestudosanglicanos.com.br/bancodetextos/liturgia/arquitura_liturgia_eevangelizacao.pdf; Consultado online: 11 de Janeiro de 2020; p.5.

sacramentos.⁵ O mesmo deve permitir ao Homem vivenciar e expressar a sua fé e a sua comunhão com Deus, servindo-o, tal como foi construído ao longo da história, tendo presente a compreensão de que (...) a arquitetura mais social e mais materialista dentre as artes, deve ser também, a mais decisiva para a expressão adequada da fé.”⁶

⁵ COBIAN, Esteban Fernandez, Como construir Igrejas católicas após o Concílio Vaticano II; *Arquitetura y Cultura* Vol.10, Nº 10 (Marzo 2018): 8-33; Escuela de Arquitectura, Universidad de Santiago de Chile, ISSN 0717-7011; Acedido online In: <http://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php//amasc/article/view/26002850>; Consultado Online: 12 de Janeiro de 2020; p.13.

⁶ A Igreja Acedido online In http://www.centroestudiosanglicanos.com.br/bancodetextos/liturgia/arquitetura_liturgia_e_evangelizacao.pdf; Consultado Online: 12 de Janeiro de 2020; p.9.

2.2 A Igreja e a Arquitetura

Desde a sua existência e em todo o seu percurso e descoberta do mundo, o Homem, mesmo com a evolução em diversas áreas como a medicina, a ciência, as artes, a arquitetura e mesmo das próprias civilizações, sempre teve presente na sua vida o universo espiritual, aquele que o une com forças e realidades invisíveis e superiores e é esta relação, em comunhão com a vida quotidiana, que, influencia e desenvolve as suas ações e relações com o mundo, ou seja, a sua forma de pensar, agir, sentir e viver. Desta forma, o Homem, tem necessidade de tornar sagrado objetos, locais, seres, ou seja, elementos exteriores a si mesmo (tem sido desta forma até a atualidade), assim como de construir espaços para os seus rituais, cultos, reuniões e liturgias, atividades importantes da sua vida quotidiana.⁷

A arquitetura religiosa é, portanto, envolvida e assente no valor do Sagrado e do Simbólico, sendo a casa das diferentes atividades religiosas do Homem, tão diversas quanto as crenças dos seres humanos.⁸

Mas na atualidade “(...) a tarefa do arquiteto moderno não consiste em desenhar um edifício que “pareça” uma igreja, mas em criar uma construção que funcione como um lugar para a liturgia.”⁹. É, portanto, um desafio conceber este tipo de edifício, produzido ao longo dos séculos, tentando dar resposta às problemáticas existentes e assente nas alterações pós-conciliares, lembrando de que, desde sempre, questões religiosas sempre foram controversas.¹⁰

⁷MELO, Ricardo Bianca de, Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; p.5.

⁸ De Melo, Ricardo Bianca; Op. Cit.; pp-6-7.

⁹ Idem; pp-5-7.

¹⁰Ibidem; p.7.

2.3 O Cristianismo – Origem, Influências e Difusão

Do grego “*Christós*” (messias), o Cristianismo centra-se na vida e ensinamentos de Jesus Cristo, descritos no Novo Testamento. A crença cristã assenta na ideologia de Cristo como salvador da humanidade, o qual se sacrificou pelos pecados do mundo. Divide-se em três perspetivas: o catolicismo, a ortodoxa e o Protestantismo (a mais tardia, tendo surgido durante a Reforma, no século XVI).¹¹

O Cristianismo teve origem na Palestina, local onde nasceu Jesus Cristo, tendo sido conquistada pelo povo romano, em 64 a.C. A partir da sua morte, começou, no mesmo local, a formação de uma religião, assente nas doutrinas de Cristo, pelos inúmeros seguidores que conquistou em vida com as suas palavras e milagres. Expandiu-se, a partir de Jerusalém, já no século I d.C., mesmo antes de se tornar religião oficial, por todo o Mediterrâneo, Ásia Menor e por todas as províncias romanas. A expansão do Cristianismo ocorreu de uma forma rápida e com o passar do tempo, o afastamento das suas origens Judaicas é evidente, acabando por criar os seus próprios valores, independentes, consolidando-se desta forma.¹²

Com a publicação do edito de Milão em 313 d.C., no Império de Constantino, assente na tolerância religiosa, dentro do Império Romano, impulsionou o reconhecimento do Cristianismo, tendo sido oficializado como religião oficial do Império Romano em 391,

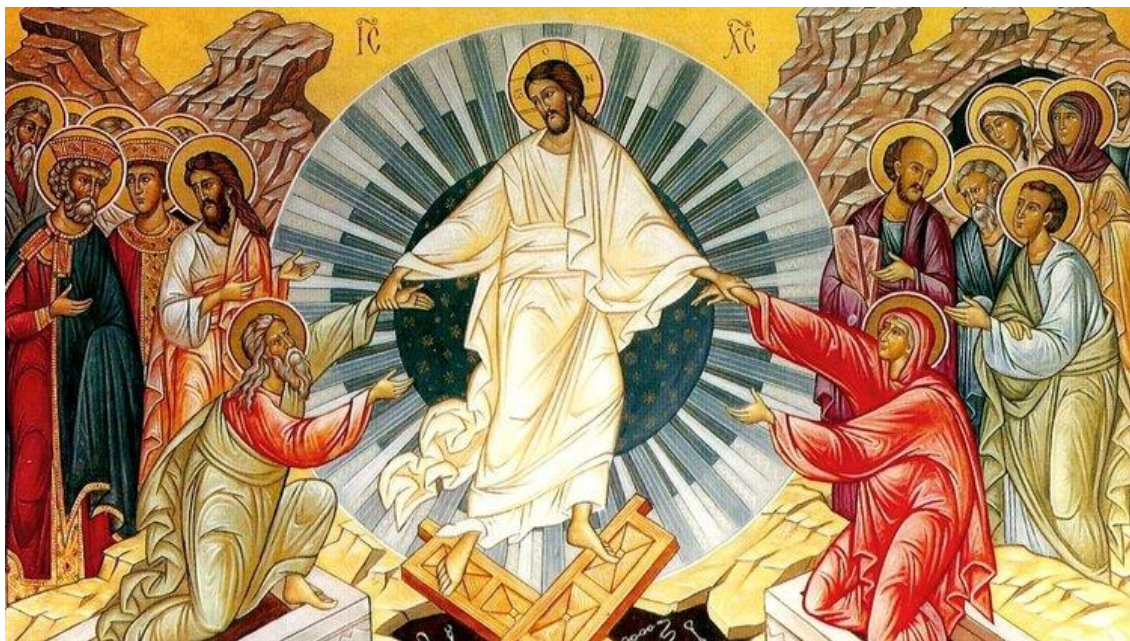


Figura 1- “CHRISTOS ANESTI” - A Ascensão de Cristo

¹¹ Cristianismo, Acedido online In: https://www.aphomoioo.org/uploads/3/8/6/7/38676315/cristianism_o.pdf; Consultado Online: 12 de Janeiro de 2020; pp. 1-4.

¹² MELO, Ricardo Bianca de, Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; p.36-37.

pelo Edito de Salónica.^{13 14}

Teve inúmeras influências, tendo sido o Paganismo, o Judaísmo e a cultura romana as mais relevantes. O divino, o Sagrado, a Sacralização são conceitos religiosos que remontam à era do Judaísmo, onde se verificou a existência de locais sagrados, ao redor dos quais as comunidades (nômadas) se fixavam e assim vivenciavam a experiência Divino.¹⁵



Figura 2 - Judaísmo - Laurent de LaHire: Abraham sacrifica Isaac,1650



Figura 3 - Paganismo – Charon carrega as almas pelo rio Styx - Alexander Dmitrievich Litovchenko (1835 - 1890). Oil on canvas, 1889 The State Russian Museum, St. Petersburg, Russia

¹³ Civilizações da Antiguidade; Com a destruição de Jerusalém, muitos cristãos, procuraram no Ocidente locais para habitar e pregar a palavra de Cristo entre os romanos, escravos e pobres. A facilidade linguística e comunicativa auxiliou a expansão do Cristianismo; Acedido online In: https://pt.wikibooks.org/wiki/Civiliza%C3%A7%C3%B5es_da_Antiguidade/Origens_e_difus%C3%A3o_do_Cristianismo; Consultado Online: 13 de Janeiro de 2020.

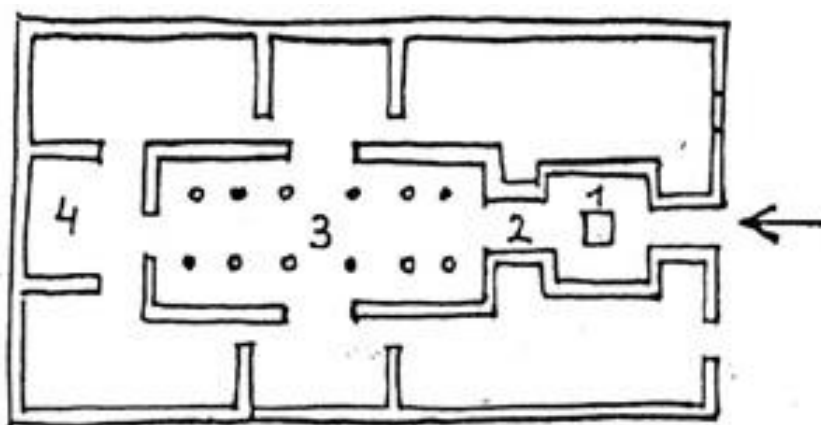
¹⁴ Cristianismo, Acedido online In: <https://www.aphomoioo.org/uploads/3/8/6/7/38676315/cristianismo.pdf>; Consultado Online: 12 de Janeiro de 2020; pp. 1-4.

¹⁵MELO, Ricardo Bianca de, Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; p-36.

2.4 “Domus Ecclesiae”

O Tempo de Jerusalém e as Sinagogas, devido à influência do Judaísmo, nos primórdios do Cristianismo, eram os locais onde os fiéis realizavam as suas orações, onde praticavam a sua fé e onde viviam a experiência do Divino.¹⁶

As comunidades menos numerosas não necessitavam de um espaço grandioso para as suas atividades religiosas, a “*Ekklesia*” (assembleia) era apta para a sua comunhão com Deus. Nas suas casas (domus), em específicas divisões da mesma, os fiéis reuniam-se, rezavam, ouviam a “Palavra do Senhor” e realizavam a Eucaristia. Aqui fazia-se, portanto, a Reunião, o Culto: “*Três peças da casa foram usadas nas reuniões: o "Tablinium", o "Peristilo" e o "Triclinium". O "Tablinio" era uma espécie de santuário familiar, doméstico, onde eram cultuadas antes as divindades protetoras do lar. Afastados os ídolos pagãos com as novas idéias religiosas, ficou, contudo, o respeito pelo ambiente, e nele se colocava o celebrante, o sacerdote, o apóstolo de Cristo, dirigindo-se à assembléia, acomodada no agradável e espaçoso pátio interno, o "Peristilo", semelhante aos claustros de nossos conventos. Pregação, ensinamento, oração e canto inicial, enfim, a primeira parte da Missa católica se realizava aqui. Depois dirigiam-se todos à sala de jantar, ao refeitório da casa, o "Triclinium", para o "culto sacrificial", repetição (inicialmente bem simples) da "última Ceia. Nas escavações de Pompéia ou de Óstia, perto de Nápoles e de Roma, podem ser vistas casas romanas. deste tipo. Alguns cristãos como S. Clemente doaram suas casas à Comunidade cristã ficando ela para uso exclusivamente litúrgico, religioso.”*¹⁷



- 1- Átrio
- 2- Tablino
- 3- Peristilo
- 4- Triclínio

Figura 4- Planta - Casa Romana

¹⁶A influência da arquitetura na liturgia cristã, Acedido online In: <http://arquiteturaeliturgia.blogspot.com/200707/influncia-da-liturgia-na-arquitetura.html>; Consultado online: 13 de Janeiro de 2020.

¹⁷ A influência da arquitetura na liturgia cristã; Op. Cit.

Durante os primeiros 4 séculos, a Igreja Cristã cresceu e evoluiu, de forma gradual, alcançando um sistema hierárquico mais abrangente e lutando por construir uma estrutura unificada, visto que anteriormente não era possível devido às suas influências judaicas. ¹⁸

No século III d.C., surgiram, em Roma, as primeiras casa-igreja, as “*Domus Ecclesiae*”, onde os primeiros cristãos do Império Romano se reuniam anteriormente ao reconhecimento e aceitação do Cristianismo, no ano 313 d.C pelo Imperador Constantino. Estas casa-igreja, nos primórdios da era cristã eram a principal forma de organização da Igreja. Nesta época, estas construções não se distinguiam arquitetonicamente das residências comuns sendo normalmente compostas por três áreas, um átrio, uma sala de culto e um batistério. ¹⁹

A “*Domus Ecclesiae*”, também apelidada de casa de reunião e oração, unifica dois tipos de espaços: aquele que representa a proteção e o abrigo e aquele que é representado pelas pinturas e regras do culto cristão. Em termos simbólicos, não apresenta apenas um caráter social, mas também se mostra como criador de sentidos comuns nos comportamentos e ações de um grupo de indivíduos. ²⁰

Apesar da sua importância, as casa-igreja sucumbiram com as grandes perseguições ocorridas na era pós-apostólica, passando os fiéis a reunirem-se em catacumbas na periferia de Roma, por estas serem intocáveis, locais sacros. Estas construções contêm inúmeras informações acerca das origens e primórdios das crenças cristãs e organização da Igreja.²¹

A variedade de construções/locais de culto sem características únicas é notória nos primeiros 3 séculos do Cristianismo devido às constantes perseguições durante deste período histórico. ²²

¹⁸ MELO, Ricardo Bianca de; Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana, tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; p.38.

¹⁹ De Melo, Ricardo Bianca; Op. Cit.; p.39.

²⁰ Idem; pp.39-40.

²¹ Ibidem; pp.40-41.

²² Ibidem; pp.41.

LA CASA CRISTIANA DE DURA EUROPOS.

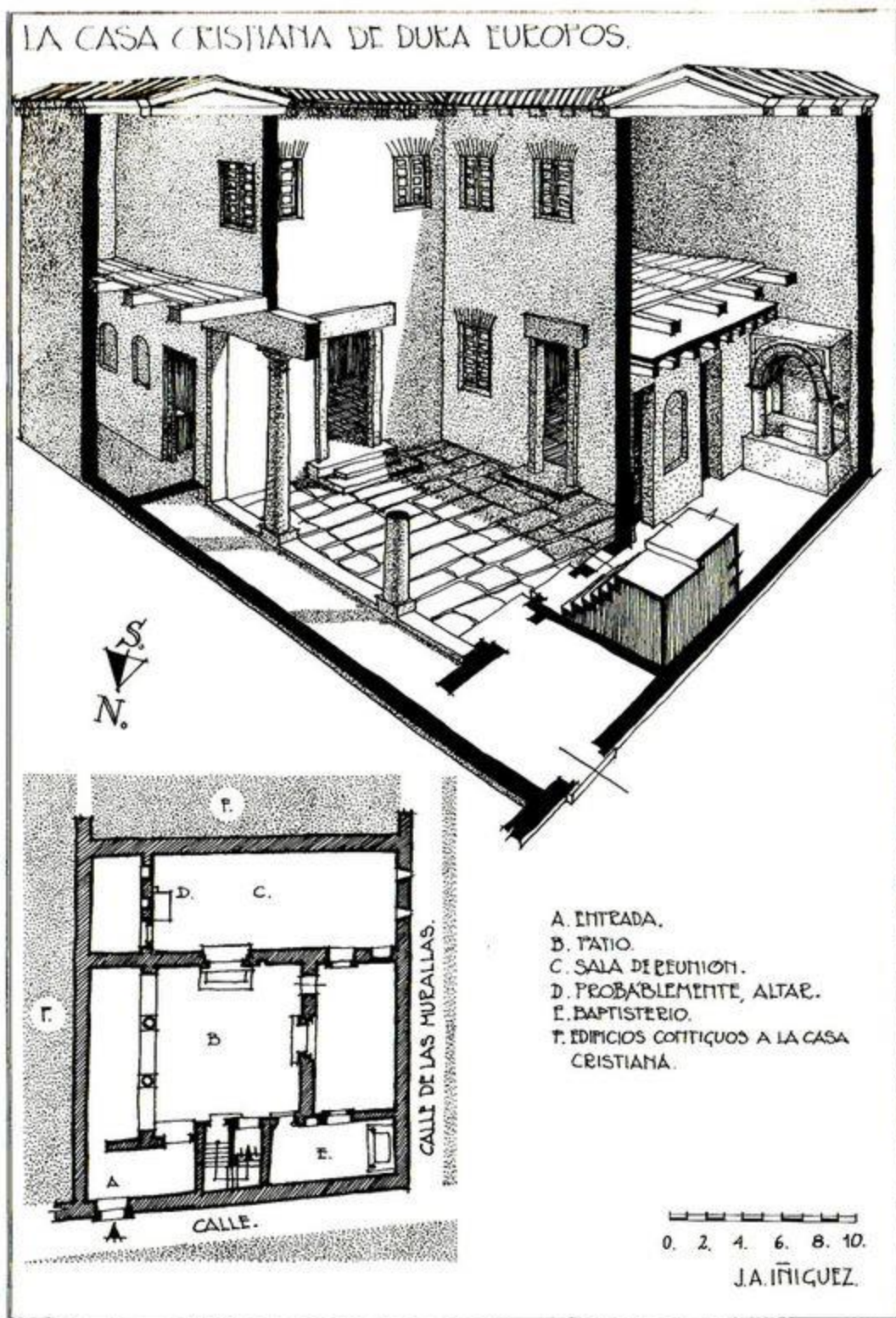


Figura 5 – “Domus Ecclesiae”

2.5 Cristianismo no Império Romano – A Basílica

O Cristianismo é aceito como religião oficial de Roma, no final do século IV d.C., na era do Imperador Constantino, com a esperança de tornar o império, mais unificado. Com a paz Constantina, os fiéis conquistam, assim, a liberdade religiosa, fator impulsionador para o início das construções das basílicas cristãs²³, assim como, pelo aumento de pessoas a converterem-se e conseqüentemente ao aumento da comunidade cristã. Era necessário, portanto, espaços de maior dimensão que pudessem acolher, abrigar a população e onde se pudessem realizar atividades comerciais, cívicas, de justiça, de discussão e reunião, não esquecendo as necessidades religiosas dos fiéis. A basílica, foi assim, o modelo de edifício adotado para tal.²⁴

Nesta época, a estrutura da basílica, de simetria axial e com planta em cruz latina, era composta por grandes salas, de forma retangular, com várias naves (de uma a cinco), por um corpo principal, um átrio, um transepto contínuo entre o corpo central e abside, que dividia a igreja em dois espaços, um para o clero e outro para os fiéis e por um vestíbulo, o qual dava acesso à nave. Era ainda constituída pelo “*Prothesis*” (sacristia), localizado a norte e pelo “*Diakonikon*” (espaço reservado aos diáconos) a sul. Contrariamente às construções anteriores, o batistério (local do batismo), de planta centrada, é agora concebido no exterior, mas próximo das igrejas. Esta alteração deveu-se a questões teológicas, “*Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus*” (João 3:1-5), ou seja, só quem fosse batizado poderia entrar na igreja.²⁵

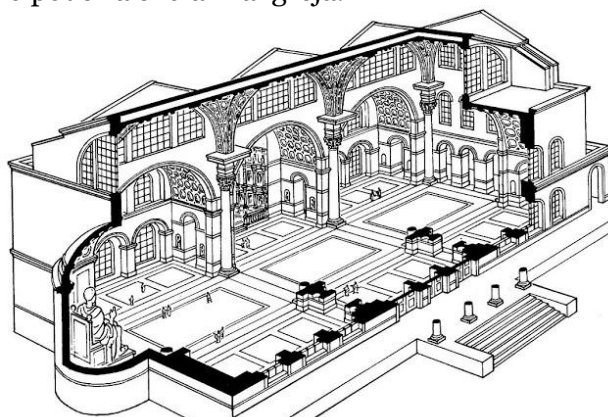


Figura 6 - Basílica de Maxêncio, IV d.C – Constantinopla

²³Arquitetura Religiosa Contemporânea; A Basílica, originalmente, correspondia aos edifícios, imponentes, pagãos. O seu modelo fora adaptado e desenvolvido no Imperio romano para a conceção dos templos cristãos. Acedido online In: https://www.academia.edu/37158300/Arquitetura_Religiosa_Contempor%C3%A1nea; Consultado Online: 16 de Janeiro de 2020.

²⁴MELO, Ricardo Bianca de; Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; pp.42-43.

²⁵MELO, Ricardo Bianca de; Op. Cit.; pp.44-46.

Foram realizadas diversas alterações e introduções no modelo adotado, nomeadamente, maior amplitude e altura da nave central, com janelas laterais elevadas (clerestório), o uso das naves laterais para guardar objetos e livros religiosos, o altar consoante a região, variava, o ambão encontrava-se no início da nave e o coro localizava-se entre a assembleia e o presbitério. Exemplo de construções, concebidas segundo estas regras, são a Basílica de Jerusalém ou Santo Sepulcro, construída no império de Constantino, sobre a tumba de Cristo e a Basílica de Belém.²⁶

Depois de se tornar a religião do Imperio Romano, o Cristianismo ganha maior importância, simbolismo e poder, mas com a sua evolução, nos séculos seguintes, a divisão entre o povo e o clero, em termos litúrgicos, é evidente e pronunciado. A arquitetura também evoluiu, adaptando-se às presentes necessidades e realidades.²⁷

Esta evolução irá ter o seu apogeu na Era Gótica, onde as catedrais deixam de ser a casa dos fiéis e passam a ser construídas em glória de Deus.²⁸



Figura 7 - Basílica do Santo Sepulcro, Jerusalém



Figura 8 - Basílica do Santo Sepulcro, Jerusalém

²⁶MELO, Ricardo Bianca de; Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; pp.46-47.

²⁷MELO, Ricardo Bianca de; Op.Cit.; pp.48-49.

²⁸Idem; p.50.

Capítulo 3

3 – Liturgia

3.1 Édito de Milão

Com a perseguição dos cristãos, no século IV, por parte do Imperador Diocleciano, inúmeras igrejas e diversas cópias da bíblia foram queimadas e inúmeros fiéis foram mortos. Contudo, no ano 311 d.C., com a promulgação do *decreto de indulgência*, terminam as constantes perseguições. A comunidade cristã adquire reconhecimento legal, o direito de celebrar reuniões e de construir templos.²⁹



Figura 9 - Pintura alusiva ao Concílio de Trento

Após a derrota de *Magnâncio*, no ano 312 d.C., o Imperador Constantino reuniu-se, em Milão, com o imperador do ocidente, tendo resultado desse encontro o Édito de Milão, um acordo que permitiu estabelecer uma tolerância religiosa para os cristãos do Império de Roma.³⁰ Neste acordo fica estabelecido, assim, o princípio de liberdade de religião para todos, onde os cristãos podem, a partir daquele momento, praticar a sua fé, assim como é igualmente permitida a celebração de outros cultos. O Cristianismo é legalizado e o paganismo deixa de ser a religião oficial do império. O Édito de Milão confere aos cristãos os mesmos direitos dos demais cidadãos.³¹

²⁹Édito de Milão; In Infopédia; Porto editora; Porto; in [https://www.infopedia.pt/\\$edito-de-milao](https://www.infopedia.pt/$edito-de-milao); Consultado Online:18 de janeiro de 2020.

³⁰Édito de Milão; In Infopédia; Op.Cit.

³¹Idem.

3.2 Liturgia precedente ao Concílio Vaticano II - Da origem ao Concílio

Desde os primórdios, que os discípulos de Cristo praticavam o ato da oração. Nestas reuniões, diversas ações fundamentais eram realizadas, nomeadamente a propagação dos apóstolos, a Eucaristia (a fração do pão) e as orações.³²

A liturgia³³ nasceu com a Igreja, na cidade de Jerusalém, sendo o ato público para a celebração dos mistérios da fé, por parte dos fiéis. Segundo o abade Alcuíno Deutsch de Collegeville "a liturgia é a expressão, num modo solene e público, das crenças, amores, aspirações, esperanças e temores dos fiéis com relação a Deus. [...] é o produto de uma experiência emocionante, que pulsa com a vida e o calor do fogo do Espírito Santo, de cujas mesmas palavras está cheia, e sob cuja inspiração nasceu."³⁴

É um dos pilares da Igreja, um enorme edifício construído ao longo dos séculos de tal importância, que em 1968, Joseph Ratzinger afirma que a Igreja católica "não deve ser definida pelos seus ofícios nem pela sua organização, mas sim pelo seu culto litúrgico, quer dizer, como comunidade de mesa ao redor do Ressuscitado que a congrega e reúne em todo o lugar" (Ratzinger 2005:277)³⁵

A sua propagação, expansão e diversificação em nada a fez fragmentar nem enfraquecer durante um longo período de tempo, mas impôs às comunidades cristãs e aos próprios fiéis, ajustarem-se às circunstâncias da vida.³⁶

No antigo Império Romano, no século V, a liturgia deixa de ser algo novo, passando a ser uma herança transferida para as gerações seguintes. Ao ser conhecida e levada para outros lugares, a liturgia romana foi influenciada de forma inevitável, pelos seus usos e costumes, mas o contrário também foi evidente, as mudanças que daí advieram interferiram no desenvolvimento da própria liturgia romana.³⁷

A partir do século VII tende-se a reformular a liturgia e não em criar novas orações, contrariamente ao que se realizava até então, "*pode-se dizer que o trabalho de criação original, seguido de compilação e adaptação, terminou no século XIII e que as liturgias tomaram desde então a forma que conservam até hoje.*" Dom Bernard Botte

³²FERREIRA, José; A Liturgia antes do Concílio Vaticano II; Acedido online In: http://www.liturgia.pt/anodafe/A_Liturgia_antes_do_Concílio_Vaticano_II.pdf; Consultado Online: 25 de Janeiro de 2020; p.3.

³³É um dos pilares da Igreja; é o ato de celebrar os mistérios da fé; é um enorme edifício erguido ao longo de muitos séculos. FERREIRA, José; Op. Cit.; pp.3-4.

³⁴Idem; p.4.

³⁵A liturgia católica – do Édito de Milão ao Concílio de Trento; Acedido online In: <http://www.cliturgia.org/portal/artigo.php?id=2899>; Consultado Online:19 de Janeiro de 2020.

³⁶A liturgia católica – do Édito de Milão ao Concílio de Trento; Op. Cit.

³⁷FERREIRA, José; A Liturgia antes do Concílio Vaticano II; Acedido online In: http://www.liturgia.pt/anodafe/A_Liturgia_antes_do_Concílio_Vaticano_II.pdf; Consultado Online: 25 de Janeiro de 2020; pp.4-5.

(monge). As primeiras compilações de textos literários surgem também nesta época. É através das importações e adaptações que a liturgia evolui. A prática da criação é quase nula, ficando restringida a matérias como as orações particulares para uso do celebrante ou dos fiéis, prosas, ofícios de devoção, entre outros.³⁸

Até ao século IX d.C., a utilização do latim como língua oficial, promove o afastamento da liturgia com os fiéis, estando esta, portanto, longe de ser compreendida, influenciando o distanciamento entre o povo e o clero. Desta forma, os clérigos, conhecedores da língua, participam de modo mais ativo na celebração litúrgica fazendo dos fiéis apenas “espectadores”, podendo estes apenas ver e ouvir, passando, desta forma, a ser uma assembleia “assistente” e não “celebrante”.³⁹

É introduzido o ato de elevar a hóstia e o cálice e de se ajoelhar, em plena eucaristia.⁴⁰

Apesar de distantes da liturgia, sobrepondo-se á mesma, por já não ser a sua oração, a comunidade cristã praticava o ato de rezar de forma constante e nele introduziram textos e elementos nos textos originais, alguns deles, perduram até hoje.⁴¹

A liturgia necessitava de ser reformulada. Esperança disso fora o Concílio de Trento, no século XVI d.C., o qual se propôs reencontrar com a tradição verdadeira da liturgia, direcionando-a à “norma dos Santos Padres”. Foi feita, portanto, a revisão de livros litúrgicos.⁴²

Nos séculos seguintes a atividade litúrgica baseia-se apenas em comentários jurídicos e rubricistas e tal se manteve até ao Concílio Vaticano II, no qual se reformulou a liturgia, objetivo que o Concílio de Trento não conseguiu realizar.⁴³

³⁸A liturgia católica – do Édito de Milão ao Concílio de Trento; Acedido online In: <http://www.cliturgica.org/portal/artigo.php?id=2899>; Consultado Online:19 de Janeiro de 2020.

³⁹A liturgia católica – do Édito de Milão ao Concílio de Trento; Op. Cit.

⁴⁰FERREIRA, José; A Liturgia antes do Concílio Vaticano II; Op. Cit.; p.5.

⁴¹Idem; p.6

⁴²Ibidem; p.6.

⁴³Ibidem; p. 6.

3.3 Celebração litúrgica e Espaço de Celebração

A Igreja é para os cristãos o lugar de comunhão com Deus, onde os mesmos se reúnem, em comunidade, para a concretização das celebrações litúrgicas. O espaço Divino na Terra é representado no espaço celebrativo, onde a cobertura é a abóboda celeste e as paredes os 4 pontos cardeais. Ao mesmo, é-lhe conferido a sacralidade, não pela presença divina, mas pelas ações litúrgicas que nele se concretizam.⁴⁴

A liturgia tem como âmago, Cristo e os seus 4 tempos, a Sua vida, a Sua morte, a Sua ressurreição e a Sua ascensão, todos eles representados na Eucaristia.⁴⁵

Todo o ato litúrgico é realizado num determinado mês, semana ou mesmo dia, tem o seu tempo. Existe, portanto, um calendário litúrgico onde nele estão presentes as celebrações do Natal, Páscoa, Santos e as suas festividades, regendo, assim, todas as ações de celebração cristã. Das mesmas, destacam-se a Missa ou Eucaristia, a liturgia das horas e os Sacramentos.⁴⁶

Consequente da reforma vivida, após o Concílio Vaticano II, o espaço religioso sofreu uma redefinição e adequação devido à maior e mais ativa participação dos fiéis nas celebrações litúrgicas. Existe, portanto, um regresso aos primórdios da Cristandade aquando do retorno da simplicidade litúrgica, na desvalorização de elementos como o retábulo e no ênfase de outros, até então secundários, como o altar, cujo, se tornou na arquitetura pós-conciliar, o ponto central do espaço celebrativo, o qual unificou toda a comunidade consagrante. A celebração é agora para os fiéis, deixando, assim, o clero de ser o sujeito de celebração eucarística.⁴⁷

A liturgia é, portanto, o elo de ligação entre o povo e as atividades litúrgicas, é o meio pelo qual a Igreja deseja alcançar esta aproximação.⁴⁸

⁴⁴MARTINS, Jorge; *Arquitetura religiosa Pós-Concílio Vaticano II: Adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico: caso do Alto Minho; tese para obtenção do grau mestre em Arquitetura na Escola Superior de Gallaecia*; 2015; p.62

⁴⁵MARTINS, Jorge; *Op. Cit.*; p.62.

⁴⁶Idem; p.62.

⁴⁷Ibidem; pp.62-63

⁴⁸Ibidem; p.63

3.4 O Movimento Litúrgico

O I Congresso Internacional de Pastoral litúrgica de Assis ficou célebre pelas palavras proferidas pelo Papa Pio XII, no Discurso final, na sala das Bênçãos do Vaticano, em 23.09.1956: «o Movimento Litúrgico apareceu como um sinal das providenciais disposições divinas no nosso tempo, como uma passagem do Espírito Santo na sua Igreja para aproximar ainda mais os homens aos mistérios da fé e às riquezas da graça, que provêm pela participação ativa dos fiéis na vida litúrgica», e, ainda pelas palavras de J. A. Jungmann, SJ: «A chave da história da liturgia é a pastoral».⁴⁹

Com origem belga, em abadias beneditinas, surge em meados do século XIX o Movimento Litúrgico, impulsionador de uma nova arquitetura religiosa, capaz de aproximar o clero do povo, tornando-os numa só comunidade.⁵⁰

O afastamento entre os fiéis e a liturgia, ocorrido devido à forma como a celebração litúrgica se praticava, foi a problemática evidente que este movimento pretendeu solucionar. A purificação da liturgia era um dos seus objetivos, tentando obtê-la através do despojamento de convencionalismos, devolvendo-lhe, assim, a sua verdade original. Gradualmente, ao longo dos séculos, a liturgia católica foi adquirindo uma maior formalidade e distanciamento entre as duas classes sociais.⁵¹

A missa tornou-se exclusiva dos clérigos. Celebrada em latim, por um sacerdote posicionado de costas para a assembleia, assim como a colocação do presbitério isolado da nave, ocultando o ritual da mesma, afastava deste modo, os fiéis, tornando-os meros espectadores. Desta forma, no contexto da celebração litúrgica, era possível observar duas vivências em simultâneo, a que era compreendida pelos celebrantes, litúrgica e oficial e a experienciada pelos fiéis de forma individual, a verdadeira oração.⁵²

As mudanças na liturgia são notórias e graduais a partir do século XX com o desenvolvimento do Movimento Litúrgico. O mesmo articulou-se em três fases, a primeira de 1909 até 1914, a segunda de 1914 a 1918, de 1939 a 1943 e a última entre os anos de 1943 e 1963. *O Congresso de Malines, “Congrès national des oeuvres*

⁴⁹O Movimento litúrgico e a reforma litúrgica; Acedido online In: <https://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/dossier/do-movimento-liturgico-a-reforma-liturgica/>; Consultado Online: 27 de Janeiro de 2020.

⁵⁰Cobian, Esteban Fernandez; *Arquitetura religiosa contemporânea. El estado del cuestión*; Acedido online In: <https://repository.usta.edu.co/bitstream/handle/11634/10570/Apendice%202.pdf?sequence=3&isAllowed=y>; Consultado Online: 2 de Fevereiro de 2020; pp.11-12.

⁵¹Cobian, Esteban Fernandez; *Op. Cit.*; pp.12.

⁵²CAPTIVO, Teresa; *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica*; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura no Instituto técnico de Lisboa; p.14.

catholiques”, foi o seu impulsionador, seguido de outros congressos como aquele que teve lugar em Antuérpia, em 1930.⁵³

O Movimento Litúrgico começa a ver as suas ideias serem concretizadas, inicialmente com a divulgação da revista *L’Art Sacré* (frança)⁵⁴ com o trabalho realizado por entendedores como *Romano Guardini* (1855-1968)⁵⁵e *Rudolf Schwartz* (1905-1994)⁵⁶, pelo trabalho de movimentos como a Sociedade de São Lucas (suíça)⁵⁷ e Quickborn (Alemanha). Desenvolveu-se por toda a Europa e também nos Estados Unidos da América, mais precisamente a partir do Mosteiro de St.John : Na Itália foram importantes publicações como a revista litúrgica (1914) do Mosteiro de Finalpia e o “*Liber Sacramentorum*”, publicação de Emmanuel Caronti e Ildefonso Schuster; na Áustria o movimento teve o favorecimento do cônego de Klosterneuburg, Pio Parsch; em Espanha, os Mosteiros de Montserrat e Silos foram essenciais.⁵⁸

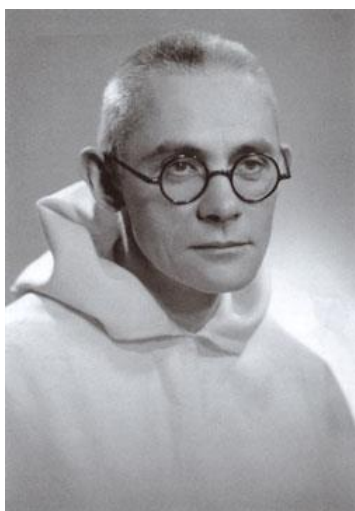


Figura 10- Marie-Alain Couturier



Figura 11 - Romano Guardini



Figura 12 - Rudolf Schwartz

O Movimento Litúrgico pretendendo a purificação da liturgia, progrediu em 5 ideais principais: o retorno das fontes do Cristianismo, a potencialização do sentido do

⁵³FERREIRA, José; A Liturgia antes do Concílio Vaticano II; Acedido online In: http://www.liturgia.pt/anodafe/A_Liturgia_antes_do_Concílio_Vaticano_II.pdf; Consultado Online: 5 de Fevereiro de 2020; p.7.

⁵⁴Revista marcada pela crítica, pelo incentivo a criação de arte sacra de qualidade e por incitar o direito à modernização por parte da Igreja. FERREIRA, José; Op.Cit.; p.7.

⁵⁵Um dos principais impulsionadores e difusores das ideias do movimento litúrgico para o exterior dos mosteiros fazendo os chegar ate paróquias e leigos. MARQUES, Oliveira; Acedido online In: https://www.snpcultura.org/romano_guardini.html; Consultado Online: 5 de Fevereiro;

⁵⁶Arquiteto alemão e membro do movimento Quickborn e o responsável pelo projeto da primeira igreja católica a adotar os princípios da arquitetura moderna, a igreja de St. Fronleichnam na Alemanha no ano de 1930. *Rudolf Schwartz*; Acedido online In: <http://architectuul.com/architect/rudolf-schwarz>; Consultado Online: 5 de Fevereiro de 2020.

⁵⁷Contra a produção em serie de arte sacra tinha como objetivo principal reunir todo o tipo de artistas e membros do clero de forma a adequar a criação de arte sacra a cada espaço, atento a nível religioso como artístico. CAPTIVO, Teresa; *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura no Instituto técnico de Lisboa*; p.23,

⁵⁸CAPTIVO, Teresa; Op. Cit.; pp.22-23.

mistério, a devolução do protagonismo do culto a Deus, a superioridade cultural do sacrifício do altar e a conjetura da celebração litúrgica pelos fiéis. Desta forma, tudo se encaminhava para a conceção de um novo espaço celebrativo, centralizado em Cristo, como terá anteriormente ocorrido nas comunidades protestantes e também nas católicas.⁵⁹



Figura 13- Igreja St. Fronleichnam, 1930, Alemanha, Rudolf Schwarz



Figura 14 - Igreja St. Anna Duren, 1956, Alemanha, Rudolf Schwarz



Figura 15 - Igreja St. Fronleichnam, 1930, Alemanha, Rudolf Schwarz

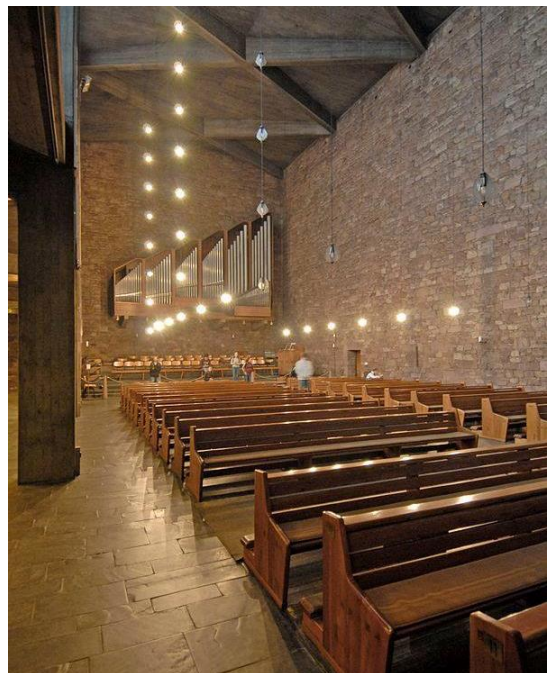


Figura 14 – Igreja St. Anna Duren, 1956, Alemanha, Rudolf Schwarz

⁵⁹COBIAN, Esteban Fernandez; Arquitetura religiosa contemporânea. El estado del cuestión; Acedido online In: <https://repository.usta.edu.co/bitstream/handle/11634/10570/Apendice%202.pdf?sequence=3&isAllowed=y>; Consultado Online: 5 de fevereiro de 2020; p.12.

É, portanto, concebida uma nova arquitetura religiosa, com o desenvolvimento do movimento. Para o arquiteto Rudolf Schwarz, a verdade do interior de uma igreja, seria o mais importante e não o seu aspeto moderno, ou seja, seria preferível, embora com uma aparência antiga, que o seu espaço interior permitisse a prática das atividades litúrgicas de uma forma fluida e verdadeira, do que outra esteticamente mais moderna, mas que não se verificava adequada para as diversas funções litúrgicas.⁶⁰

A consolidação do Movimento litúrgico, ocorrido no período das grandes guerras, deveu-se em muito, à necessidade, já referida, de aproximação do povo com a Igreja e da adaptação dos espaços de culto ao complexo e instável contexto político, social e económico vivido, contribuindo deste modo, para a construção de uma imagem da Igreja solidaria e serva.⁶¹

Por questionar a liturgia, um dos pilares fundamentais da Igreja, o movimento sempre esteve envolto em polémica.⁶² Como tal, após a mesma se ter agravado significativamente, em 1947 (posteriormente a segunda guerra mundial) o papa Pio XII interveio, através de “*Mediator Dei Et hominum*”, publicada a 20 de Novembro, a qual contribuiu significativamente para o desenvolvimento e fortalecimento do movimento, visto que a mesma consolidou o seu conteúdo e as suas aplicações práticas.⁶³ Nela Pio XII refere “*o singular afervoramento dos estudos litúrgicos que, nos fins do século passado [XIX] e princípio do atual [XX], foi promovido, já pelo louvável esforço de alguns particulares, já sobretudo, pela aturada e persistente diligência de alguns mosteiros da ínclita Ordem Beneditina; donde, não só em muitas nações da Europa, mas ainda nas terras de Além Atlântico, surgiu, neste capítulo, uma louvável porfia, cujos efeitos salutares são patentes, tanto no campo das disciplinas eclesiásticas, em que os ritos litúrgicos da Igreja Ocidental e Oriental foram mais e mais profundamente estudados e conhecidos, como até na vida espiritual e particular de muitos cristãos*”⁶⁴(Pio XII, *Mediator Dei*, N^o 4, ed cit. p. 4-5).

O movimento adquire deste modo, o consentimento e aceitação do seu conteúdo e práticas pela Santa Sé.⁶⁵

⁶⁰COBIAN, Esteban Fernandez; *Arquitetura religiosa contemporânea. El estado del cuestión*; Acedido online In: <https://repository.usta.edu.co/bitstream/handle/11634/10570/Apendice%202.pdf?sequence=3&isAllowed=y>; Consultado Online: 5 de fevereiro de 2020; p.12.

⁶¹COBIAN, Esteban Fernandez; *Arquitetura religiosa contemporânea. El estado del cuestión*; Op. Cit.; p.12.

⁶² A polémica referida não era si sobre o movimento, mas sim pelo seu carácter revolucionário, o qual se instalou de uma forma incontrolável na década posterior ao Concílio Vaticano II.

⁶³Idem; p.12

⁶⁴ In <http://www.montfort.org.br:84/a-vida-da-liturgia-em-agonia-2/>; Consultado online: 3 de Fevereiro de 2020

⁶⁵COBIAN, Esteban Fernandez; *Arquitetura religiosa contemporânea. El estado del cuestión*; Acedido online In:

De entre muitas mudanças e novidades são de maior relevância a aprovação da língua vernácula, a reforma da Vigília Pascal e da Semana Santa e a simplificação do jejum eucarístico. O retorno à essência e veracidade do Cristianismo, o ideal de centralizar a liturgia em Cristo e a incitação à participação ativa dos fiéis na celebração litúrgica, sintetizam os principais objetivos do Movimento litúrgico.⁶⁶

O século XX fora um século de transformações e evolução onde a sociedade se altera devido a fatores como o rápido avanço tecnológico e as diferentes perspectivas conhecidas através da psicanálise, física quântica, existencialismo, marxismo entre outras correntes que deixaram a marca neste século. A Igreja, enfrenta, portanto, a revisão litúrgica mais significativa desde a Reforma.⁶⁷

O Movimento Litúrgico despertou na Igreja a vontade de executar mudanças litúrgicas, culminando em 1965 com o Concílio Vaticano II.⁶⁸

<https://repository.usta.edu.co/bitstream/handle/11634/10570/Apendice%202.pdf?sequence=3&isAllowed=y>; Consultado Online: 2 de Fevereiro de 2020; p.12

⁶⁶COBIAN, Esteban Fernandez; Como construir iglésias católicas trás em Concilio Vaticano II; Acedido online In https://www.arquitecturaycultura.com/assets/01_articulo_fernandez.pdf; Consultado online: 5 de fevereiro de 2020; p.16

⁶⁷COBIAN, Esteban Fernandez; Como construir iglésias católicas trás em Concilio Vaticano II; p.17.

⁶⁸COBIAN, Esteban Fernandez; Op. Cit.; p.17.

3.4.1 Movimento litúrgico- Relação do espaço sagrado com a consciência de comunidade

Com o crescimento litúrgico, surgiu a partir dos anos 20, uma nova concepção de espaço litúrgico, que, para o qual, se pretendia uma maior compreensão da Igreja como comunidade ativa. O Movimento Litúrgico promove, portanto, a comunhão e consciência de comunidade na vida e hábitos dos fiéis. Com o intento de ir de encontro a esta nova consciência da Igreja, arquitetos da época como Otto Bartning, Dominikus Bohm, Martin Weber e Clemens Holzmeister, pretendiam atribuir um valor permanente arquitetónico e uma maior valorização dos sacramentos, seguindo estilos e utilizando os métodos construtivos da arquitetura moderna.⁶⁹

Erguer uma igreja era erguer a própria liturgia e neste sentido fora determinante a busca por novas soluções e concepções organizativas de modo a promover uma maior participação por parte dos fiéis na celebração litúrgica. Assim sendo, a planta longitudinal ou planta-corredor, assume um papel importante, apesar de inicialmente desvalorizada, na concepção de igrejas onde o espaço é orientado para o altar, sem pilares, ou seja, amplo e unitário, permitindo visão total e livre a todos os fiéis.⁷⁰

Exemplo da era do Movimento Litúrgico, onde a comunidade cristã é considerada fundamental nas ações litúrgicas e conseqüentemente influenciadora na expressão e organização do espaço sagrado, é o Palácio de Rothenfels, no qual o arquiteto Rudolf Schwarz interveio, tendo por base a consciência de comunidade. Aboliu tudo o que a contrariava demolindo e retirando inúmeras peças ornamentais barrocas: “Afastamos todos os ornamentos barrocos e pintamos os tetos e paredes de branco (...) como único equipamento a sala recebe 100 pequenos bancos (...) uma comunidade pode produzir por si, enquanto tal, formas de espaço: e bom que o espaço sacro se funde totalmente na comunidade e no seu agir, que seja instituído pela própria liturgia e com ela, desapareça, que se renuncie a qualquer intervenção arquitetónica.” A inexistência de ornamentação permite que seja a própria comunidade a conceber o espaço sagrado através do seu posicionamento e de celebração litúrgica, quanto menos elementos existirem melhor se desenvolvem os atos litúrgicos.⁷¹

Segundo Romano Guardini “o vazio relaciona-se com a imagem tal como o silêncio com a palavra. Assim que o homem se abre a ele, experimenta o vazio uma

⁶⁹ RICHTER, Klemens; Espaços de igrejas e imagens de Igreja; gráfica de Coimbra 2;1998; p.24

⁷⁰ RICHTER, Klemens; Op. Cit.; pp.24-25

⁷¹ Idem; pp.25-26

presença misteriosa. Ela exprime do Sagrado aquilo que esta para além de forma e conceito.”⁷²

⁷² RICHTER, Klemens; Espaços de igrejas e imagens de Igreja; gráfica de Coimbra 2;1998; pp.27

3.4.2 Lambert Beauduin – o pai do Movimento litúrgico

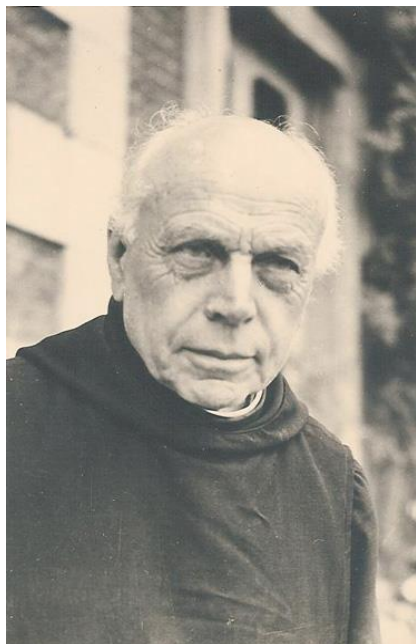


Figura 17 – Lambert Beauduin

Considerado o arquiteto e fundador do Movimento Litúrgico, o monge beneditino Lambert Beauduin desperta o seu interesse acerca da liturgia, entre os anos de 1908 e 1910. Em setembro de 1909, no *Congresso Nacional de Obras Católicas de Malinas* apresentou o movimento e com elas inúmeras ideias sobre liturgia e nesse mesmo ano pública na revista intitulada de “*Questions liturgiques*”, direcionada ao clero, os princípios do movimento litúrgico.⁷³

Foi a alma e coração do movimento, que tinha como objetivo primitivo restaurar a espiritualidade cristã. No seu livro “*La piété de l’église*” Beauduin apresenta as razões pelas quais a liturgia enfraqueceu: o individualismo, o abandono da oração, o espírito secular e a falta de vida hierárquica. Apresenta também, nesta obra, os objetivos do Movimento Litúrgico: participação ativa de todos os cristãos na missa, compreendendo e seguindo os ritos e textos; ênfase na importância da missa, serviços dominicais e canto litúrgico pelos fiéis; preservação e restabelecimento das Vésperas e das Completas Dominicais como celebrações paroquiais; conhecimento e associação ativa com os rituais dos sacramentos recebidos e assistidos, e a disseminação desse conhecimento para os outros; promover o respeito e a confiança na igreja.⁷⁴

Por detrás destes objetivos, para a renovação litúrgica, encontra-se a sua própria reflexão sobre as atitudes em relação ao tema antes do seu “despertar” assim como a sua própria experiência, “Mesmo os grandes e perfeitos atos de adoração, o fim principal da missa, de participação no sacrifício em comunhão com o corpo do Senhor, a oferta espiritual de nossos bons atos...em suma, nenhuma das grandes realidades que a liturgia eucarística coloca constantemente em ação, nem uma dominou minha piedade eucarística... As visitas ao Santíssimo Sacramento tinham um papel mais vital na minha piedade do que o próprio sacrifício.”⁷⁵

⁷³COSTA, Bernardino; O Movimento litúrgico e a redescoberta da qualidade teológica da liturgia, António Coelho e a dimensão teológica do Mistério celebrado; Acedido online In: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10139/1/Vo4002-135-156.pdf>; Consultado Online: 10 de Fevereiro de 2020; pp.139-140.

⁷⁴Lambert Beauduin; Acedido online In: <http://liturgicalleaders.blogspot.com/2011/10/lambert-beauduin-osb.html>; Consultado Online: 10 de Fevereiro de 2020.

⁷⁵Lambert Beauduin; Op. Cit.

3.4.3 O Movimento Litúrgico em Portugal

O Movimento litúrgico em Portugal teve início com o *I Congresso Litúrgico Português*, realizado na cidade de Vila Real no ano de 1926 e com a criação da revista *Opus Dei* (1926-1937).⁷⁶

Em 1928 realizou-se o *Congresso Nacional de Liturgia em Braga*, tendo sido um evento bastante importante na consolidação e difusão do Movimento. Quatro anos mais tarde tiveram lugar as semanas litúrgicas de Lisboa e Porto centradas no estudo da liturgia e sessões solenes. Teve como principais casas o Mosteiro beneditino de Singeverga e o Seminário Maior dos Olivais e como figuras cruciais, impulsionadoras e defensoras deste movimento D. António Coelho, Monsenhor Pereira dos Reis e Gonçálinho de Oliveira.⁷⁷

Através da *Eclesia Mediator De dei*, publicada a 20 de novembro de 1947 pelo papa Pio XI, após a segunda guerra mundial, o Movimento Litúrgico obteve um significativo desenvolvimento, contudo, o movimento foi motivo de discórdia, nomeadamente no interior da Igreja, onde vingaram o ceticismo e a desconfiança perante todo o desenvolvimento litúrgico evidente.⁷⁸

Duas iniciativas foram essenciais no início do movimento litúrgico em Portugal. O *I Congresso Litúrgico Português* fora um deles tendo-se realizado na cidade de Vila real entre os dias 17 e 19 de junho de 1926. Convocado por João Lima Vidal, crente em uma liturgia de carácter prático e intuitivo, o congresso foi palco de importantes figuras e encontros eclesiais tais como, António Coelho, José Manuel Pereira dos Reis, João Crisóstomo Freitas Barros, entre outros.⁷⁹

Teve como mote a recondução do povo à religião através da liturgia, sendo, portanto, a ignorância o principal problema da sociedade religiosa. Era evidente a necessidade de que os fiéis compreendessem o significado e simbologia dos atos litúrgicos para que a sua participação fosse clara e consistente. Neste contexto, António Coelho e Freitas Barros propuseram alterações e introduções, como por exemplo, o uso do missal nos seminários, durante a Eucaristia e a participação dos candidatos ao Sacerdócio “nos atos de culto através do canto todos os domingos e festas do ano”.⁸⁰

O Movimento Litúrgico tornava-se assim uma realidade em Portugal.⁸¹ A segunda iniciativa fora a criação, no ano de 1926, da revista “Opus Dei” a qual afirmou e confirmou o sucesso do *Congresso de Vila Real* e conseqüentemente o início

⁷⁶COSTA, Bernardino Ferreria da; Movimento litúrgico em Portugal; 1ª edição; Imprimatur;2018; p.8

⁷⁷COSTA, Bernardino Ferreria da; Op. Cit.; pp.8-9

⁷⁸Idem; pp.9-10

⁷⁹Ibidem; p.8

⁸⁰Ibidem; pp.8-9

⁸¹Ibidem; pp.8-9.

do Movimento Litúrgico português. Adquiriu aprovação e recomendação por parte de todo o Episcopado português sob a direção de António Coelho. A revista tinha como foco diversos temas tais como, o estudo da liturgia, a missa, os sacramentos, o canto Gregoriano entre outros, mas o seu grande destaque foram os eventos e congressos realizados em outros países. Acerca do importante *Congresso de Vila Real* afirmou que os objetivos do mesmo tinham sido alcançados com sucesso: reunir nomes importantes e defensores da liturgia e do movimento litúrgico, impulsionar e consolidar o movimento litúrgico em Portugal e tornar possível o início da concretização de novos congressos nacionais centrados no estudo litúrgico.⁸²

No dia 27 de Junho de 1927 outro marco do Movimento Litúrgico em Portugal teve lugar, o *Congresso de Braga*. Sob a direção de António Coelho o congresso fora preparado com o objetivo do mesmo ser vivido e compreendido em toda a sua essência e importância, “(...) um Congresso em que todos os congressistas pratiquem a liturgia e donde saiam com a resolução inabalável de continuar a difundir nas paróquias a vida litúrgica.”

O *Congresso de Braga* seria bastante distinto dos que se haviam realizado em outros países, visto que a realidade portuguesa era bastante diferente, “onde os Mosteiros beneditinos estão nas mãos do governo ou de simples particulares e em nenhum deles se ouvem hoje melodias dos louvores divinos que por tantos seculos os animaram”.⁸³

A grandiosidade do mesmo, conseqüente dos inúmeros participantes, seria o ponto semelhante aos congressos estrangeiros mas iria-se distinguir pelo argumento direcionado, não apenas na Eucaristia mas em toda a liturgia onde se encontram contempladas as práticas de culto e os diversos momentos de oração do Ofício Divino, ou seja, “ tratava-se essencialmente de acolher os numerosos participantes, introduzindo-os, pelo estudo e pelas celebrações, no valor da liturgia entendida na sua complexidade, e não apenas como mais um ato de piedade centrado na adoração eucarística.” Tornou-se no maior evento realizado até então, sobre a liturgia em Portugal. Foram atingidos os objetivos posteriormente estabelecidos, a promoção do estudo da liturgia e a sua aproximação com os fiéis. Fora um momento crucial e de extrema importância para o Movimento Litúrgico português e para a sua consolidação. Tomando em consideração que o movimento tinha apenas 2 anos de existência e que enfrentara dificuldades na sua difusão e aceitação, o *Congresso de Braga* revelou ser um acontecimento bastante importante a nível nacional.⁸⁴

⁸²COSTA, Bernardino Ferreria da; Movimento litúrgico em Portugal; 1ª edição; Imprimatur;2018; pp.78-85

⁸³COSTA, Bernardino Ferreria da; Op. Cit; p.92-98

⁸⁴COSTA, Bernardino Ferreria da; Movimento litúrgico em Portugal; 1ª edição; Imprimatur;2018; p.101

3.4.4 Movimento Moderno – influência na arquitetura

O crescimento do meio urbano era notório, desencadeado pelo desenvolvimento da civilização da era industrial, conseqüente êxodo rural e crescimento demográfico onde a Igreja perde a importância e destaque que lhe fora conferida ao longo dos séculos. As igrejas deixam de ser o elemento fixador da população, são os novos edifícios habitacionais que determinam, a localização das mesmas. O espaço sagrado perde assim a centralidade nas cidades, deixa de ser o seu núcleo.⁸⁵

Com a evolução técnica e a descoberta de novos materiais e novas formas de construir, a escala e proporções são renovadas. Aqui também o edifício religioso deixa de ser a exceção da altimetria das cidades sendo ultrapassado pelas chaminés fabris e novos edifícios de caráter industrial. Diversos elementos que constituem este tipo de edifícios, como as cúpulas e as torres sineiras perdem assim a simbologia e relevância do passado. O simbolismo da cidade tradicional luta agora com a nova cidade industrial.⁸⁶

A Igreja sem capacidade de produzir surpresa e emoção na comunidade afasta-se inevitavelmente da mesma. Era, portanto, necessário contrariar este contexto, dando resposta às novas formas de habitar.⁸⁷

A arquitetura encontrava-se estagnada devido aos movimentos sociais resultantes da Revolução Industrial e aos sistemas de conhecimento científico e técnico.⁸⁸

Surge neste contexto o Movimento Moderno, de caráter revolucionário, o qual pretendia adequar a prática construtiva, procurando o retorno das artes e ofícios artesanais, ao espírito dos novos tempos. Constituído por um vasto número de participações individuais e coletivas, torna impossível determinar e admitir a sua origem, em um único lugar⁸⁹. De entre muitas vanguardas artísticas que mais

⁸⁵SCHEEREN, Rodrigo; O processo de abstração estética e a crise do movimento moderno na arquitetura; Consultado Online: 18 de Fevereiro de 2020; p.95 / ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.93-97.

⁸⁶MALARD, Maria Lúcia; Forma, Arquitetura; Consultado Online:18 de Fevereiro de 2020; p.2/ COBIAN, Esteban Fernandez; Arquitetura religiosa contemporânea. El estado del cuestión; Acedido online In: <https://repository.usta.edu.co/bitstream/handle/11634/10570/Apendice%202.pdf?sequence=3&isAllowed=y>; Consultado Online: 18 de Fevereiro de 2020; p.12.

⁸⁷COBIAN, Esteban Fernandez; Op. Cit.; p.13/ ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.93-97.

⁸⁸Idem; p.13-14/ ALVES DA CUNHA, João. Op. Cit.; pp.93-97.

⁸⁹Movimento Moderno - A arquitetura do movimento moderno difundiu-se a partir da Alemanha através do estilo Internacional. O movimento Moderno fora difundido por William Morris, em Inglaterra tendo a sua origem estado na sequência das mudanças concretizadas pelo movimento Arts and Crafts. SCHEEREN, Rodrigo; O processo de abstração estética e a crise do movimento moderno na arquitetura; Consultado Online: 18 de Fevereiro de 2020.

contribuíram para este movimento, o Cubismo⁹⁰ foi o que mais o influenciou. Princípios básicos desta vanguarda foram absorvidos pela arquitetura, nomeadamente a geometrização das formas, a abstração e o desprendimento total com a perspetiva.⁹¹ A arquitetura sofreu, assim, inúmeras alterações em diversos aspetos (estas alterações contribuíram em muito, para o que foi construído até a atualidade). A simplicidade é a maior característica do estilo moderno, conseguida através das formas, básicas, e dos materiais escolhidos, nomeadamente o betão e o vidro (materiais privilegiados pela arquitetura moderna). Tornou-se numa arquitetura, volumetricamente simples, desprovida de ornamentos, que pretendia conectar-se com o despertar da cultura das civilizações proto-históricas.⁹² Progrediu em diversos e inúmeros aspetos, sobretudo na otimização da construção, na rapidez, higiene e na sua leveza.⁹³

A descoberta e uso de novos materiais fora crucial para toda a produção arquitetónica que se seguiu, abrindo caminho a uma infinidade de possibilidades construtivas, permitindo alcançar uma total liberdade formal. O betão armado fora um desses materiais, o qual possibilitou e permitiu a evolução na construção de novos edifícios. Porém, algumas características foram perdidas, como a ligação com o passado e o amadurecimento conseguido ao longo de séculos. As igrejas foram preenchidas com imagens pesadas e pesarosas, e a arte sacra tornou-se abstrata, conceptual, espelho de expressões primitivas de dor, consolo e saudade.⁹⁴

A Modernidade representava, portanto, um contrassenso ideológico em relação ao Classicismo, onde a revolução imposta pela mesma exigia uma inevitável radicalidade, manifestos e posições drásticas.⁹⁵

A nova arquitetura em ascensão tinha como princípios, “menos é mais” e “a forma segue a função” (Mies van der Rohe), a sinceridade da construção e a rutura com

⁹⁰ O Cubismo fora uma corrente artista que pretendeu romper com as formas tradicionais utilizadas desde a era do renascimento. Surgiu no século XX, nas artes plásticas, tendo como principais figuras Pablo Picasso e Georges Braque. In Infopédia; Porto Editora; Porto; in: [https://www.infopedia.pt/\\$cubismo](https://www.infopedia.pt/$cubismo); Consultado Online: 18 de Fevereiro de 2020.

⁹¹ COBIAN, Esteban Fernandez; El espacio sagrado en la arquitectura española contemporánea - Arquitectura Religiosa Y Modernidad; Acedido online In: <https://repository.usta.edu.co/bitstream/handle/11634/10570/Apendice%202.pdf?sequence=3> isAllowed=y; Consultado online: 2 de fevereiro de 2020; p.14/ ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.93-97.

⁹² Civilizações proto-históricas-Fase de transição entre a pré-história e a história, precedente ao aparecimento da escrita; coincide com a Idade dos Metais. In Infopédia; Porto Editora; Porto; in: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/proto-hist%C3%B3ria>; Consultado Online: 21 de fevereiro de 2020.

⁹³ COBIAN, Esteban Fernandez; Arquitectura religiosa contemporánea. El estado de la cuestión; Acedido online In: <https://repository.usta.edu.co/bitstream/handle/11634/10570/Apendice%202.pdf?sequence=3&isAllowed=y>; Consultado online: 21 de Fevereiro de 2020; p.14.

⁹⁴ BRASIL, Beatriz; Acedido online In: <https://arquitetandoblog.wordpress.com/2009/04/17/movimento-moderno-origem-desenvolvimento-e-crise-beatriz-brasil/> Consultado Online: 20 de fevereiro de 2020.

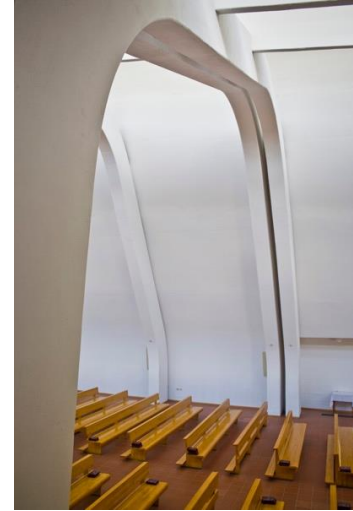
⁹⁵ COBIAN, Esteban Fernandez; El espacio sagrado en la arquitectura española contemporánea - Arquitectura Religiosa Y Modernidad; Acedido online In: <https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/1021>; Consultado online: 21 de fevereiro de 2020; p.135/ Fernández-Valdés, María Amália Delgado; A arquitetura do espaço religioso caso de Miguel Fisac, para obtenção do grau de mestre em arquitetura, 2018; p.65.

o ornamento, este último com o objetivo de valorização estética do conjunto, onde todas as fachadas possuem a igual relevância numa obra.⁹⁶

Entre os arquitetos modernistas destacam-se Le Corbusier, Alvar Aalto, Mies van der Rohe, Frank Lloyd Wright e Luis Barragán, pioneiros e responsáveis por obras marcantes, nomeadamente de cariz religioso como a *Capela de Notre Dame du Haut* em Ronchamp (Corbusier - 1954), *Igreja de Riola* (Alvar Aalto - 1966) e o *Templo Unity* (Frank Lloyd Wright-1949).



Legenda 18 – Igreja de Riola, Itália



Legenda 19 - Igreja de Riola, Itália



Legenda 20 - Capela de Notre Dame-Du-Haut, Ronchamp



Legenda 21 - Capela de Notre Dame Du Haut em Ronchamp.

O Movimento Moderno, sendo um processo revolucionário, com origem no seio das vanguardas europeias da primeira guerra mundial, fora encorajado pela consciência geral de estar a viver o início de uma nova era.⁹⁷

⁹⁶BRASIL, Beatriz; Acedido online In: <https://arquitetandoblog.wordpress.com/2009/04/17/movimento-moderno-origem-desenvolvimento-e-crise-beatriz-brasil/> Consultado Online: 20 de fevereiro de 2020.

⁹⁷ BRASIL, Beatriz; Op. Cit.

3.4.5 A Modernidade e o seu carácter revolucionário

A modernidade marcou uma nova era, um novo começo uma rutura com os estilos tradicionais, devotos do ornamento. Adolf Loos refere, “*A ausência de ornamento elevou as restantes artes a um nível nunca antes imaginado. As sinfonias de Beethoven nunca teriam sido escritas por um homem que tivesse de andar vestido com seda, veludo e rendas. Quem hoje anda por aí com calças de veludo não é um artista, mas um palhaço, ou então um caiador. Tornamo-nos mais finos, mais sutis. O homem gregário tinha de se distinguir dos seus pares através de cores diferentes; o homem moderno não precisa de vestimentas para servir de máscara. A sua individualidade tornou-se tão forte que não precisa de exprimi-la através do vestuário. A ausência de ornamentação é um sinal de força intelectual. O homem moderno utiliza o ornamento de culturas antigas e desconhecidas a seu bel-prazer e como bem entende, e concentra a própria criatividade noutras coisas.*” (o ornamento era encarado pelos modernistas como algo a ser combatido. Conceber uma arquitetura sem ornamentação tornou-se um objetivo por muitos.)⁹⁸

A ascensão da Modernidade, na década de 30 do século XX, no Estilo internacional, caracterizado pela sua imagem recente e universal para um novo mundo, igualitário, permite o aparecimento de novas regras, teorias e ordens, rompendo definitivamente com todo o período posterior ao Renascimento.⁹⁹

Com o papado de Pio XII findo, na década de 40, foram aceites e introduzidas as novas linguagens da Modernidade. A Igreja tornou-se na primeira instituição a abraçar socialmente e intelectualmente as novas orientações arquitetónicas tanto no campo tecnológico, como no campo linguístico. De facto, os edifícios religiosos sempre se encontraram na frente de vanguarda e a Modernidade não foi exceção. Contudo, a Igreja compreendia a existência de um profundo afastamento entre as artes e a religião. Esta problemática levaria, anos mais tarde, a que o papa Paulo VI aprovasse a *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*, “*Sacrosanctum Concilium*” a qual foi promulgada pelo Concílio Vaticano II, em 1963, 400 anos após o Concílio de Trento (1563), sendo esta o pacto de reconciliação e renascimento da arte religiosa no seio da Igreja: “*Entre as mais nobres atividades do espírito humano, estão de pleno direito as Belas Artes. (...) A Santa Mãe Igreja amou sempre as Belas Artes. Formou artistas e nunca deixou de procurar o contributo de ambos. (...) A Igreja nunca considerou um*

⁹⁸Leituras essenciais-ornamento e crime por Adolf Loos; Acedido online In: <https://www.archdaily.com.br/br/800467/leituras-essenciais-ornamento-e-crime-por-adolf-loos>; Consultado online: 21 de Fevereiro de 2020.

⁹⁹COBIAN, Esteban Fernandez; El espacio sagrado en la arquitectura española contemporánea - Arquitectura Religiosa Y Modernidad; Acedido online In: <https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/1021>; Consultado online: 21 de fevereiro de 2020; p.135.

estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas” (Constituição sobre a Sagrada Liturgia).¹⁰⁰

¹⁰⁰Não podemos desistir da beleza; Acedido online In: https://www.snpcultura.org/nao_podemos_desistir_da_beleza.html; Consultado Online: 21 de fevereiro de 2020 / Sacrosanctum Concilium; Acedido online In: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html; Consultado Online: 21 de Fevereiro de 2020.

3.4.6 Relação e articulação entre o Movimento Litúrgico e Movimento Moderno

Juntamente com o Movimento Litúrgico, o Movimento Moderno, na Europa do século XX, impõe-se culturalmente, tendo como objetivo a concretização de uma nova arte concebida, renunciando aos modelos clássicos até então seguidos, pretendendo conseguir uma linguagem artística e arquitetónica através da tradução dos progressos técnicos e científicos, alcançados com a Revolução Industrial.¹⁰¹

A arquitetura religiosa do início do século XX caracteriza-se pelo seu ecletismo, replicando os estilos passados, sem inovações e assumindo na sua conceção a planta longitudinal basilical ou central. Com a modernidade surgem premissas de um maior diálogo entre a Igreja e a sociedade e a procura pela igualdade social, ideias que a arquitetura pretende atender, mas que somente, com o movimento litúrgico são discutidos e possíveis de aplicar e introduzir nos edifícios de cariz religioso.¹⁰²

A renúncia aos modelos clássicos, por parte das Artes, nomeadamente pela arquitetura é o objetivo claro de um novo movimento cultural que resulta da unificação do modernismo e movimento litúrgico, na Europa do século XX. A arquitetura do modernismo rejeita o uso dos estilos históricos, pretendendo introduzir as inovações técnicas e científicas, resultantes da Revolução Industrial. A influência do Movimento Litúrgico, agregada ao modernismo possibilitou, além do desprendimento eclético, um estabelecer de relação e reflexão entre a arquitetura moderna e a Igreja.¹⁰³

A arquitetura religiosa é, assim, repensada e renovada como o objetivo, não só de corresponder as necessidades da igreja, mas dos próprios artistas e arquitetos que pretendiam transpor, para os espaços sagrados, o espírito moderno. O Movimento Litúrgico encontra no Movimento Moderno os princípios comuns de depuração, funcionalismo, autenticidade, racionalismo e clareza.

¹⁰¹CAPTIVO, Teresa; *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica*; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura no Instituto técnico de Lisboa; pp.22.

¹⁰²RAMOS, Flávia Martins; Acedido online In <https://issuu.com/flaviamartiniramos/docs/templosmodernos>; Consultado Online: 21 de Fevereiro de 2020.

¹⁰³CAPTIVO, Teresa; *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica*; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura no Instituto técnico de Lisboa; pp.25

3.4.7 A igreja modernista – O grupo Quickborn

No rescaldo das guerras mundiais, a Europa encontrava-se fraturada, em clima de desconfiança e com a sociedade fragilizada. Contudo, este contexto permitiu à Igreja Católica repensar o seu lugar num mundo, transformado, também, pelos progressos alcançados no século XX. Pretendeu ir de encontro às novas necessidades sociais e espirituais daí resultantes, transpondo-as para uma nova arquitetura religiosa, moderna, resultante da articulação da rejeição dos estilos clássicos, por parte da arquitetura moderna, com o pensamento amadurecido do movimento litúrgico, encontrando aqui uma nova forma de expressão.¹⁰⁴

As primeiras igrejas modernas resultam das experiências levadas a cabo pelo grupo alemão Quickbon, entre 1919 e 1939, dirigido pelo teólogo e filósofo Romano Guardini¹⁰⁵ deixando a cargo dos arquitetos Otto Bartning¹⁰⁶, Dominikus Böhm¹⁰⁷ e Rudolf Schwarz¹⁰⁸ a difícil tarefa de concretizar e materializar a sua teoria reformuladora. Definiram uma nova arquitetura, mais sóbria, direcionada para a comunidade cristã, reformulando a formalidade do edifício e do espaço sagrado. A dimensão comunitária substitui a dimensão de afirmação da sociedade (através da monumentalidade intrínseca nos edifícios religiosos até então), onde a arquitetura se aproxima do homem crente em Deus, que pratica a sua Fé. Com o intuito de enfatizar a Congregação, da mesma ser o mais importante no espaço sagrado, são eliminados elementos religiosos de carácter decorativo, como estátuas e imagens. Ao altar (mesa do senhor) fora dado maior destaque, centralidade, significado e conseqüentemente

¹⁰⁴ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*. 1ª Edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; p.66

¹⁰⁵Romano Guardini - sacerdote, escritor teólogo e filósofo do século XX. Influenciou de forma significativa a teologia católica-romana. Acedido online In: https://www.snpcultura.org/romano_guardini.html; Consultado Online: 22 de Fevereiro de 2020.

¹⁰⁶Otto Bartning- arquiteto alemão, iniciou sua carreira em 1902 com estudos de arquitetura na Universidade Técnica de Berlim. Depois de uma longa viagem ao redor do mundo em 1904-1905, ele continuou seus estudos na Universidade Técnica de Karlsruhe e os interrompeu em 1907. Acedido online In: <https://www.bauhaus100.com/the-bauhaus/people/the-bauhaus-entourage/otto-bartning/>; Consultado Online: 22 de Fevereiro de 2020.

¹⁰⁷Gottfried Böhm- arquiteto alemão que recebeu o Prémio Pritzker no ano de 1986. O seu pai, Dominikus Böhm e o seu avô Alois Böhm foram arquitetos, assim como três de seus filhos, entre eles, Peter Böhm; Acedido online In: <https://www.archdaily.com.br/br/913983/um-pritzker-no-interior-de-santa-catarina-a-igreja-de-gottfried-bohm-em-brusque>; Consultado Online: 22 de Fevereiro de 2020.

¹⁰⁸Rudolf Schwarz-Foi um importante arquiteto alemão que se destacou pelo seu trabalho sobre Kirche St. Fronleichnam. A sua intervenção foi decisiva na reconstrução de Colonia após a Segunda Guerra Mundial. Acedido online In: https://www.snpcultura.org/rudolf_schwarz_uma_nova_ideia_do_sagrado.html; Consultado Online: 22 de Fevereiro de 2020.

maior visibilidade dentro do espaço sagrado, o qual, agora se organiza de uma forma hierárquica.¹⁰⁹

Das obras concebidas por este grupo destacam-se a Igreja Luterana da Ressurreição/ Auferstehungskirche, em Essen, (1930) de Otto Bartning e a Igreja St. Engelbert, em Colónia, cidade alemã, da autoria de Dominikus Böhm, ambas de planta circular, com carater expressionista.¹¹⁰



Figura 22 - Igreja da Ressurreição, Essen, Alemanha



Figura 23 - St. Engelbert, Colónia, Alemanha

¹⁰⁹ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; p.66-69

¹¹⁰ALVES DA CUNHA, João; Op.Cit.; p.69-70

Foram realizadas inúmeras experiências por este grupo, nas quais são exploradas a planta elíptica na Igreja de Sainte Thérèse, Áustria (1958-62) ambas da autoria de Rudolf Schwarz e o recurso a planos concebidos por meio de parábolas como a igreja do Aço em Essen projeto de Otto Bartning.¹¹¹



Figura 24 - Igreja de St. Thérèse, Áustria

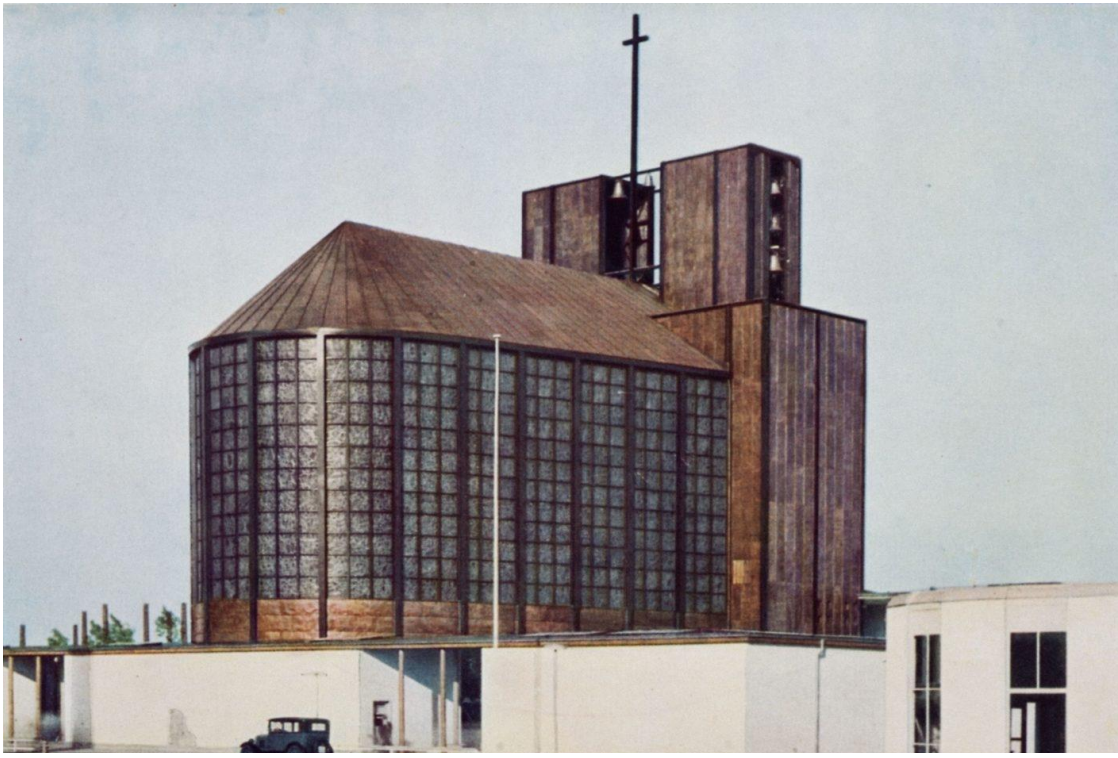


Figura 25 – Igreja de Aço, Essen

¹¹¹ ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; p.69-70

O desconsiderado modelo longitudinal, “o espaço-caminho”, fora explorado por Rudolf Schwarz, nomeadamente na Igreja Fronleichnam, em Aachen (1926). Nesta construção, de planta paralelepipedal, é notória a desvalorização decorativa, a ausência de elementos que provocam distração sendo, portanto, supérfluos, possibilitando desta forma, vivenciar a verdadeira essência do espaço sagrado. Consegue unificar e conciliar as novas exigências religiosas com a arquitetura, protegendo, contudo, o cariz sagrado característico deste tipo de edifícios.¹¹²



Figura 26 - Igreja Fronleichnam, Aachen

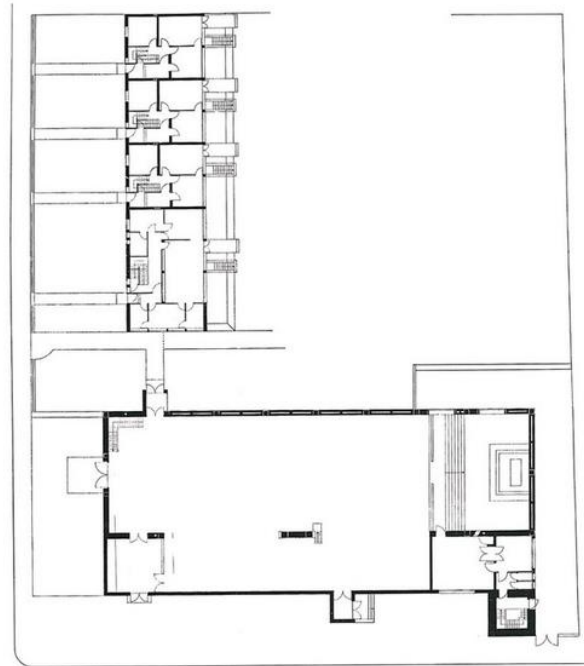


Figura 27 - Planta, Igreja Fronleichnam

As alterações promovidas pelo Movimento Moderno só foram institucionalizadas com o Concílio Vaticano II, como tal, obras como anteriormente mencionadas, não foram bem entendidas e aceites quer pela sociedade em geral, nomeadamente pela camada mais conservadora da Igreja.

O Grupo de Quickborn e as suas propostas mais puristas e simples foram determinantes para a evolução da arquitetura religiosa contemporânea. São obras muito pouco prováveis de serem repetidas, onde estão presentes as qualidades imensuráveis dos artistas e arquitetos e por isso se tornaram referência em muitos países, nomeadamente em Portugal.¹¹³

¹¹²ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; p.69-70.

¹¹³ALVES DA CUNHA, João; OP.Cit.; p.70-73.

Capítulo 4

4. Concílio Vaticano II

4.1 O Concílio de Trento

O Concílio Vaticano II trouxe consigo a vontade de reformar uma realidade existente há vários séculos, a ausência de participação dos fiéis nos atos litúrgicos. Esta vontade remonta à Idade Média, ao Concílio de Trento.¹¹⁴

Sob o papado de João Paulo III e “(...)por problemas sérios que surgiram na Igreja. Problemas ameaçadores para a unidade da Igreja. (...) o Concílio de Trento, convocado depois da reforma protestante (...)” surge, assim, como resposta ao movimento levado a cabo pelo monge Martino Lutero, no início do ano de 1545.¹¹⁵

Dois lados opostos discutem, em termos arquitetónicos, a conceção do espaço litúrgico: Lutero defende que o mesmo é definido pelo sacerdócio e pelas posições de culto, já a Igreja católica crê na sua doutrina e que as alterações são apenas de estilo.¹¹⁶

Embora nada se tenha discutido sobre a construção de espaços religiosos, alterações na liturgia são executadas com o Concílio de Trento, realizado entre os anos de 1545 e 1563, as quais serão influenciadoras da arquitetura religiosa dos séculos posteriores: a nave é um espaço amplo, muitas vezes exuberante e criativo, capaz de acolher um número elevado de fiéis em torno do púlpito, colocado numa parede lateral elevado, sendo este utilizado na catequese e para o sermão doutrinal e não para a homilia nem para leituras; celebrações em paralelo passam a ser possíveis através de várias capelas laterais independentes, onde os seus altares contêm retábulos em glória dos seus santos; aparece o confessionário, fechado, rico em ornamentação assim como a devoção à via-sacra; o altar deixa de ser a “ mesa do senhor”, resumindo-se a um simples elemento arquitetónico; o lugar da palavra é uma estante amovível em vez da cadeira do celebrante; a liturgia é em latim, como língua oficial.¹¹⁷

Com o intuito de melhorar e reforçar a comunicação, o Concílio de Trento delineou estratégias: o ambão, colocado próximo do altar para as leituras dos livros sagrados e para a pregação, tornou-se perentório pelo uso mais comum do púlpito, que

¹¹⁴FERREIRA, José; A Liturgia antes do Concílio Vaticano II; Acedido online In: http://www.liturgia.pt/anodafe/A_Liturgia_antes_do_Concílio_Vaticano_II.pdf; Consultado Online: 23 de Fevereiro de 2020; p.6.

¹¹⁵FERREIRA, José; Op.Cit.; pp.6-7.

¹¹⁶MARTINS, Jorge; Arquitetura religiosa Pós-Concílio Vaticano II: Adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico: caso do Alto Minho; tese para obtenção do grau mestre em Arquitetura na Escola Superior de Gallaecia; 2015; p.82

¹¹⁷MARTINS, Jorge; Op.Cit.; p.82

por sua vez, localizado no centro da assembleia, mais elevado, aproxima os crentes da palavra divina, do sermão.¹¹⁸

As mudanças exaltadas pelo movimento protestante, não foram tidas em conta pela Igreja aquando da realização do Concílio, esta procurava, sim, abrandar o seu progresso e restabelecer o poder católico. Segundo o Papa Francisco, “(...) na época da Contra-Reforma, a Igreja Católica quis afirmar-se contra as Igrejas Protestantes; então, suas igrejas se caracterizavam pelo pomposo estilo barroco e o centro é, não mais o altar, mas o tabernáculo, insistindo na presença real de Jesus Cristo na hóstia sagrada. (2004)”. Desta forma, a unificação proclamada nunca foi alcançada, ficando o mundo cristão inevitavelmente dividido.¹¹⁹



Figura 28 - Pintura alusiva ao Concílio de Trento

¹¹⁸MARTINS, Jorge; *Arquitetura religiosa Pós-Concílio Vaticano II: Adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico: caso do Alto Minho; tese para obtenção do grau mestre em Arquitetura na Escola Superior de Gallaecia*; 2015; p.83.

¹¹⁹MARTINS, Jorge; *Op.Cit.*; p.83.

4.2 Concílio Vaticano II

No dia 11 de Outubro de 1962, deu-se início, com uma solene cerimónia, na Basílica de São Pedro, em Roma, ao Concílio Ecuménico Vaticano II, perante cerca de 2500 cardeais, bispos e superiores de congregações e ordens religiosas. O papa João XXIII abriu o evento com a premissa de refletir sobre os problemas e futuro da Igreja e “Fomentar a vida cristã entre os fiéis, adequar às necessidades do nosso tempo as instituições suscetíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união dos que acreditam em Cristo e impulsionar tudo o que pode contribuir para chamar todos ao seio da Igreja”¹²⁰¹²¹

Teve lugar num contexto histórico, onde se vivia dentro de uma realidade materialista, de uma crise provocada pela disparidade entre povos, num crescente individualismo e onde a sociedade se encontrava numa veloz transformação devido, sobretudo, às inovações tecnológicas. Segundo o Papa Paulo VI o Concílio Vaticano II foi realizado, *“num tempo em que, como todos reconhecem, os homens estão voltados mais para a conquista da terra do que para o reino de Deus; foi num tempo em que o esquecimento de Deus se torna habitual, como se os progressos da ciência o aconselhassem; foi num tempo em que o ato fundamental da pessoa humana, mais consciente de si e da sua liberdade, tende a exigir uma liberdade total, livre de todas as leis que transcendam a ordem natural das coisas; foi num tempo em que os princípios do laicismo aparecem como a consequência legítima do pensamento moderno e são tidos quase como norma sapientíssima segundo a qual a sociedade humana deve ser ordenada; foi num tempo em que a razão humana pretende exprimir o que é absurdo e tira toda a esperança; foi num tempo, finalmente, em que as religiões étnicas estão sujeitas a perturbações e transformações jamais experimentadas. Foi neste tempo que se celebrou o nosso Concílio para glória de Deus, em nome de Cristo, com a inspiração do Espírito Santo que «tudo perscruta» e que continua a ser a alma da Igreja, «para que conheçamos os dons de Deus», quer dizer, fazendo com que a Igreja conheça profundamente sob todos os aspetos a vida humana e o mundo.”* (Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II). Perante estas circunstâncias a Igreja Católica manifestou-se, tendo procurado renovar os seus princípios, de forma a ter um papel crucial na sociedade contemporânea.¹²²

¹²⁰Movimento de renovação da arte religiosa: Boletim. Lisboa, Dezembro/ Janeiro de 1963/1964, nº24.

¹²¹MARTINS, Jorge; Arquitetura religiosa Pós-Concílio Vaticano Vaticano II: Adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico: caso do Alto Minho; tese para obtenção do grau mestre em Arquitetura na Escola Superior de Gallaecia; 2015; p.80.

¹²²Epilogo Concílio; Acedido online In: http://m2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-Concilio.html; Consultado Online: 23 de Fevereiro de 2020.

A sua primeira ação fora a constituição conciliar *Sacrossanctum Concilium*, sobre a Sagrada liturgia no ano de 1963.

O Concílio durou 3 anos, durante os quais foram promulgados 16 documentos, entre eles encontram-se. *Dei verbum* (sobre a revelação e a escuta e transmissão da palavra de deus) *Lumen Gentium* (sobre a Igreja), *Sacrosanctum Concilium* (sobre a liturgia) e *Gaudium et Spes* (sobre a relação da Igreja com o mundo moderno), findando os seus trabalhos já sob o pontificado do papa Paulo VI, em Setembro de 1965.¹²³

Foram definidas 4 premissas cruciais: Liturgia unida na diversidade – a fé é apenas uma, mas expressada em diferentes línguas e rituais; Liturgia viva – A vida moderna tende a seguir o progresso e a liturgia deve acompanhar a vida; Liturgia do povo e da assembleia cristã – A participação do povo é necessária à liturgia; Liturgia que cante – O canto tem de estar presente na liturgia.¹²⁴

Relativamente à arte sacra é definido que a mesma seja simples e funcional dentro do espaço religioso, no qual as imagens devem ser escassas e com valor artístico.

¹²⁵

A importância da comunidade é defendida pelo Concílio na conceção da nova Igreja, onde a mesma deve ser convidada a integrar e participar ativamente nos atos e ritos litúrgicos: “As mais nobres necessidades do homem moderno deverão encontrar nela satisfação: o desejo de passar do superficial ao que é central e essencial: a ambição de clareza, luminosidade e visibilidade; o veemente anelo de silêncio e paz, de calor e segurança”^{126 127}.

O Concílio surge na sequência dos importantes e influenciadores Movimento Moderno e Movimento Litúrgico, tendo a sua realização, como objetivos principais, a reflexão profunda sobre o papel da Igreja e a sua adequação à realidade do século XX e à integração e aproximação dos fiéis à Igreja. Apesar de ter permitido o diálogo e abertura da Santa Sé ao Mundo, através da sensibilidade do Papa João XXIII e ter possibilitado a renovação e reforma da Igreja, contou com a desconfiança e rejeição dos membros mais conservadores da Cúria Romana (órgão administrativo da Santa Sé). Todavia, a aproximação da igreja aos fiéis e a consequente abertura ao Mundo demonstra o enorme impacto do Concílio Vaticano II. Verificaram-se alterações

¹²³MARTINS, Jorge; *Arquitetura religiosa Pós-Concílio Vaticano II: Adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico: caso do Alto Minho; tese para obtenção do grau mestre em Arquitetura na Escola Superior de Gallaecia; 2015; p.80/ COBIAN, Esteban Fernandez; Como construir igrejas antes do Concílio Vaticano II; p.17-19*

¹²⁴FILIFE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; p.280.

¹²⁵ FILIFE; Fátima Alexandra Barreto; Op. Cit.; p.280.

¹²⁶Idem; pp.280-281.

¹²⁷ATANÁSIO, Manuel Mendes, padre - *Arte moderna e arte da Igreja: critérios para julgar e normas de construção*. Coimbra: Ministério das Obras Públicas. Centro de Estudos de Urbanismo, 1959. p.88.

importantes na vivência e percepção do espaço religioso, tais como, a utilização das línguas vulgares na missa em vez do tradicional latim e a alteração do posicionamento do Padre na celebração da Eucaristia, passando o mesmo a estar de frente para os fiéis e não para o altar.¹²⁸

O Concílio Vaticano II quebrou com o pensamento existente e consequentemente permitiu a evolução do mesmo, tornando possível a renovação da espiritualidade de Igreja.¹²⁹ Começava, assim, uma nova era, onde a Igreja passou a relacionar-se de forma mais aberta com os fiéis, relação esta assente na paz, ecumenismo e respeito pela liberdade religiosa. ¹³⁰

¹²⁸MARTINS, Jorge; *Arquitetura religiosa Pós-Concílio Vaticano II: Adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico: caso do Alto Minho*; tese para obtenção do grau mestre em Arquitetura na Escola Superior de Gallaecia; 2015; p.80/ COBIAN, Esteban Fernandez; *Como construir igrejas antes do Concílio Vaticano II*; p.17-19.

¹²⁹MARTINS, Jorge; *Op. Cit.*; p.80

¹³⁰Idem; p.84.

4.3 Sacrossanctum Concilium

A constituição conciliar *Sacrossanctum Concilium* debruçou-se sobre a renovação da liturgia da Igreja Católica, tendo sido o primeiro documento a ser aprovado por todos e promulgado em 1963 pelo papa Paulo VI.¹³¹

A mudança era evidente aquando da participação dos fiéis na Eucaristia e consequente, fortalecimento da sua relação com a igreja. Eram agora convidados a participar no atos e ritos litúrgicos. A reforma litúrgica impulsionou, assim, a mudança na forma como os fiéis frequentavam o espaço sagrado, nomeadamente na alteração do latim para a língua corrente, alteração esta que se verificou crucial na compreensão e interação da comunidade cristã, na missa.¹³²

Neste documento são aprofundados temas relativos aos sacramentos, como o batismo e matrimónio, instituindo diretrizes, nomeadamente em relação à música, vestes litúrgicas e a devoção aos santos e a Maria.¹³³

Em termos práticos, a Constituição referida é composta por sete capítulos: 1º: Princípios gerais em Ordem à Reforma e Incremento da Liturgia; 2º: O Sagrado Mistério da Eucaristia; 3º: Os outros Sacramentos e os Sacramentais; 4º: O Ofício Divino; 5º: O Ano Litúrgico; 6º: A Música Sacra; 7º: A Arte Sacra e as Alfaias Litúrgicas. Rege também a Arte Sacra, onde se insere a arquitetura, estabelecendo as novas diretrizes para o novo espaço sagrado e litúrgico. Conceções arquitetónicas ditadas pelo Movimento Litúrgico, como a centralidade do altar, participação ativa dos fiéis, diminuição de elementos devocionais, entre outros, são agora consolidados. Sobre esta área relembra que a igreja assume todo o estilo de arte, mas que se deve guiar através da liturgia. A Igreja deve, portanto, aderir à arte, contemporânea, não descartando e desvalorizando todas as obras concebidas, até então. Segundo o papa Paulo VI “A igreja deve reconhecer as novas formas artísticas, que se adaptem as exigências dos nossos contemporâneos. Sejam admitidas nos templos quando, com linguagem conveniente e conforme as exigências litúrgicas levantam o espírito a Deus. Deste modo, o conhecimento de Deus e mais perfeitamente manifestado; a pregação evangélica torna se mais compreensível ao espírito dos homens e aparece como integrada nas suas condições normais de vida”.¹³⁴¹³⁵

¹³¹CAPTIVO, Teresa; *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica*; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura no Instituto técnico de Lisboa; p.15.

¹³²CAPTIVO, Teresa; Op. Cit.; p.15.

¹³³Idem; p.15.

¹³⁴MARTINS, Jorge; *Arquitetura religiosa Pós-Concílio Vaticano II: Adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico: caso do Alto Minho*; tese para obtenção do grau mestre em Arquitetura na Escola Superior de Gallaecia; 2015; p.91.

¹³⁵Gaudium et Spes (Constituição sobre a Igreja no mundo atual), 62.

4.4 Concílio Vaticano II – O novo espaço sagrado

A igreja entendida como edifício, ao longo da história, fora concebida em diversos estilos e formas, para diferentes realidades e comunidades. Na Idade Média, apesar de toda a beleza e monumentalidade das igrejas, a assembleia litúrgica extinguiu-se como consequência do afastamento entre o clero e os fiéis, causado entre outros, por pensamentos como a salvação dos crentes de modo individual. O espaço sagrado é desta forma modificado na sua conceção, organização e celebração litúrgica. É estruturado de cima para baixo, onde o presbitério é o local principal da celebração, com o intuito de reservar a celebração somente ao clero, os únicos capazes de compreender a liturgia. Espacialmente os fiéis encontram-se, portanto, separados e distantes dos membros eclesiais.¹³⁶

Com o objetivo de contrariar a falta de participação dos fiéis na celebração litúrgica, o Concílio Vaticano II aprovou a Constituição Litúrgica a 4 de Dezembro de 1963, findando assim a era da Liturgia da Idade Média. Em “*Sacrosantum Concilium*” (1963) foram feitas recomendações para que o espaço sagrado, relaciona-se de uma forma mais ativa os fiéis com a liturgia:

“Na construção de edifícios sagrados, tenha-se grande preocupação de que sejam aptos para lá se realizarem ações litúrgicas e permitam a participação ativa dos fiéis”.¹³⁷

Documentos como “*Presbyterorum Ordinis*” (1965), “*Instrução Inter Oecumenici*” (A primeira, *Inter Oecumenici*, foi publicada pela Sagrada Congregação dos Ritos e pelo “*Consilium*” para a aplicação da Constituição Litúrgica, a 26 de Setembro de 1964, e continha os princípios gerais de base para a ordenada aplicação da renovação litúrgica.) e “*Instrução Geral do Missal Romano*” (em latim: *Institutio Generalis Missalis Romani*). Como o próprio nome indica, refere-se a um documento, promulgado pelo papa, com a finalidade de instruir os celebrantes (bispo, padre, diácono e de um modo geral todos que se envolvem no desenvolvimento das celebrações eucarísticas) sobre como celebrar a missa no rito latino. Orientadores da liturgia pós-conciliar, possuem de forma pormenorizada, todas as recomendações existentes em “*Sacrosantum Concilium*” sobre a Arte Sacra, onde a Arquitetura se insere. Foram, portanto, os alicerces da reforma litúrgica aquando da adequação e alteração do espaço religioso.¹³⁸

¹³⁶COBIAN, Esteban Fernandez; Como construir igrejas antes do Concílio Vaticano II; pp.17-19.

¹³⁷MARTINS, Jorge; Arquitetura religiosa Pós-Concílio Vaticano II: Adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico: caso do Alto Minho; tese para obtenção do grau mestre em Arquitetura na Escola Superior de Gallaecia; 2015; pp.80-81.

¹³⁸COBIAN, Esteban Fernandez; Como construir igrejas antes do Concílio Vaticano II; pp.20-21.

Não só os ritos e textos deveriam ser refletidos segundo as novas bases doutrinárias, mas também o espaço religioso teria de ser repensado e definido, permitindo assim, a conceção de uma nova arquitetura religiosa. Sendo grande a determinação de aproximar os fiéis à celebração litúrgica, foram realizadas importantes recomendações no espaço religioso: a implementação de um único altar, separado da parede, tornando-se este uma mesa, posicionada no centro do presbitério permitindo ao celebrante possuir uma nova posição, de frente para a assembleia, introdução e o posicionamento de um ambão permanente por cima do altar assim como da cadeira do celebrante, de forma, a que os fiéis possam ver e ouvir com clareza, a remoção do tabernáculo por cima do altar, relocando-o para um altar lateral ou altar-mor, a remoção do corrimão que separava o presbitério (antes do Concílio destinava-se apenas ao clero) da nave devido a instauração da comunhão da procissão, a criação de um local fixo para os fiéis e a inserção de um novo rito batismal.

A comunidade cristã deixa, assim, de ser meramente espectadora, recuperando, ao fim de vários séculos, a sua importância e destaque, voltando a ser o centro da liturgia e participando ativamente e conscientemente em todas as ações litúrgicas.¹³⁹

Fora com rapidez que a transição ocorreu, deixando para trás as realidades existentes até então, mesmo com a desconfiança e discórdia dos críticos, veementes ignoradas pelos responsáveis do Concílio Vaticano II.¹⁴⁰

¹³⁹COBIAN, Esteban Fernandez; Como construir igrejas antes do Concílio Vaticano II; pp.20-21.

¹⁴⁰COBIAN, Esteban Fernandez; pp.20-21.

4.5 As diretrizes para o novo espaço sagrado

A conceção de igrejas, após o Concílio Vaticano II, deveria ser pensada sob uma nova perspectiva, na qual o Homem se encontra no centro da celebração litúrgica, ou seja, deveria ser a casa da comunidade cristã, o abrigo da assembleia de fiéis. Assim sendo, como já referido anteriormente, documentos conciliares como “*Presbyterorum Ordinis*” foram de extrema importância para a reformulação e orientação do novo espaço sagrado. O documento anteriormente mencionado refere que o espaço sagrado deve ser local de celebração e oração não só nas cerimónias, mas também fora das mesmas:¹⁴¹

5. Os presbíteros, ministros dos sacramentos

A casa de oração em que é celebrada e conservada a Santíssima Eucaristia, e os fiéis se reúnem, e na qual a presença do Filho de Deus, nosso Salvador, oferecido por nós no altar do sacrifício, é venerada para auxílio e consolação dos fiéis, deve ser nobre e apta para a oração e para as cerimónias sagradas.¹⁴²

Mas é “*Sacrossanctum Concilium*” que detém maior importância nas orientações para a arte sacra nomeadamente na arquitetura. Este documento conciliar refere que a igreja deve ser, antes de tudo, uma construção funcional adequada as ações litúrgicas, possibilitando assim a participação activa dos fiéis:¹⁴³

124. Obras belas, apropriadas para os lugares sagrados

Os Ordinários, ao promoverem uma verdadeira Arte sacra, busquem mais a nobre beleza que a mera sumptuosidade. Isto deve aplicar-se também às vestes e ornamentos sagrados. Procurem cuidadosamente os Bispos que sejam excluídas dos tempos e outros lugares sagrados as obras artísticas contrárias à fé, aos costumes e à piedade cristã e ofendem o sentido verdadeiramente religioso, quer pela depravação das formas, quer pela insuficiência, mediocridade ou falsidade da expressão artística. Na construção de edifícios sagrados, procure-se com diligência que sejam aptos para o desenvolvimento das ações litúrgicas e favoreçam a participação ativa dos fiéis.¹⁴⁴

¹⁴¹SEEGERER, Christian Michael; *Arquitetura Sacra Contemporânea, Levantamento e análises de obras (2000-2015)*, para obtenção e de pós-graduação em arquitetura e urbanismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo; p.40

¹⁴²SEEGERER, Christian Michael; Op. Cit; p.40

¹⁴³Idem; p.42

¹⁴⁴Ibidem; p.42

128. Legislação sobre a Arte sacra

Sejam revistos o mais depressa possível, juntamente com os livros litúrgicos, – conforme dispõe o art.º. 25, – os cânones e estatutos eclesiásticos relativos às coisas externas que se referem ao culto, sobretudo quanto à construção funcional e digna dos edifícios sagrados, à construção e forma dos altares, à nobreza, disposição e segurança dos sacrários, à dignidade e funcionalidade do batistério, à conveniente disposição das imagens, à decoração e ornamentos. As normas que parecem menos de acordo com a reforma da Liturgia corrijam-se ou sejam suprimidas; as que a favorecem mantenham-se ou sejam introduzidas.¹⁴⁵

Assim sendo, dos documentos conciliares mencionados, entre outros e de documentos pos conciliares, resultaram um conjunto de diretrizes que actuam na concepção do espaço sagrado, nomeadamente:¹⁴⁶

- (1) **Na disposição da assembleia**, os fiéis devem beneficiar de visão livre e desobstruída para o altar e obter maior proximidade com o espaço celebrativo. O altar, o ambão e a cadeira do sacerdote celebrante devem ser o foco de toda a ação litúrgica, ou seja, é para estes elementos que toda a atenção deve estar voltada. O modo como são dispostos e organizados os lugares dos celebrantes no espaço sagrado é esclarecedor sobre a forma como se compreendem entre si, a Igreja e a comunidade cristã. É necessário, portanto, a colocação de bancos ou cadeiras que não possam ser reservados a ninguém. Conforme descrito em Instrução Geral do Missal Romano (273 |311|) “(...) o lugar destinado aos fiéis deve ser objeto de particular cuidado, dispondo-o de modo a permitir-lhes participar nas celebrações sagradas com o corpo e com o espírito.”, ou seja, é necessário que os lugares sejam colocados com o intuito de possibilitar aos fiéis adquirirem as suas posições nas distintas partes da celebração, aproximando-se facilmente da Sagrada comunhão e assim participarem ativamente na mesma. Também em “*Sacrossanctum Concilium*” (.14) estão descritas as mesmas intenções: “É desejo da santa Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação na celebração litúrgica que a própria natureza da liturgia exige e à qual, por força do batismo, o povo cristão, tem direito e obrigação”.¹⁴⁷

¹⁴⁵SEEGERER, Christian Michael; *Arquitetura Sacra Contemporânea, Levantamento e análises de obras (2000-2015)*, para obtenção e de pós-graduação em arquitetura e urbanismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo; p.40.

¹⁴⁶OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas; *A produção do espaço sagrado na arquitetura contemporânea – A interpretação da tradição católica a partir do séc. XX*, para obtenção de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais; p.55.

¹⁴⁷OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas; *Op. Cit.*; p.56.

- (2) **O Altar** é o elemento central do espaço sagrado é o “símbolo do sacramento Eucarístico”. Esta centralidade é evidente na Instrução Geral do Missal Romano (296): “O altar em que se torna presente sob sinais sacramentais o sacrifício da cruz, é também mesa do Senhor, na qual o povo de Deus é chamado a participar quando é convocado para a missa; o altar é também o centro da ação de graças celebrada na Eucaristia”. Mesa e altar são elementos que remetem para dois momentos essenciais da celebração, a ceia e o sacrifício, por isso, o altar-mesa, como ponto de referência do espaço sagrado e o elemento de maior destaque, é onde, ao seu redor, se desenrola toda a ação litúrgica, assim sendo deve “ser construído afastado da parede, de modo a permitir andar em volta dele e celebrar a missa de frente para o povo.” É necessário, portanto que o altar tenha um espaço livre a sua volta. O altar deve ser no espaço sagrado como a mesa é o centro da própria casa, onde à sua volta são consolidadas relações, criando intimidade entre todos.¹⁴⁸

O altar deve ocupar um lugar que seja de fato o centro para onde espontaneamente se volte a atenção de toda a assembleia dos fiéis. Esta centralidade presente na Instrução Geral do Missal Romano (299) não é referente a questões geométricas, ou seja o altar não tem que se situar no centro geométrico do espaço sagrado mas sim ser entendida como símbolo de reunião (entre os fiéis) e da presença de Cristo, “O altar deve ser colocado e construído de maneira que apareça sempre como sinal do próprio Cristo, lugar onde se realizam os mistérios da salvação e como centro da assembleia dos fiéis, ao qual se deve o máximo respeito.” Para que a celebração seja coerente juntamente com o celebrante, o altar deve estar localizado estrategicamente e para que isso seja possível e necessário principalmente que os quatro lados que compõe este elemento tenham todos a mesma importância, por isso a forma quadrada é preferível. (o altar retangular remete para a perspectiva de barreira indo de encontro, portanto ao espírito pré conciliar contrariando o novo espírito da reforma litúrgica). O material escolhido para concepção deste elemento deve ser a pedra podendo, contudo, ser utilizado outro material nobre, sólido e trabalhado na perfeição. Relativamente às suas dimensões, deve adequar-se ao espaço sagrado e permitir a colocação de objetos imprescindíveis a celebração da missa, nomeadamente o Evangeliário, o cálice com a patena, o cibório, o purificador, a pala e o missal. Por fim, a ornamentação deve ser sutil e colocada junto ao altar e não sob o mesmo conforme recomendações do IGMR (.305)¹⁴⁹

¹⁴⁸OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas; A produção do espaço sagrado na arquitetura contemporânea – A interpretação da tradição católica a partir do séc. XX, para obtenção de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais; p.55.

¹⁴⁹OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas; A produção do espaço sagrado na arquitetura contemporânea – A interpretação da tradição católica a partir do séc. XX, para obtenção de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais; pp.56-57

- (3) **O ambão** adquiriu novamente o seu valor com os documentos da reforma litúrgica. Em “*Sacrossanctum Concilium*” não lhe é feita qualquer referência, só posteriormente, na Instrução Geral do Missal Romano é mencionado como sendo “o lugar de proclamação das leituras”, ou seja, o lugar no qual se ouve a Palavra de Deus. Deve-se encontrar num lugar significativamente amplo, adquadro as ações que nele se realizam, mais elevado em relação ao presbitério e fixo, reforçando, assim, a sua importância dentro do espaço sagrado. Do ambão são realizadas as leituras, o salmo responsorial e o precônio pascal, podendo, contudo, ser proferidas a homilia e a oração universal (dos fiéis) por este motivo deve estar colocado de forma a que os fiéis oçam e observem facilmente os leitores.

Nos Preliminares do Ornamento das Leituras da Missa (33) “Como o ambão e o lugar de onde os ministros anunciam a palavra de Deus, deve reservar-se por sua própria natureza as leituras, ao salmo responsorial e ao precônio pascal. No entanto a homilia e a oração dos fiéis podem proferir-se do ambão, dada a íntima conexão destes elementos com toda a liturgia da palavra. Não é conveniente que outros subam ao ambão, por exemplo, o comentador, o cantor ou aquele que dirige os cânticos”. A ornamentação deve ser sóbria, podendo ser utilizadas flores, vivas símbolo de esperança, mas tendo presente a ideia de que a luz e a melhor decoração, conectada a simbologia do espaço sagrado.¹⁵⁰

(4) A cadeira do sacerdote celebrante “deve manifestar a sua função de presidir a assembleia e dirigir a oração.” A homilia deve, assim, ser proferida a partir da cadeira do sacerdote celebrante. Segundo Instrução Geral sobre o Missal Romano “deve-se evitar-se toda a espécie de trono”, ou seja, deve ser rejeitada qualquer aparência semelhante a um trono porque tal aparência se tratava “de uma corrupção a insígnia episcopal.” Segundo o Rito descrito no Ritual Romano, a cadeira do sacerdote celebrante deve ser benzida antes de qualquer ato ou uso litúrgico. Relativamente a sua localização a orientação segundo a Segundo Instrução Geral sobre o Missal Romano é ao fundo do presbitério, de frente para o povo, a não ser que a arquitetura da igreja ou outras circunstâncias o não permitam: por exemplo, se viesse a ficar demasiado distante e tornasse difícil a comunicação entre o sacerdote e a assembleia dos fiéis” Deve ser colocada de forma a que os atos litúrgicos que neste assento aconteçam sejam realizados apropriadamente tanto visualmente como auditivamente, para todos,

¹⁵⁰OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas; Op. Cit.; pp.57-58.

nomeadamente aquando dos ritos iniciais e finais da missa e na celebração da palavra, na qual o sacerdote celebrante ocupa lugar.

O seu aspeto deve demonstrar de modo simples e verosímil a ação e ofício do sacerdote.

¹⁵¹

(5) O batistério deverá localizar-se num local amplo, adequado a ação que nele decorre, o batismo, “ seja capela situada dentro ou fora da igreja, seja em outro lugar dentro da igreja á vista dos fiéis, de futuro construir-se-á por forma a corresponder a uma numerosa participação” ou seja não existe um lugar específico para o batistério dentro do espaço sagrado, mais relevante é ser visível a toda a comunidade dentro do mesmo.

O sacramento do batismo pode ser realizado por infusão ou imersão, contudo “O rito de imersão é mais apto para significar a participação na morte e ressurreição de Cristo” segundo As Introduções Gerais dos Livros Litúrgicos – Iniciação Cristã, Observações, Preliminares Gerais, (n. 22). Como tal o espaço destinado a iniciação cristã deve ter dimensões e configuração adequadas ao sacramento do batismo. ¹⁵²

(6) O Sacrário segundo orientações do Instrução Geral sobre o Missal Romano (n. 314), “(...) seja conservado num tabernáculo, colocado em lugar de honra da igreja, suficientemente amplo, visível, devidamente decorado e que favoreça oração. Normalmente o tabernáculo seja um único, inamovível, feito de material sólido e inviolável não transparente, e fechado de tal modo que se evite só máximo o perigo de profanação”. Na Sagrada Congregação dos Ritos, Instrução sobre o culto do Mistério Eucarístico, (n. 53), “O lugar do oratório onde se conserva a Eucaristia no sacrário seja realmente nobre. Ao mesmo tempo, convém que ele seja também apropriado para a oração particular, de modo que os fiéis, com facilidade e proveito, continuem a venerar, em culto privado, o Senhor no Santíssimo Sacramento. Por isso, recomenda-se que o sacrário, na medida do possível, seja colocado numa capela separada da nave central da igreja, sobretudo naquelas igrejas onde há, com frequência, casamentos ou funerais, ou naquelas que são frequentadas por muita gente por causa dos tesouros artísticos e históricos”. Aqui abre-se a possibilidade de um maior número de fiéis poderem com privacidade, recolher-se, para maior união com o Senhor. ¹⁵³

¹⁵¹ OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas; A produção do espaço sagrado na arquitetura contemporânea – A interpretação da tradição católica a partir do séc. XX, para obtenção de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais; p.58.

¹⁵² OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas; Op. Cit.; p.61.

¹⁵³ OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas; A produção do espaço sagrado na arquitetura contemporânea – A interpretação da tradição católica a partir do séc. XX, para obtenção de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais; pp.58-59.

(7) O **Coro** anteriormente localizado afastado da assembleia, destacado e mais alto, recomenda-se agora, segundo a Instrução Geral sobre o Missal Romano: “Levando em conta a estrutura de cada igreja, o coro deve estar colocado de modo que: a) apareça claramente sua natureza, isto é, a de formar uma parte da comunidade de fiéis reunida e a de desempenhar uma função especial; b) a execução de seu ministério litúrgico se torne mais fácil; c) permita comodamente a cada um de seus membros a plena participação na Missa, quer dizer, a participação sacramental”.¹⁵⁴

(8) O **altar lateral** é um elemento que deve estar presente no interior do espaço sagrado, contudo inserido em capelas separadas do corpo da igreja.¹⁵⁵

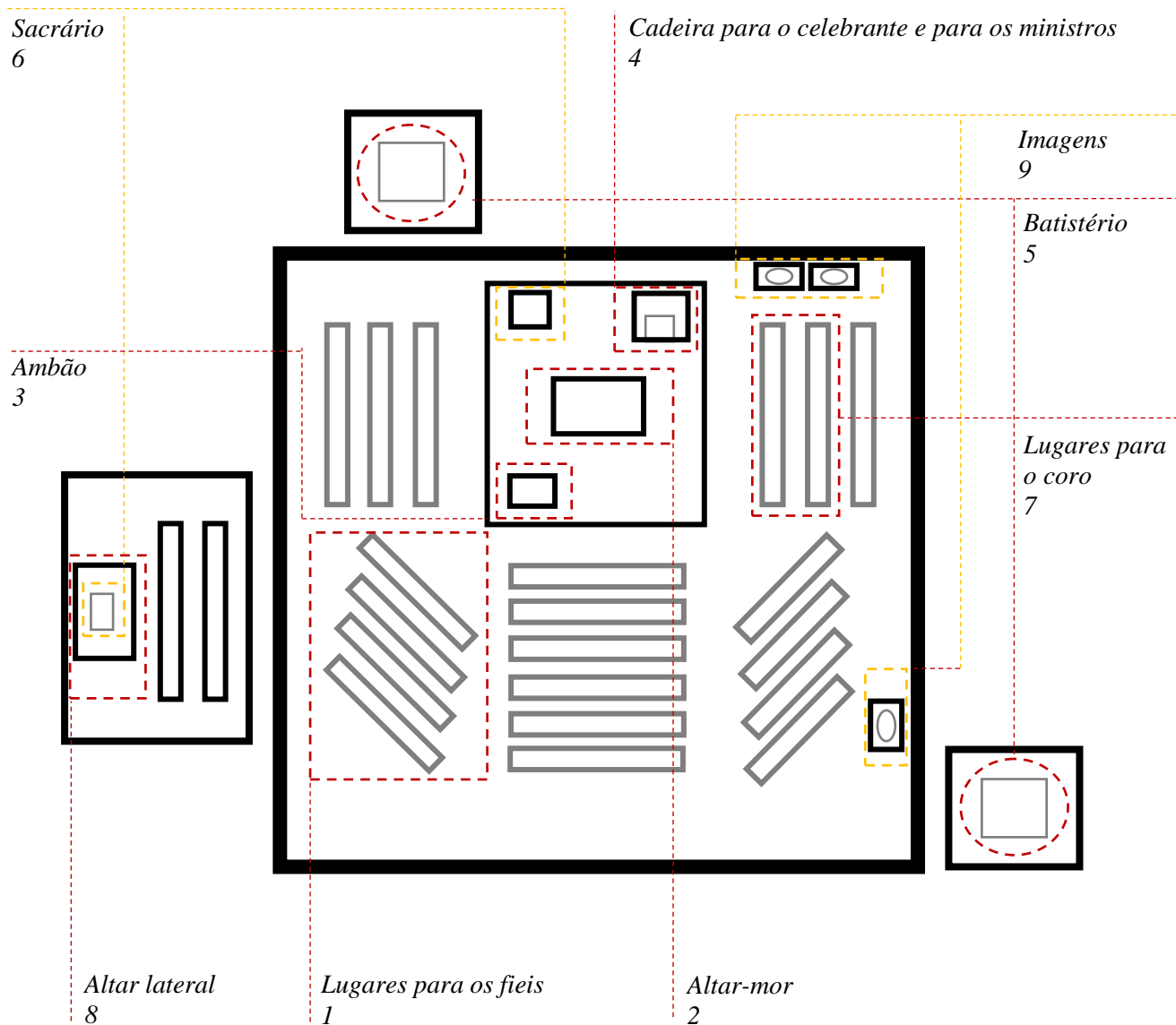
(9) O uso de **imagens** deve ser comedida e expostas com o intuito de serem veneradas. Devem atribuir dignidade e beleza ao culto, respeitando as diretrizes do rito litúrgico.¹⁵⁶

¹⁵⁴OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas; Op. Cit.; p.59.

¹⁵⁵Idem; p.59.

¹⁵⁶Ibidem; p.59.

As alterações definidas pelo Concílio Vaticano II, permitem uma maior simplicidade, depuração ornamental e funcionalismo, aquando da conceção do espaço sagrado. O novo edifício religioso, tendo por objetivo servir os fiéis, deixa de ser entendido como Templo, passando a ser entendido com edifício-igreja.¹⁵⁷



Esquema A - síntese das diretrizes do Concílio Vaticano II para os espaços religiosos.

¹⁵⁷OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas; A produção do espaço sagrado na arquitetura contemporânea – A interpretação da tradição católica a partir do séc. XX; para obtenção de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais; p.62

4.6 A Missa

A Igreja é entendida, pelo Concílio Vaticano II, como a comunidade do povo de Deus, assim como, a liturgia é entendida como a celebração da comunidade. A participação ativa por parte dos fiéis foi desde o início o principal objetivo do Concílio, tendo sido o mote de toda a arquitetura religiosa construída após o mesmo. Em *Sacrosanctum Concilium* esta premissa é evidente, “É desejo ardente na mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da Liturgia exige e que é, por força do Batismo, um direito e um dever do povo cristão, raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido.”¹⁵⁸ (1 Ped. 2,9; cfr. 2, 4-5).¹⁵⁹

Assim sendo, a forma como os fiéis passaram a vivenciar e experienciar o espaço religioso, alterou consideravelmente o momento da missa, a qual, antes deste evento, tinha o sacerdote, no presbitério e de costas para os celebrantes dirigindo-se apenas aos mesmos durante a homilia, usando o idioma local, em todos os outros momentos utilizava somente o latim. A participação dos fiéis era, portando, reduzida e passiva.¹⁶⁰

Durante a celebração da missa permaneciam de pé, sentando-se somente no momento da homilia e colocando-se de joelhos após a consagração. Posteriormente ao Concílio, a missa passou a realizar-se em 3 pontos litúrgicos: a assembleia para as saudações e ritos penitenciários, o ambão para a liturgia da Palavra e o altar para a eucaristia. A posição dos fiéis muda, portanto, com frequência, influenciando deste modo a construção dos espaços interiores das igrejas. O diálogo e interação com o sacerdote é mais significativa, sendo fundamental o mesmo estar posicionado de forma a ser visto e ouvido, sem dificuldade. Os fiéis passam a ser ouvidos durante o ato penitenciário e na liturgia da Palavra.¹⁶¹

As mudanças foram notáveis e o objetivo principal do Concílio fora alcançado, a liturgia chega, assim a todos. Segundo o Papa João Paulo II o Concílio deve ser reconhecido como “a grande graça da qual a Igreja se beneficiou no século XX: nisso nos é oferecido uma bússola segura para nos orientar no caminho do século que se abre.”¹⁶²

¹⁵⁸MARTINS, Jorge; *Arquitetura religiosa Pós-Concílio Vaticano II: Adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico: caso do Alto Minho; tese para obtenção do grau mestre em Arquitetura na Escola Superior de Gallaecia; 2015; pp.64-65.*

¹⁵⁹CAPTIVO, Teresa; *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura no Instituto técnico de Lisboa; p.14.*

¹⁶⁰ CAPTIVO, Teresa; *Op. Cit.*; p.14-15.

¹⁶¹Princípios na arquitetura das igrejas pós-conciliares. Acedido online In: <https://leiria-fatima.pt/noticias/36-principios-na-arquitetura-das-igrejas-pos-conciliares-na-diocese-de-leiria-fatima/>; Consultado Online: 25 de Fevereiro de 2020.

¹⁶²Princípios na arquitetura das igrejas pós-conciliares. *Op. Cit.*

Capítulo 5

5. Movimento de Renovação de Arte Religiosa

5.1 O MRAR – Introdução

Em Portugal, os primeiros passos em direção à mudança do panorama da arquitectura religiosa, só viriam a ser dados, de forma mais tardia, na década de 50, com o Movimento de Renovação da Arte Religiosa, facto que se deveu à realidade política ditatorial vivida entre 1933 e 1974, que não permitiu e censurou o acesso às conjunturas mais livres e renovadoras de alguns países europeus.¹⁶³

Muitas foram as formas de atuação do MRAR, desde reuniões, exposições, análise de projetos à organização de concursos para conceber novos espaços religiosos, mas foi através do Boletim publicado entre 1947 e 1954 que se viu ser catapultado, ganhando maior visibilidade e influência.¹⁶⁴

Até 1965, o MRAR manteve-se activo em inúmeras actividades, de forma a promover a conceção das novas ideias artísticas e pastorais em todos os campos da arte religiosa. Através de um conjunto de iniciativas difundidas pelo mesmo, contribuíram, em cerca de uma década, para a renovação da arquitectura religiosa, renovando mentalidades apesar das barreiras políticas e económicas que encontrou e enfrentou durante a sua existência.



Figura 29 - Desenho ilustrativo de uma reunião do MRAR de autoria de José Escada

¹⁶³FERNANDES, José Manuel; Igrejas do século XX, Arquitecturas na região centro de Lisboa; Caleidoscopio;2014; Lisboa; p.19 / AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor; Consultado In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf; Consultado online: 12 de março.

¹⁶⁴PEREIRA; José Carlos Francisco; O Movimento de renovação da Arte Religiosa e o Papel Artístico e Pastoral do seu Boletim; p.441-442 / AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor; Consultado In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf; Consultado online: 12 de março.

5.2 O MRAR

No rescaldo do pós guerra e seguindo os movimentos europeus de cariz semelhante, o Movimento Renovador de Arte Religiosa constituiu, em Portugal, um programa artistico, pastoral e politico, contrariando o caráter revivalista e tradicional das igrejas constuidas desde o final do século XIX.¹⁶⁵

Em Outubro de 1952 nasce o MRAR com o objetivo de dignificar e valorizar a arte sacra e a arquitetura religiosa em Portugal, pela mão de um grupo de artistas, arquitetos e historiadores católicos, do qual fazem ainda parte, além dos nomes já referidos anteriormente, figuras como, Manuel Cargaleiro¹⁶⁶, Erich Corsépius¹⁶⁷, Bartolomeu Costa Cabral¹⁶⁸, José Escada¹⁶⁹, António Freitas Leal¹⁷⁰, José Maya Santos¹⁷¹, Maria José de Mendonça¹⁷², Madalena Cabral.¹⁷³ Nuno Teotónio Pereira refere que “ (...) a ideia de formação do MRAR não nasceu: impôs-se-nos. Teve de ser. Vivendo uma realidade especificamente gravosa, a arquitetura religiosa requeria especialíssimas exigências de verdade, harmonia e dignidade. Pois, quando se verifica, na maior parte das igrejas mais recentes, ter sido esquecido o espírito do Evangelho,

¹⁶⁵MRAR; Acedido In: https://www.snpcultura.org/obs_13_movimento_renovacao_arte_religiosa.html; Consultado Online: 6 de Março de 2020.

¹⁶⁶Manuel Cargaleiro Pintor e ceramista português, nasceu em 1927 na Beira Baixa. In Infopédia; Porto Editora; Porto; in: [https://www.infopedia.pt/\\$manuel-cargaleiro](https://www.infopedia.pt/$manuel-cargaleiro); Consultado Online: 6 de março de 2020.

¹⁶⁷Erich Corsépius; Arquiteto, formado na escola de belas artes de lisboa em 1957. Nasceu na Horta, Açores em 1929 tendo falecido no ano de 2009. FERNANDES, José Manuel; Igrejas do século XX, Arquiteturas na região centro de Lisboa; Caleidoscopio;2014; Lisboa; p.64.

¹⁶⁸Bartolomeu Costa Cabral; Nasceu em Lisboa em 1929. Formou-se em arquitetura em 1957 na Escola superior de belas artes em lisboa, tendo sido colaborador no atelier de Nuno Teotónio Pereira. Acedido online In: <https://espacodearquitetura.com/eventos/a-etica-das-coisas-bartolomeu-costa-cabral-arquitetura-1953-2012/>; Consultado Online: 7 de Março de 2020.

¹⁶⁹José Escada; foi um artista plástico e pintor português, nascido em 1934 em Lisboa, cuja carreira fora interrompida por morte prematura em 1980; Acedido online In: <http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/72/artists>; Consultado Online: 7 de março de 2020.

¹⁷⁰António Freitas Leal; arquiteto nasceu no Funchal em 1927. Formou-se em 1956 na Escola de Belas Artes de Lisboa, tendo também frequentado o curso de Sociologia e Ornamento de Território da “*Économie et Humanisme*”, em L’Arbresle, Lyon. Acedido online In: https://www.snpcultura.org/em_memoria_de_antonio_freitas_leal_e_antonio_flores_ribeiro.html; Consultado Online: 8 de Março de 2020.

¹⁷¹José Maya Santos Arquiteto português nasceu em 1928 tendo falecido em 2010. Acedido online In: https://www.snpcultura.org/mrar_continua_ser_licao_importante.html; Consultado Online: 8 de março.

¹⁷²Maria José de Mendonça; Licenciada em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras de Lisboa, foi uma importante museóloga portuguesa. Nasceu em Lisboa a 10 de Janeiro de 1905 e faleceu em 1984. Acedido online In: https://www.snpcultura.org/obs_13_movimento_renovacao_arte_religiosa.html; Consultado Online: 9 de Março de 2020.

¹⁷³Madalena Cabral; foi uma pintora portuguesa que integrou o Museu Nacional de Arte Antiga. Nasceu no Porto a 29 de Novembro de 1922 tendo falecido aos 93 anos de idade. Acedido online In: https://www.snpcultura.org/madalena_cabral_recebe_premio_personalidade_do_ano.html; Consultado Online: 8 de Março de 2020.

(...) impõe-se uma ação de esclarecimento e uma revisão de conceitos para que a arquitetura possa mostrar ao mundo de hoje a verdadeira face da Igreja de Cristo.”¹⁷⁴

Em 1953 é responsável pela primeira exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea, a qual teve lugar na galeria anexa a Igreja de S. Nicolau, em Lisboa. Neste evento fora retratada a realidade da arte sacra e arquitetura religiosa da Europa, realidade essa contrastante à de Portugal (foram divulgadas novas ideias e abordagens em marcha na Europa). Tratou-se de um prenúncio do Concílio Vaticano II, no qual esteve presente o rompimento com o passado, o assumir da modernidade e a renovação da liturgia. Contudo, devido ao seu caráter crítico e moderno, em busca de novos caminhos, e exposição fora entendida como atopositor das práticas da Igreja Católica, relativas à arte sacra e à arquitetura.¹⁷⁵

O MRAR pretendia que os edifícios religiosos adquirissem maior qualidade plástica, lhes fosse conferida maior dignidade e ainda que, apenas os artistas qualificados, pudessem conceber obras de arte sacra, seguindo deste modo, o espírito do Movimento Litúrgico, opoositor dos modelos revivalistas e tradicionais. Os seus objetivos foram alcançados com sucesso, num processo de inúmeras reuniões, debates e crítica de projetos, de formação e conscientização, não só dos artistas e arquitetos, mas também dos sacerdotes. Entre os objetivos concretizados encontram-se a renovação do espaço sagrado e conseqüentemente as suas dimensões sociais e antropológicas e a consolidação da arquitetura religiosa moderna em Portugal.¹⁷⁶

O MRAR fora impulsionador e organizador de inúmeras exposições, conferências, reuniões, concursos de arquitetura, responsável por diversas publicações e crítico acerca da arte e arquitetura religiosas. De entre toda a sua atividade destaca-se o seu Boletim, o Boletim do MRAR, o qual se manteve ativo entre 1957 e 1967 demonstrando ser de enorme importância e influencia. Contou com duas séries, a primeira teve lugar entre o ano de 1957 e 1958 sob a direção de Freitas Leal Diogo Pimentel e nuno Teotónio Pereira foram produzidos um número considerável de artigos. Já a segunda serie ocorreu entre 1961 e 1967 na qual se pretendeu “sobretudo assegurar com regularidade um contacto com os sócios, mantendo-os ao corrente das atividades do nosso movimento, e apresentando assim um carácter meramente informativo”.¹⁷⁷

¹⁷⁴MRAR; Acedido online In: https://www.snpcultura.org/obs_13_movimento_renovacao_arte_religiosa.html; Consultado Online: 6 de Março de 2020.

¹⁷⁵ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.168-213. /AA.VV.; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor; Acedido online In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf; Consultado Online: 12 de Março de 2020.

¹⁷⁶ ALVES DA CUNHA, João. 2015. Op. Cit.; pp.168-213/AA.VV. Op. Cit.

¹⁷⁷ Movimento de Renovação da Arte Religiosa – *Boletim* – 2ª série, nº 1, Junho de 1961.

Os artigos por ele publicados abordam questões políticas sociais e culturais em Portugal, tendo sido, desta forma, uma via de difusão das atividades do movimento e



Figura 35 - Capa do Boletim do MRAR, 2a série, no1, autoria de José Escada.1961



Figura 36 - Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea, Ponta Delgada, 1954;

um veículo de intervenção. O Boletim tornou-se assim órgão oficial do MRAR, permitindo e abrindo espaço para discussão de diversos problemas de urgente resolução relacionados com toda a sociedade.

Gradualmente progrediu tendo-se tornado cada vez mais prático, contudo a produção arquitetónica e artística não corresponde a todo o processo teórico, de forte atividade cultural, reflexiva e crítica devido, sobretudo, a forte resistência cultural que encontrou, mas também a problemas financeiros existentes na época.¹⁷⁸

A partir de 1965, com a realização do Concílio Vaticano II, o movimento entra numa fase de abrandamento e conseqüente fim, visto que todos os objetivos a que inicialmente se propuseram haviam sido alcançados, com sucesso.¹⁷⁹

A sua herança, modesta, conta com um conjunto de igrejas dotadas de grande qualidade arquitetónica detentoras de um novo programa, de um novo conceito de igreja-edifício.¹⁸⁰

Numa época de forte secularização, o MRAR, fruto de um conjunto de católicos, de espírito comunitário e de forte consciência ética social, política e estética, cuja sua ação modificou a realidade da arte religiosa em Portugal, valorizou e dignificou toda a

¹⁷⁸ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.168-213. / AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor; Acedido online In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf; Consultado Online: 12 de Março de 2020.

¹⁷⁹ALVES DA CUNHA, João. 2015; Op. Cit.; pp.168-213/ AA. VV; Op. Cit.

¹⁸⁰Idem; pp.168-213. /Idem;

arte sacra e arquitetura religiosa, inculcando na sociedade portuguesa a importância dos princípios da arquitetura moderna na concepção de novos espaços religiosos.¹⁸¹

¹⁸¹ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.168-213. / AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor; Acedido online In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf; Consultado Online: 12 de Março de 2020.

Capítulo 6

6. Arquitetura religiosa

6.1 Introdução

Desde a Antiguidade que o Homem encontra no Templo uma forma de praticar a sua fé, de estar em comunhão com a entidade Divina. O “Templo de Deus” na religião cristã não possui somente uma conotação física, encontrando-se também representado na figura de Cristo.¹⁸²

Qualquer religião ou culto, tem como objetivo comum, a devoção e práticas semelhantes, a um determinado Deus(es), as quais eram realizadas em locais específicos, que ao longo dos séculos alcançaram crescente relevância e destaque na arquitetura. Tornaram-se num meio, diversas vezes, através da sua concepção monumental, de transmitir e exaltar a superioridade do Divino.¹⁸³

Na concepção da religião cristã, a presença de Deus manifesta-se através do “Espírito Santo”, em cada um dos Homens, tornando-os à sua imagem, um ser perfeito. Neste contexto, o Homem procura a perfeição e o belo na materialização da sua interpretação divina, conceitos, portanto, inerentes à concepção de edifícios religiosos. Os mesmos, foram concebidos de formas distintas, segundo inúmeras culturas, crenças, religiões e desenvolvimento das sociedades, por todo o mundo.¹⁸⁴

Segundo *Fernando Cobian*, a arquitetura religiosa pode definir-se como sendo a conexão entre a inseparabilidade e a transcendência, ou seja, é através da mesma que os fiéis, num contexto sagrado, conseguem unir corpo e mente, num espaço destinado a esse mesmo propósito. Deste modo, é possível unir permanentemente a arquitetura ao culto religioso. Atualmente tem como um dos seus principais objetivos servir a comunidade e entender as suas necessidades.¹⁸⁵

O edifício de cariz religioso integra a prática e concretização da fé cristã, é a *Casa de Deus*, contudo a sua inexistência não impede a realização do culto religioso. Para *Fernando Cobian* a necessidade de construção deste tipo de espaços baseia-se em dois princípios: o simbolismo, a veneração a Deus, realiza-se e desenvolve-se através do culto divino, espiritualmente, de forma individual ou coletiva e a materialização, o templo é a demonstração física do culto. São imprescindíveis na administração dos

¹⁸²Arquitetura Religiosa Contemporânea; Acedido online In: http://catarina.udlap.mx/u_dl_a/tales/documentos/lar/vidal_r_ha/capitulo2.pdf; Consultado Online: 13 de Março de 2020.

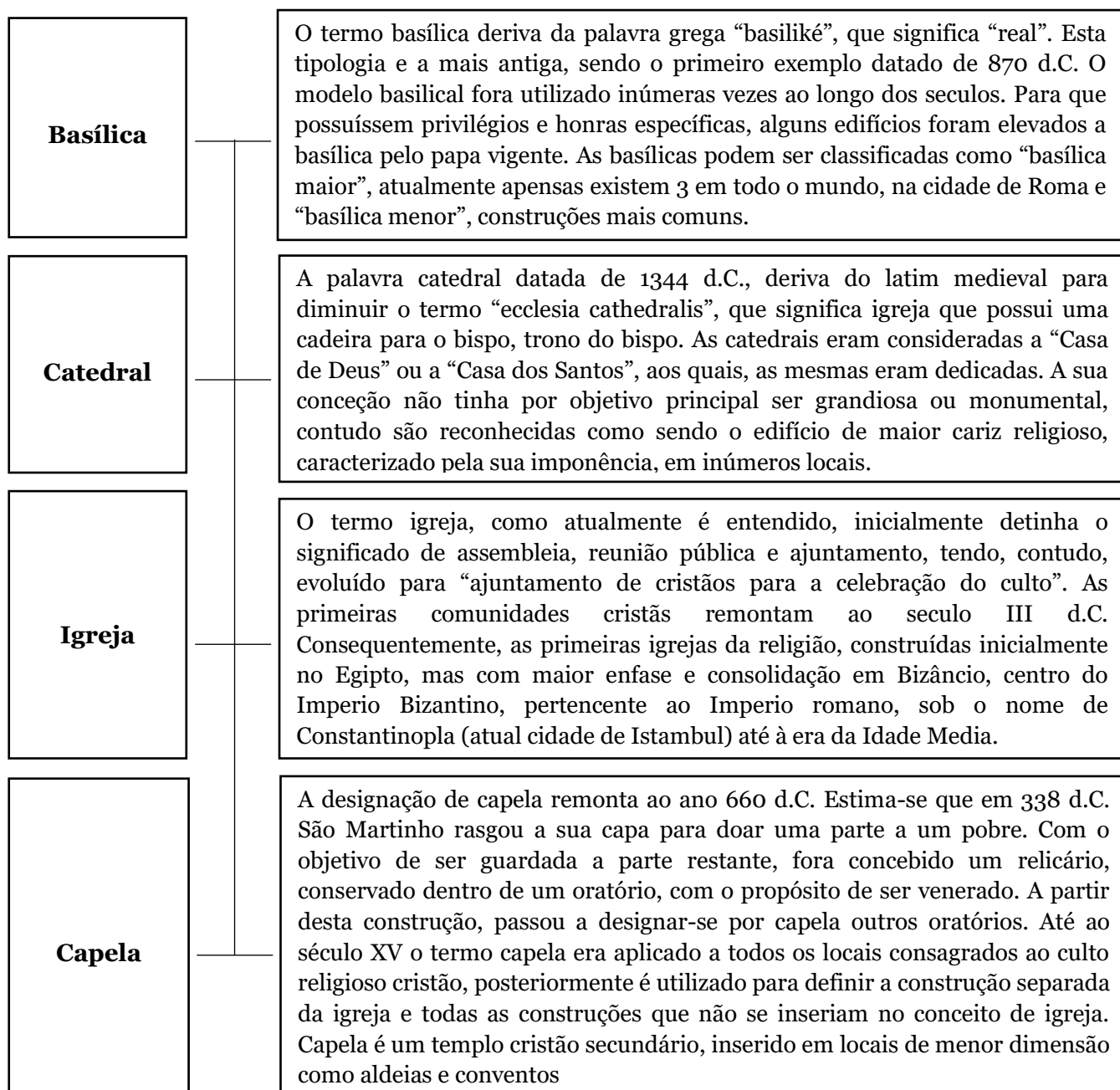
¹⁸³Arquitetura Religiosa Contemporânea; Op. Cit.

¹⁸⁴Idem.

¹⁸⁵Idem.

sacramentos e como *Casa de Deus* encontram-se destinados aos atos de salvação e santificação.¹⁸⁶

Dos templos católicos integram as concepções de basílica, catedral, igreja e capela, sendo que o que as distingue é a hierarquia eclesiástica. O termo igreja é genérico, portanto as tipologias referidas também se podem designar como igrejas, contudo o contrário nem sempre é possível, ou seja, nem todas as igrejas podem ser intituladas de catedral ou basílica.¹⁸⁷



Esquema 1 – Tipologias de edifícios religiosos

¹⁸⁶Arquitetura Religiosa Contemporânea; Acedido online In: http://catarina.udlap.mx/u_dl_a/tales/documentos/lar/vidal_r_ha/capitulo2.pdf; Consultado Online: 13 de Março de 2020.

¹⁸⁷Arquitetura Religiosa Contemporânea; Op. Cit.

6.2 Estilo Bizantino

Fundada no ano 330 d.C., pelo Imperador Constantino, a cidade de Constantinopla passa a ser a capital do Império Romano, o que permite, no Oriente, o desenvolvimento do edifício religioso, ou seja, surge uma nova tipologia de igreja.¹⁸⁸

No século V d.C., o declínio do Império Romano no ocidente fora evidente, estando a fé cristã repartida em 5 patriarcados: o de Roma, o de Constantinopla, o de Antioquia, o de Jerusalém e o de Alexandria. É neste período de instabilidade e enfraquecimento, que a Igreja ganha poder, assumindo o papel de protetora da cidade, ajudando na consolidação da Igreja de Constantinopla. É no reinado de Justiniano (527 a 565 d.C.), denominado de “*Primeira idade de ouro bizantina*” que se conclui a consolidação da Igreja de Constantinopla, tornando-a ainda mais poderosa e rica, assim como todos os membros que a constituíam.¹⁸⁹

É neste período histórico, de grandeza e enfraquecimento, que se encontra o chamado estilo Bizantino, nascido da combinação e fusão de influências romanas, gregas e orientais, abundantes na nova, rica e exuberante capital de Constantinopla. São os edifícios eclesiásticos, nomeadamente as igrejas, que maior relevância alcançaram, dentro da arquitetura bizantina, a qual é marcada pela criação de linhas próprias e técnicas inovadoras, onde as cúpulas e as plantas retangulares são exemplos disso mesmo.¹⁹⁰

Entre o século VI e a metade do século IX d.C., desenvolveu-se o primeiro período da arquitetura bizantina, caracterizado pelo traçado livre e experimental.¹⁹¹

“A igreja desta época era pequena, contendo um núcleo cruciforme, grossos pilares sustentando a cúpula sobre a interseção dos braços da cruz e abobadas cilíndricas estendendo-se sobre cada um dos quatro braços. Áreas abobadadas adicionais eram colocadas nos ângulos formados pelos braços da cruz, dando ao edifício um plano retangular.”¹⁹² Contudo, a iluminação e grandeza do espaço eram notórias, apesar das dimensões pequenas que apresentavam, devido a colocação na cúpula e nas paredes, de janelas amplas e pela forma simplista de como eram colocados os pilares e os arcos no seu interior. As fachadas eram igualmente simples e despojadas

¹⁸⁸MELO, Ricardo Bianca de; Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; p.51.

¹⁸⁹MELO, Ricardo Bianca de; Op. Cit.; p.52.

¹⁹⁰Idem; p.52.

¹⁹¹Ibidem; p.52.

¹⁹²SILVA, Bruno; História da Arquitetura Bizantina- História da arquitetura da pré-história à Idade Média Imperio bizantino- Basílica Santa Sofia; p.18.

de decoração, apresentando formas geométricas básicas e janelas compostas apenas por um arco.¹⁹³

No segundo período desta arquitetura (do século IX ate a metade do século XIII d.C.), a simplicidade e luminosidade deixam de ser características. A planta em cruz deixa de ser o estilo preferencial, sendo, deste modo, adotadas a planta ortogonal e quadrada.

Durou até 1453 o último período da arquitetura bizantina, onde elementos como colunas, pilastras e botaréis foram utilizados pelos arquitetos na exploração do conceito de verticalidade, tanto no interior como no exterior das igrejas e onde a cúpula foi mais relevante, passando a existir cinco em vez de uma, como acontecia anteriormente no primeiro período desta arquitetura. O exemplo mais representativo da arquitetura bizantina é a “*Hagia Sofia*” (sagrada sabedoria). Mandada construir pelo Imperador Justiniano no ano 537 d.C., foi a casa do mundo ortodoxo cristão por 9 séculos, até que no ano de 1453 d.C. a cidade de Constantinopla foi conquistada pelo povo turco, convertendo-a numa mesquita pelo Sultão Maomé II. A basílica Santa Sofia é o retrato de uma época apelidada de “Idade de Ouro”.¹⁹⁴O estilo bizantino, resultado de diversas influências e diversidade de etnias, irá influenciar inúmeras igrejas, tendo sido o elo de união entre a Europa e a Ásia. De entre as diferentes e diversas expressões artísticas foi através da arquitetura, caracterizada pela sua grandiosidade, que se tornou uma extensão do desenvolvimento da doutrina cristã.¹⁹⁵



Figura 37 - Hagia Sofia, Istambul

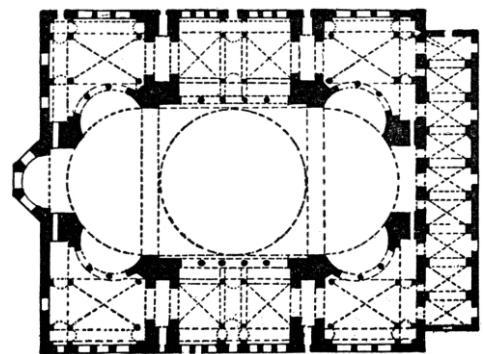


Figura 39 - Hagia Sofia - Planta

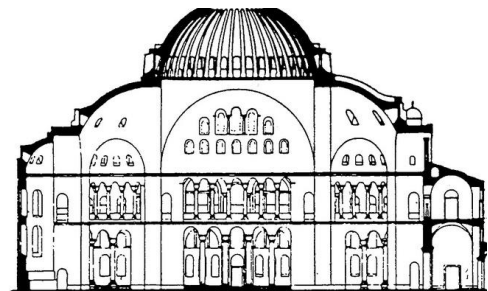


Figura 38 - Hagia Sofia - Corte Longitudinal

¹⁹³ Silva, Bruno; Op. Cit.; p.18.

¹⁹⁴ SILVA, Bruno; História da Arquitetura Bizantina- História da arquitetura da pré-história à Idade Média Imperio bizantino- Basílica Santa Sofia; pp.19-20.

¹⁹⁵ Silva, Bruno; Op. Cit.; p.26.

6.3 Estilo Românico

No Oriente, entre os séculos VIII e IX d.C. os sectores político e religioso são marcados pelo movimento de contestação a veneração de ícones religiosos (Iconoclastia). No Ocidente, a partir do século IX, a Europa encontra-se num clima de instabilidade, ataques e invasões, sendo neste contexto que surge o estilo românico, influenciado pelos povos turcos, pelas suas culturas, mas também pelas basílicas e igrejas bizantinas.¹⁹⁶

A igreja é a construção predominante da arquitetura românica, sendo o espelho do poder económico e social, deste período da época medieval. Esta tipologia de edifício caracteriza-se pela sua grandiosidade e monumentalidade, com aspetos bastante similares aos castelos. São construções extraordinariamente sólidas e articuladas, concebidas inteiramente em pedra, inclusive as suas coberturas abobadadas. (a utilização deste material permitiu que as construções pudessem atingir uma escala e cargas maiores). A planta era maioritariamente cruciforme, possuindo três naves cobertas por abóbodas, abóbodas essas, que impossibilitaram a colocação de janelas nas paredes laterais, sendo o número reduzido de aberturas uma característica deste tipo de arquitetura.¹⁹⁷

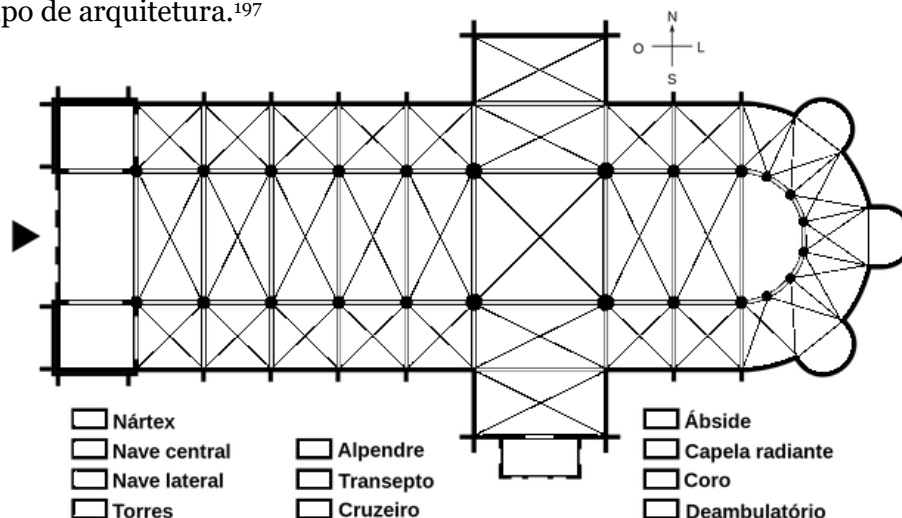


Figura 40 - Principais elementos constituintes da planta de uma Basílica românica

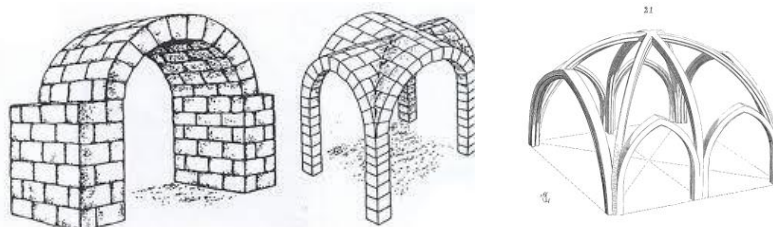


Figura 41 – Abóbada de aresta e de berço

¹⁹⁶MELO, Ricardo Bianca de, Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; pp.56-57

¹⁹⁷Melo, Ricardo Bianca de; Op. Cit.; p.57

As grades no coro e as paredes divisórias, estruturas que limitavam a distância entre os sacerdotes e o povo, são elementos foram introduzidos no interior das igrejas.

Quanto à fachada, é visivelmente mais complexa, constituída por corpos interrompidos, os quais destacam a altura superior da nave central em relação às naves laterais e onde o elemento da rosácea está inúmeras vezes presente. É composta por arcos, nomeadamente pelo arco de volta perfeita, com intenção decorativa e de destaque. O tímpano, inserido no pórtico que compõe a fachada é extremamente ornamentado, assim como a rosácea, constituída, diversas vezes, por vitrais é um elemento característico deste estilo.

Em 1054 d.C. as diferenças entre as Igrejas de Roma e Constantinopla são oficialmente declaradas, quando as mesmas se desagregaram por definitivo, diferenças essas definidas desde os primórdios do Cristianismo, mais concretamente desde o século V.¹⁹⁸

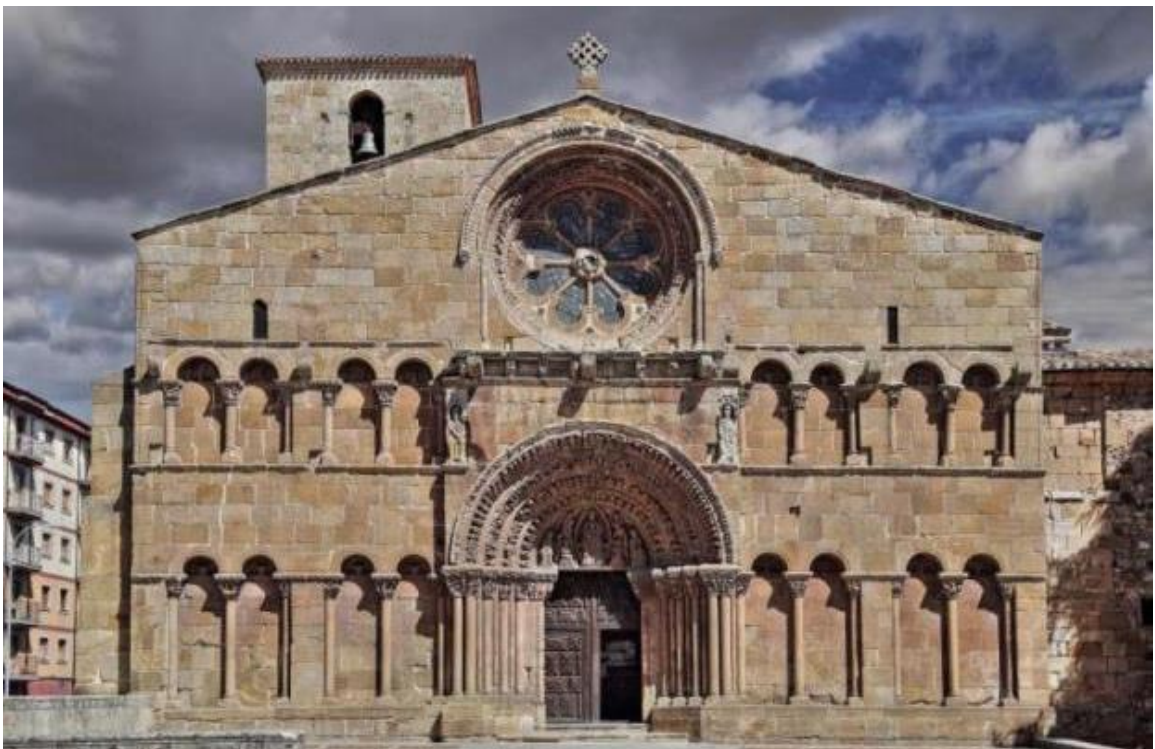


Figura 42 - Igreja de S. Domingo, Sória, Espanha

¹⁹⁸MELO, Ricardo Bianca de, Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; p.59

6.4 Estilo Gótico

O estilo românico pretendeu, influenciado pelo legado de Roma, aprimorar as concepções deste império, tendo surgido neste contexto o gótico, uma nova corrente, nasceu, portanto, “de um pretexto e não de uma especulação intelectual e visionária do novo rumo que devia tomar a arte europeia.” É na sequência do estilo românico, portanto, que surge o Gótico no norte de França, no final do século XII, mais concretamente na Normandia.¹⁹⁹

Foram nas edificações religiosas, que a arquitetura gótica mais se destacou. Apelidada de “a arte das catedrais”, rompeu com as diretrizes vigentes, conectando o catolicismo as catedrais. Este tipo de construção é caracterizado pela sua grandiosidade e monumentalidade, conseguida através da verticalidade e concepção pontiaguda e esguia da cobertura, características implementadas na procura da proximidade ao céu e a Deus, direcionando-a para o infinito, enfatizando a superioridade divina.²⁰⁰

Com o objetivo de conseguir ampliar a dimensão dos edifícios, principalmente altimétrica, a arquitetura gótica concebeu e desenvolveu a abóbada ogival, utilizada para sustentação em arcadas e arcobotantes, conferindo assim, as paredes laterais uma maior leveza e transparência e a verticalidade acentuada, onde a construção em altura é evidente e onde os elementos arquitetónicos tanto no interior como no exterior se encontram orientados para o céu.²⁰¹

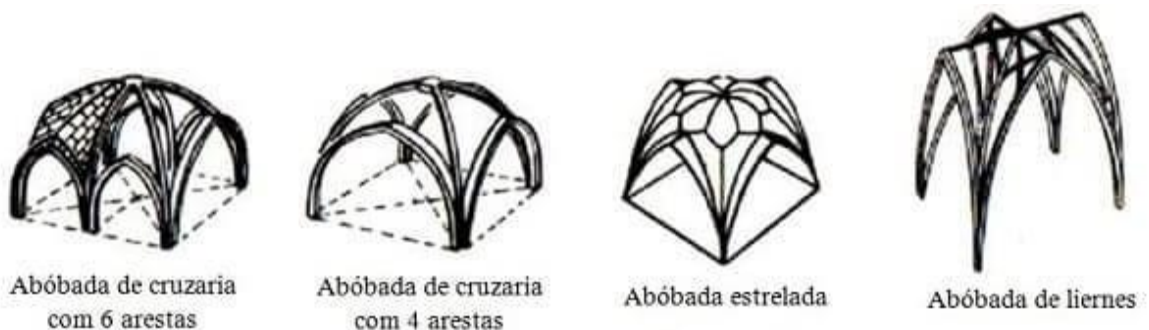


Figura 43 - Tipos de abóbadas da arquitetura gótica

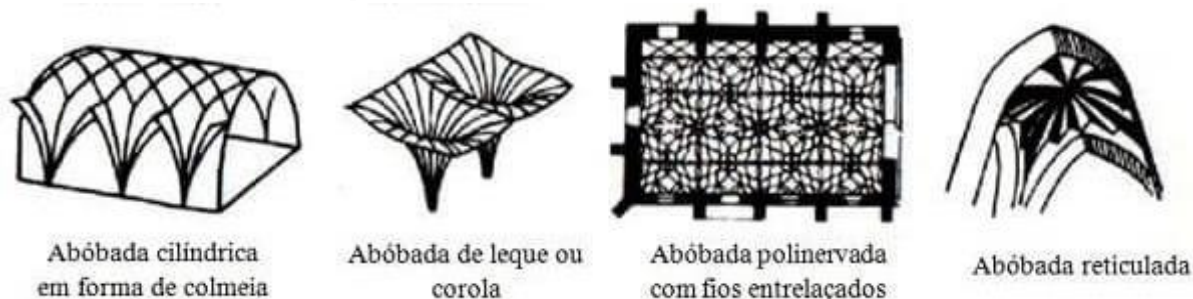


Figura 44 – Tipos de abóbadas da arquitetura gótica

¹⁹⁹ AA. VV; História da Arte, O Gótico; Editorial Salvat; p.25.

²⁰⁰ AA. VV; Op. Cit.; p.25

²⁰¹ Idem; p.25

Das obras marcantes deste período destaca-se a Catedral de Notre-Dame, em Paris, com 35 metros de altura. De planta cruciforme, a concepção adotada pela arquitetura gótica, possui uma fachada bastante ornamentada, com estátuas representativas de cenas bíblicas e na qual se destaca a rosácea e os seus vitrais. Encontra-se repartida em 3 núcleos horizontais e 3 núcleos verticais, destacando, deste modo, as duas torres que integram a catedral, ambas com 69 metros de altura.²⁰²



Figura 45 – Gárgulas, Catedral de Notre-Dame

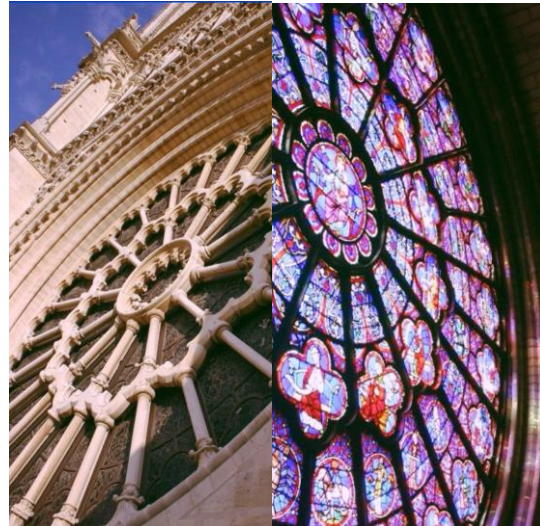


Figura 46 - Rosácea, Catedral de Notre-Dame

O estilo gótico foi uma revolução técnica das formas. Através de novas técnicas, principalmente no campo estrutural, permitiu a evolução de uma construção sólida e robusta para uma construção mais leve e mais interessada e centrada na estrutura dos edifícios.

Esta nova forma de construir, diferente e inovadora, distante do legado do românico iria desenvolver-se difundir-se por toda a Europa, devido à consolidação da Igreja Católica, através das Cruzadas, do poder e influência da monarquia francesa, á propagação dos monges de Cister e por outras condições que ajudaram na expansão do cristianismo.²⁰³

É com ideal de que Deus é luz para os humanos, que o campo espiritual se renova e, por conseguinte, as construções se tornam mais altas e imponentes, permitindo que a luz entre no espaço interior através de janelas amplas (diferente da era românica onde uso de janelas era menor) adornadas por vitrais.²⁰⁴

²⁰² AA. VV; História da Arte, O Gótico; Editorial Salvat; p.25

²⁰³MELO, Ricardo Bianca de; Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; pp.59-60

²⁰⁴MELO, Ricardo Bianca de; Op. Cit.; p.61



Figura 47 - Fachada, Catedral de Notre-Dame

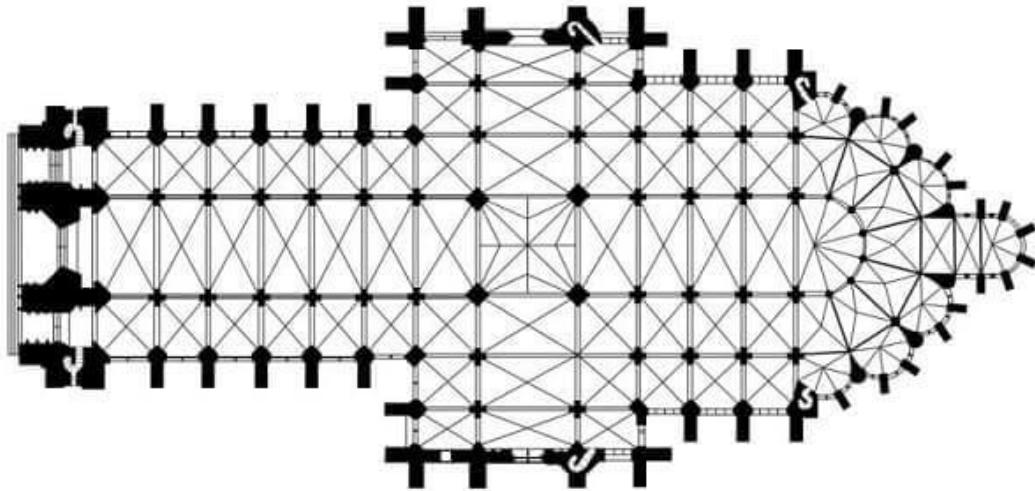


Figura 48 - Planta, Catedral de Notre-Dame

6.5 Idade Moderna – O Renascimento

Sucessor do Gótico, o Renascimento, movimento artístico com origem em Itália, no final do século XIII, marca a viragem da Idade Média para a Idade Moderna. É um período de diversas transformações sociais, culturais, económicas, políticas e religiosas, mas também de revalorização e progresso do Homem.

O Humanismo²⁰⁵ fora o fio condutor de inúmeros progressos, particularmente nas artes, tendo-se tornado, portanto, no espírito deste movimento. Nasce, assim, um novo pensar e olhar sobre o mundo e a arte, onde o teocentrismo²⁰⁶ é substituído pelo antropocentrismo²⁰⁷, estando assim, o Homem no centro do

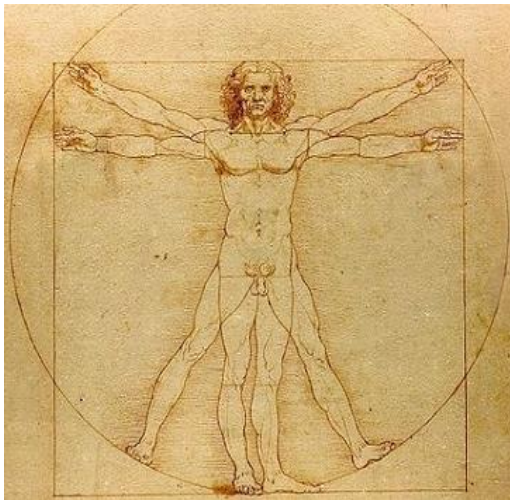


Figura 49 - Homem Vitruviano, Leonardo Da Vinci Figura 50 - A criação de Adão, Miguel Ângelo

universo.²⁰⁸

Complexo e composto por diversas nuances, o Renascimento implementou regras, princípios e métodos, sendo a arte greco-romana o seu principal pilar, tendo como principal objetivo a excelência e grandeza da Antiguidade Clássica. Com ele surgem novas técnicas, nomeadamente a perspetiva, a mais relevante e importante, que permitiu representar a realidade com maior rigor. Na arquitetura, os conceitos anteriores dão lugar à vontade de tornar grandioso e eternizar o presente, ou seja, há

²⁰⁵O significado do Humanismo; Humanismo, no sentido amplo, significa valorizar o ser humano e a condição humana acima de tudo. Está relacionado com generosidade, compaixão e preocupação em valorizar os atributos e realizações humanas; Acedido online In: <http://samauma.com.br/site/leitura/o-significado-de-humanismo/>; Consultado Online: 15 de Janeiro de 2020.

²⁰⁶Doutrina que considera Deus o centro de todo o universo; In Infopédia; Porto Editora; Porto; in <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/teocentrismo>, Consultado Online: 16 de Janeiro de 2020.

²⁰⁷Conceção do Homem no centro do Universo; In Infopédia; Porto Editora; Porto; in <https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/antropocentrismo>, Consultado Online: 16 de Janeiro de 2020.

²⁰⁸CUNHA Sónia; Acedido online In: <https://www.culturagenial.com/renascimento/>; Consultado Online: 16 de Janeiro de 2020 /MELO, Ricardo Bianca de; Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; p.62

uma notória ruptura com os exemplos medievais e da arquitetura gótica, surgindo assim, um estilo próprio e único.

A igreja com planta centrada, com cúpula, é a construção elegida para as construções religiosas renascentistas.

A nave é ampliada devido a questões litúrgicas, permitindo a ilusão de um espaço maior por se encontrar repartida em pequenos recessos. A geometria, a perspectiva e a simetria, tanto no exterior como nos espaços interiores são características evidentes da arquitetura renascentista.²⁰⁹

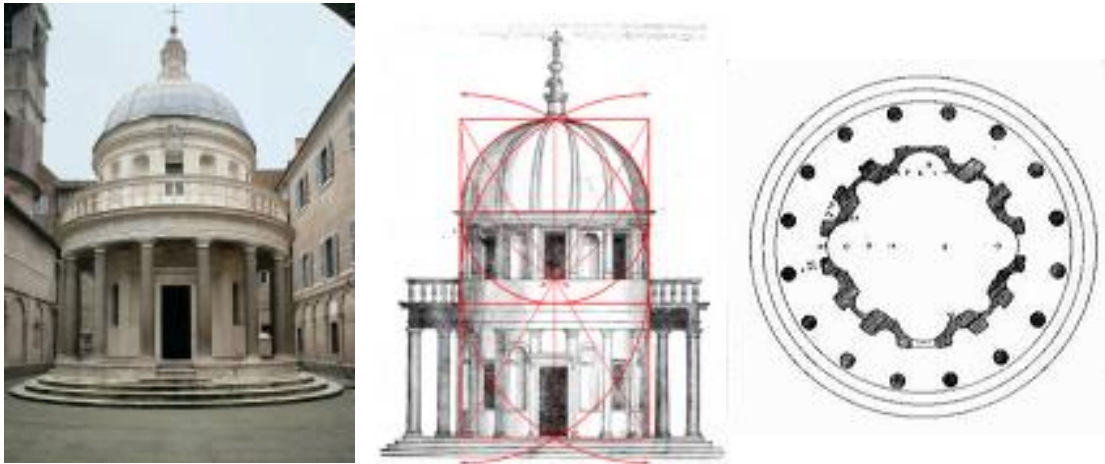


Figura 51 - Tempietto,, Bramante, 1502



Figura 52- Perugino: A Entrega das Chaves a São Pedro, Capela Sistina, 1481-82

²⁰⁹MELO, Ricardo Bianca de; Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; p.63.

Uma serie de mudanças na arquitetura religiosa cristã são implementadas devido a alterações litúrgicas, as quais tornam possível executar novos elementos e vertentes no desenho arquitetónico das igrejas católicas: não rezar duas missas no mesmo dia e a encomenda das mesmas permitiu a conceção de inúmeros altares; o povo consegue novamente visualizar o elemento do desenho através da importância conferida ao altar e ao sacrário; a proliferação de altares e capelas em nome de mártires e santos é evidente devido a valorização da devoção dos mesmos. Estas mudanças litúrgicas, influenciadoras da arquitetura religiosa cristã, são visíveis ao longo dos séculos seguintes, nomeadamente na arquitetura da contra-reforma.²¹⁰

²¹⁰MELO, Ricardo Bianca de; Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; pp.63-64.

6.6 Reforma | Contra-Reforma | Barroco

Até então a Igreja era detentora de um enorme poder e riqueza, obtidos ao longo dos séculos, em toda a Europa. Porém, alguns acontecimentos levaram à insatisfação por parte de alguns fiéis, nomeadamente, o distanciamento entre a Igreja e o povo, a difusão e implementação de regras religiosas na vida quotidiana das pessoas, a sua influência na economia e os seus diversos excessos e benevolências. Perante este contexto de insatisfação, a partir do século XIV, era evidente a necessidade de algumas reformas na Igreja Católica, com o objetivo de a tornar mais fiel à sua essência e crenças.

Os movimentos reformistas de *Jonh Wycliffe*²¹¹, *Jan Hus*²¹² e de *Martinho Lutero*²¹³, reclamaram mudanças, sendo estas manifestações de que a Igreja moderna necessitava de voltar a recuperar o seu caminho, retificando algumas das suas práticas e estruturando a sua doutrina de um modo mais eficiente, com o objetivo de a modernizar, ajustando-a, assim, aos novos tempos, assentes nos ideais do Humanismo

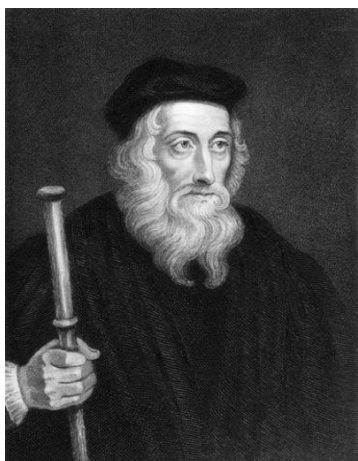


Figura 53 - Jonh Wycliffe



Figura 54 - Jan Hus



Figura 55 - Martinho Lutero

e racionalismo.²¹⁴

É uma era de instabilidade social, económica, política e religiosa, onde o poder da Igreja é colocado em causa e novos líderes dão início à denominada reforma. ²¹⁵

²¹¹ (1328-1384). Foi professor na Universidade de Oxford e teólogo e reformador religioso inglês. Trabalhou na primeira tradução da Bíblia para a língua inglesa que ficando notabilizada como a Bíblia de Wycliffe; Acedido online In: <https://www.britannica.com/biography/John-Wycliffe>; Consultado Online: 17 de Janeiro de 2020.

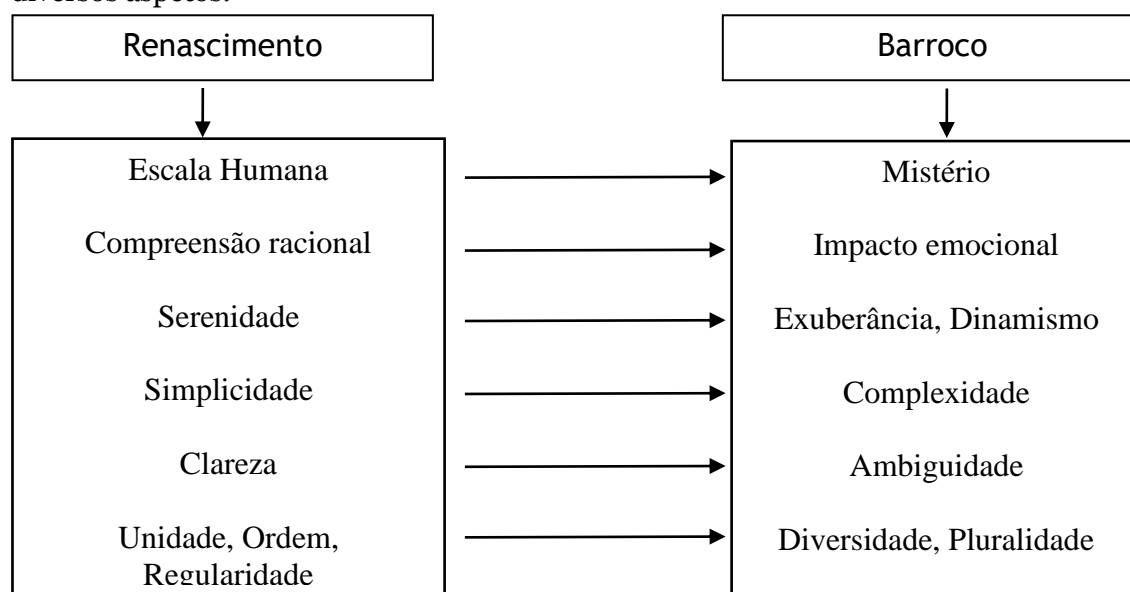
²¹² (1369-1415). Foi um pensador e reformador religioso. É responsável pela introdução do uso de acentos na língua checa com a intuito de fazer corresponder cada som a um símbolo único; Acedido online In: <https://www.britannica.com/biography/Jan-Hus>; Consultado Online: 17 de Janeiro de 2020.

²¹³ (1483-1546). Foi um monge agostiniano e professor de teologia germânica e uma das figuras centrais da Reforma Protestante. Acedido online In: https://www.ebiografia.com/martinho_lutero/; Consultado Online: 17 de Janeiro de 2020.

²¹⁴MELO, Ricardo Bianca de; Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; pp. 64-65.

Com a difusão dos movimentos reformistas, a Igreja católica, após este implacável golpe, resiste, colocando em prática alterações, as quais ficaram conhecidas como a Contra-reforma que teve por objetivo mudar as ordens religiosas tradicionais (criando novas ordens) e convocar o Concílio de Trento. Este Concílio (1545-1563), ecumênico, teve como intenção abrandar o avanço dos protestantes, espalhar a fé católica nas regiões não cristianizadas, modernizar e atualizar a Igreja e abordar os principais temas relativos a mesma, nesta época. Com ele é fortificado o valor das missas e recomendadas novas orientações estéticas à arte.²¹⁶

O Barroco, estilo da contrarreforma, surge numa época em que o Renascimento não evoluía nem respondia às necessidades e dúvidas do Homem, contrapondo-o em diversos aspetos:



Esquema 2 – Comparação entre o Barroco e Renascimento.

Pretendia restaurar a espiritualidade perdida, através da sua exuberância, teatralidade, dinamismo e monumentalidade.²¹⁷

A arquitetura barroca transpor para os edifícios religiosos a totalidade das suas características. Extremamente ornamentada, contrapõe as formas rígidas e simétricas do Renascimento, substituindo-as pelo movimento e dinamismo, nomeadamente nas plantas, as quais assumem novas formas, curvas e elípticas. De modo a introduzir e conferir emoção e grandeza aos espaços de cariz religioso, são concebidas coberturas com diversos elementos escultóricos, janelas que possibilitam a entrada de luz destacando esculturas específicas e o recurso a colunatas com o objetivo de transmitir

²¹⁵MELO, Ricardo Bianca de; Op. Cit.; p. 65.

²¹⁶MELO, Ricardo Bianca de; Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; p. 65

²¹⁷Arquitetura Barroca; Acedido online In: <https://pt.scribd.com/document/241013525/Arquitetura-Barroca-pdf>; Consultado Online: 17 de Janeiro de 2020.

destacando esculturas específicas e o recurso a colunatas com o objetivo de transmitir poder e movimento.²¹⁸

A sua busca pela emoção, as sensações em detrimento da razão, a sua liberdade, mística e sumptuosidade é, portanto, a resposta à austeridade, rigidez e frieza das igrejas protestantes. Desta forma, a Igreja solidifica-se e recupera o seu poder.²¹⁹

O Barroco perde relevância e enfraquece no início do século XVIII, onde o desenho do neoclássico terá destaque na arquitetura religiosa cristã, na segunda metade do século XVIII, até aos primeiros anos do século XIX e que dará lugar a um período extenso, apelidado de Historicismo.²²⁰



Figura 56 - Basílica de São Pedro, Roma



Figura 57 - Igreja San Carlo alle Quattro Fontane, Roma



Figura 58 - Catedral de St. Paul, Londres



Figura 59 - Igreja San Marcello al Corso, Roma

²¹⁸Arquitetura Barroca; Acedido online In: <https://pt.scribd.com/document/241013525/Arquitetura-Barroca-pdf>; Consultado Online: 17 de Janeiro de 2020.

²¹⁹A Contra-Reforma ou a Reforma Católica; Acedido online In: <http://www.historialivre.com/modernacontrareforma.htm>; Consulto online: 16 de janeiro de 2020

²²⁰MELO, Ricardo Bianca de; Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; p.68-69

6.7 Historicismo

O conceito de recuperar a arquitetura do passado, na Europa, com recurso à manipulação e cópia de estilos arquitetónicos de outras eras, mas introduzindo características culturais, do século XIX, marca o início de um extenso período em que a arquitetura ocidental se caracteriza por ser eclética, fundindo estilos artísticos, com o intuito de criar algo novo.²²¹

Apesar de uma primeira conotação com o neoclássico, é no neogótico que a arquitetura religiosa se mantém por um período até ao início do século XX, ultrapassando movimentos relevantes como a Art Nouveau.²²²

No final do século XVIII surgem novas técnicas e formas na arquitetura ocidental não sendo as mudanças, portanto, somente de cunho estilístico. Também a Igreja não apresenta qualquer evolução litúrgica, devendo-se a factos como: perda do verdadeiro sentido da litúrgia, nomeadamente no momento da assembleia de fiéis, a exagerada teatralidade e o evidente e profundo afastamento entre o clero e povo.²²³

Refém destes antecedentes, agregados aos avanços culturais, ao desenvolvimento da democracia, á constante fomentação de ideias e ao carácter materialista crescente da sociedade, a Igreja perde credibilidade, poder e identidade no período entre o início do século XIX até à primeira metade do século seguinte, tendo como consequência não conseguir reaver a espiritualidade cristã medieval. É, portanto, a solidificação do estilo neogótico.



Figura 60 – Igreja Saint Clotilde, Paris



Figura 61 - Catedral de Barcelona, fachada



Figura 62 - Catedral Nacional de Washington

²²¹MELO, Ricardo Bianca de; Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; p. 69.

²²²MELO, Ricardo Bianca de; Op. Cit.; p. 69.

²²³Idem; pp. 69-70.

Segundo Reinhard Grelselmann “O neogótico foi, sem sombra de dúvida, inspirado pela intenção de promover o impossível-recuperação da fé medieval.”²²⁴

O final do século XIX será palco de uma mudança de estilo, o estético dá lugar ao ético, marcando toda a arquitetura até ao final do século XX. Inúmeros arquitetos pretendiam argumentar com a fundamentação teórica o retorno das antigas formas arquitetônicas, acreditando que o Gótico seria o estilo que mais se adequaria a arquitetura cristã.²²⁵

Surgem novos modelos de Igrejas, consequência da arquitetura eclética e de incessante procura por novas formas de expressividade. Não perdendo o ecletismo e os ideais do neogótico, são utilizados novos materiais, como o vidro, o aço e o betão. Exemplos concretos destas inovações na arquitetura religiosa são a Igreja Saint Eugène-Saint Cécile²²⁶ e Saint Jean de Montmartre²²⁷, ambas na cidade de Paris.²²⁸



Figura 63 - Igreja Saint Eugène-Saint Cécile



Figura 64 - Igreja Saint Jean de Montmartre

²²⁴GIESELMANN, Reinhard; Contemporary church architecture; Stuttgart: Verlag Gerd Hatje; 1972; p.10.

²²⁵MELO, Ricardo Bianca de; Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; p.7.

²²⁶Localiza-se na rua Sainte-Cécile, em Paris. É um edifício neogótico, da autoria de Louis-Auguste Boileau e Louis-Adrien Lussou. Foi a primeira igreja, concebida, em termos estruturais, em ferro, tendo sido inaugurada em 1855; Acedido online In: <https://www.france-voyage.com/cidades-vilarejos/paris-29996/igreja-saint-eugene-sainte-cecile-18083.htm>; Consultado Online: 18 de Janeiro de 2020.

²²⁷Inaugurada em 1904, é uma igreja construída em betão armado, sendo da autoria do arquiteto Anatole de Baudot, Viollet-le-Duc e Henri Labrouste. Apresenta características da *Art Nouveau*, nomeadamente na estrutura de tijolo e cerâmica, em articulação com a leveza e transparência conseguidas através do betão armado. Acedido online In: <https://structurae.net/en/structures/saint-jean-de-montmartre-church>; Consultado Online: 19 de Janeiro de 2020.

²²⁸ MELO, Ricardo Bianca de; Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; pp. 74-75

A Igreja de Notre Dame du Raincy, construída entre o ano de 1922 e 1923, por Auguste Perret²²⁹, distinta pelo uso do betão e pela evolução litúrgica evidente, nomeadamente na aproximação do altar, é apelidada por muitos como sendo a primeira igreja da era moderna. Esta obra e a combinação entre a arquitetura sacra e uma arquitetura com importância para a era industrial, na utilização de novos materiais e expressão moderna.²³⁰



Figura 65 – Fachada, Igreja Notre Dame du Raincy

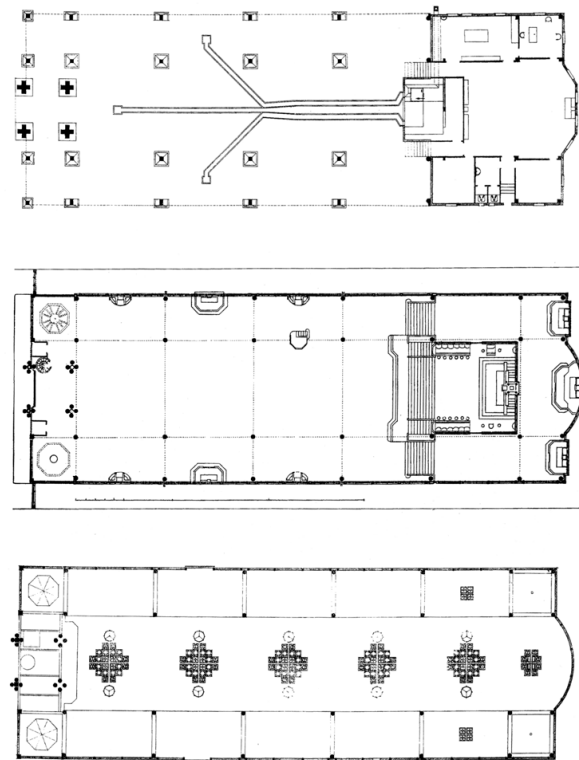


Figura 66 – Plantas, Igreja Notre Dame du Raincy

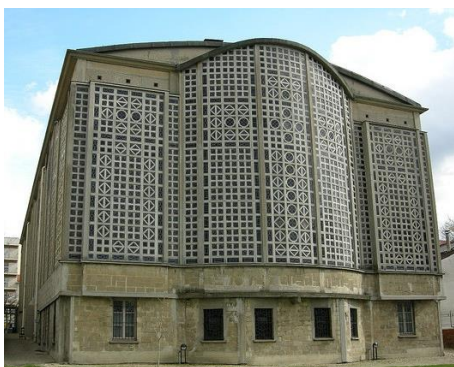


Figura 67- Fachada, Igreja Notre Dame Du Raincy

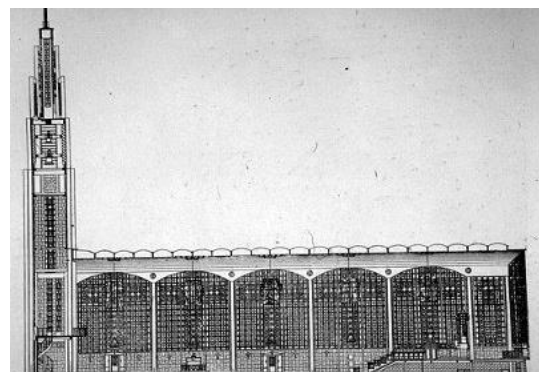


Figura 68- Corte longitudinal, Igreja Notre Dame du Raincy

²²⁹(1874-1954) Arquiteto de origem belga, estudou arquitetura na Escola de Belas-Artes de Paris e em 1905. Um dos seus primeiros projetos importantes foi o edifício de habitações na Rue Franklin em Paris, projetado em 1903. Acedido online In: [https://www.infopedia.pt/\\$auguste-perret](https://www.infopedia.pt/$auguste-perret); Consultado Online: 20 de Janeiro de 2020.

²³⁰MELO, Ricardo Bianca de; Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo; pp. 74-75

6.8 Arquitetura religiosa pós-conciliar

A igreja é o local de comunhão com Deus, é de oração, é onde os fiéis celebram a liturgia. A “*Sacrossanctum Concilium*” fomenta a participação dos fiéis nas ações sagradas, participação essa considerada como sendo um dos primeiros elementos litúrgicos. Como tal, a conceção do espaço celebrativo deve centrar-se em ir de encontro à participação por parte da comunidade cristã, no qual, a sua qualidade, no ato celebrativo, é fundamental.²³¹

A intenção de construir igrejas com base na congregação e participação dos fiéis constituía, desta forma, uma nova realidade na arquitetura religiosa após o Concílio Vaticano II. As normas pós-conciliares devem, portanto, influenciar e fomentar a arquitetura religiosa, onde o altar é o âmago da estrutura interior do espaço sagrado, onde a participação da comunidade cristã é ativa e onde a devoção deve ser singular e comunitária. Assim, e de acordo com o documento “*Sacrossanctum Concilium*”, sendo a eucaristia o principal ato de celebração litúrgica, deve ser crucial aquando da conceção do espaço sagrado. Além do altar anteriormente referido, outros elementos litúrgicos relevantes constituem o espaço sagrado, nomeadamente o ambão, onde o celebrante realiza as leituras, a assembleia constituída pelos fiéis e a pia batismal onde se realizam o sacramento do batismo. O espaço sagrado tornou-se mais funcionalista, requisito pós-conciliar fundamental e extremamente importante, retornando à simplicidade e resgatando vários elementos litúrgicos.

As novas igrejas concebidas segundo as técnicas contemporâneas, de carácter singular e com o objetivo de aproximar os fiéis à Igreja, permitiu que novas disposições e definição destes espaços se tornassem o ponto central da reforma litúrgica. Surgiram diversas soluções arquitetónicas na era pós-conciliar. Igrejas circulares e octogonais, onde no centro se encontrava o altar, quadradas com a assembleia distribuída em vários patamares, com forma elíptica ou trapezoidal, entre outras. As diferentes abordagens eram aprovadas pois contrariavam as formas tradicionais, nomeadamente a basílica cruciforme, estando assim a Igreja disposta a quebrar um ciclo de produções religiosas concebidas ao longo de dois milénios para dar lugar a uma nova arquitetura religiosa, resultante da reforma mais imponente empreendida pela própria.

Durante séculos a Igreja adequou-se às diferentes realidades, nunca considerando ser detentora de um estilo próprio, tendo concebido um histórico artístico imensurável que deve ser respeitado e preservado (S.C.) Segundo o Papa Paulo

²³¹MARTINS, Jorge; *Arquitetura religiosa Pós-Concílio Vaticano II: Adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico: caso do Alto Minho; tese para obtenção do grau mestre em Arquitetura na Escola Superior de Gallaecia; 2015; p.83*

VI (1965) “(...) cultivada livremente na Igreja a arte do nosso tempo, a arte de todos os povos e regiões, desde que sirva com a devida reverencia e a devida honra as exigências dos edifícios e ritos sagrados. Assim poderá ela unir a sua voz ao admirável cântico de glória dos grandes homens elevaram a fé católica em seculos passados.²³²

²³²MARTINS, Jorge; *Arquitetura religiosa Pós-Concílio Vaticano II: Adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico: caso do Alto Minho*; tese para obtenção do grau mestre em Arquitetura na Escola Superior de Gallaecia; 2015; pp.84-85

6.9 O novo modelo *Domus Ecclesiae*

Remontando às suas origens a “*domus ecclesiae*”, um edifício familiar e modesto, tratava-se do local no qual os fiéis se reuniam para celebrar e praticar a fé cristã. Na cidade militar junto ao rio Eufrates, em Dura Europes (actual Síria) encontra-se a mais antiga casa-igreja. Edificada em 232 d.C. fora transformada neste modelo em 240 d.C. com capacidade para cerca de 60 pessoas. A sua área é de cerca de 65 m² e continha, entre outros espaços, o batistério, local mais reduzido, separado do espaço comum e ornamentado com pinturas cristãs. O conceito “*domus ecclesiae*” ou assembleia da comunidade é aplicado para edifícios como este.²³³ Outro exemplo é a casa de Pedro em Cafarnaum.²³⁴



Figura 69 - Desenho ilustrativo da casa de Pedro de Cafarnaum

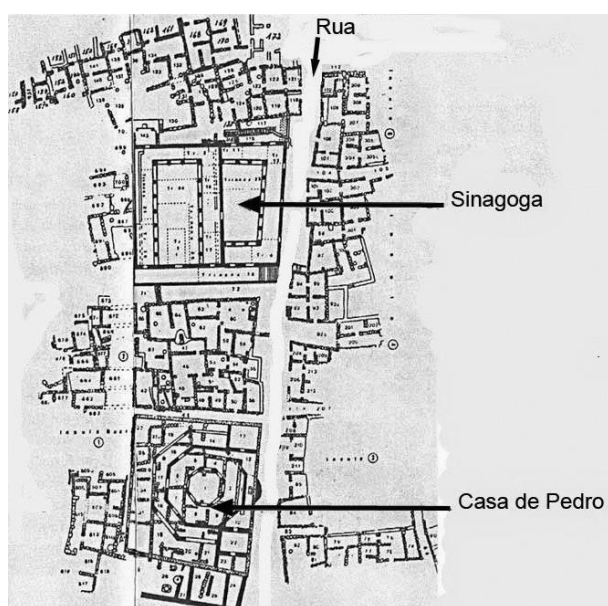


Figura 70 - Mapa das Ruínas de Cafarnaum

A “*domus ecclesiae*” evoluiu ao longo da história deixando a simplicidade para dar lugar ao formalismo da basílica romana, na qual se realizavam além de atos litúrgicos eventos importantes e tradicionais da época. A planta cruciforme fora mantida ao longo dos séculos na arquitetura religiosa, tendo-se implementado, no princípio do Catolicismo até ao século XX. As alterações foram, portanto, de cariz estilístico.²³⁵

Com o Concílio Vaticano II surge um novo modelo de “*domus ecclesiae*”, mais prático e funcional, deixando para trás o conceito de templo construído e conhecido até então.²³⁶

²³³RICHTER, Klemens; Espaços de igrejas e imagens de Igreja; gráfica de Coimbra 2;1998; pp.51-52.

²³⁴Uma igreja cristã octogonal, contendo um batistério (século V); RICHTER, Klemens; Op. Cit.; pp.51-52.

²³⁵Idem; p.54/ MARTINS, Jorge; Arquitetura religiosa Pós-concílio Vaticano II: Adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico: caso do Alto Minho; tese para obtenção do grau mestre em Arquitetura na Escola Superior de Gallaecia; 2015; p.86

²³⁶RICHTER, Klemens; Espaços de igrejas e imagens de Igreja; gráfica de Coimbra 2;1998; pp.51-52.

6.9.1 Modelo casa-igreja

Construídas nas diretrizes do movimento litúrgico e Concílio Vaticano II serão apresentadas de seguida três obras de arquitetura religiosa europeias de referência.

1960



Miguel Fisac

Igreja de Santa Ana, Madrid

1967



Emil Steffann

Igreja de São Lourenço, Munique

1970



Dom Hans
van der Laan

Igreja da Abadia de St. Benedict, Vaals

Esquema 3 – Modelos Casa-Igreja

6.9.1.1 Igreja de Santa Ana, Madrid 1955-1960, Miguel Fisac

Fisac,²³⁷ seguindo as diretrizes litúrgicas resultantes do Concílio Vaticano II, projetou a Igreja de Santa Ana na cidade de Madrid com “uma abordagem espacial completamente diferente quase oposto ao das disposições anteriores.” O projeto é composto por 3 volumes aglomerados, dos quais fazem parte a igreja e o centro paroquial. Destaca-se pelo uso de betão em toda a sua estrutura, o qual lhe confere um carácter sóbrio e simplicidade decorativa.²³⁸

Criou um desenho diferente de planta, com o seu eixo transversal em destaque, pretendendo que a participação dos fiéis fosse mais relevante e direta, com uma nova disposição do espaço sagrado. Projeta uma parede curva na qual, para acentuar o carácter litúrgico, fecha o presbitério e cria três reentrâncias relativas aos distintos momentos da celebração litúrgica: a reentrância que se encontra ao centro da parede destinada ao altar, o da esquerda reservado ao ambão e por fim, o da direita, correspondente ao local do tabernáculo.

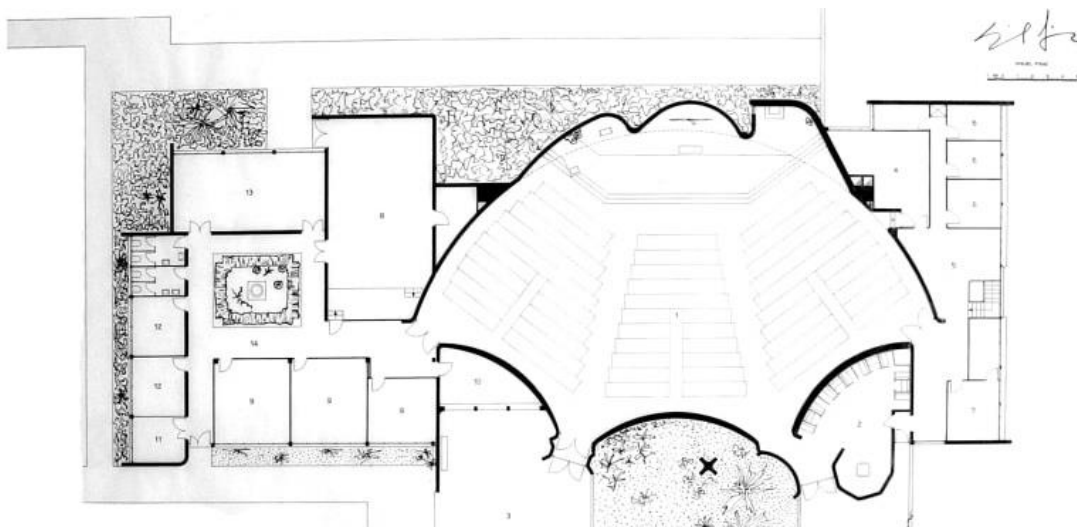


Figura 71 - Planta da Igreja de Santa Ana, Madrid

A iluminação do edifício foi feita com o objetivo de inundar de luz o seu espaço interior, para isso foram utilizadas vigas de betão pré-fabricadas dispostas paralelamente até ao presbitério, nunca chegando a tocar na parede, permitindo assim a entrada de luz, zenital, de forma abundante dentro do espaço sagrado, sobre o altar.²³⁹

²³⁷Miguel Fisac - Foi um dos arquitetos espanhóis que mais notoriedade obteve na segunda metade do século XX. A sua arquitetura moderna contribuiu para o seu destaque na sua geração, mas também a realização de diversas atividades como congressos e conferências. VALDÉS, DELGADO, Fernández, Maria Amália; A arquitetura do espaço religioso caso de Miguel Fisac, para obtenção do grau de mestre em arquitetura; 2018; p.23.

²³⁸GÓMEZ, Mercedes; Acedido online In: <https://artedemadrid.wordpress.com/2013/11/05/iglesia-de-santa-ana-de-miguel-fisac/>; Consultado Online: 27 Fevereiro de 2020.

²³⁹ CAPTIVO, Teresa; Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura no Instituto técnico de Lisboa; p.28



Figura 72 – Exterior - Igreja de Santa Ana, Madrid



Figura 73 – Interior - Igreja de Santa Ana, Madrid



Figura 74 – Interior - Igreja de Santa Ana, Madrid

6.9.1.2 Igreja de São Lourenço, Munique, 1955-1970, Emil Steffann

A Igreja de São Lourenço localizada em Munique projetada pelo arquiteto *Emil Steffann*²⁴⁰ é um notável exemplo do modelo casa-igreja. De planta quadrada, integra um conjunto de 3 volumes, composto, também, por espaços de apoio sociocultural geridos pela paróquia. Trata-se de um edifício robusto, construído em tijolo, com paredes grossas e com cobertura de duas águas, tendo, portanto, uma aparência exterior simples e austera.



Figura 75 – Igreja de São Lourenço, Munique

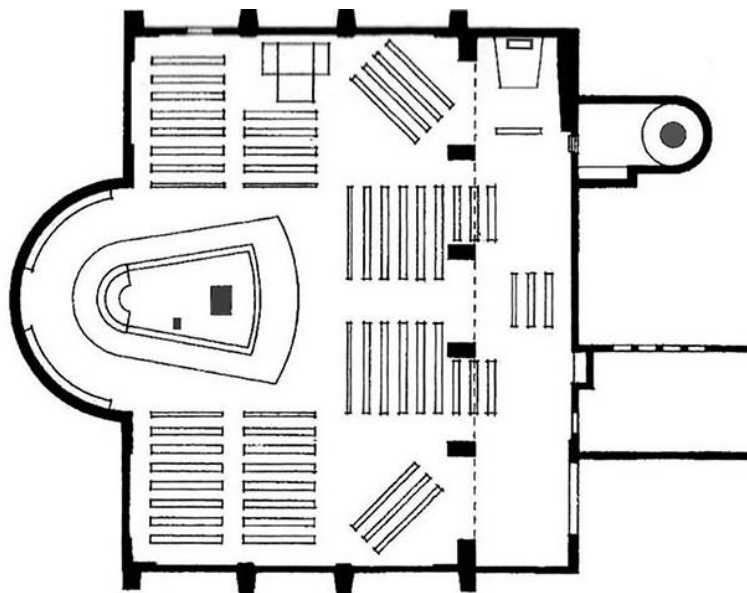


Figura 76 – Planta da Igreja de São Lourenço, Munique

²⁴⁰Emil Steffann - (1899-1968). Arquiteto alemão. Destacou-se com os projetos de igrejas e mosteiros. Trabalhou com Rudolf Schwarz na reconstrução de aldeias devastadas pela segunda guerra mundial; Acedido online In <http://dromanelli.blogspot.com/2020/03/emil-steffan-siegfried-ostreicher-saint.html>; Consultado Online: 28 de Fevereiro de 2020.

A simplicidade é também característica do seu interior, despojado de riqueza e ostentação contém apenas a iconografia necessária, onde as paredes de tijolo pintadas não apresentam qualquer ornamentação. O altar, austero, encontra-se ao centro do espaço de celebração rodeado de bancos, onde a comunidade de fiéis se distribui uniformemente.²⁴¹



Figura 77 - Altar - Igreja de São Lourenço, Munique



Figura 78 - Igreja de São Lourenço, Munique



Figura 79 - Igreja de São Lourenço, Munique

²⁴¹CAPTIVO, Teresa; *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica*; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura no Instituto técnico de Lisboa; p.27/Emil Steffan; Acedido online In: <http://dromanelli.blogspot.com/2020/03/emil-steffan-siegfried-ostreicher-saint.html>; Consultado Online: 28 de Fevereiro de 2020.

6.9.1.3 Igreja da Abadia de São Benedito, Vaals, 1956-67, Dom Hans Van der Laan

A abadia de *St. Benedictusberg* situada em Vaals, uma zona rural na Holanda, apresenta uma planta simples, quadrada, com duas torres, aos cantos.

Pelo arquiteto holandês *Hans Van der Laan*²⁴² foram acrescentadas, a este projeto, a igreja principal, a cripta e ainda um átrio.²⁴³

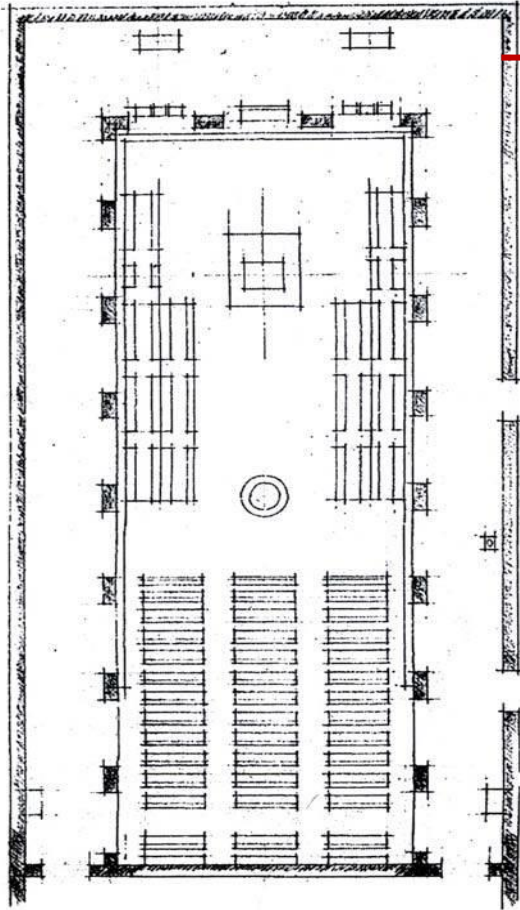


Figura 80 – Planta da Igreja da Abadia de São Benedito

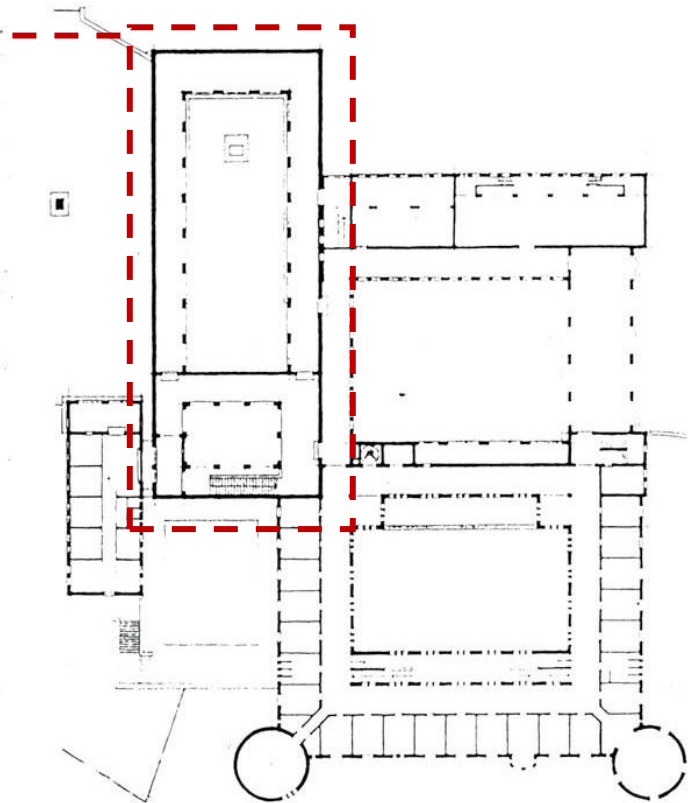


Figura 81 - Planta da Abadia de São Benedito

²⁴²Hans Van der Laan - (1904-1991). Fora um monge beneditino que residia na abadia até sua morte em 1991, era um prolífico teórico da arquitetura cuja principal contribuição é sobre os princípios fundamentais da arquitetura e a combinação de conceitos espaciais e filosóficos com ferramentas práticas de design. A sua principal invenção foi um sistema proporcional chamado "número plástico", que ele considerou uma resposta objetiva aos fundamentos da percepção, qualidades do espaço e elementos da estrutura. Acedido online In: <http://www.vanderlaanstichting.nl/en/theplasticnumber/introduction>; Consultado Online: 28 de Fevereiro de 2020.

²⁴³CAPTIVO, Teresa; *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica*; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura no Instituto técnico de Lisboa; p.29.

Arquiteticamente a igreja destaca-se pela sua simplicidade volumétrica e pela racionalidade e métrica que apresenta no exterior, nomeadamente nas fachadas e vãos.



Figura 82 - Exterior da Igreja da Abadia de São Benedito



Figura 83 - Exterior da Igreja da Abadia de São Benedito



Figura 84 - Interior da Igreja da Abadia de São Benedito

O interior da igreja é pautado pela decoro e austeridade, no qual é notória a ausência de ornamentação e cor.²⁴⁴

²⁴⁴CAPTIVO, Teresa; *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica*; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura no Instituto técnico de Lisboa; p.29

6.10 Arquitetura Religiosa da 1ª metade do século XX: Europa.

O Movimento Litúrgico e o Modernismo desencadearam a mudança e o desenvolvimento da arquitetura religiosa, onde o funcionalismo se torna um conceito a aplicar.²⁴⁵

Após o período da segunda guerra mundial, no qual quase não se construiu edifícios religiosos, fora retomada a produção arquitetônica religiosa na Europa com uma obra marcante e significativa de 1929, a *Igreja de Notre Dame du Raincy*, da autoria de *August Perret*²⁴⁶. Nela, o arquiteto consegue utilizar técnicas e materiais da era moderna, conferindo-lhe racionalidade e simplicidade. Fora a primeira a ser construída em betão armado e que articula os valores tradicionais e simbolismos, com as novas conceções e ambições modernas. Esta obra marca o início da expansão da construção de igrejas modernas, por toda a Europa.²⁴⁷

Em 1950 é projetada por *Corbusier*²⁴⁸ a *Capela de Ronchamp* em França, uma das mais importantes e significativas obras da vanguarda da arquitetura religiosa do século XX, consequência da consolidação e aceitação do Movimento Litúrgico. A planta livre e dinâmica, as paredes curvas, a cobertura escultórica em betão, as janelas irregulares e a sua integração na paisagem fazem deste edifício um projeto totalmente inovador, referência da história da arquitetura religiosa mundial.²⁴⁹

Outras grandes figuras da arquitetura religiosa do século XX, ligados ao Movimento Litúrgico, são *Böhm* e o seu discípulo *Rudolf Schwarz*, que juntamente com *Emill Steffann* formaram um dos grupos mais importantes e influentes da arquitetura moderna na Alemanha (foi sobretudo neste país europeu que a renovação da arquitetura religiosa se concentrou). Do arquiteto *Schwarz* destaca-se a *Igreja de Santa Ana* em Dören, na Alemanha, sobre a qual, o mesmo considera ser “um dos projetos mais influentes da arquitetura religiosa do século XX, extraindo de um quase

²⁴⁵OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas; A produção do espaço sagrado na arquitetura contemporânea – A interpretação da tradição católica a partir do séc. XX, para obtenção de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais; p.64.

²⁴⁶August Perret - (1874-1954). Fora um importante arquiteto francês. Estudou arquitetura na escola de Belas Artes de Paris e após terminar o seu percurso académico herdou do seu pai a empresa de construção civil Perret et Frères. Acedido online In: [https://www.infopedia.pt/\\$auguste-perret](https://www.infopedia.pt/$auguste-perret); Consultado Online: 2 de Março de 2020.

²⁴⁷OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas; A produção do espaço sagrado na arquitetura contemporânea – A interpretação da tradição católica a partir do séc. XX, para obtenção de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais; p.65.

²⁴⁸(1887-1965) Charles-Edouard Jeanneret-Gris, adotou o pseudónimo de Le Corbusier aos 29 anos, herdado do seu avô, quando se mudou para a cidade de Paris. É considerado um dos mais importantes arquitetos do século XX. Consultado In: [https://www.infopedia.pt/\\$le-corbusier](https://www.infopedia.pt/$le-corbusier); Consultado Online: 2 de Abril de 2020.

²⁴⁹OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas; Op. Cit.; p.69.

nada, sem esforço, sem exageros, profunda expressão do sagrado pela justa arquitetura”.²⁵⁰

²⁵⁰OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas; A produção do espaço sagrado na arquitetura contemporânea – A interpretação da tradição católica a partir do séc. XX, para obtenção de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais; pp.72-74.

6.11 A arquitetura do MRAR

O começo do MRAR é marcado pela intenção, do grupo de jovens artistas que o compunha, de romper com os estilos passados com o propósito de ver a arquitetura religiosa renovada e adequada a realidade moderna, respeitando, contudo a história e tradição, dando lugar e abrindo espaço a novas formas de arte.²⁵¹

O movimento defendeu a sobriedade e simplicidade formal (influenciado pelo caminho arquitetónico seguido na Suíça), seguindo as orientações e influências do Movimento Moderno. Contudo, inicialmente o grupo acreditou que as orientações anteriormente mencionadas seriam insuficientes para a definição do conceito a seguir.

²⁵²

Tendo consciência do que não deveria ser feito e após uma procura repleta de incertezas, encontrou caminhos possíveis de serem seguidos e explorados pelo movimento em 3 projetos distintos, são eles a *Igreja de Santo António*, em Moscavide, de total inspiração na arquitetura Suíça, a *Igreja de Águas* em Penamacor, de conceito moderno, integrada perfeitamente no local e a *Capela de Nossa Senhora de Fátima* em Picote, inteiramente concebida segundo as orientações do movimento moderno.²⁵³

Idênticas na crença litúrgica e arquitetónica, apesar de díspares na sua forma, demonstram os benefícios do conceito de integração na arquitetura religiosa, apoiada pelo MRAR.²⁵⁴



Figura 85 – Igreja de Águas, Penamacor

²⁵¹CAPTIVO, Teresa; *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica*; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura no Instituto técnico de Lisboa; p.33/ AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor.

²⁵²CAPTIVO, Teresa; Op. Cit.; p.33/ AA. VV; Op. Cit.

²⁵³Idem; p.33/ AA. VV; Idem.

²⁵⁴Ibidem; p.33/ Ibidem.



Figura 86 – Igreja de Santo António, Moscavide



Figura 87 - Capela de Picote

Na década de 50, o Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa, tornou-se crucial e de grande influência para a definição da direção a seguir pelos artistas integrantes do movimento.²⁵⁵

Em 1964, o relatório elaborado por António Freitas Leal e Diogo Pimentel, acerca da conceção de igrejas na Diocese do Funchal, em nome do MRAR, fora afirmada como sendo sua uma regra de extrema importância “Ao conceber-se uma igreja nova não poderá ignorar-se o ambiente humano e paisagístico a que se destina.

²⁵⁵CAPTIVO, Teresa; *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica*; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura no Instituto técnico de Lisboa; p.33/ AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor.

Neste caso, as igrejas não deverão ser edifícios que também poderiam estar na Madeira, mas deverão ser igrejas que não poderão estar senão na Madeira. Isto é, deverá haver especial cuidado em que se integrem e adequem ao ambiente da ilha e da sua população”. O conceito de integração, a nível social, pretendeu envolver, aproximar e assistir a comunidade pertencente à localidade onde a igreja se insere e a nível físico, correspondente à arquitetura, volumetria e urbanismo, sendo fundamental para a arquitetura religiosa do MRAR, não rejeitando, contudo, a realidade moderna que se vivia, pelo contrário, era necessário relaciona-la com as tradições, costumes e culturas locais.

Segundo Nuno Portas o conceito de integração correspondia à “necessidade de adequar ou, melhor, de relacionar a expressão de uma casa com o condicionalismo concreto do lugar onde se insere e das pessoas a que se destina, abstraindo de um sistema formal preconcebido”. O conceito de funcionalismo era igualmente importante na construção do edifício-igreja, no qual era fundamental consolidar a função do mesmo, ou seja, a celebração eucarística e também a de cada espaço que constituiu o seu interior.²⁵⁶

O projeto da *Igreja de Nossa Senhora de Fátima*, em Penamacor, tornou-se a referência para a conceção de novos edifícios-igrejas, a qual segundo Nuno Portas era portadora de “uma arte integralmente portuguesa e simples, inteiramente atual, intimamente cristã.” Este edifício traduz o novo caminho do MRAR em relação a arquitetura religiosa em Portugal. Apresenta uma notória simplicidade decorativa e preferência pelo uso de materiais locais. O betão fora utilizado tanto em termos estruturais como no revestimento exterior em articulação com a alvenaria em granito. A madeira, a cerâmica e o tijolo de burro foram também materiais escolhidos para a conceção deste edifício. As poucas peças de ornamentação que o integram foram feitas pelos próprios artistas sendo deste modo únicas e pensadas de acordo com o local para o qual foram concebidas.²⁵⁷

Relativamente ao espaço religioso, o MRAR revolucionou este conceito, rejeitando a conceção de templo, passando a *Casa de Deus* a ser a *Casa do povo de Deus*. Assim sendo, o mesmo deve ser amplo, organizado, tendo como elemento principal e central o altar, onde, ao seu redor, se deve distribuir a comunidade de fiéis, promovendo assim, a sua participação de forma mais ativa nos atos litúrgicos, não

²⁵⁶CAPTIVO, Teresa; *Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica*; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura no Instituto Técnico de Lisboa; pp.36-37/ AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor; Acedido online In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf; Consultado Online: 12 de Março de 2020.

²⁵⁷MRAR; Acedido online In: https://www.snpcultura.org/obs_13_movimento_renovacao_arte_religiosa.html; Consultado Online: 9 de Março de 2020.

deskorando, contudo, a importância de o espaço pertencente aos fiéis estar separado do espaço dos celebrantes. A planta poligonal-orgânica²⁵⁸ confere aos projetos um forte carácter plástico e escultural (artístico), fluidez, iluminação e relação com exterior.²⁵⁹

As directrizes acolhidas e aplicadas pelo MRAR, foram implementadas, primeiramente, em igrejas e aldeias do meio rural, tendo chegado posteriormente às grandes cidades após a vitória no concursos para a *Igreja do Sagrado Coração de Jesus*, em Lisboa pelo grupo chefiado por Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira, igreja essa considerada uma das, se não, a mais marcante de todo o percurso do movimento. Integrada num quarteirão, o projeto pretendia integra-se no local onde se inseria, sendo portador de um cariz social, utilitário e público. Estabelece relação com o ambiente envolvente, permitindo através do seu espaço interior, átrios e galerias um maior “dinamismo e mobilidade dos utilizadores, procurando favorecer a sua participação.” (Nuno Teotónio Pereira, cit. por Rodrigues, 1970). Rompeu com os conceitos de estática e racionalismo, um assumir da materialidade (betão á vista) e o espaço e concebido de dentro para fora. A *Igreja do Sagrado Coração de Jesus* representa o ponto alto do MRAR, espelha uma arquitetura que ansiava integra-se no contexto da sua época, sem esquecer de enfatizar a modernidade e que respeita o passado, mas perspetivando o futuro.²⁶⁰

Em cerca de uma década de existência, o MRAR apoiou e difundiu a modernidade e a renovação da arte sacra, nomeadamente a arquitetura, tendo as suas ações influenciado e alterado, entre outros aspetos, culturalmente, a Igreja Católica em Portugal.²⁶¹

²⁵⁸Planta poligonal-orgânica - Utilizada em muitos dos projetos de Frank Lloyd Wright, deste tipo de planta resultam de malhas complexas concebidas a partir do recurso a formas geométricas como o triângulo, hexágono e octógonos permitindo a formação de ângulos distintos. FERNANDES, José Manuel; Igrejas do século XX, Arquiteturas na região centro de Lisboa; Caleidoscopio;2014; Lisboa; p.29

²⁵⁹CAPTIVO, Teresa; Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos: Análise Morfológica; Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura no Instituto técnico de Lisboa; pp.36-37/ AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor; Acedido online In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf; Consultado Online: 12 de março de 2020.

²⁶⁰MRAR; Acedido online In: https://www.snpcultura.org/obs_13_movimento_renovacao_arte_religiosa.html; Consultado Online: 9 de Março de 2020. / AA. VV; Op. Cit.

²⁶¹MRAR; Op. Cit. / Idem.

6.12 Obras de referencia da arquitectura religiosa moderna em Portugal

Com a segunda metade do século XX, a vontade de renovação e inovação da arte religiosa em Portugal enraíza-se e consolida-se com a influência e intervenção do MRAR, mas também com a nova consciência e entendimento de comunidade, a vontade de aproximar os fiéis à Igreja, rompendo com a linha construtiva que se seguia na arquitectura religiosa e com o recurso a novos materiais e técnicas construtivas, na conceção dos novos edifícios.²⁶²

A afirmação e implementação desta vontade fora mais intensa nas regiões rurais e secundárias, afastadas da resistência da camada mais conservadora em aceitar novas propostas (nas grandes cidades como Lisboa, esta resistência fora bastante poderosa e bloqueadora na aceitação das novas concepções artísticas, nomeadamente arquitetónicas.).²⁶³

A nova arquitectura religiosa, moderna, caracterizou-se pelo uso livre e eficaz de novos materiais, como o betão, vidro e ferro e pelo interesse em todas as áreas da arte nomeadamente a arquitectura, tornando-a num veículo para compreensão do mundo e das suas carências e pela busca de uma espiritualidade mais pura e transparente. Assim sendo, 3 obras foram de imensurável importância na consolidação e afirmação da arquitectura moderna religiosa em Portugal. Duas delas encontram-se em zonas rurais, afastadas de grandes centros urbanos, a *Igreja de Águas*, em Penamacor e a *Igreja de Picote*, inserida na região do douro. Já a *Igreja de Moscavide* encontra-se na área do Patriarcado de Lisboa, num bairro típico e humilde da cidade.²⁶⁴

²⁶²FERNANDES, José Manuel; Igrejas do século XX, Arquiteturas na região centro de Lisboa; Caleidoscopio;2014; Lisboa; pp.19-20 / Igreja de Santo António de Moscavide; Acedido online In: https://www.snpcultura.org/nos_60_anos_da_igreja_de_santo_antonio_de_moscavide.html; Consultado Online: 10 de Março de 2020.

²⁶³FERNANDES, José Manuel; Op. Cit.; pp.19-20. / Igreja de Santo António de Moscavide; Op. Cit.

²⁶⁴Idem; pp.19-20 / Idem.

6.12.1 Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Penamacor | 01

Da autoria de Nuno Teotónio Pereira, no projeto da Igreja de Águas (1949-1957), em Penamacor, agregador da comunidade cristã, foram instituídos os conceitos modernistas de simplicidade, depuração, funcionalidade e racionalidade sem esquecer a expressão que este tipo de edifícios deve conter.²⁶⁵

Trata-se de uma obra marcante e inovadora, integrada e adaptada ao meio onde fora implantada, construída com recurso a materiais vernaculares, escolhidos de acordo com as características do local e para quem se destinava.²⁶⁶ O recurso a materiais locais aliado ao conceito de integração, constitui uma sólida manifestação da consciência moderna. Insere-se no conceito de “arquitetura moderna portuguesa”, conseguindo a ligação entre tradição e modernidade.

De planta trapezoidal, o edifício é constituído por um volume, central, correspondente ao corpo da igreja e por mais dois volumes, de cota mais reduzida, referentes as capelas laterais, sacristia e batistério.

Elemento integrante e destacante do projeto, a torre sineira encontra-se localizada mais afastada e posterior ao edifício.



Figura 88 – Planta da Igreja de Águas.

²⁶⁵AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor; Acedido online In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf; Consultado Online: 12 de Março de 2020./ FERNANDES, José Manuel; Igrejas do século XX, Arquiteturas na região centro de Lisboa; Caleidoscopio;2014; Lisboa; pp.20-21 /60 Anos da Igreja de Santo António de Moscavide; Acedido online In: https://www.snpcultura.org/nos_60_anos_da_igreja_de_santo_antonio_de_moscavide.html; Consultado Online: 10 de Março de 2020./ ALVES DA CUNHA, João. 2015. MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.105-111

²⁶⁶ A pia batismal é um exemplo dessa intenção cuja pedra que a constitui foi extraída pelo próprio arquiteto da ribeira de Alpendre. AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor; Acedido online In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf; Consultado Online: 12 de Março de 2020.



Figura 89 - Alçado principal da Igreja de Águas

A vertente expressionista encontra-se presente no seu espaço interior, mais concretamente, na sua organização em detrimento do altar, centro da celebração. A assembleia que se encontra disposta em leque, os materiais escolhidos, como o betão e o granito, a cobertura em telha e a luz e cores presentes no interior do espaço sagrado, refletem a intenção clara de renovação e aproximação da comunidade, com um diálogo agora menos conservador.²⁶⁷



Figura 90 – Interior da Igreja de Águas.

²⁶⁷AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor; Acedido online In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf; Consultado Online: 12 de Março de 2020. / ALVÉS DA CUNHA, João. 2015. MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.105-111.

Segundo Ana Tostões²⁶⁸ “A importância desta obra deve-se à primazia de dois conceitos – o de espaço interno e o de integração – que no momento de afirmação do «estilo internacional» face ao tradicionalismo dominante, quer na Igreja quer na cultura oficial, representavam uma inusitada inovação, anunciando quer a recusa do tradicionalismo, quer um retorno crítico às raízes. Quer no espaço interno, as opções pela forma de assembleia, pela luz e cor interiores, quer a integração no local, usando os materiais graníticos em diálogo com o betão, (...), tal como a posição do adro parcialmente murado, traduziam a vontade de renovar sem romper, estabelecendo uma continuidade que respeitava o carácter da aldeia.”²⁶⁹

Agregou o trabalho de diversos artistas para a conceção do seu inteiro. No batistério encontra-se além da pia batismal cuja pedra, de forma bruta e irregular, fora retirada da Ribeira de Alpreade, um painel cerâmico da autoria de António Lino, detentor de um significado profundo e de uma beleza indiscutível, fora concebido utilizando mosaico, sob num padrão geométrico, agregando-lhe elementos de forte significado: o vermelho remete para os “ santos martírios que livram do fogo do inferno”, o peixe estilizado cujo significado é Jesus Cristo, filho de Deus, o monograma XP referente as primeiras letras de Cristo em grego, a concha símbolo do batismo, as três gotas representativas da Santíssima Trindade (pai, Filho e espírito santo), a âncora simboliza a salvação da alma, e as cruzes símbolos da ressurreição de Cristo. ²⁷⁰



Figura 91 – Batistério da Igreja de Águas.

²⁶⁸Ana Tostões - É arquiteta, historiadora de arquitetura e professora catedrática no Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa onde coordena o Doutoramento em Arquitetura, é desde 2010 presidente da Docomomo International (documentação e conservação do património moderno no mundo). Acedido online In: <https://content.gulbenkian.pt/wpcontent/uploads/2019/05/16112730/BiografiaAnaTostoes.pdf>; Consultado Online: 12 de Março de 2020.

²⁶⁹AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor; Acedido online In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf; Consultado Online: 12 de Março de 2020.

²⁷⁰AA. VV; Op. Cit.

A via-sacra composta por catorze painéis trata-se de uma obra executada pelo artista António Luís do Amaral Branco de Paiva²⁷¹, sobre a mensagem e morte de Cristo.

272



Figura 92 - Via-Sacra composta por 14 painéis.

Outro elemento importante que compõe e enriquece o espaço interior da igreja de Águas e a estatuária ornamental de Euclides Vaz²⁷³, que inserida no contexto modernista demonstra simplicidade geométrica, nas suas formas e volumetria, transmitindo paz e serenidade. Igualmente importante é o crucifixo abstrato e figurativo Jorge Vieira²⁷⁴, de um dos maiores escultores da arte moderna do século XX em Portugal.²⁷⁵

²⁷¹António Luís do Amaral Branco de Paiva - (1926-1987) Escultor de Alcácer do Sal, trabalhou com nomes relevantes do panorama artístico português, como Barata Feyo, Canto da Maya, António Duarte e Almada Negreiros. Entre as obras de maior destaque estão as imagens de Vasco da Gama, em Sines; da Rainha Santa Isabel, em Estremoz; Garcia Resende, em Évora; Ricardo Jorge, junto ao instituto nacional com o mesmo nome; ou as alegorias, nos jardins do Hospital Cruz de Carvalho (Madeira); VARGAS, Cristiana; Acedido online In: <https://osaldahistoria.blogs.sapo.pt/o-escultor-alcacerense-que-homenageou-17352>; Consultado Online: 15 de Março de 2020.

²⁷²AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor; Acedido online In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf; Consultado Online: 12 de Março de 2020.

²⁷³Euclides Vaz (1916-1991) fora um escultor português, natural de Ílhavo. Pertenceu a segunda geração de artistas modernistas portugueses, tendo-se dedicado por cerca de trinta anos a lecionar escultura e medalhística. Receber inúmeras distinções e prémios, nomeadamente, a medalha da Instrução Pública (Cavaleiro) e os prémios Ruy Gameiro e Soares dos Reis. Da sua obra, realizada em diversos países como Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné, Macau e Moçambique destacam-se os monumentos a Teixeira (Guiné); Jorge Alvares (Macau); Vasco da Gama (Ilha de Moçambique); Neutel de Abreu (Nampula-Moçambique-1962), monumento a Norton de Matos (Nova Lisboa-Angola-1962), estátua a Vicente Ferreira (Angola). Euclides Vaz; Acedido online In: <http://www.lisboapatrimoniocultural.pt/artepublica/eescultura/autores/Paginas/Euclides-Vaz-1916-1991.aspx>; Consultado Online: 16 de Março de 2020.

²⁷⁴Jorge Ricardo da Conceição Vieira (1922-1998), fora um escultor e professor português. Pertence à terceira geração de artistas modernistas em Portugal. Já no final da sua carreira, a encomenda feita para a Expo'98, permitiu-lhe uma grande visibilidade e notoriedade. Consultado In: http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/69/artists;_BAIÃO, Joana; Acedido online In: 17 de Março de 2020.

²⁷⁵AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor; Consultado In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf; Consultado Online: 12 de março de 2020.



Figura 93 - Estatuária.

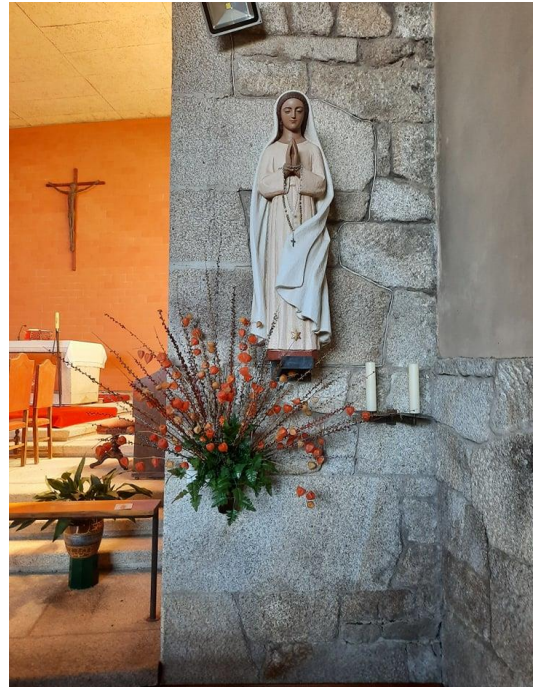


Figura 94 - Estatuária



Figura 95 – Altar da Igreja de Águas.

Nuno Teotónio Pereira mostrando-se focado e atento a realidade na qual se vivia, tentando ir de encontro as necessidades sociais, conseguiu conceber uma arquitetura mais humana, assente em valores espirituais e tradições locais.²⁷⁶

²⁷⁶AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor; Acedido online In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf; Consultado Online: 12 de Março de 2020.

6.12.2 Capela da Nossa Senhora de Fátima, Picote | 02

A necessidade dos habitantes de Picote em possuir uma igreja mais próxima, levou a construção da Capela da Nossa Senhora de Fátima. Esta obra, concebida segundo os princípios do Movimento Moderno, integra-se no meio em que fora inserida, na sua construção foram utilizados materiais “verdadeiros”, sendo composta apenas por um único volume paralelepípedo, dividido em 3 corpos, de dimensões modestas.



Figura 96 – Alçado Principal da Capela da Nossa Senhora de Fátima, Picote

Na sua conceção é perceptível a preocupação do arquiteto Manuel Almeida na sua adequação temporal, ou seja, o edifício deveria ser capaz de atender a uma comunidade grande, mas pensando que, no futuro, a mesma poderia ser reduzida. Assim sendo, a capela é constituída por 3 corpos organizados sequencialmente, partilhando a mesma cobertura, na qual se encontra uma cruz em ferro identificando a função do edifício.

O primeiro corpo corresponde ao alpendre, que tem como intenção estender a nave, de forma a albergar um maior número de fiéis. Estes dois elementos encontram-se conectados através do pavimento, de forma a reforçar ainda mais a sua ligação. Aqui encontra-se a pia batismal. ²⁷⁷

²⁷⁷ALVES DA CUNHA, João. 2015. MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.127-129.



Figura 97 - Capela de Nossa Senhora de Fátima, Picote

Em seguida segue-se o interior do espaço sagrado composto pela nave e pelo altar, elemento central e principal, posicionado com uma parede de fundo sóbria, sem ornamentação, apenas com um crucifixo, de forma a destacar este elemento dentro do espaço. No último corpo, de dois pisos, encontram-se os arrumos a sacristia, instalações sanitárias e uma sala reservada à catequese e a reuniões.²⁷⁸



Figura 98 - Interior da Capela de Nossa Senhora de Fátima, Picote. Segundo piso do último corpo.



Figura 99 - Interior da Capela de Nossa Senhora de Fátima, Picote. Segundo piso do último corpo.

²⁷⁸ALVES DA CUNHA, João. 2015. MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.127-129.

A torre sineira e um elemento livre destacado do alçado lateral, identificadora da função do edifício assim como o crucifixo colocado na cobertura.²⁷⁹



Figura 100 - Torre sineira da Capela de Nossa Senhora de Fátima, Picote.

A *Capela da Nossa Senhora de Fátima*, de Picote fora comparada a Romchamp pelo crítico de arte Costa Barreto, a qual segundo o mesmo “impressionado pela intensidade e pureza da sua mensagem evangélica, oriunda da intenção funcional e estética que presidiu à sua realização. Perante ela e dentro dela, várias vezes falavam-me ao coração a linguagem cristã do meu tempo”.²⁸⁰

²⁷⁹ALVES DA CUNHA, João. 2015. MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.127-129.

²⁸⁰ALVES DA CUNHA, João. Op. Cit.; pp.127-129.

6.12.3 Igreja de Santo António, em Moscavide | 03

Edifício inovador, a *Igreja de Santo António*, em Moscavide, rompeu com a vertente tradicionalista instituída, contrariando desta forma a produção de arquitetura religiosa, que até então vinha sendo realizada. Encomendado pelo Cardeal Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira, em 1953, aos arquitetos do MRAR, João de Almeida e António Freitas leal, trata-se de um projeto único, revolucionário e inovador, detentor de características que marcaram e influenciaram a arquitetura religiosa portuguesa do século XX. ²⁸¹

Localizada num bairro comum de Lisboa, a *Igreja de Santo António* contrasta com as igrejas existentes nas áreas nobres da cidade. De estilo moderno e funcionalista, demonstra um caráter sóbrio e humilde, onde o conceito de monumentalidade fora descartado. Respeita e agrega a tradicional composição simétrica quer na fachada quer na volumetria do edifício, inova por outro lado na conceção da torre sineira, colocada mais afastada da fachada e opõem-se a qualquer tipo de decoração de caráter figurativa ou histórica. A fachada de composição pentagonal, relaciona-se com a estrutura da cobertura de duas águas cujo revestimento é um painel sóbrio e austero, composto por azulejos policromados. O painel é da autoria do artista Manuel Cargaleiro, remetendo para os conceitos de espiritualidade e recolhimento. O restante exterior caracteriza-se pelo uso do betão a vista e de cor branca sem qualquer outro elemento decorativo. ²⁸²

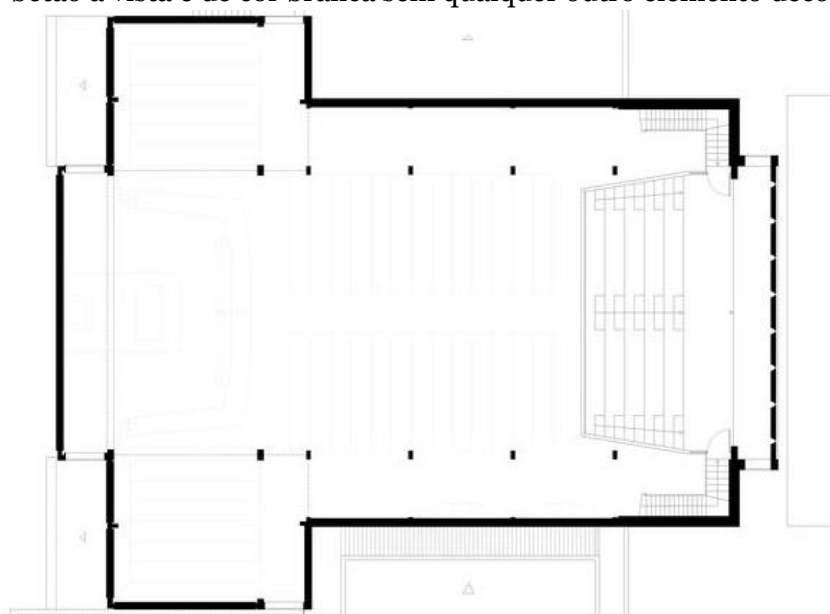


Figura 101 - Planta da Igreja de Santo António, Moscavide

²⁸¹ALVES DA CUNHA, João. 2015. MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; p.113

²⁸²ALVES DA CUNHA, João. Op. Cit.; pp.113-115.



Figura 102 – Igreja de Santo António, Moscaide

A entrada, composta por um pórtico de 3 portas (uma principal, central e duas laterais), marca a transição do espaço exterior para o espaço interior. Através de um painel posicionado na parede de fundo da tribuna, relacionado com a fachada, permite a entrada de luz natural por inúmeros orifícios, que o compõe, conferindo ao espaço sagrado um ambiente harmonioso. O batistério encontra-se à entrada, onde a pia batismal, de cor rosa, que se caracteriza pela sua simplicidade esta alinhada com a nave e o altar, marcando o início do percurso dos fiéis ate a mesa da comunhão. ²⁸³



Figura 103 - Fachada da Igreja de Santo António

²⁸³ALVES DA CUNHA, João. 2015. MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.115-116.

Esta obra foi pioneira no uso da nova conceção do espaço litúrgico, no qual o conceito de funcionalismo é base e onde, o altar, elemento central e principal dentro do mesmo, é valorizado, encontrando-se afastado da parede permitindo assim maior aproximação deste com os fiéis. A assembleia fora distribuída de modo cruciforme pela nave central e pelo transepto, este repartido em dois. Uma capela lateral de pé direito reduzido, ao lado da nave é utilizada pelos fiéis para a oração privada e para adoração ao Santíssimo Sacramento. ²⁸⁴



Figura 104 - Pia batismal.

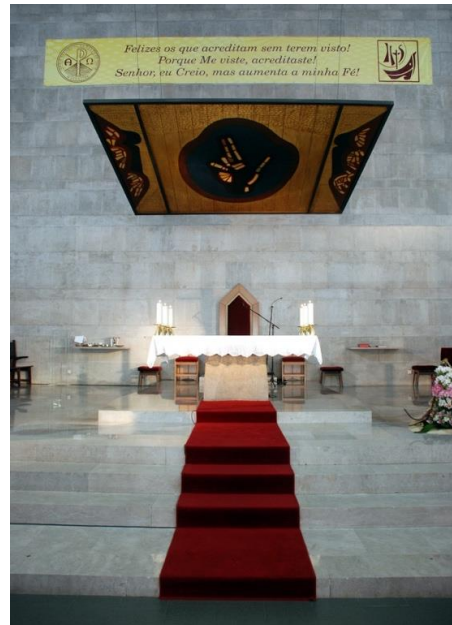


Figura 105 - Altar

Para evitar distrações e desconcentração por parte dos fiéis, a icnografia é praticamente inexistente. No presbitério, da autoria do pintor José Escala encontra-se suspenso o baldaquino,²⁸⁵de cores marcantes, contrastando com a envolvente neutra do espaço interior. Outros artistas contribuíram para este projeto, nomeadamente os escultores Lagoa Henriques²⁸⁶ autor do crucifixo em bronze do altar-mor e Hélder

Batista,²⁸⁷ que concebeu um outro crucifixo, este para a capela secundária. José Escala realiza ainda o vitral, único neste espaço. ²⁸⁸

²⁸⁴ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.116

²⁸⁵ Um baldachin, ou baldaquim (do italiano: baldacchino), é um dossel colocado sobre um altar. Consultado In: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/baldaquino>; Consultado Online: 20 de março de 2020.

²⁸⁶ (1923-2009) António Augusto Lagoa Henriques foi um escultor português. Foi dado o seu nome a uma rua de Lisboa, situada junto ao Centro de Arqueologia de Lisboa e à Avenida da Índia, na freguesia de Belém. Ao auditório da Faculdade de Belas Artes de Lisboa também foi dado o seu nome. Consultado In: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20%20olagao%20henriques; Consultado Online: 25 de Março de 2020.

²⁸⁷(1932-2015) Hélder Ernesto Coelho Baptista foi um escultor e professor português. Pertence a terceira geração de artistas modernistas portugueses. Dedicou-se a escultura e medalhística. Conta na sua obra com o Relevô em pedra, Escola Primária de Benfica, Lisboa (1968), a Estátua de Vasco da Gama, Vidigueira (1969), a Escultura em betão policromado, L.N.E.C. Lisboa (1970), a Escultura em pedra, Hospital do Funchal, Madeira (1973), entre outros. Consultado In: http://www.escultor.com.pt/helderbaptista/cv_helderbatista.pdf; Consultado Online: 26 de março de 2020.

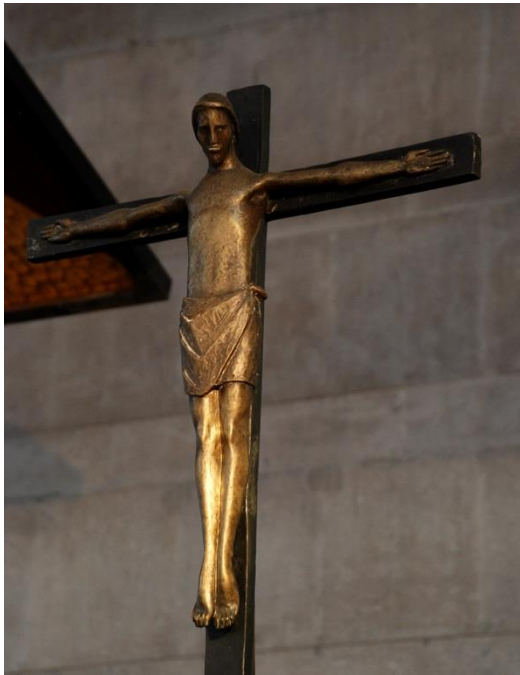


Figura 106 - Crucifixo de bronze.



Figura 107 - Estatuária



Figura 108 – Baldaquino.

A Igreja de Santo António representa a intenção de voltar a unir a arquitetura religiosa com a verdadeira tradição que tinha vindo a ser descaracterizada. Fora inovadora e renovadora da arquitetura, arte e liturgia, premissas implementadas e concretizadas com a realização do Concílio Vaticano II.²⁸⁹

²⁸⁸ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.117-119

²⁸⁹ALVES DA CUNHA, João. 2015; Op. Cit.; pp.117-119.

6.13 Década de 60: Consolidação da nova arquitetura religiosa moderna em Portugal

No início dos anos 60, a produção artística progrediu no sentido de implementação do modernismo, num contexto em que as novas formas e espaços arquitetónicos se afirmavam cada vez mais, consequentes da reforma litúrgica. Apesar de esta progressão ter sido diversas vezes travada por inúmeros fatores, nomeadamente económicos, atrasando e prejudicando futuramente o caminho da modernização na arte (muitas obras demoraram mais de uma década a serem concluídas e inauguradas), os anos 60 representaram a época de efetiva consagração da arquitetura religiosa moderna em Portugal. Os novos edifícios espelhavam a procura pela expressão da modernidade, através dos materiais e técnicas utilizadas na sua construção, na espiritualidade instituída e na intenção e articulação com o meio em que se inserem. Uma dessas obras, marcante deste período e de toda a arquitetura religiosa produzida em Portugal é a *Igreja do Sagrado Coração de Jesus*, em Lisboa.²⁹⁰

Numa época de mudança, sedenta de modernização e renovação da arquitetura religiosa, pretendia-se alcançar a pureza original da Igreja. Para tal, era necessário recorrer a materiais verdadeiros, mais austeros, a uma simplicidade e rigor formal assim como ao renúncio de elementos decorativos.²⁹¹

Com o avançar da década de 60, até ao início da década de 70, foi difundida a nova arquitetura religiosa por todo o país, dando origem a uma diversidade de formas, conceções e organizações espaciais convergentes com a ampla linguagem da arquitetura moderna. Apesar da diversidade referida, os novos edifícios religiosos apresentam características em comum, nomeadamente a sua materialidade (o uso do betão à vista como forma de integrar o conceito da verdade dos materiais).

Com a pretensão de refletir o novo espaço religioso surgiram diversas tipologias de igrejas. Foram explorados e implementados novos tipos e formas de organização do espaço sagrado, nomeadamente a planta de cariz poligonal-orgânico. Semelhante aos anfiteatros romanos este tipo de espaço organiza-se e distribui-se em vários níveis, tendo como base malhas geométricas complexas que dão origem a inúmeros planos verticais que formam entre si ângulos de 135°, 90° e 45°, conferindo-lhe um forte sentido escultural. A *Igreja da Sagrada Família*, em Paço D'Arcos da autoria do arquiteto João de Almeida é um exemplo da utilização da planta poligonal-orgânica. A *Igreja de Santo António dos Cavaleiros*, em Loures apresenta outra conceção, a malha

²⁹⁰FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; pp.369-371.

²⁹¹ FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Op. Cit.*; pp.371-374.

ortogonal, originadora de volumes paralelepípedicos, mais formal e rígida, conferindo aos edifícios uma imagem mais sóbria e austera.²⁹²



Figura 109 - Igreja da Sagrada Família de Paço D'Arcos



Figura 110 - Interior da Igreja da Sagrada Família de Paço D'Arcos

²⁹² FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; pp.379-381/ ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.124-125.

6.14 20 anos de diversidade e contradição: 1970-1990

Verificou-se ao longo dos anos, entre 1970 e 1990, uma diversidade de soluções na linguagem da arquitetura religiosa portuguesa, resultado das inúmeras interpretações possíveis dos documentos conciliares, nomeadamente revivalistas e com ideais pós-conciliares. Neste período assistiu-se á “crise de crença” por todo o mundo, aquando dos valores da arquitetura modernista e pós-modernista, esta última defensora do regresso ao passado, detentora de uma perspetiva assente nas culturas locais, na história e nas conceções tradicionalistas, ou seja, conceitos que nos anos anteriores tinham sido alvo de contestação e rutura. As igrejas retornaram, assim, a uma linguagem arquitetónica eclética e historicista, onde a verticalidade era assumida não só no próprio edifício, mas nas torres sineiras como forma de afirmação nos meios urbanos, na linha do horizonte das cidades. Desta nova vertente arquitetónica e exemplo a *Igreja do Cristo Rei da Portela*, em Sacavém²⁹³, que com recurso a formas estranhas e inesperadas pretende se destacar afincadamente da sua envolvente.²⁹⁴

Em Portugal vivia-se uma dualidade, por um lado os novos edifícios espelhavam as conceções e ideias do pós-modernismo, por outro persistiam as construções de cariz moderno, assentes na mudança e renovação da arte e da fé. Assim sendo, a produção arquitetónica religiosa, além da visível diversidade era também contraditória, na sua forma de expressão e nas questões formais e espaciais.²⁹⁵ No contexto pós-moderno destaca-se a igreja da Boidobra do arquiteto Teotónio Pereira, (1980) “um espaço polivalente com os elementos litúrgicos móveis, de modo a poder servir simultaneamente funções sagradas e profanas” de cariz revivalista e ligada ás questões litúrgicas.²⁹⁶

No caminho da renovação, no contexto modernista, encontram-se construções abstratas e geométricas, com uma volumetria regular, simples e depurada, como a *Igreja de Nossa Senhora de Outeiro*, Beja, do arquiteto Vítor Figueiredo²⁹⁷, inaugurada

²⁹³Igreja do Cristo Rei da Portela em Sacavém - Obra do arquiteto Luiz da Cunha, inaugurada em 1992. Consultado In: FERNANDES, José Manuel; Igrejas do século XX, Arquiteturas na região centro de Lisboa; Caleidoscopio;2014; Lisboa; p.35 / Acedido online In https://www.snpcultura.org/nos_60_anos_da_igreja_de_santo_antonio_de_moscavide.html; Consultado Online: 10 de Março de 2020.

²⁹⁴FERNANDES, José Manuel; Igrejas do século XX, Arquiteturas na região centro de Lisboa; Caleidoscopio;2014; Lisboa; pp.35-36 / Acedido online In: https://www.snpcultura.org/nos_60_anos_da_igreja_de_santo_antonio_de_moscavide.html; Consultado online: 10 de março de 2020.

²⁹⁵FERNANDES, José Manuel; Op. Cit.; p.36 / 60 Anos da Igreja de Santo António de Moscavide; Op. Cit.

²⁹⁶Idem; pp.36-37 / Idem.

²⁹⁷Vitor Figueiredo (1929-2004) fora um arquitecto português. É autor de inumeros projectos de grande importância na arquitectura portuguesa, baseados na ética social e cultural. O seu atelier, notável na formação de novas gerações de arquitectos, recebeu o premio Secil pelo projecto da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. Acedido online In: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20v%c3%adtor%20figueiredo; Consultado Online: 4 de Abril de 2020.

em 1990 e a Igreja dos Olivais, projeto da autoria de Nuno Teotónio Pereira (1980), na qual se verifica o uso do betão a vista e a ausência do conceito de monumentalidade.²⁹⁸



Figura 111 - Igreja de Boidobra, Covilhã



Figura 112 - Igreja de Boidobra, Covilhã



Figura 113 - Igreja de Boidobra, Covilhã



Figura 114 - Igreja de Boidobra, Covilhã

²⁹⁸FERNANDES, José Manuel; Igrejas do século XX, Arquiteturas na região centro de Lisboa; Caleidoscopio;2014; Lisboa; p.37 /Acedido online In: https://www.snpcultura.org/nos_60_anos_da_igreja_de_santo_antonio_de_moscavide.html; Consultado Online: 10 de Março de 2020.

6.14 Arquitetura religiosa Minimalista: De 1990 à atualidade

Paralelamente à arquitetura espetáculo, vivida no resto da Europa, surge em Portugal, na década de noventa, na arquitetura religiosa, a corrente estilística do minimalismo, com princípios de simplicidade, purismo e depuração ornamental, caracterizada pelos volumes paralelepípedicos e pelas paredes brancas, lisas e sem decoração. A *Igreja de Santa Clara* e a *Igreja de Vicente de Paulo* ambas em Lisboa, são exemplos da expressão minimalista.²⁹⁹



Figura 115 - Igreja São Vicente de Paulo, Lisboa

A sua consolidação e difusão coube em grande parte a Álvaro Siza Vieira, segundo Gonçalo Byrne fora com ele que “se restabelece a arquitetura como atividade eminentemente artística, poética e interrogativa, tão íntima como um caderno, tão universal como as relações que constrói. Este subjetivismo compositivo contraposto à complexidade do real construído nunca se tinha colocado com esta clareza em arquitetura.” Com os ideais e questões pós-conciliares, em contexto secundário e o trabalho do MRAR cessado a vários anos, Siza Vieira pôde pensar e refletir sobre a conceção do

²⁹⁹ FERNANDES, José Manuel; Igrejas do século XX, Arquiteturas na região centro de Lisboa; Caleidoscopio;2014; Lisboa; p.37

espaço sagrado de forma livre e autêntica. É neste contexto que é concebida a *Igreja de Santa Maria*, em Marco de Canavezes, uma obra marcante e de grande importância, de forte cariz simbólico. Construída nos moldes do minimalismo, deu início a uma era que perdura até a atualidade, influenciando inúmeros edifícios religiosos não só em Portugal, como por todo o mundo, edifícios esses onde a arquitetura religiosa e reinterpretada, articulando-se com a contemporaneidade, estabelecendo uma relação e interligação entre a história da arquitetura e uma nova liturgia.³⁰⁰

A arquitetura tem sido ao longo dos séculos, um veículo de evolução da arte, tendo ainda hoje a intenção de fazer sentir emoções. Desta forma, os últimos anos caracterizam-se pelo forte carácter de diversidade na conceção de edifícios religiosos e dentro desta diversidade encontram-se obras de cariz revivalista, pós-modernista e minimalista sendo esta última a tendência assumida pelos arquitetos contemporâneos que pretendiam uma reinterpretação da arquitetura religiosa, conectando-a com os novos materiais (contemporâneos). Neste contexto, surgem obras como a *Igreja da Santíssima Trindade, Santuário de Fátima* (2008), do arquiteto Alexandros Tombazis³⁰¹, a *Igreja de Santo António* (2008), no bairro dos Assentos, Portalegre, projeto do arquiteto João Luís Carrilho da Graça³⁰², e a *Igreja da Boa Nova* (2009), no Estoril, da arquiteta Roseta Vaz Monteiro³⁰³

³⁰⁰FERNANDES, José Manuel; Igrejas do século XX, Arquiteturas na região centro de Lisboa; Caleidoscopio;2014; Lisboa; p.37 / Acedido online In: https://www.snpcultura.org/nos_60_anos_da_igreja_de_santo_antonio_de_moscavide.html; Consultado online: 10 de março de 2020 / Acedido online In: https://www.snpcultura.org/arquitetura_religiosa_em_portugal_seculos_20_e_21.html; Consultado Online: 1 de Abril de 2020.

³⁰¹Alexandros Tombazis (1939-...) é um dos arquitetos gregos mais relevantes atualmente. Ao longo da sua carreira venceu inúmeros prémios, concursos e distinções, nomeadamente, a atribuição do Doutoramento Honoris-causa pela Universidade de Tessalonica; Conta com mais de trezentas obras projetadas e construídas. Consultado In: <https://agencia.ecclesia.pt/portal/alexandros-tombazis/>; Consultado Online: 15 de Abril de 2020.

³⁰²João Luís Carrilho da Graça (1952-...) é um dos arquitetos mais relevantes da arquitetura portuguesa. Formou-se na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa em 1977, tendo desde então dirigido o seu atelier. É Professor convidado no Departamento de Arquitetura da Universidade Autónoma de Lisboa desde 2001 e no Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora desde 2005. Ao longo da sua carreira recebeu inúmeras nomeações e prémios, nomeadamente, (1994) Prémio Secil e nomeado para o Prémio Mies van der Rohe pelo edifício da Escola Superior de Comunicação Social em Lisboa, (2007) Prémio Valmor, menção honrosa pelo edifício de habitação na Rua do Quelhas, Lisboa, (2015) nomeado para o Prémio Mies van der Rohe pelo Data Center da Altice Portugal, Covilhã, (2017) Prémio CICA de Arquitetura Internacional e Prémio Valmor pelo Terminal de Cruzeiros de Lisboa. Acedido online In: <https://espacodearquitetura.com/empresas/jlccg-arquitetos/>; Consultado Online: 15 de Abril de 2020.

³⁰³Roseta Vaz Monteiro Arquiteta portuguesa, formou-se em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa em 1996 onde é hoje Professora Auxiliar do departamento de Projeto. Fundou juntamente com Francisco Vaz Monteiro a empresa Roseta Vaz Monteiro Arquitetos, na qual desenvolveu inúmeros projetos nomeadamente a Igreja da Boa Nova. Obteve o doutoramento no Royal College of Art, em Londres onde residiu entre 2006 e 2008. Pertence à Ordem dos Arquitetos em Portugal desde 1996. Acedido online In: <http://www.rosetavazmonteiro.com/>, Consultado Online: 16 de Abril de 2020.



Figura 116 – Igreja da Santíssima Trindade, Santuário de Fátima.



Figura 117 - Igreja de Santo António, no bairro dos Assentos, Portalegre



Figura 118 - Igreja de Santo António, no bairro dos Assentos, Portalegre



Figura 119 - Igreja da Boa Nova, no Estoril.

Capítulo 7

7. Caracterização e Análise dos casos de estudo

Para o presente estudo, foram selecionadas 6 obras de arquitetura religiosa contemporânea projetadas e construídas em Portugal entre 1970 e 2011. A escolha das mesmas, além da convicção relativa sua à qualidade arquitetónica, tem por objetivo estudar e analisar, num período de 4 décadas, pós-conciliares, as suas características e conceção e conseqüentemente a evolução da arquitetura religiosa no período mencionado, em Portugal. Para cada obra será realizada um texto introdutório e de contextualização seguido da análise da mesma.

7.1 | Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa

Introdução à obra

A Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, integrante de um complexo paroquial é considerada a obra mais importante e marcante do MRAR, sendo referência na arquitetura religiosa portuguesa, surgiu no seguimento de inúmeras influências e experiências arquitetónicas, nomeadamente da *Igreja da Nossa Senhora de Fátima*, também construída na cidade de Lisboa, a primeira a contrapor e a romper com os modelos tradicionais. O projeto ficou a cargo dos arquitetos Nuno Teotónio Pereira e Nunos Portas e segundo o boletim do MRAR (1957, nº3, p.2), era pretensão dos mesmos, que esta igreja fosse a “maior e a mais completa das paróquias ultimamente construídas em Lisboa”.³⁰⁴

Com a construção e localização deste projeto, era pretendido que a mesma pudesse servir e atender as necessidades dos fiéis locais, assim como de turistas e de pessoas vindas de outras localidades, ou seja era necessário colmatar a falta de população evidente que se vivia na cidade de Lisboa, na época, como tal, tornou-se um objetivo conseguir que a mesma fosse capaz de receber outro tipo de fiéis, vindos temporariamente.³⁰⁵

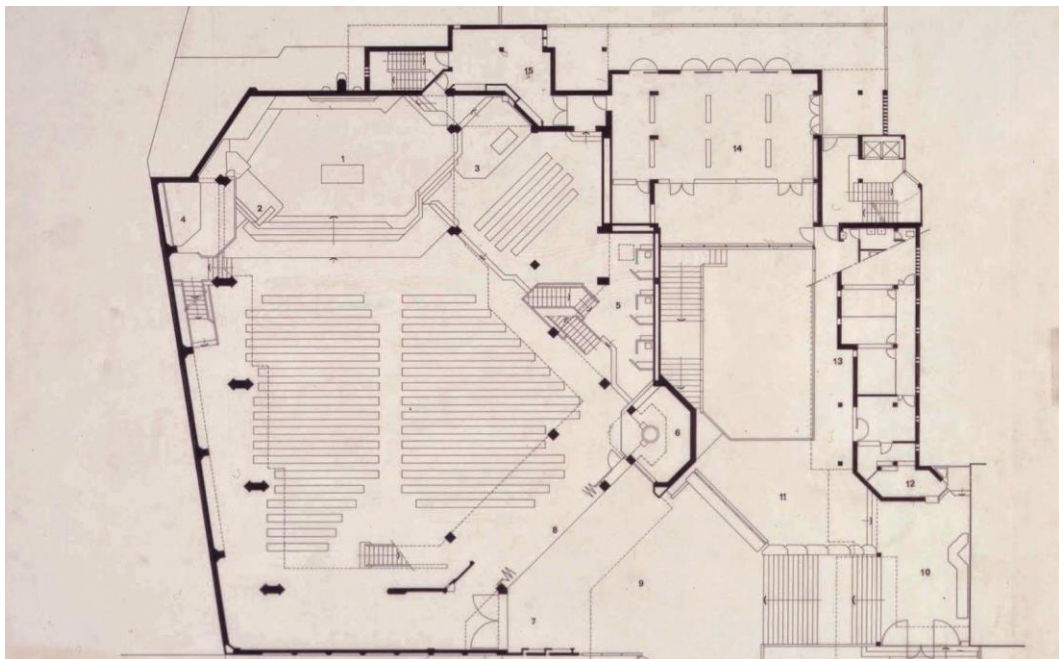


Figura 120 - Planta Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa.

³⁰⁴FILIPE, Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; pp.369-371.

³⁰⁵FILIPE, Fátima Alexandra Barreto; Op. Cit.; p.373.

Análise da obra

Inserida no meio urbano, na ligação entre duas ruas, a igreja procura relacionar-se com o ambiente que a rodeia, edifícios com múltiplos andares e dispostos em diferentes cotas, através da criação de percursos e espaços públicos no seu interior, como escadas e pátios, permitindo assim uma articulação próxima com a cidade e a comunidade. A conexão entre as áreas de circulação, a malha urbana e o próprio edifício, foram as principais preocupações dos arquitetos do projeto, Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira³⁰⁶. A Igreja encontra-se implantada obliquamente à rua vizinha tendo por base a malha, simétrica, de composição a 45º muito utilizada por outros arquitetos influenciados pela obra do também arquiteto *Frank Lloyd Wright*. Destaca-se dos restantes elementos que integram o complexo, intencionalmente de forma a valorizar e enaltecer o seu valor sacro e simbólico. Devido às dimensões reduzidas do lote, a sua integração e continuidade da malha urbana fora uma problemática resolvida pelos arquitetos que executaram o projeto.³⁰⁷



Figura 121 - Exterior - Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa.



Figura 122 - Exterior - Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa.

³⁰⁶A Igreja do Sagrado Coração de Lisboa teve por base o projeto vencedor de um concurso de arquitetura realizado em 1962. O projeto fora desenvolvido entre 1962 e 1968 e inaugurado em 1976. Teve importantes participações, nomeadamente dos arquitetos Luís Almeida Moreira, Vítor Figueiredo e Vasco Lobo, entre outros. FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; pp.369-371

³⁰⁷Nasceu a 8 de junho de 1867 nos E.U.A. Foi arquiteto, escritor e professor, um dos maiores influenciadores da arquitetura moderna pelas suas ideias e obras e considerado um dos arquitetos mais importantes do século XX.

Por consequência desta estratégia de implantação, resulta um adro triangular, mais elevado em relação a cota da rua, o que possibilita que os fiéis usufruam de um espaço de encontro e de recolhimento. O mesmo, liga e dá acesso, simultaneamente, ao interior da igreja e ao exterior, apesar de não permitir conexão direta entre os mesmos, devidas às dimensões reduzidas do lote. Este fator também fora determinante na conceção do corpo da igreja, no qual, os arquitetos recorreram ao conceito de verticalidade de forma a otimizar o espaço físico de implantação, onde os diversos espaços que o compõe foram organizados em diferentes pisos.³⁰⁸

A igreja, de planta poligonal-orgânica, destaca-se no contexto urbano através da sua volumetria e altimetria. O interior da igreja caracteriza-se pela sua conceção livre e austera e pela sobriedade alcançada através do betão descoberto e da depuração ornamental. Encontra-se organizado segundo dois eixos principais, longitudinal e transversal, onde, nos quais, se encontram definidas duas zonas correspondentes ao santuário, para onde todo o espaço é orientado e o batistério. Deste modo é constituída uma hierarquização das diferentes áreas que compõem o espaço sagrado, que se encontra no primeiro piso. Os outros dois pisos que integram o volume da igreja, inferiores a assembleia, contem a cripta, o cartório, o salão paroquial e a capela mortuária.³⁰⁹



Figura 123 - Interior – Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa.

³⁰⁸FILIPE, Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; p.376

³⁰⁹FILIPE, Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; pp.376-377

A assembleia encontra-se disposta em forma de cruz, com bancos colocados em frente ao altar e distribuídos pela tribuna, de forma orgânica. No presbitério encontra-se o sacrário, afastado do eixo central e a pia batismal colocada num espaço separado. O altar-mor é o ponto central, onde a nave, galerias, balcões e cripta convergem.³¹⁰



Figura 124 - Interior – Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa.

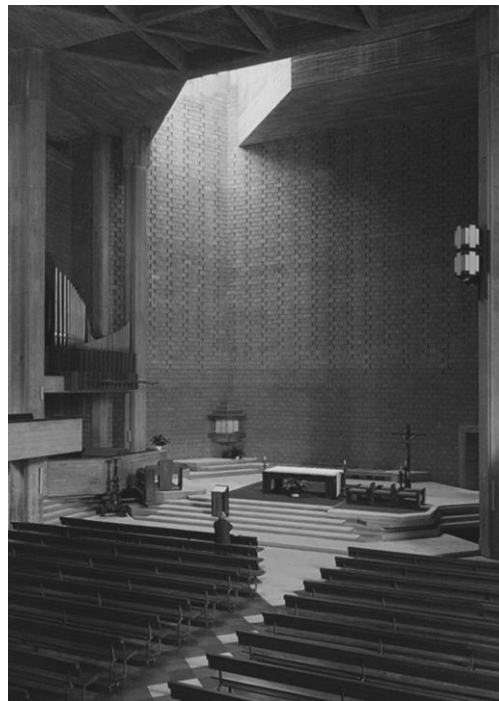


Figura 125 - Interior – Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa.

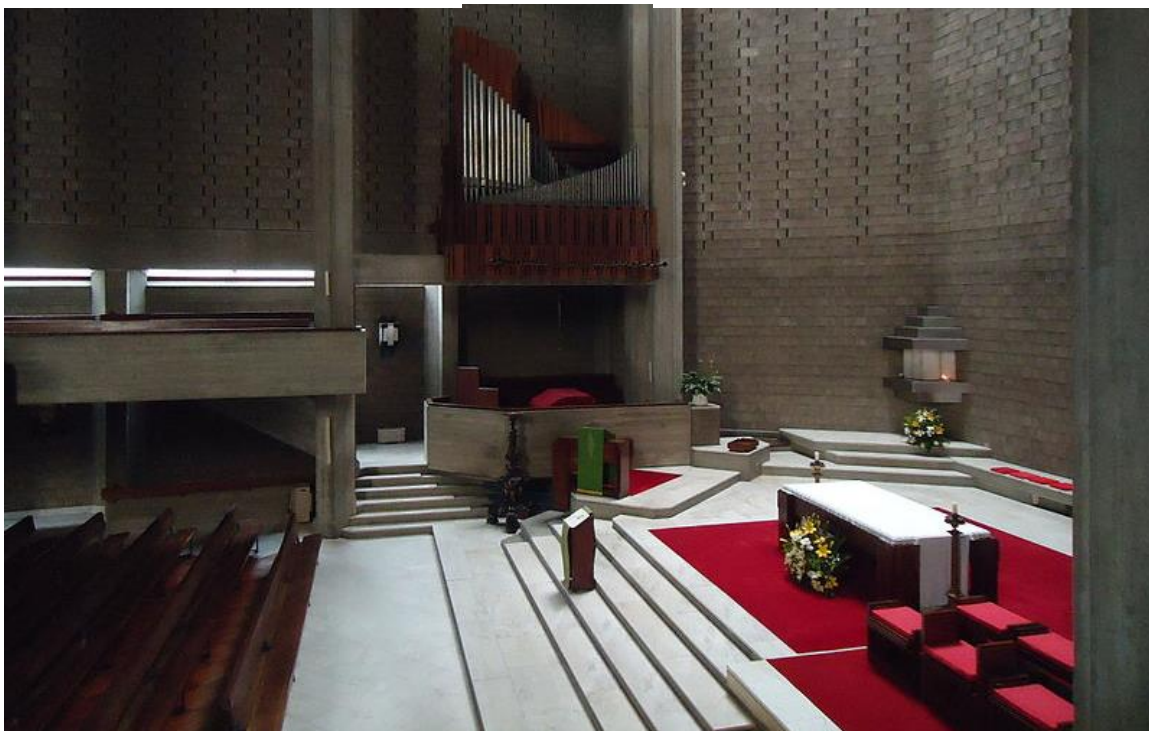


Figura 126 - Interior – Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa.

³¹⁰FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; pp.375-378/ ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.122-123

A entrada de luz de forma zenital é projetada diretamente sobre o altar e a sua envolvente, por meio de um lanternim.³¹¹ A introdução o elemento luz, deste modo, dentro do espaço interior da igreja agrega ao mesmo um cariz místico e fortalece a ligação entre o Homem e o Divino. É ainda utilizada para realçar e destacar elementos relevantes dentro do espaço, como a entrada, o batistério e o presbitério. O pé-direito elevado também atribuí ao espaço litúrgico um carácter espiritual e sagrado, o qual se caracteriza pela sua grandeza e conceção unitária. É dinâmico pois os diversos espaços que constituem o espaço interior articulam-se e distribuem-se por vários níveis.³¹²

Na sua conceção e construção, foram utilizadas técnicas construtivas novas, demonstração de uma arquitetura moderna mais inovadora e evolutiva, assente na simplicidade e verdade construtivas, onde o conceito de monumentalidade encontra-se presente não através da ornamentação, mas através os volumes proporcionais, da utilização da luz zenital e da dimensão grandiosa do interior do corpo da igreja.³¹³

Com esta obra, fora conseguido, pela primeira vez, dar resposta às diretrizes e orientações relativas a arquitetura religiosa instituídas pelo Concílio Vaticano II nomeadamente através do altar, no qual fora estabelecida uma ligação maior com os fieis e dos mesmos com a celebração litúrgica, assim como na disposição dos balcões com o objetivo de consolidar e enfatizar a presença da comunidade no espaço sagrado e através da assembleia, assimétrica, concebida segundo a planta central em cruz em vez da tradicional opção longitudinal, o que permite que a mesma tenha um carácter ativo.³¹⁴

Nesta obra, o abandono das conceções tradicionais e evidente, díspar das igrejas historicistas, demonstrando toda a essência e princípios defendidos pelo MRAR, na procura de uma arquitetura religiosa moderna e renovada.³¹⁵

A Igreja do sagrado coração de Jesus e um marco na arquitetura moderna em Portugal. De qualidade ímpar, assinala o momento de abertura da igreja a renovação e modernização da arquitetura religiosa, no qual os arquitetos tiveram a possibilidade de conceber projetos segundo as novas orientações e diretrizes litúrgicas, agregando-lhe valor comunitário e social.³¹⁶

³¹¹Lanternim - Pequeno telhado sobreposto às cumeeiras, propiciando ventilação. São aberturas, dispostas na cobertura de edificações, para propiciarem ventilação e iluminação naturais dos ambientes. Acedido In: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/lanternim>; Consultado Online: 27 de Março de 2020.

³¹²FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; pp.380-381/ ALVES DA CUNHA, João. 2015. *MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX*. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa; pp.120-121

³¹³FILIPE, Fátima Alexandra Barreto; Op. Cit.; pp.379-381.

³¹⁴Idem; p.380.

³¹⁵Ibidem; p.380.

³¹⁶Ibidem; pp.122-123.

7.2 | Igreja Matriz Paroquial da Portela

Introdução a obra

Coube ao arquiteto Luiz Cunha a execução do projeto da Igreja Matriz Paroquial da Portela, encomendado, em 1981, pela fábrica da igreja do Vicariato de Cristo-Rei da Portela de Sacavém.³¹⁷

O arquiteto procurou implementar conceitos da cultura ocidental, como a axialidade e simetria, sendo que a mesma conta na sua conceção com inúmeras influências, nomeadamente do românico, presente na imagem de solidez e imponência do conjunto arquitetónico, bizantino, visível na cobertura semelhante a uma cúpula (enriquecida com pinturas douradas) e barroca, implícita no jogo de luz e sombra concebido no interior do espaço sagrado.³¹⁸

A implementação de ornamentação, devido às influências referidas, é evidente, contrapondo, assim, os princípios da arquitetura religiosa moderna, como a simplicidade e veracidade.³¹⁹



Figura 127 - Igreja Matriz Paroquial da Portela.

³¹⁷FERNANDES, José Manuel; Igrejas do século XX, Arquiteturas na região centro de Lisboa; Caleidoscopio;2014; Lisboa; p.57 / FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; pp.393-394.

³¹⁸FERNANDES, José Manuel; Op. Cit.; p.57 / FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; Op. Cit.; pp.393-394.

³¹⁹Idem; p.57 / Idem; pp.393-394.

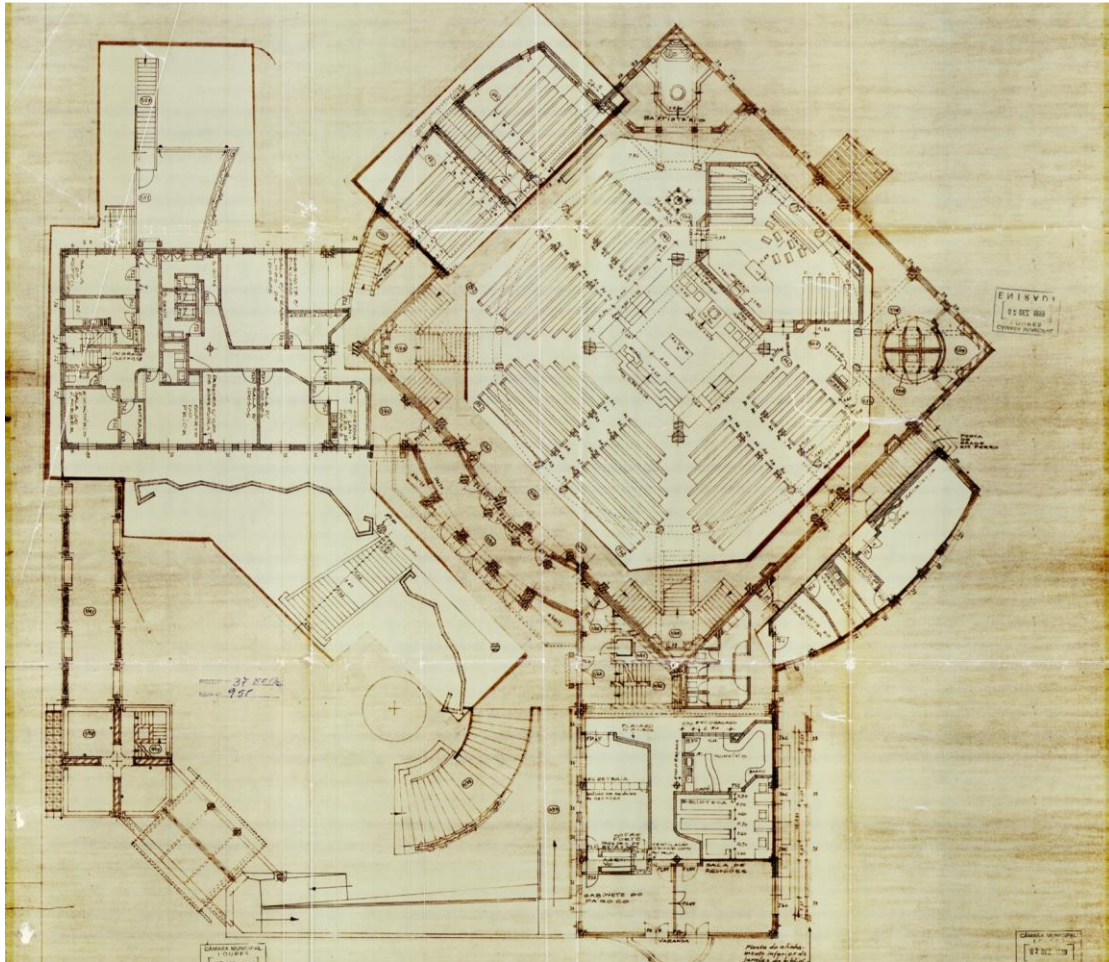


Figura 128 - Planta – Igreja Matriz Paroquial da Portela.

Análise da obra

A igreja faz parte de um conjunto caracterizado pelas diversas e distintas formas e volumetrias, conectadas entre si, num espaço exterior capaz de se relacionar com a envolvente e a população. ³²⁰

O arquiteto teve como preocupação a sua implantação, um local urbano de cariz moderno. O terreno onde se localiza, tem cerca de 4800m² e encontra-se numa zona periférica à cidade de Lisboa, que se caracteriza pelos edifícios multifamiliares de conceção idêntica e repetitiva destacando-se e enriquecendo a área em que se insere em termos formais e espaciais, valorizando-a urbana e arquitetonicamente. Em termos conceptuais, estão presentes os princípios modernistas, nomeadamente na escolha dos materiais e nas questões espirituais da época, de modo a responder às carências existentes. O betão armado, á vista e o tijolo foram os materiais escolhidos para a estrutura do edifício, sendo que o tom avermelhado do mesmo é conferido

³²⁰FERNANDES, José Manuel; Igrejas do século XX, Arquiteturas na região centro de Lisboa; Caleidoscopio;2014; Lisboa; p.57 / FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; pp.393-394.

precisamente pela escolha do tijolo. A cobertura é de grande expressão formal, tendo sido concebida em betão descobrado e em tijolo de dois tons.³²¹



Figura 129 - Igreja Matriz Paroquial da Portela.

No seu interior também é notório, em algumas paredes, o recurso ao mesmo material presente no exterior e para diferenciar e destacar algumas zonas foram utilizados diferentes tipos de pavimento, nomeadamente a tijoleira para áreas de circulação, o mosaico de porcelana para zonas sujeitas a água, placas de cortiça utilizadas na assembleia (lugares sentados) e o calcário de Travertino para áreas nobres como o presbitério.

O edifício da igreja pertence a um conjunto arquitetónico composto por um volume central e principal, de planta axial, que com as ruas principais, a Av. dos Descobrimentos e Rua do Brasil, as suas laterais fazem ângulos de quarenta e cinco graus e por mais dois volumes, de planta retangular, conectados entre si e ao volume principal. Também integrante deste conjunto encontra-se a marcar o momento de entrada a torre sineira, de carácter vertical, na interseção das duas ruas existentes.³²²

O volume principal encontra-se semienterrado e é constituído por três pisos. O primeiro, a um metro e meio de profundidade, contém uma sala polivalente com

³²¹FERNANDES, José Manuel; Igrejas do século XX, Arquiteturas na região centro de Lisboa; Caleidoscopio;2014; Lisboa; p.57 / FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; pp.393-394.

³²²FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; Op. Cit.; pp.394-395.

capacidade para trezentos e trinta e quatro pessoas, o vestíbulo geral, um bar, camarins e sala de ensaios. A igreja encontra-se localizada no segundo piso, a três metros de altura da cota do terreno, sendo o seu acesso feito com recurso a duas escadarias e a uma rampa, exteriores. O espaço central da mesma caracteriza-se pela sua expressividade e coesão, muito pela forma como fora concebida a nave, de planta centralizada.³²³

No interior do espaço sagrado encontra-se o altar sendo à volta deste que, posicionado ao centro da planta, no eixo da entrada, o mesmo se organiza, desta forma e conseguida uma maior ligação e relação com os fiéis. Pode detrás do altar encontra-se o Sacrário e a capela do Santíssimo Sacramento, capaz de receber noventa pessoas e um degrau abaixo e no seu prolongamento, encontra-se a pia batismal. Sobre o mesmo encontra-se um baldaquino composto por um conjunto de painéis representativos de elementos bíblicos. A assembleia é distribuída por três núcleos com quinhentas e nove lugares sentados. A sua planta circular e centralizada permite total e clara visibilidade para o altar.³²⁴



Figura 130 – Interior - Igreja Matriz, Paroquial da Portela.

³²³FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; pp.394-395.

³²⁴ FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Op. Cit.*; p.395.

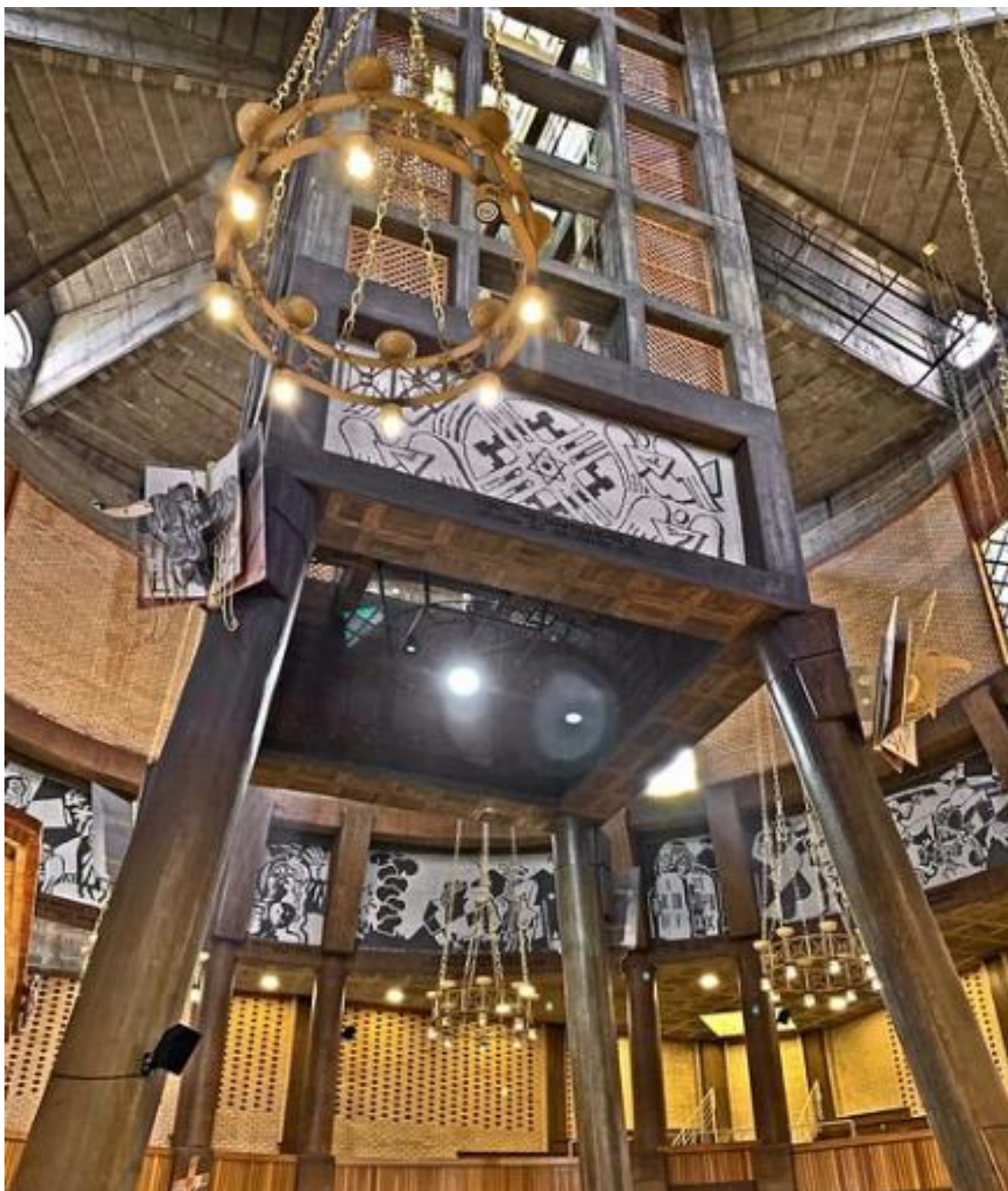


Figura 131 – Baldaquino - Igreja Matriz Paroquial da Portela.

A cobertura e o tambor possuem diversas aberturas as quais permitem a entrada de luz, de forma zenital, difusa, no interior do espaço sagrado. A iluminação é feita, portanto, pelos elementos mais elevados que compõem o corpo da igreja sendo realçados e complementados com a colocação de alguns focos. Este elemento é de evidente importância neste espaço religioso.³²⁵

A igreja Matriz paroquial da Portela teve a contribuição de diversos artistas como *Emilia Nadal*, pintora, autora do painel colocado no batistério, *José Fontes*, são da sua

³²⁵FILIPPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; p.395.

autoria as esculturas dos santos e inclusive o próprio arquiteto são suas as peças de tapeçaria do presbitério e da via-sacra. A partir do altar ou através da capela lateral é possível alcançar o sacrário. Ao último piso corresponde as galerias, dotadas de balcões com capacidade para duzentas pessoas.³²⁶

Os dois volumes laterais são constituídos pelos seguintes espaços: três capelas mortuárias, sacristia, cartório, zonas de apoio à igreja, administração, gabinetes, secretaria, sala de reuniões, biblioteca, salas de catequese e de reuniões para os organismos religiosos, espaços para escuteiros, casa do guarda, centro de dia para a terceira idade, residência do sacerdote e Instalações para comunidade de religiosas.³²⁷

Durante o processo de construção, que levou alguns anos, fora necessário proceder a inúmeras alterações, mais precisamente no interior do espaço sagrado. Os bancos colocados de forma permanente na sala polivalente foram retirados tornando, desta forma, o espaço mais livre e versátil, o batistério passou a estar no vértice norte da planta de modo a que o mesmo seja completamente visível por toda a assembleia (anteriormente por se encontra muito perto do altar, tal não era conseguido), os bancos da assembleia foram reorganizados, passaram a estar colocados paralelamente ao altar e os pilares próximos do centro do espaço sagrado foram modificados devido às alterações efetuadas no lanternim central. As alterações referidas foram as mais significativas.³²⁸

A Igreja Matriz Paroquial da Portela é uma das mais importantes obras do pós-modernismo em Portugal, repleta de ecletismos e influências é considerada a obra de *Luíz Cunha* mais representativa e qualificada desta época. Segundo o mesmo “a oportunidade de conceber uma igreja é a oportunidade de trabalhar com uma comunidade”, ou seja, esta obra não é somente um conjunto religioso, é de cariz social, cultural e comunitário.³²⁹

³²⁶FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; pp.396-397.

³²⁷FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Op. Cit.*; pp.397-398.

³²⁸Idem; p.399.

³²⁹Ibidem; pp.399-400.

7.3 | Igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes

Introdução a obra

A Igreja de Santa Maria (1990-1996), de Álvaro Siza Vieira, encomendada pelo Pároco da Freguesia de Fornos, Nuno Higinio, fora controversa desde o início da sua construção, por muitos considerarem não ir de encontro às conceções de tipologia clássica, nomeadamente na sua implantação e forma, contudo é uma obra que segue e espelha os ideais e diretrizes do Concílio Vaticano II, “ A Igreja nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários ritos, criando deste modo no decorrer dos séculos um tesouro artístico que deve ser conservado cuidadosamente. Seja também cultivada livremente na Igreja a arte do nosso tempo, a arte de todos os povos e religiões, desde que sirva com devida reverência e a devida honra às exigências dos edifícios e ritos sagrados.” (Vaticano 1987 p 39).³³⁰



Figura 132 – Igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes.

Análise da obra

O projeto apresenta características de cariz moderno, nomeadamente a geometria paralelepípedica e a volumetria purista, na qual, os vãos se encontram posicionados de forma a responder às necessidades do espaço interior. Contudo e contrariando as conceções acerca do projeto, estão presentes igualmente elementos de uma arquitetura tradicional, como refere o arquiteto “(...) não obstante as necessárias

³³⁰TEIXEIRA, Luís Filipe Figueiredo; *Arquitetura e Liturgia Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses*, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciência e Tecnologia Arquitetura e Urbanismo Porto, 2018; p.65

adaptações procurei preservar a continuidade com a tradição (...) observando atentamente o carácter desta igreja, parece evidente que a sua conceção é substancialmente conservadora” (Si a 2000 p 63).³³¹

Encontra-se inserida numa zona urbana sólida, à entrada da cidade, convergente com um conjunto de novas construções, pelo que se torna um elemento de destaque pelas suas formas ortogonais, puras e simples. Implantada numa área com 5470 metros quadrados, adquirida pela Fábrica da Igreja, com uma escarpa existente, num declive acentuado, fora desde início um desafio para o arquiteto, “*A visita ao local pré- escolhido tinha-me perturbado profundamente: era um local difícilimo, com grandes diferenças de cota, sobranceiro a uma estrada com muito tráfego.*” (Siza, 1998, p. 49). Contudo, as condicionantes existentes foram fundamentais e influenciaram de forma significativa a conceção, desenvolvimento e resultado final do projeto, exemplo disso fora o lar de idosos, localizado na periferia do terreno, determinante para a implantação e disposição dos volumes.³³²



Figura 133 - Alçado, Igreja de Santa Maria.

³³¹TEIXEIRA, Luís Filipe Figueiredo; *Arquitetura e Liturgia Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses*, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciência e Tecnologia Arquitetura e Urbanismo Porto, 2018; p.71.

³³²FERNANDES, Sofia Garrocho; *AS IGREJAS DE ÁLVARO SIZA, Tensão entre a identidade do autor e o confinamento das práticas religiosas*, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na *Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra*, Junho 2015; p. 123.



Figura 134 - Alçada, Igreja de Santa Maria.

A Igreja de Santa Maria faz parte de um conjunto arquitetónico do qual fazem ainda parte uma capela mortuária, uma escola para atividades religiosas (catequese) e uma residência destinada ao pároco, sendo que o mesmo se encontra dividido e definido em três volumes autónomos. Da articulação dos mesmos, resulta um adro, de geometria irregular, o qual permitiu definir a cota da entrada, fortalecendo a relação entre o centro paroquial e a igreja. É o elemento central de todo o conjunto, encontrando-se numa cota diferente dos restantes espaços, intermedia relativamente à envolvente, ou seja, desta forma, permite estabelecer relações com as pré-existências, nomeadamente entre o bairro dos Murteirados e a avenida Gago Coutinho com a paisagem envolvente do vale de Marco de Canavezes. Este espaço permite ainda, estrategicamente, a participação por parte dos transeuntes, nas celebrações religiosas e a dinamização das áreas periféricas, estabelecendo ligações com as mesmas por meio de uma rampa e uma escadaria pelo lado nascente e de um arruamento pré-existente a poente.³³³

³³³FERNANDES, Sofia Garrocho; AS IGREJAS DE ÁLVARO SIZA, Tensão entre a identidade do autor e o confinamento das práticas religiosas, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na *Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra*, Junho 2015; pp. 123-129 / TEIXEIRA, Luís Filipe Figueiredo; *Arquitetura e Liturgia Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses*, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciência e Tecnologia Arquitetura e Urbanismo Porto, 2018; pp.67-68

O complexo paroquial constitui uma articulação e unificação da malha incompleta da cidade, apresentando coesão na distribuição e conceção dos vários elementos que o compõem.³³⁴

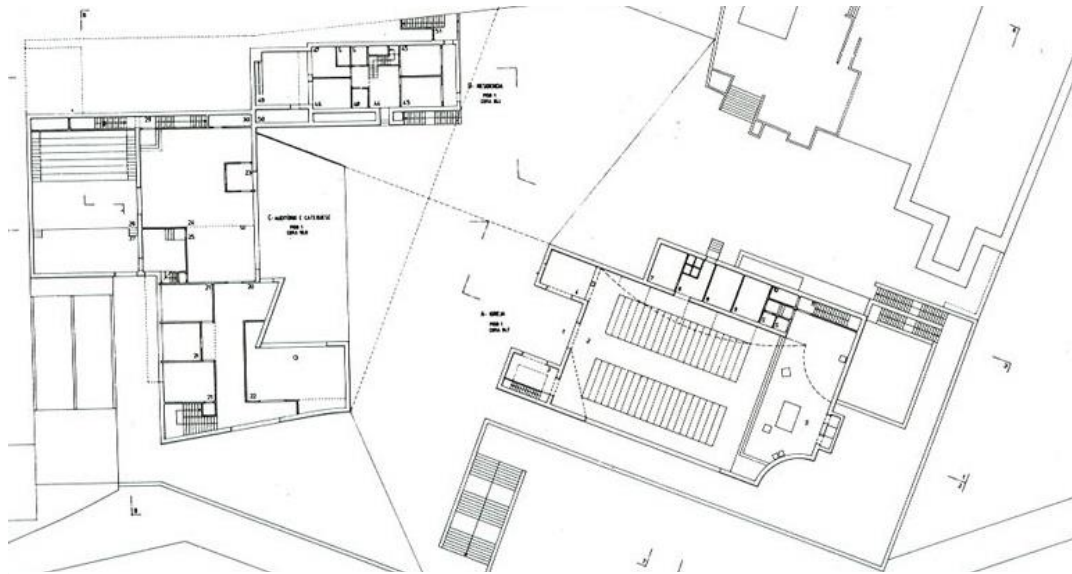


Figura 135 - Alçado, Igreja de Santa Maria.

O conceito de centralidade é recuperado através da igreja de Santa Maria no meio urbano, fomentando uma participação mútua entre a cidade e a mesma. De forma estratégica, o volume correspondente à igreja encontra-se implantada de forma a estar protegida do ruído causado pela via rodoviária adjacente, estando a sua entrada localizada no sentido oposto da rua principal.³³⁵

O centro e a residência paroquial, localizados em frente à entrada principal da igreja, definindo uma área em forma de “U”, aberto para a mesma, opõe-se ao outro “U” formado pelas duas torres correspondentes ao batistério e ao campanário. Duas zonas distintas, localizadas no piso térreo, organizam interiormente o centro paroquial, uma das quais direcionada para o convívio e atividades sociais e a outra para serviços administrativos referentes à paróquia.³³⁶

O conceito de verticalidade é enfatizado e denota grande relevância na volumetria do corpo da igreja, mais especificamente na sua entrada, de dimensão considerável (dez metros de altura e três metros de largura). Este elemento fora interpretado como local de passagem e de encontro e não como barreira ou

³³⁴FERNANDES, Sofia Garrocho; AS IGREJAS DE ÁLVARO SIZA, Tensão entre a identidade do autor e o confinamento das práticas religiosas, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na *Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra*, Junho 2015; pp. 123-129 / TEIXEIRA, Luís Filipe Figueiredo; *Arquitetura e Liturgia Igreja de Santa Maria*, Marco de Canaveses, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciência e Tecnologia Arquitetura e Urbanismo Porto, 2018; pp.67-68.

³³⁵ FERNANDES, Sofia Garrocho; Op. Cit.; pp. 123-129 / TEIXEIRA, Luís Filipe Figueiredo; Op. Cit.; pp.67-68

³³⁶ Idem; p.69.

fechamento, remetendo, assim na conceção espiritual, para a ligação e aproximação entre a terra e o céu, entre o humano e o divino.^{337 338}



Figura 136 - Porta, Entrada Principal, Exterior - Igreja de Santa Maria.



Figura 137 - Porta, Entrada Principal, Interior - Igreja de Santa Maria.

Uma das torres é erguida a partir do corpo da igreja, reservada ao batistério. Apesar do seu interior apresentar funcionalidades distintas, as duas torres, exteriormente, são idênticas, coerentes e simétricas em relação ao alçado.³³⁹

O interior do espaço sagrado distribui-se por dois pisos de planta retangular, contendo apenas uma nave com tinta metros de profundidade. O seu acesso principal encontra-se orientado a sudoeste, enquanto que altar se encontra posicionado a Nordeste relativamente ao eixo longitudinal da nave.

Alinhados de forma simétrica com o corredor central, encontram-se as quatrocentas cadeiras destinadas a assembleia.³⁴⁰ O presbitério segue as diretrizes do Concílio Vaticano II, enquanto elemento que se relaciona diretamente com a nave “na reforma e incremento da sagrada Liturgia, deve dar-se a maior atenção a esta plena ativa participação de todo o povo porque ela é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão-de beber o espírito genuinamente cristão” (Vaticano II 1987 p 17). Contraria a conceção tradicional por não se encontrar separado com uma barreira física. Ocupando

³³⁷Por deter tanta importância, apenas é aberta em ocasiões específicas sendo o acesso diário, comum, realizado por uma porta de vidro localizada em uma das suas laterais, na torre sineira. Consultado In: TEIXEIRA, Luís Filipe Figueiredo; *Arquitetura e Liturgia Igreja de Santa Maria*, Marco de Canaveses, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciência e Tecnologia Arquitetura e Urbanismo Porto, 2018; p.71

³³⁸ TEIXEIRA, Luís Filipe Figueiredo; *Arquitetura e Liturgia Igreja de Santa Maria*, Marco de Canaveses, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciência e Tecnologia Arquitetura e Urbanismo Porto, 2018; pp.71-72

³³⁹ FERNANDES, Sofia Garrocho; *AS IGREJAS DE ÁLVARO SIZA*, Tensão entre a identidade do autor e o confinamento das práticas religiosas, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na *Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra*, Junho 2015; p.139.

³⁴⁰ O mobiliário, inclusive as cadeiras da assembleia, fora desenhado pelo próprio arquiteto, Siza Vieira.

o eixo central, o altar encontra-se elevado relativamente a nave (cerca de três degraus), remetendo para as conceções tradicionais onde, desta forma, o mesmo se eleve simbolicamente ao sagrado. Caracteriza-se pela simplicidade e depuração, à semelhança dos restantes elementos que compõem o presbitério. ³⁴¹

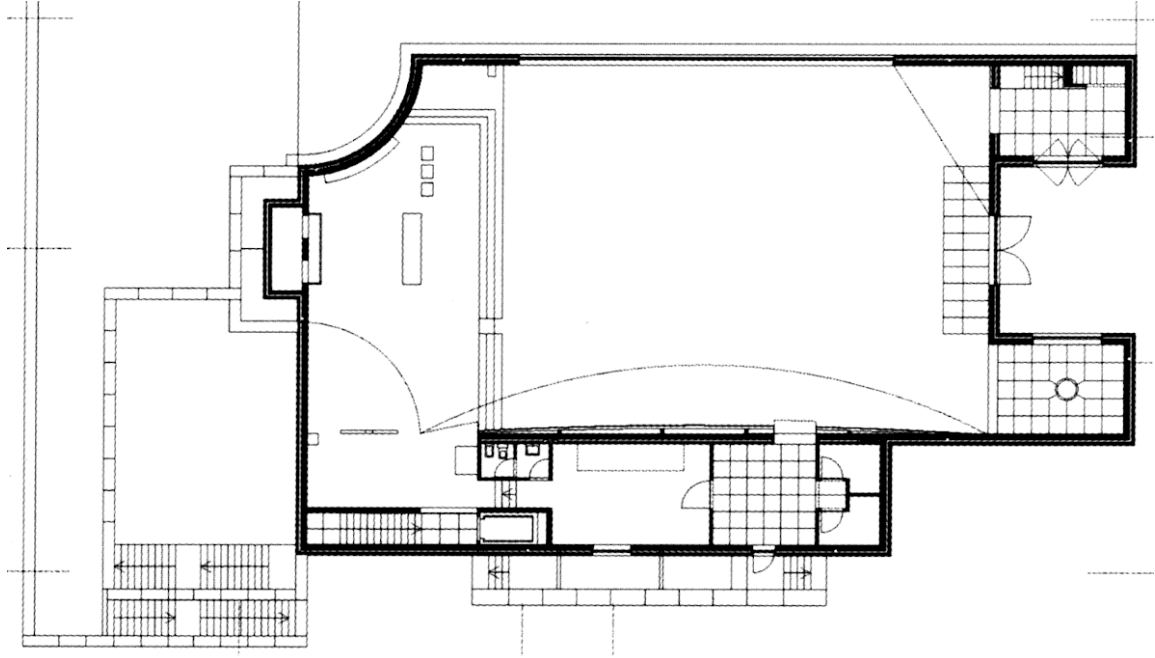


Figura 138 – Planta piso 1 - Igreja de Santa Maria.

A cruz, símbolo da fé cristã, encontra-se por detrás do altar, sendo um elemento que se destaca no espaço sagrado pelas suas dimensões (quatro metros de comprimento e dois metros e oitenta centímetros de largura) e pelo seu revestimento em folha de ouro. ³⁴²



Figura 139 – Presbitério, Igreja de Santa Maria.

³⁴¹TEIXEIRA, Luís Filipe Figueiredo; *Arquitetura e Liturgia Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses*, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciência e Tecnologia Arquitetura e Urbanismo Porto, 2018; pp.72-85 / FERNANDES, Sofia Garrocho; *AS IGREJAS DE ÁLVARO SIZA*, Tensão entre a identidade do autor e o confinamento das práticas religiosas, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na *Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra*, Junho 2015; p.139.

³⁴²TEIXEIRA, Luís Filipe Figueiredo; *Op. Cit.*; pp.72-85 / FERNANDES, Sofia Garrocho; *Op. Cit.*; p.139.



Figura 140 – Altar, Igreja de Santa Maria.

Inicialmente o batistério ocupava o seu lugar ao lado do altar, porem, mais tarde, fora movido para junto da entrada com o propósito de anunciar a assembleia presente. Este elemento também seguiu as orientações do Concílio Vaticano II, é evidente a inexistência de ornamento, sendo, portanto, simples, reflexo das intenções definidas para a própria igreja. Contém a pia batismal em mármore, igualmente simples e uma representação do batismo de Cristo. ³⁴³

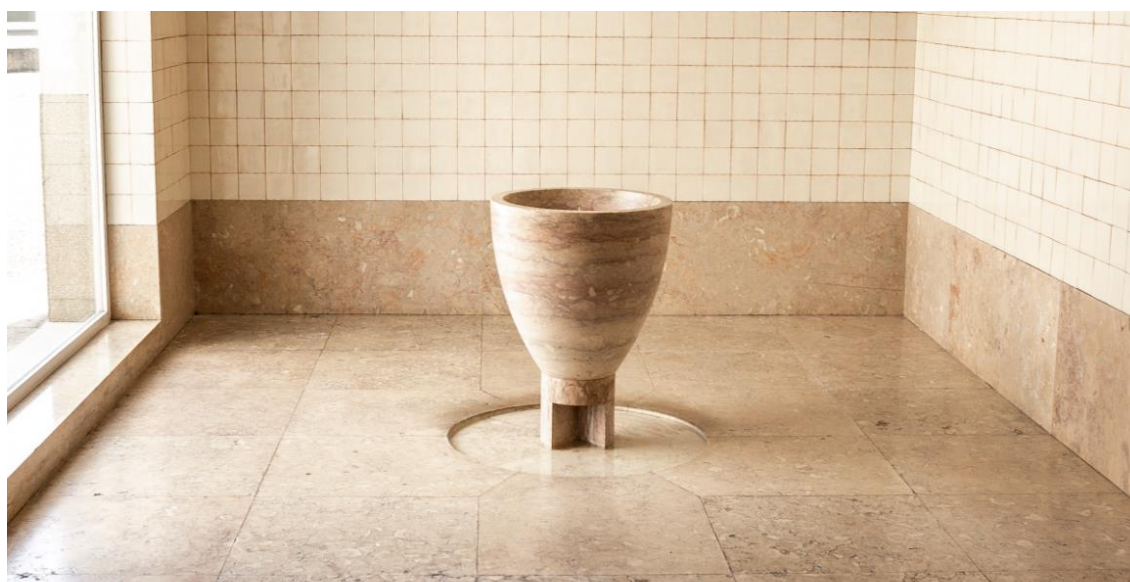


Figura 141 – Batistério, Igreja de Santa Maria.

³⁴³ TEIXEIRA, Luís Filipe Figueiredo; *Arquitetura e Liturgia Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses*, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciência e Tecnologia Arquitetura e Urbanismo Porto, 2018; pp.72-85 / FERNANDES, Sofia Garrocho; *AS IGREJAS DE ÁLVARO SIZA, Tensão entre a identidade do autor e o confinamento das práticas religiosas*, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Junho 2015; p.139.

O órgão de tubos e os sinos encontram-se na torre contrária ao batistério, possível aceder através de uma escada. Localiza-se, portanto, numa cota mais alta no espaço sagrado, sendo de grande relevância dentro do mesmo, pois toda a ação litúrgica e mais completa e nobre se for celebrada solenemente através do canto, com os fieis e ministros sagrados presentes. Encontra-se, mais uma vez ir de encontro a um dos objetivos de enorme importância implementado pelo Concílio Vaticano II.³⁴⁴



Figura 142 – Órgão de tubos e sinos, Igreja de Santa Maria.

Imprescindível a conceção deste tipo de espaços, o conceito de luz integra o projeto da igreja de Santa Maria, contribuindo para a forma como a comunidade de fiéis vivência e experiência o interior do espaço sagrado. Foi trabalhado e aplicado de diversas formas, nomeadamente na parede lateral junto ao teto, no lado noroeste, através de três aberturas, permite a entrada de uma luz indireta, não perturbando a assembleia, na parede sudoeste através de uma abertura horizontal e estreita, permitindo a entrada de luz de forma direta no espaço, por detrás do altar com recurso a uma chaminé, iluminando também a capela mortuária e pela entrada principal, quando a mesma se encontra aberta.³⁴⁵

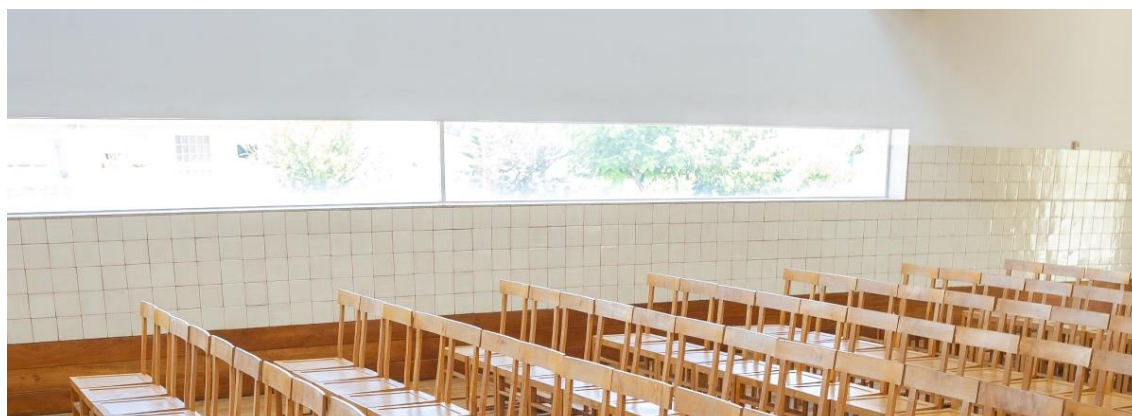


Figura 143 – Iluminação, Igreja de Santa Maria.

³⁴⁴TEIXEIRA, Luís Filipe Figueiredo; *Arquitetura e Liturgia Igreja de Santa Maria*, Marco de Canaveses, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciência e Tecnologia Arquitetura e Urbanismo Porto, 2018; p.86.

³⁴⁵ TEIXEIRA, Luís Filipe Figueiredo; *Op. Cit.*; pp.89-90.



Figura 144 – Iluminação, Igreja de Santa Maria.

Dos materiais escolhidos para a conceção deste projeto destaca-se, no interior do espaço sagrado, a madeira, a sua cor e textura contrasta com o branco dominante, símbolo de pureza, que confere um ambiente acolhedor e agradável ao interior da igreja, o mármore escolhido de forma a enaltecer determinadas zonas como o presbitério e batistério e o azulejo, artesanal e imperfeito, aplicado ao longo das paredes permitindo refletir a luz provocado pelas fenestraçãoes. Exteriormente o branco e igualmente dominante e aqui contrasta com o granito escolhido, para a base do edifício, pelo arquiteto por ser “(...) nesta região (...) um dos elementos mais importantes na paisagem quer na Natureza quer na construção”. (Siza, 2000, p.67)³⁴⁶

A Igreja de Marco de Canaveses ganhou diversos prémios e distinções, nacional e internacionalmente, tendo pretendido entender e seguir as orientações litúrgicas definidas pelo Concílio Vaticano II. É considerada uma das obras mais significativas carreira de Siza Vieira, reflexo disso é a classificação alcançada de Monumento de Interesse Publico Nacional, em 2013, onde na publicação em Diário da Republica (portaria nº288/2013) se pode ler (...) *é sobretudo no interior que se revela o encontro entre a depuração formal de Siza Vieira e as reflexões sobre o espaço e a moderna liturgia da Igreja, evidenciando por um lado a comunhão entre o celebrante e a assembleia, e assumindo por outro a ambiguidade do ser humano. (...) [assim sendo] a igreja de Santa Maria e o complexo paroquial, que apesar da sua novidade são já detentores de forte carga simbólica, apresentam-se decididamente como projeto marcante no percurso de um autor de exceção e como obra de carácter emblemático no quadro geral da arquitetura portuguesa do século XX, no âmbito particular da arquitetura sacra contemporânea.*³⁴⁷

³⁴⁶TEIXEIRA, Luís Filipe Figueiredo; *Arquitetura e Liturgia Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses*, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciência e Tecnologia Arquitetura e Urbanismo Porto, 2018; pp.74-75

³⁴⁷FERNANDES, Sofia Garrocho; *AS IGREJAS DE ÁLVARO SIZA*, Tensão entre a identidade do autor e o confinamento das práticas religiosas, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, *Junho 2015*; p.157.

7.4 | Igreja Paroquial Santa Joana Princesa, Lisboa

Introdução à obra

Integrada numa área de 3,500 m², na cidade de Lisboa, a igreja Paroquial Santa Joana Princesa (1992-2002)³⁴⁸, de cariz social e comunitário, faz parte de um complexo paroquial que teve o seu projeto a cargo do arquiteto Diogo Pimentel, Rita Falcão e Hugo Venade.³⁴⁹



Figura 145 – Igreja Paroquial Santa Joana Princesa.

Análise da obra

Detentor de um espaço de culto minimalista na sua icnografia, o projeto divide-se em termos programáticos em duas vertentes, a igreja complementada pelo centro paroquial e o centro social destinado a diversas atividades para a comunidade como uma creche (para até cinquenta crianças), jardim-de-infância (para até cento e vinte crianças), um lar, salas de estudo e destinadas a atividades culturais. Já o centro paroquial é composto por diversas áreas, nomeadamente, as de direção, de função

³⁴⁸Igreja Paroquial Santa Joana Princesa - Esta igreja foi dedicada a filha do rei D. Afonso V, Santa Joana. Nasceu em Lisboa em 1452, tendo-se recolhido, inicialmente, no Mosteiro de Odivelas e posteriormente ingressado no Mosteiro de Jesus de Aveiro, no qual ficou até a data da sua morte em 1490. Fora beatificada em 1693 pelo Papa Inocêncio XII. Consultado In: [https://www.infopedia.pt/\\$lenda-de-santa-joana-princesa](https://www.infopedia.pt/$lenda-de-santa-joana-princesa); Consultado Online: 27 de Abril de 2020.

³⁴⁹ FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; p.411

religiosa, como a atividade de catequese, destinadas aos escuteiros, uma sala multiusos e a residência paroquial capaz de receber até quatro membros eclesiásticos.³⁵⁰

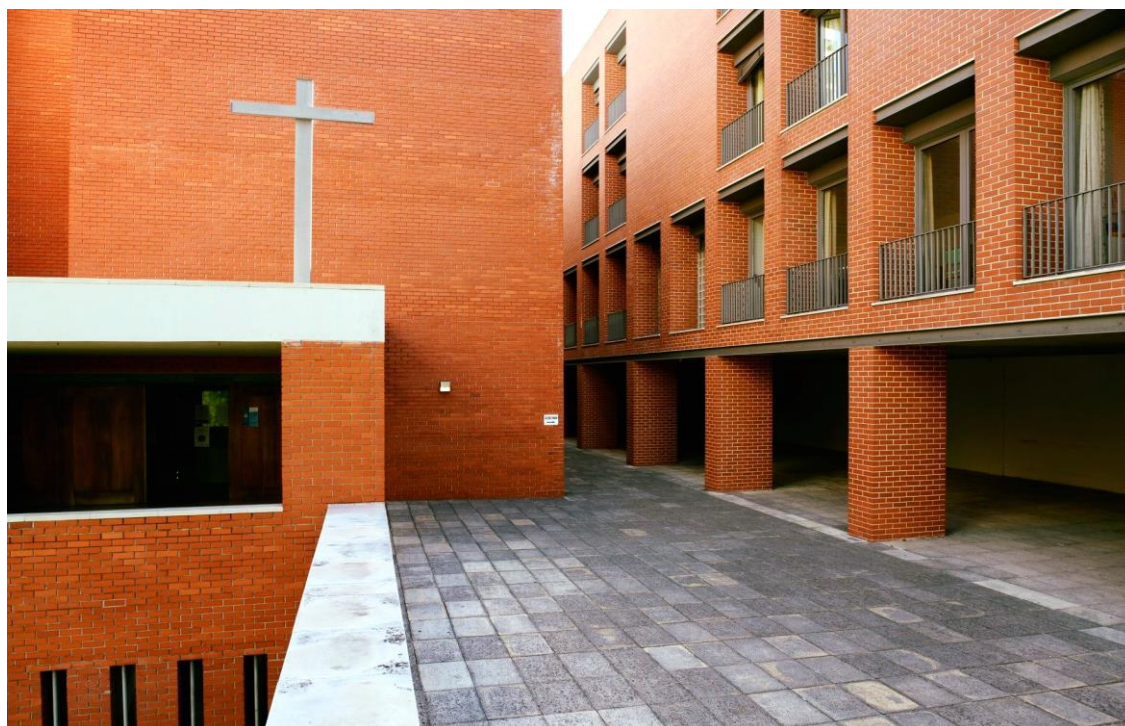


Figura 146 – Igreja Paroquial Santa Joana Princesa.

A sua conceção sólida, simples e austera, contrasta com os edifícios de grandes dimensões existentes na envolvente, permitindo que o mesmo se destaque, assim, na malha urbana da cidade. Todos os volumes que integram o projeto são semelhantes, assim sendo, a igreja confunde-se entre os mesmos, integrando-se por completo. De caráter tradicional, apresenta também inevitavelmente uma linguagem modernista, reflexo da época que se vivia.³⁵¹

O adro formado pela organização dos volumes que compõem o projeto, encontra-se direcionado para a Avenida Estados Unidos da América e é através do mesmo que se alcança a entrada para o corpo da igreja, implantado mais elevado em relação à cota da rua ladeada pelo centro paroquial e o centro social, sendo em todo o conjunto, o volume mais importante devido à sua simbologia.³⁵²

O interior de igreja é composta por três naves, em que a que se encontra a direita assemelha-se a uma capela, com uma entrada secundária e própria e a da esquerda destinada ao batistério e ao coro e órgão. Esta organização, o espaço é unitário e permite uma relação próxima entre a assembleia e o altar.

³⁵⁰FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa; pp.411-412

³⁵¹FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; Op. Cit.; pp.412-413

³⁵²Idem; pp.412-413



Figura 147 – Interior - Igreja Paroquial Santa Joana Princesa.

A planta, retangular, apresenta uma largura superior ao comprimento, permitindo desta forma estabelecer uma ligação maior entre a assembleia e o altar, o qual não possui destaque normalmente dado a este elemento no espaço sagrado. Não apresenta características que o enfatizem nem o enalteçam, permitindo, deste modo, reforçar e fortalecer a relação dos fiéis com o mesmo. O batistério encontra-se a entrada do edifício, próximo e visível em todo o espaço sagrado, colocado numa cota inferior a da nave, permite a quem realize o ato do batismo se elevar, posteriormente, ao patamar da restante assembleia. Em pedra, o batistério, inclusive a pia batismal, caracteriza-se pela simplicidade e depuração e na parede por detrás da mesma encontra-se uma inscrição sobre o batismo. A nave central tem capacidade para quinhentas e cinquenta pessoas, sendo composta pela sacristia e três capelas mortuárias com átrio comum e entrada separada, localizadas no piso inferior.³⁵³

³⁵³ FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura, no Instituto Universitário de Lisboa; pp.413-414.

A iluminação natural realizada através dos envidraçados na estrutura metálica da cobertura, os quais se estendem pelas paredes da nave central, dos vãos laterais e pelo envidraçado da fachada poente. O conceito de luz fora trabalhado de forma a conferir pouco valor simbólico ao espaço sagrado, os arquitetos não pretenderam conferir-lhe cariz místico e divino, muito característico nos espaços religiosos.³⁵⁴



Figura 150 – Iluminação - Igreja Paroquial Santa Joana Princesa.

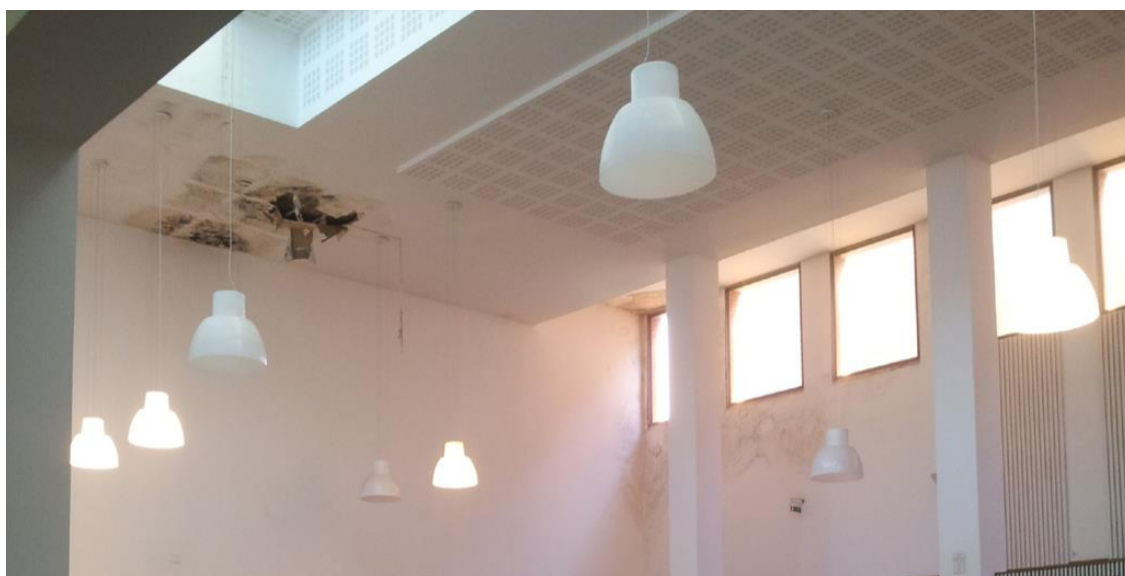


Figura 151 – Iluminação - Igreja Paroquial Santa Joana Princesa.

³⁵⁴FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; *Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite*, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura, no Instituto Universitário de Lisboa; p.413

Todo o conjunto fora executado em betão armado com as paredes exteriores em tijolo deixado á vista as e interiores concebidas em alvenaria, rebocadas e pintadas a branco, com a intenção de se enquadrar na envolvente, com a introdução de características mais urbanas. O volume da igreja encontra-se integrado em termos de materialidade, no complexo paroquial, não se destacando nem diferenciando dos restantes, contudo, em termos formais, é enfatizado através da sua volumetria marcante. A ausência de ornamento e materialismo é notório em todos os volumes, caracterizando –se assim pela sua simplicidade e implantação, refletindo a cultura da época.³⁵⁵

É caracterizado pela simplicidade e pela implantação marcante dos volumes que o compõe. O espaço sagrado não apresenta um cariz místico evidente ou realçado, não se encontra presente a conotação divina, de ligação entre o homem e o céu, o divino.

Fora inaugurada pelo cardeal patriarca de Lisboa, D. José Policarpo, no dia trinta de maio de dois mil e dois, tendo sido a primeira igreja construída na cidade de Lisboa no século XXI.

³⁵⁵FILIPE; Fátima Alexandra Barreto; Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura, no Instituto Universitário de Lisboa; p.415-416

7.5 | Capela de São José, Vila Nova de Gaia

Introdução à obra

Do arquiteto José Fernando Gonçalves, a Capela de São José em Vila Nova de Gaia foi inaugurada no ano de 2005, tendo a sua conceção o objetivo principal a definição de um espaço de encontro e reunião, com acessos bem definidos, estruturando a área envolvente. Sendo o local da sua implantação caracterizado por inúmeros desníveis, com diferença de cotas acentuada, o projeto é composto por um conjunto de muros de betão, não só para resolver a sua complexidade, mas para realizar a contenção de terras e proteger a capela visualmente e do ruído da área periférica.³⁵⁶



Figura 152 – Localização, Capela de São José, Vila Nova de Gaia

Análise da obra

A cruz de 7 metros de altura foi colocada, ao começo do adro, com o intuito de identificar a proximidade de um edifício de cariz religioso, anunciando-o a quem chega ao local.³⁵⁷

³⁵⁶MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI*, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.29.

³⁵⁷MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Op. Cit.*; p.31.



Figura 153 – Acesso à Capela de São José, Vila Nova de Gaia

Resultante da conceção e posicionamento dos muros de betão exteriores, o adro possibilita o acesso à entrada principal do edifício, localizada a nascente e articula o mesmo com a rua que define o limite do lote, neste ponto, resolvendo a diferença de cotas existente. Circundando o adro encontram-se, representativas dos 12 apóstolos, o mesmo número de cerejeiras, fazendo deste um local repleto de simbologia cristã. Outro momento da vida de Cristo, o seu batismo no rio Jordão, está representado no exterior através de uma fonte (de águas pluviais).³⁵⁸

A norte do adro, outro muro, formado por um conjunto de paredes de betão, assume mais uma vez a função de limitar o espaço e de contenção de terras, contudo apresenta uma reentrância, semelhante a uma pequena gruta que enquadra a fonte, anteriormente referida, e que, juntamente com a abertura zenital que possui, remete, conforme intenção do arquiteto, para o ato do batismo dos primeiros anos na religião cristã.³⁵⁹

³⁵⁸MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI*, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; pp.31-33.

³⁵⁹ MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Op. Cit.*; p.33.



Figura 154 – Acesso Exterior, Capela de São José, Vila Nova de Gaia

À entrada da capela encontra-se a pia batismal, num bloco de pedra, à semelhança das conceções mais antigas. No lado oposto da mesma, localiza-se, num espaço com bastante iluminação, a capela mortuária, de dimensões reduzidas e contratante com fundo negro do batistério. A planta longitudinal, axial, encontra-se repartida, definindo 3 espaços distintos que compõem o espaço sagrado, através das várias e diferentes inclinações que compõem a cobertura, ou seja, a entrada e o altar possuem cotas diferentes e inferiores a da assembleia, que, encontrando-se na posição intermedia destes dois espaços, a sua cota vai diminuindo ao aproximar-se do altar. A assembleia e compostos dois núcleos e bancos corridos, dispostos de forma paralela ao altar, concebidos em madeira e ferro. ³⁶⁰



Figura 155 – Entrada, Pia Batismal.

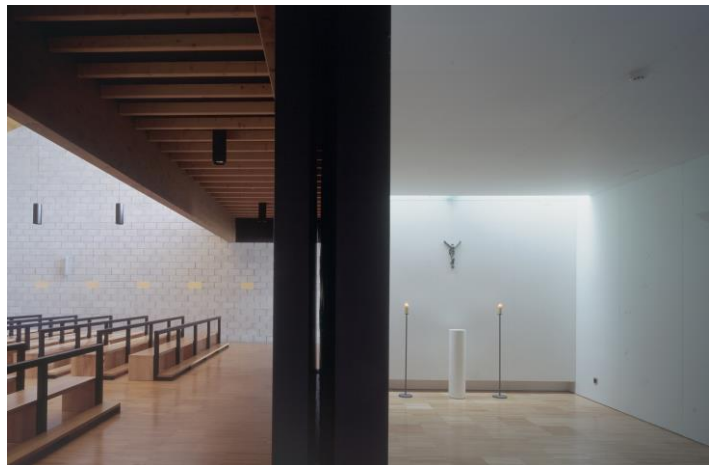


Figura 156 – Capela Mortuária

³⁶⁰MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI*, para obtenção de grau de mestrado na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.35



Figura 157 – Planta, Capela de São José, Vila Nova de Gaia

O presbitério encontra-se numa cota mais elevada em relação a assembleia, sendo definido por um envidraçado, o qual permite vislumbrar, no exterior, um jardim e iluminar, juntamente com o vão existente acima na área da entrada, todo o espaço interior da capela. A luz tem como função tornar o espaço mais homogêneo, conferindo maior relevância a determinados elementos como o altar, sendo este o elemento de maior destaque no presbitério, nomeadamente por estar posicionado ao centro. Opostas ao presbitério encontram-se as duas únicas figuras, Nossa Senhora e São José, estando, portanto, em evidencia a opção do arquiteto em introduzir o menor número possível de elementos iconográficos, de forma a manter o espaço simples, sem excesso de ornamentação.³⁶¹



Figura 158 – Presbitério.

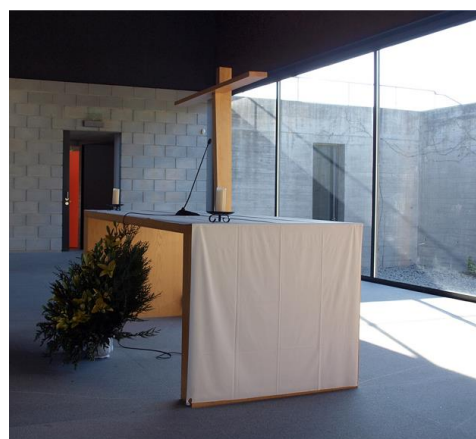


Figura 159 - Altar

³⁶¹MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI*, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.35

A escolha dos materiais teve por base a sua duração, preservação, manutenção e relação com o espaço sagrado e os fiéis. As paredes interiores foram concebidas com blocos de cimento, à vista, que além de corresponder aos requisitos anteriormente referidos, possui também um carácter simbólico, cada bloco representa um cristão, um Homem batizado. A madeira fora o material escolhido para a cobertura do interior do espaço sagrado.³⁶²

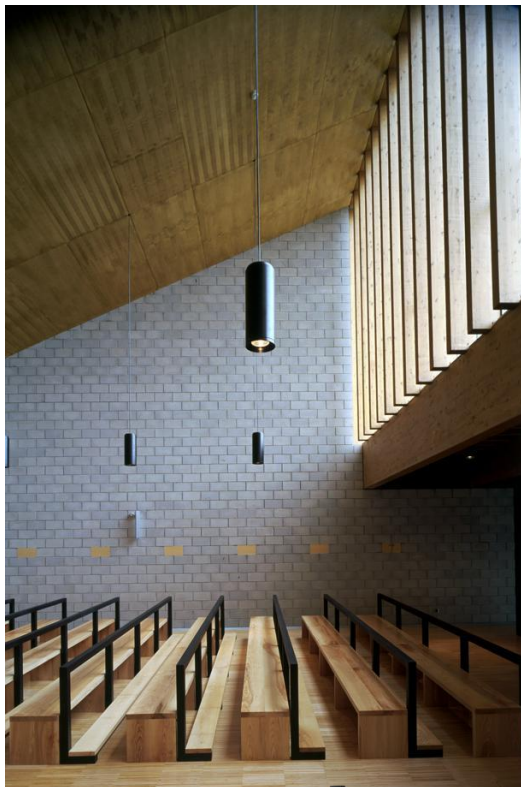


Figura 160 – Interior da Capela de São José

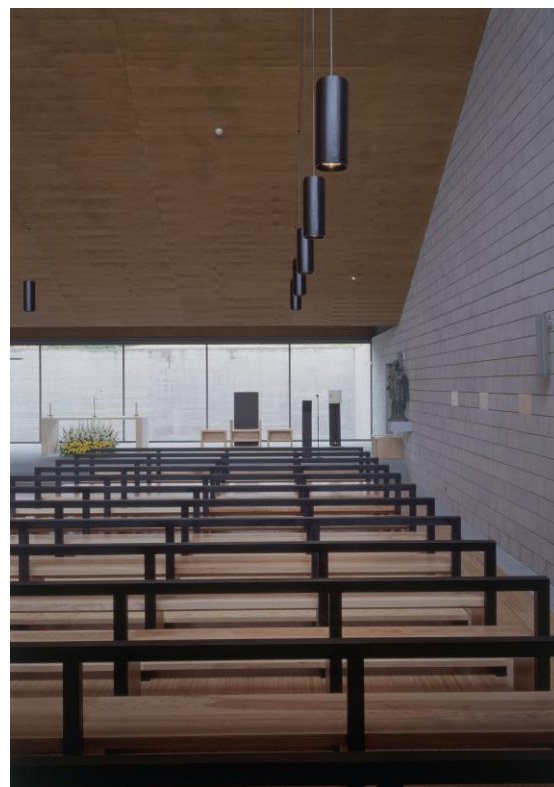


Figura 161 – Interior da Capela de São José

Integrada na paróquia de Oliveira do Douro, este é um exemplo de arquitetura religiosa que corresponde e assemelha-se à conceção de igreja, não só estruturalmente, pelas suas dimensões, mas pelo seu programa. Contudo, como classificação de capela apensa e utilizada em determinadas celebrações e para a atividade da catequese.³⁶³

A capela de São José apresenta, na sua conceção, elementos da arquitetura pré e pós-conciliar. A fachada principal não se destaca pela sua dimensão, contrária, assim, as construções antecedentes ao Concílio Vaticano II com fachadas imponentes, representativas da superioridade e poder do clero e da Igreja. De inspiração, também, pré-conciliar, foi utilizada, nesta obra, a planta de organização longitudinal, na qual os fiéis se sentam de frente para o altar, transversais ao corpo da igreja. Este modelo

³⁶²MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI*, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.41.

³⁶³MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Op. Cit.*; p.43.

opõem-se as conceções pós-conciliares, nomeadamente das décadas de 60 e 70, caracterizadas pela planta centralizada, com o objetivo de aproximar os fiéis ao altar.

Os conceitos de simplicidade e minimalismo presentes nesta obra, que seguem as orientações conciliares, não retiram dignidade e conforto ao espaço sagrado. ³⁶⁴



Figura 162 – Exterior da Capela de São José, Vila Nova de Gaia



Figura 163 – Pátio da Capela de São José, Vila Nova de Gaia

³⁶⁴MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI*, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.45

7.6 | Igreja de Nossa Senhora de Lurdes, Coimbra

Introdução à obra

Localizada onde, anteriormente, se encontrava uma pequena capela, do século XIX, está hoje a Igreja de Nossa Senhora de Lurdes na cidade de Coimbra. Foi encomendada pelo Padre Jaime Cunha aos arquitetos Flávio Barbini e Maria João Silva, em 1992, contudo só em 2003 começou a ser construída, tendo sido inaugurada 8 anos depois, em 2011.³⁶⁵

O projeto foi concebido segundo as orientações do pároco em funções, juntamente com os representantes da Fábrica da Igreja, tendo sido possível, desta forma, discutir e realizar alterações com os arquitetos para que se adequasse da melhor forma às necessidades da comunidade.³⁶⁶



Figura 164 - Igreja de Nossa Senhora de Lurdes.

³⁶⁵MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI*, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.59.

³⁶⁶ MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Op. Cit.*; p.59.

Análise da Obra

O projeto, em termos programáticos, é constituído por uma igreja, centro paroquial, capela do Santíssimo Sacramento, salas para catequese, secretaria, bar, residência paroquial e sala multiusos. A sua relação e articulação com a malha urbana e pré-existências fora um dos objetivos principais da sua conceção.³⁶⁷

Por se encontrar implantada numa cota mais elevada da cidade de Coimbra, é perceptível a sua função desde logo. ³⁶⁸

O edifício apresenta uma forma em “U”, de base paralelepípedica, orientado para a Universidade de Coimbra e para o jardim da mesma e conta com 3 pisos. O primeiro volume a que se tem acesso, caracteriza-se pelos diversos materiais que o compõem, o betão, branco, o tijolo á vista e os painéis de madeira. O acesso ao volume da igreja é efetuado a partir de uma passagem que conecta o adro à cidade. Este elemento tem como principal função cultivar relações, ou seja, ser um espaço de passagem, de encontro e de convívio. Num piso inferior ao mesmo, encontram-se as capelas mortuárias e a sala multiusos, permitindo que o acesso a estas áreas seja realizado de forma independente e autónoma. ³⁶⁹



Figura 165 - Igreja de Nossa Senhora de Lurdes.

³⁶⁷MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI*, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; pp.59-61.

³⁶⁸MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Op. Cit.*; p.60.

³⁶⁹Idem; pp.61-63.



Figura 166 - Piso -1, Igreja de Nossa Senhora de Lurdes.

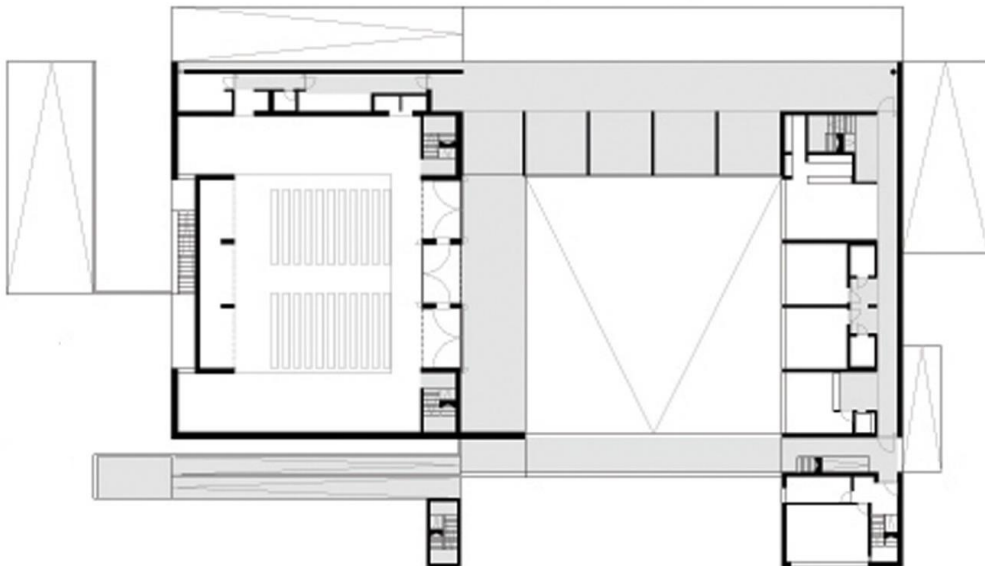


Figura 167 - Piso -1, Igreja de Nossa Senhora de Lurdes.

2.5 10

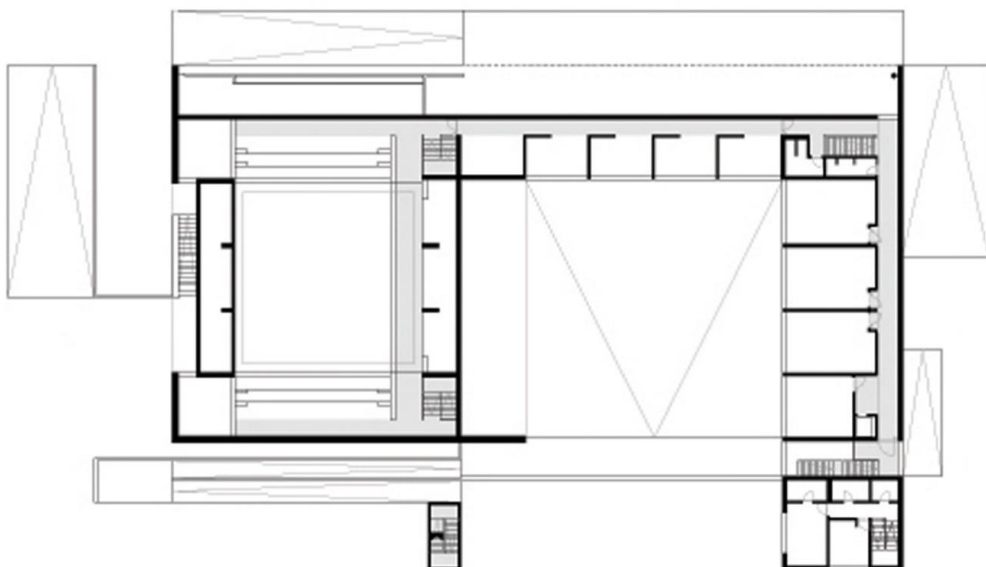


Figura 168 - Piso -1, Igreja de Nossa Senhora de Lurdes.

A igreja, constituída por 3 acessos, é capaz, através dos mesmos, de controlar o volume de fieis no espaço sagrado, ou seja, em dias comuns um ou dois dos acessos são abertos, enquanto que, em dias celebrativos, em que o numero de fieis é mais elevado, é possível abrir todos as entradas de forma a estender ao adro, a celebração.



Figura 169 –Entrada Principal, Igreja de Nossa Senhora de Lurdes.



Figura 170 –Entrada Principal, Igreja de Nossa Senhora de Lurdes.

O interior da igreja fora concebido segundo uma planta retangular, com dois pisos, sendo que o segundo apresenta uma conceção em *mesanine*, com lugares sentados destinados aos fiéis.³⁷⁰

Posicionado de forma central no espaço encontra-se o altar. É um elemento que se destaca, além da sua centralidade, pela luz zenital direcionada sobre o mesmo e pela cruz, de dimensões consideráveis colocada por detrás e mais elevada que o elemento referido.

Orientada para o altar, encontra-se a assembleia, constituída por bancos de madeira, organizados paralelamente ao mesmo. Em cada lateral do altar encontra-se dois espaços distintos, a sua direita encontra-se o batistério, no qual a pia batismal, simples e concebida em pedra, se encontra ao centro deste espaço, à sua esquerda localiza-se a capela do Santíssimo Sacramento, adequada ao recolhimento e contemplação. Nela encontra-se um retábulo do século XVII, elemento pertencente a uma construção anterior, preservado até aos dias de hoje. Estes dois espaços relacionam-se com o exterior através de um envidraçado de grande dimensão altimétrica. Relativamente a assembleia, o presbitério encontra-se destacado por se situar numa cota inferior a mesma (cerca de 3 degraus), tendo assim, um pé-direito mais elevado que os restantes espaços. Esta intenção, teve por objetivos conceder mais

³⁷⁰MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI*, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.67.

importância e valor ao presbitério e permitir uma maior relação e ligação com os fiéis.

371



Figura 171 – Presbitério, Igreja de Nossa Senhora de Lurdes.



Figura 172 – Capela do Santíssimo Sacramento, Igreja de Nossa Senhora de Lurdes.



Figura 173 – Batistério.

Tanto interiormente como exteriormente, o projeto assenta nos conceitos de simplicidade e depuração ornamental, no qual, o espaço sagrado encontra-se despojado de decoração e iconografia. Trata-se de um espaço unitário que consegue relacionar-se e articular-se com o exterior, na sua função com a cidade.³⁷²

³⁷¹MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI*, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.67.

³⁷²MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Op. Cit.*; p.69.

Caracteriza-se como sendo um espaço de contemplação e recolhimento, de convívio e ligação com a comunidade, no qual é perceptível e coincidente em diversos aspetos com o pensamento conciliar, ou seja, é uma igreja para o “povo de Deus”.³⁷³

³⁷³MONTEIRO, João Miguel Castanheira; *Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI*, para obtenção de grau de mestra na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2013; p.69.

7.7 Conclusão: Obras estudadas

Apos identificar as orientações do Concílio Vaticano II que foram seguidas e implementadas pelas obras analisadas e possível verificar que algumas delas são comuns a todas, mas que se diferenciam em vários pontos.

Na Igreja Matriz paroquial da Portela, se por um lado, segundo o Concílio a igreja deve aceitar todos os estilos de todas as épocas e incentivar a integração, livre da arte de todos os tempos, de todos os povos e religiões, por outro defende a depuração e despojamento decorativo, a não ostentação.

Nesta obra, é uma questão ambígua visto que as diversas influências presentes na sua conceção não vão de encontro aos conceitos anteriormente mencionados, a simplicidade e pobreza ornamental, características que não se encontram das influências que absorveu. Contudo, a sua conceção formal e estilística nada interfere com a qualidade do espaço, enquanto espaço sagrado encontra-se apto a realização das celebrações e ações litúrgicas assim como a participação ativa dos fiéis nos mesmos, questão de extrema importância, que mereceu bastante atenção no decorrer e na criação das orientações do Concílio, fora mesmo a questão mais relevante e central do evento. Com atenção a esta questão, nesta obra, o altar é crucial para cultivar e fortalecer a sua ligação com os fiéis e conseqüentemente a todo o espaço sagrado, encontrando-se em destaque dentro do mesmo, posicionado ao centro da planta. Outro exemplo que demonstra a intenção de a tornar mais ativa e próxima e próxima dos fiéis e o batistério, colocado junto ao altar para que o ato do batismo seja visível, por todos, na assembleia.

Em oposição a Igreja Matriz paroquial da Portela, a Igreja Santa Joana Princesa, caracteriza-se pela sua conceção simples e despojada, indo de contro as diretrizes do Concílio. Uma cruz no volume mais baixo do conjunto, anuncia e caracteriza a função do edifício. A implementação do adro no projeto permite fomentar e desenvolver relações, é um espaço de passagem, de reunião e de convívio, adaptado as necessidades temporais e sociais, a era contemporânea, seguindo mais uma vez as diretrizes concedidas pelo Concílio. A planta de forma retangular permite uma maior ligação com os fiéis, permitindo que os mesmos estejam mais perto do altar, contribuindo para que os fiéis participem mais ativamente, nas celebrações e ações litúrgicas. O batistério fora concebido em pedra branca, cor que simboliza a pureza e a depuração, inclusive a pia batismal, simples e não ornamentada.

O espaço sagrado e despido de decoração e a iconografia e reduzida, pretende-se que os fiéis permanecem atentas as celebrações e ações litúrgicas, no espaço sagrado, sem distrações com elementos irrelevantes.

O elemento da luz, apenas é utilizado para iluminação essencial as atividades no espaço sagrado, não tem qualquer conotação, simbologia ou ligação ao divino.

Na procura de romper com as concepções tradicionais, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, foram utilizadas novas técnicas construtivas, da arquitetura moderna, mostrando ser perfeitamente adequada as celebrações e atos litúrgicos, respeitando os princípios da fé cristã, do Concílio Vaticano II. É uma obra que procurou a verdade construtiva, assente na simplicidade e depuração, ausente de luxos e decoração, com o intuito de estabelecer maior ligação e aproximação aos fiéis. Este objetivo, um dos mais importantes do Concílio, também o fora no interior do espaço sagrado, onde o altar é mais uma vez o elemento central do mesmo e a assembleia disposta de forma a que todos os presentes pudessem ver e ouvir sem dificuldade todas as celebrações e atos litúrgicos. A participação ativa dos fiéis é desta forma conseguida respeitando as orientações do Concílio.

A igreja de Santa Maria, além de essencial ao desenho urbano da cidade de Marco de Canavezes, veio ajudar na resolução de alguns problemas existentes, inclusive a diferença de cotas. Exemplo disso fora a concepção do adro, resultante da malha urbana pré-existente, pelas novas construções, é um espaço que se adapta as mudanças era contemporânea, seguida assim as orientações do Concílio.

Na concepção desta obra é evidente a relação entre o novo e o pré-existente, a ligação do projeto ao local, sendo que Concílio Vaticano II salienta esta mesma intenção, na prática religiosa. Os elementos que compõem o presbitério (altar, sacrário, cruz, o ambão e cadeira do sacerdote e cadeiras dos ministros) caracterizam-se pela ausência de ornamentação, pela simplicidade e purismo, orientações definidas pelo Concílio. Segundo o mesmo, o uso da ornamentação, da decoração, dentro dos espaços religiosos é um fator de distração e desatenção para os fiéis, nomeadamente no altar, elemento central no espaço sagrado, que por muitos séculos fora rico em ornamentos e elemento de ostentação. Como tal, o altar da igreja de Santa Maria, é simples e depurado, com o intuito de a atenção da assembleia ser dada as ações e celebrações litúrgicas.

A luz representativa do divino no mundo físico, é de grande valor simbólico na concepção do espaço sagrado, orientação do Concílio. O mesmo crê, que através da construção destes espaços sagrados, os fiéis possam ter um lugar de glorificação ao Senhor, no mundo dos homens. A luz, imaterial, permite tronar este espaço transcendente, poético, demonstrando se mais que uma construção.

A Igreja de Nossa senhora de Lurdes, concebida segundo o pensamento conciliar tem como principal objetivo, assim como as diretrizes do Concílio Vaticano II,

a aproximação e ligação com os fiéis. O elemento do adro e potencializador dessa intenção, unificador do espaço sagrado com o exterior.

O conceito de simplicidade encontra-se presente no exterior na sua conceção e materialização e no interior, ausente de ornamentação, em que a madeira e o material dominante contrastante com branco das paredes e teto. O seu interior também se caracteriza pela depuração, todos os elementos que compõem o espaço sagrado são simples, com pouquíssima ornamentação, no qual a função litúrgica assume a relevância pretendida e de maior destaque dentro do mesmo. Segue assim as diretrizes do Concílio relativamente à importância dos atos e celebrações litúrgicas.

A luz é introduzida de forma a destacar elementos como o altar, de grande relevância no espaço sagrado, assim como o batistério e a capela do Santíssimo Sacramento. É introduzida no espaço de forma zenital, demonstrando assim a intenção de se relacionar e aproximar ao divino. Esta intenção encontra-se igualmente presente na sua implantação, a qual está localizada numa cota elevada da cidade de Coimbra.

A Capela de São José, encontra-se adequada à realização das celebrações e atos litúrgicos, sendo essa mesmo a principal intenção da sua conceção, não existindo, portanto, distrações através do ornamento e monumentalidade.

Contrariando as igrejas pós-conciliares na preferência pela organização em planta longitudinal é, contudo, um exemplo de conceção conciliar na intenção de aproximar os fiéis às celebrações e atos litúrgicos, mais concretamente ao ministro celebrante. Foi concebida segundo a ideologia de “casa do povo de Deus”.

O altar aparece mais uma vez como elemento destacado no espaço sagrado, com intenção clara de aproximar de si a assembleia.

A simplicidade, tanto em termos construtivos como decorativos, é evidente em todo o conjunto arquitetónico, no qual o seu exterior e interior caracteriza-se pela ausência de materiais e elementos ricos e exuberantes. Encontra-se presente a intenção como em outras obras de manter o foco no que efetivamente é o objetivo do espaço, a vivência e interação nos atos litúrgicos.

A luz é introduzida no espaço pelo vão existente após a área da entrada, localizado numa cota próxima da cobertura e através do envidraçado colocado posterior ao altar. O pátio para o qual o anterior envidraçado se encontra posicionado, permite uma relação próxima entre o interior do espaço sagrado e o exterior do mesmo. Trata-se de uma zona protegida da envolvente através dos seus muros concebidos em blocos de cimento que permite a introdução abundante de luz natural no interior do espaço concedendo-lhe simultaneamente a privacidade necessária neste tipo de espaços. É, portanto, um elemento fundamental e de enorme importância na conceção e vivência do espaço religioso.

A Capela de São José é um espaço religioso adequado às práticas litúrgicas, que pelas suas características e conceção se enquadra na tipologia de igreja. Fomenta a convivência e reunião da comunidade de fiéis, assim como a sua integração e ligação através de elementos simbólicos, desde logo, na organização, definição e conceção do seu espaço exterior.

Em suma, a análise realizada através das diretrizes conciliares e demonstra caminhos comuns entre as várias obras estudadas. Em todas e notória a influencia conciliar seguindo as orientações, neste sentido, contudo também é possível identificar características que não se enquadram nem seguem essas mesmas orientações. Em alguns casos existe mesmo uma fusão de características de edifícios religiosos pré e pós-conciliares.

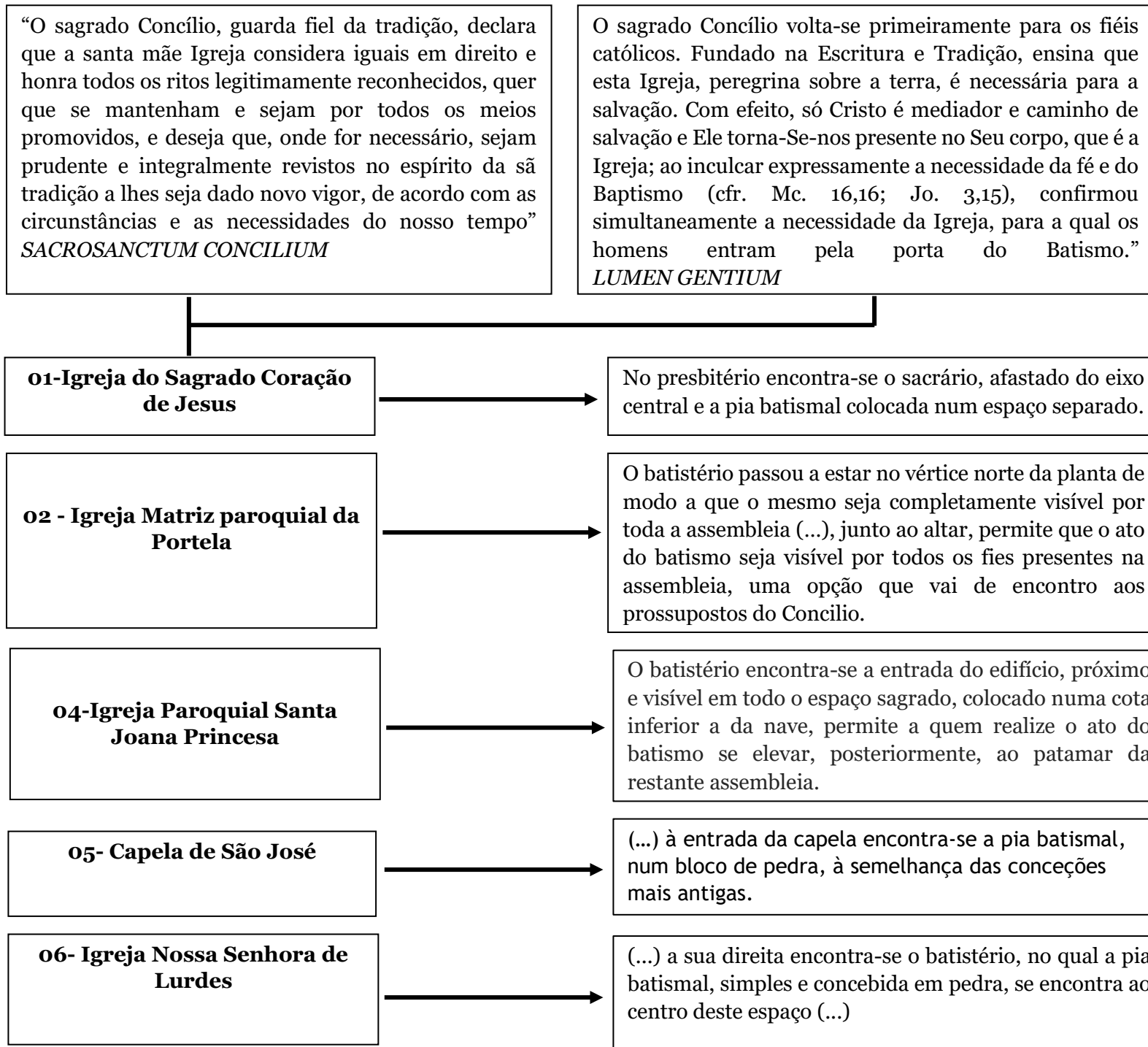
O Concílio Vaticano mostra-se de grande relevância na conceção de espaços religiosos desde sua realização até à atual era contemporânea, permanecendo a vontade de atender ao seu principal objetivo, a aproximação e integração dos fiéis nas atividades litúrgicas.

7.8 Diretrizes Conciliares/Casos de Estudo

No presente capítulo, as 6 obras selecionadas para estudo, serão analisadas de acordo com algumas das diretrizes conciliares. Serão identificadas nos textos e de acordo com as análises realizadas no capítulo anterior, organizadas em quadros, de modo, a que seja possível comparar e compreender o que apresentam em comum e o que as difere.

Quadros de Análise – 1/2/3

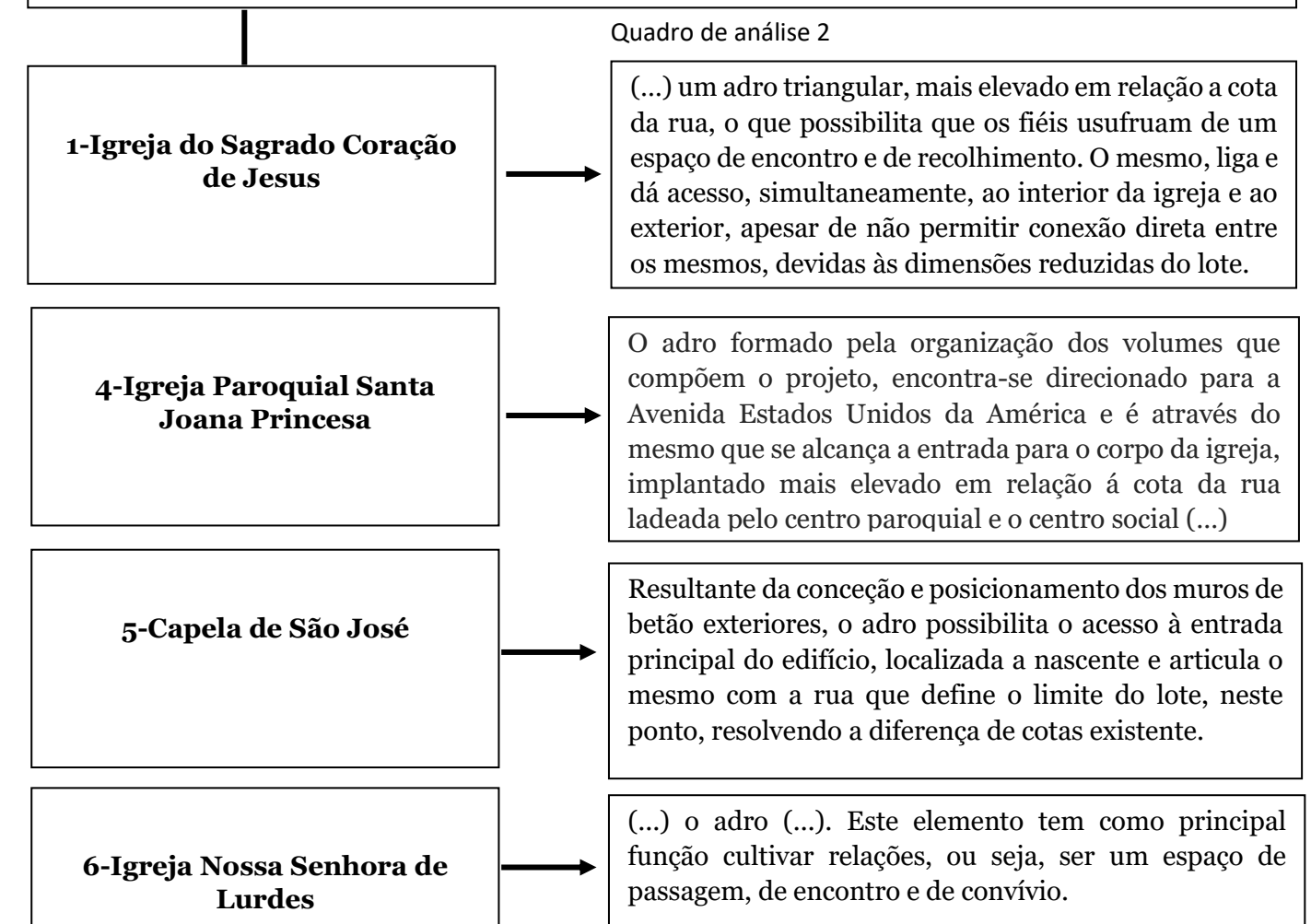
Diretrizes Conciliares/Casos de Estudo



Quadro de análise 1

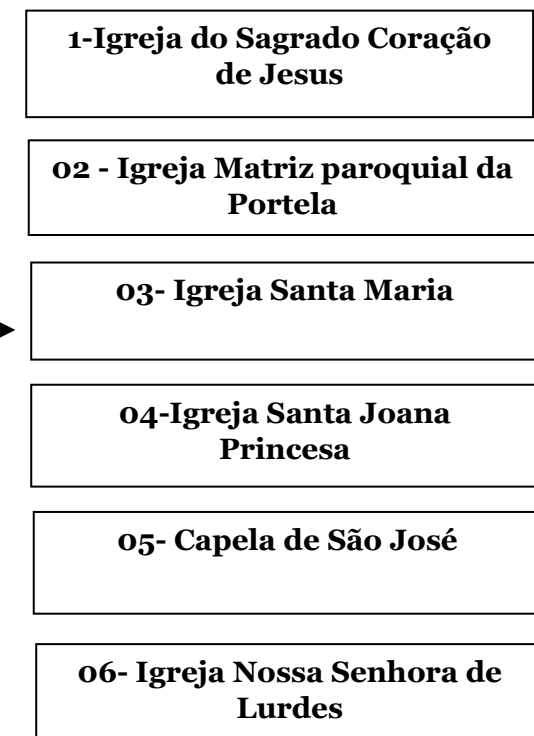
“O sagrado Concílio propõe-se fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições suscetíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à reunião de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar todos ao seio da Igreja. Julga, por isso, dever também interessar-se de modo particular pela reforma e incremento da Liturgia”

SACROSANCTUM CONCILIIUM



“A Igreja nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários ritos, (...). Seja também cultivada livremente na Igreja a arte do nosso tempo, a arte de todos os povos e religiões, desde que sirva com devida reverência e a devida honra às exigências dos edifícios e ritos sagrados. Assim poderá ela unir a sua voz ao admirável cântico de glória que grandes homens elevaram à fé católica em seculos passados”
SACROSANCTUM CONCILIIUM

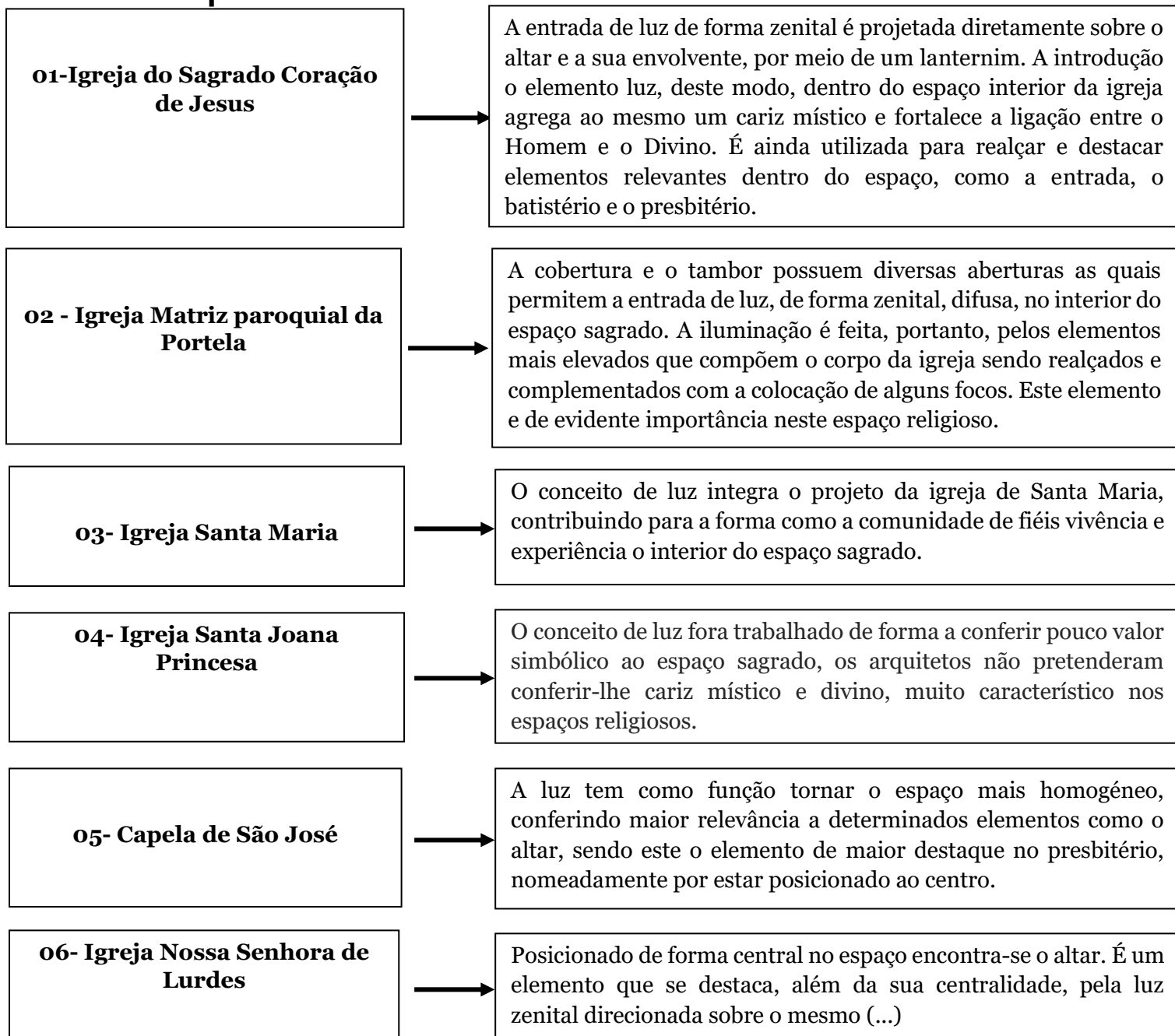
Quadro de análise 3



Quadros de Análise - 4/5/6

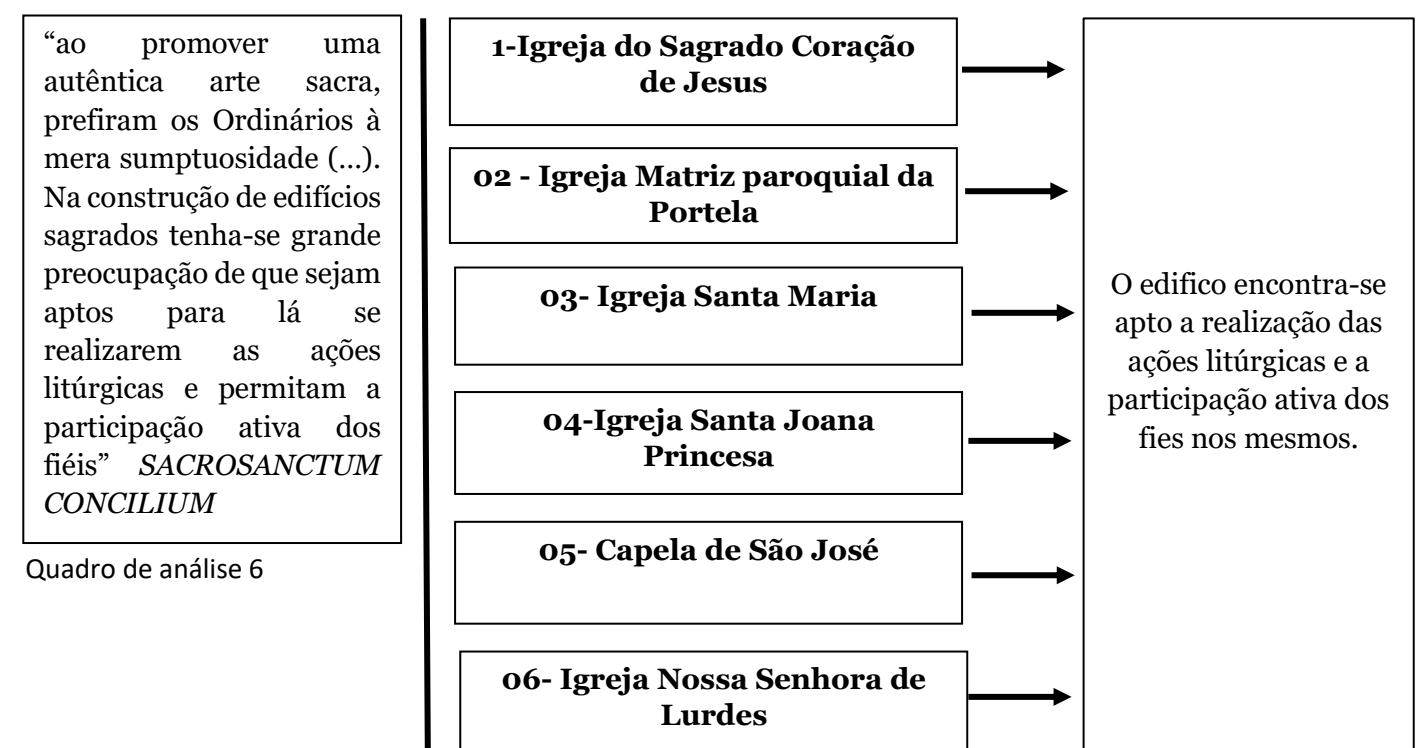
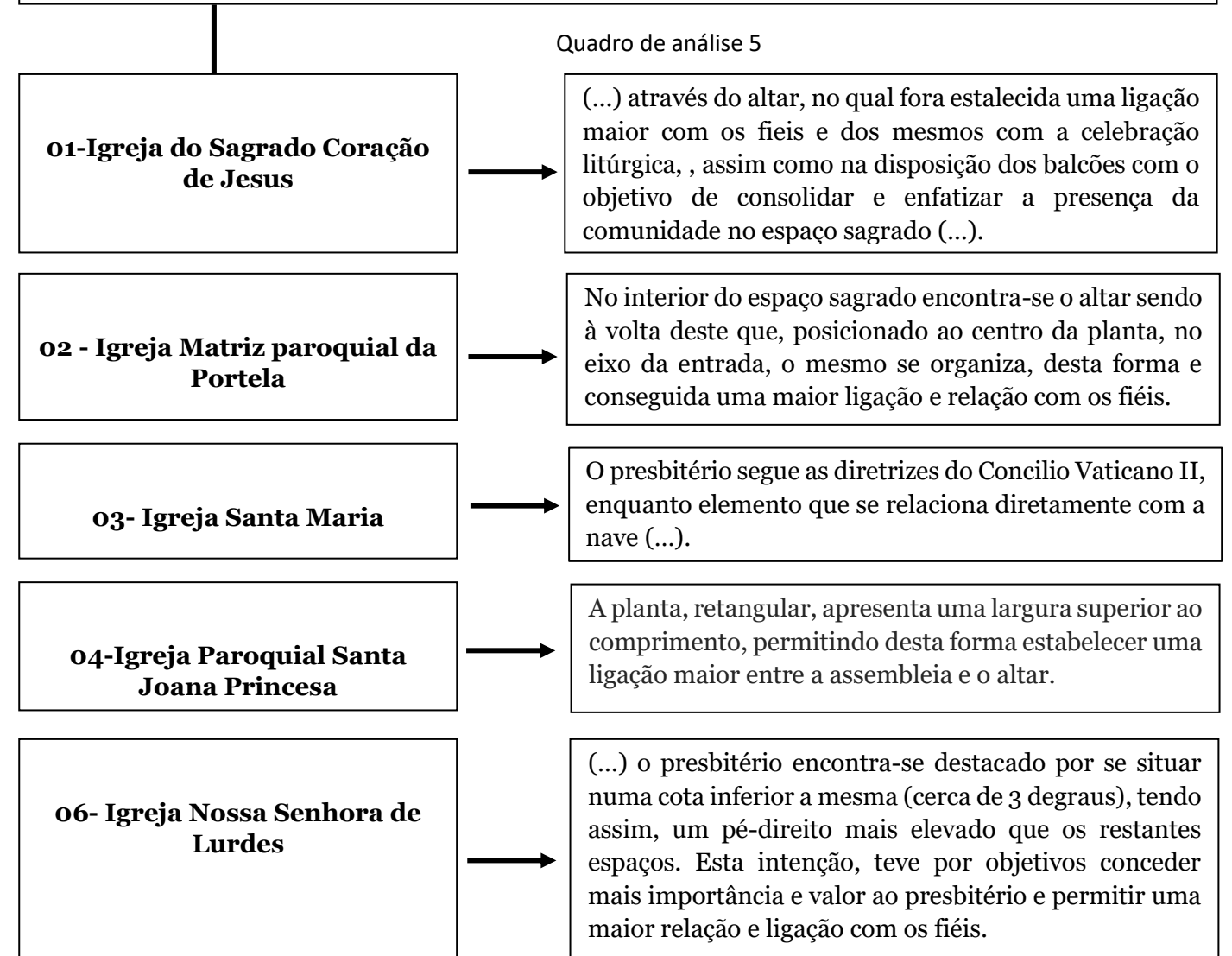
Diretrizes Conciliares/Casos de Estudo

(...) a autêntica natureza da verdadeira Igreja, (...) simultaneamente humana e divina visível e dotada de elementos invisíveis” *SACROSANCTUM CONCILIIUM*



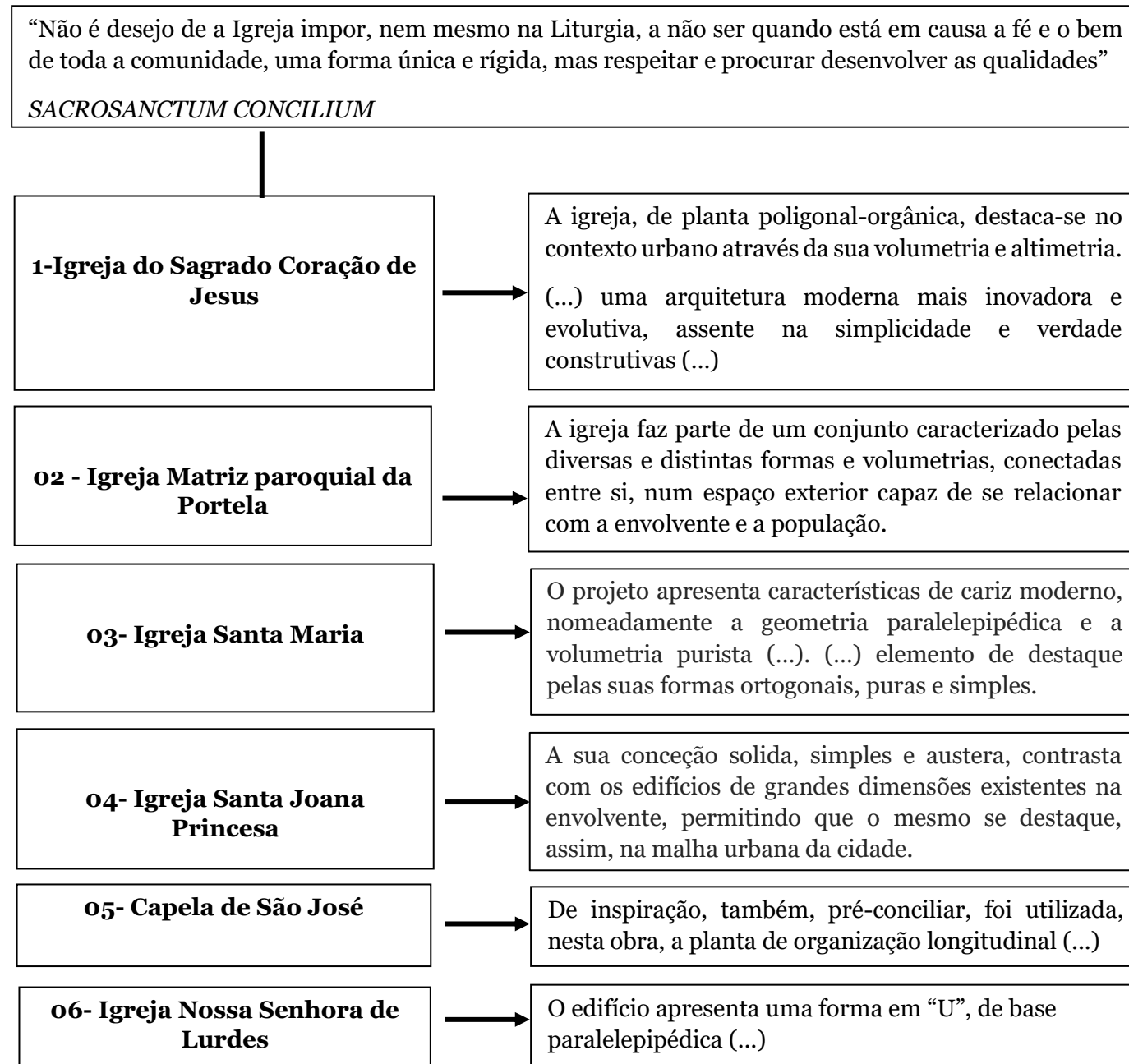
Quadro de análise 4

(...) na reforma e incremento da sagrada Liturgia, deve dar-se a maior atenção a esta plena ativa participação de todo o povo porque ela é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão-de beber o espírito genuinamente cristão” *SACROSANCTUM CONCILIIUM*

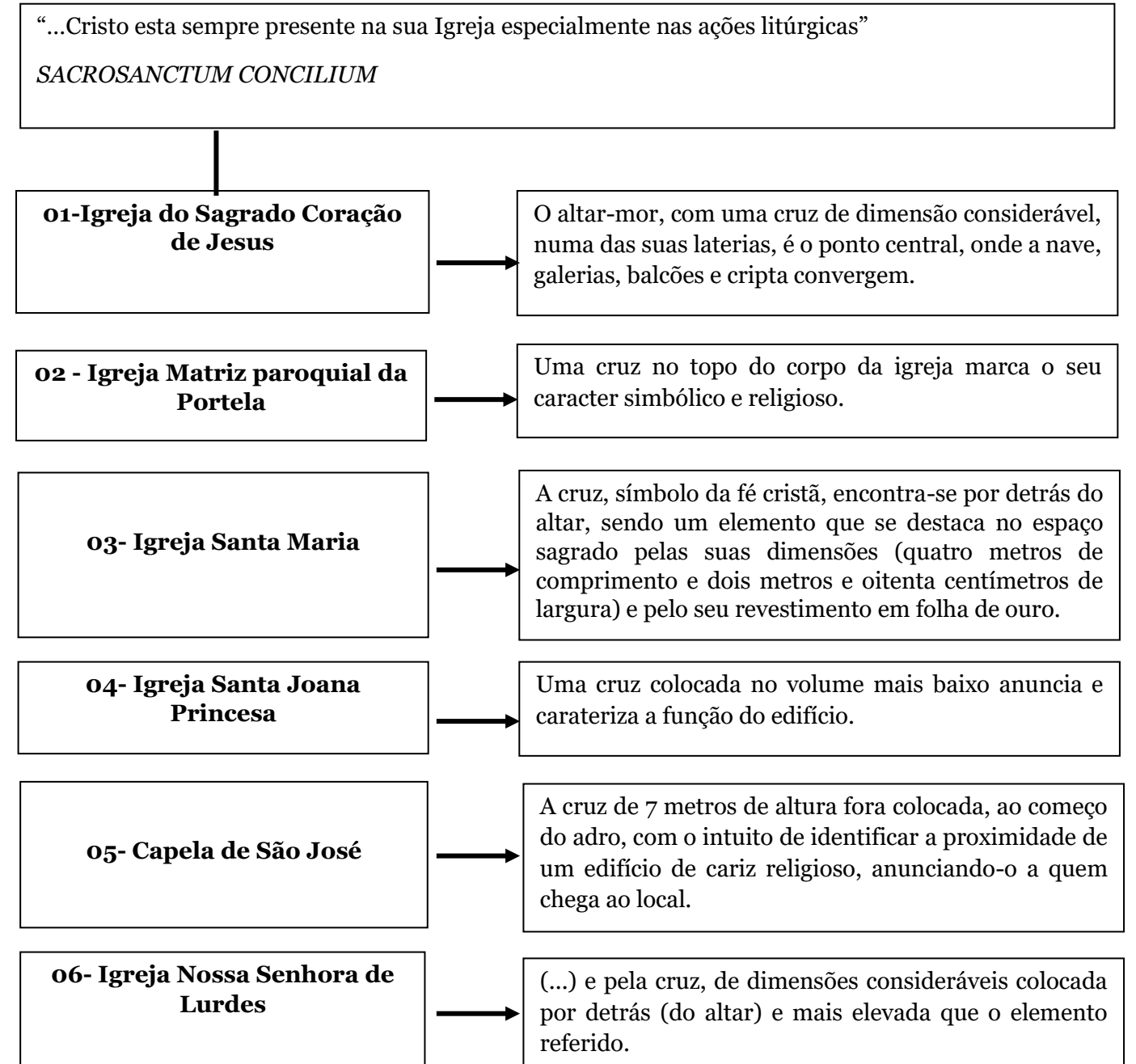


Quadros de Análise – 7/8

Diretrizes Conciliares/Casos de Estudo



Quadro de análise 7



Quadro de análise 8

7.7 Análise e comparação das obras com as Diretrizes do Concílio

Características	01	02	03	04	05	06
Funções						
Igreja	X	X	X	X	X	X
Centro Social/Paroquial	X	X	X	X	X	X
Residência Pároco	X	X	X	X		X
Capela Mortuária	X	X	X	X	X	X
Biblioteca		X		X		
Escola/Salas de Estudo		X	X	X	X	X
Sala polivalente		X			X	X
Relação com o Exterior						
Sem limites				X		X
Com Muros		X	X		X	
Sem contacto	X					
Implantação						
Aglomerado Disperso			X			
Aglomerado Agregado		X		X	X	X
Edifício Isolado						
Igreja no interior de um edifício	X					
Adro	X	X	X	X	X	X
Implantação						
Sobre um plano elevado			X	X		X
Sobre um plano rebaixado	X	X			X	
Nivelado						
Assembleia						
Unidimensional	X	X	X	X	X	X
Pluridimensional						
Batistério						
À entrada			X	X	X	
Relação com a assembleia	X	X				X
Presbitério						
Elevado–altar num plano superior			X	X	X	X
Elevado–altar num plano inferior						
Nivelado	X	X				

Capítulo 8

8. Conclusão

A arquitetura religiosa sempre procurou seguir as diferentes épocas e as premissas instituídas pela religião. Até ao renascimento verificaram-se mudanças expressivas e significativas, uma evolução constante do espaço religioso. Foram adotadas e empregues, ao longo dos séculos, a planta em cruz latina, longitudinal, estabelecida pelo Românico e de cruz grega, centralizada, instituída no período renascentista, duas conceções de períodos históricos determinantes para a evolução e desenvolvimento dos edifícios religiosos até ao século XX.

O século XX ficou marcado por profundas alterações litúrgicas instituídas pelos diversos movimentos religiosos, ocorridos por toda a Europa, nomeadamente o Movimento litúrgico e moderno e o Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR).

O MRAR surgiu em Portugal na década de 50, devido ao declínio e regressão da arquitetura religiosa nacional. Foi crucial no seu desenvolvimento, na era moderna. A Igreja do Sagrado Coração de Jesus é a obra que melhor demonstra a procura do movimento pelo espaço religioso moderno. Marcou o início de uma nova arquitetura religiosa, moderna, caracterizada por edifícios que não necessitaram de evocar conceitos de monumentalidade e misticismo através de ecletismos e historicismos.

O Concílio Vaticano II, decorrido entre 1961 e 1965, concebeu um conjunto de diretrizes sobre o espaço litúrgico, assente nas discussões, propostas e ensaios desenvolvidos por diversos arquitetos em toda a Europa, como *Hermann Baur e Rudolf Schwarz*, em França. Caracterizou-se, portanto, como um dos maiores e mais importantes eventos de cariz religioso, revolucionário, levado a cabo pela Igreja católica, que instituiu e formalizou os princípios já discutidos. Consolidando-se ao longo dos séculos, desde sempre procurou acompanhar em cada época e lugar, a sua cultura e arte, como tal, não se caracteriza por um único estilo, acompanhando as constantes mudanças e inovações.

Impulsionador de grandes mudanças, o Concílio Vaticano II continua a ser compreendido e seguido pelos arquitetos contemporâneos, os quais procuram responder e acompanhar a evolução constante da sociedade e da atualidade.

O arquiteto tem como exercício, não só dar resposta à funcionalidade pretendida na conceção do espaço religioso, como projetá-lo de forma a proporcionar à comunidade de fiéis uma experiência que desperte os seus sentidos e emoções. Necessita encontrar a simbiose entre a poética e a estética de forma a capacitar o espaço religioso para o seu principal propósito, a prática religiosa, o qual deve estar adequado às diversas atividades

litúrgicas, como a oração, a Eucaristia e a reunião e acolhimento da comunidade de fiéis. O arquiteto deve conciliar as suas intenções com as necessidades e expectativas da comunidade na idealização e conceção de um espaço religioso, que tem como objetivo principal servi-la espiritualmente, de forma a atingir o princípio da arquitetura religiosa, a experiência idealizada e concretizada do arquiteto aceite e compreendida pela comunidade.

O espaço religioso evoluir e sofreu inúmeras alterações no decorrer dos séculos, com os diferentes estilos arquitetónicos e com as mudanças litúrgicas, tornou-se livre, continuando a progredir com o intuito de dar resposta às necessidades da comunidade católica atual. Fatores como o simbolismo, luz, ornamentação, clareza e relação entre assembleia, altar e presbitério, devem ser cruciais na conceção do espaço religioso, de modo a que o mesmo se adeque a prática religiosa dos dias de hoje.

Com o estudo e análise de diversas obras do século XX e XXI, na presente dissertação, fica claro que cada arquiteto concebe e desenvolve o seu projeto de acordo com a sua identidade, apesar das inúmeras alterações e evolução do espaço religioso e dos conceitos irrefutáveis neste tipo de conceções. Os edifícios religiosos concebidos no período mencionado são indissociáveis dos seus autores, pois a abertura e liberdade atribuídas aos mesmos, por parte da Igreja Católica e pelo próprio contexto de renovação da arquitetura moderna, permitiu uma infinidade de soluções e conceções,

Não existe, portanto, um modelo de espaço religioso, nem nunca existiu, verifica-se, contudo, elementos comuns entre as diversas conceções, que apesar das mudanças sociais, políticas e económicas continuam atemporais e imprescindíveis: o ambiente de recolhimento, paz e silêncio permanece ao longo dos séculos até a atualidade; o altar é, desde sempre, o elemento central da ação litúrgica conservando até hoje a sua importância e simbolismo; o elemento luz, primordial, é caracterizador do espaço religioso, hierarquizando as diferentes áreas que o compõem e habilitando-o de misticismo e espiritualidade; a ornamentação, existe na arquitetura contemporânea, de forma bastante controlada e prudente, onde as obras de arte não possuem um caráter historicista mas sim contemporâneo.

No espaço religioso contemporâneo é notória a intenção de o tornar simples, ao serviço da comunidade de fiéis, centralizado na sua função primordial, reuni-la em torno do altar de participação ativa e convergente na prática religiosa. Dissocia-se, assim, do caráter ostentativo e monumental, que o caracterizou por muitos séculos. Esta opção em consonância com o minimalismo, torna o espaço religioso espelho da cultura religiosa atual, focada na oração e recolhimento.

Fazendo um paralelo entre as obras do MRAR e contemporâneas estudadas e analisadas na presente dissertação, a busca pela simplicidade e depuração encontra a

plenitude e excelência nas paredes brancas e “despidas”, como a Igreja de Marco de Canavezes de Álvaro Siza Vieira.

É perceptível a preocupação em conceber espaços religiosos pensados para a comunidade, para o seu recolhimento e envolvimento dentro dos mesmos., contudo este contexto pode ser interpretado como pretensão de dissociação da fé católica, pela quase inexistência de imagem símbolos e ornamentos históricos.

A expressividade e funcionalidade do novo Templo assentam no princípio comum da participação ativa dos fiéis, no conforto físico e sensorial dos mesmos, ou seja, o espaço litúrgico deve ser adequado em termos de visibilidade e sonorização e no evidente despojamento ornamental. É inquestionável o seu valor e importância no contexto social e urbano, que cada vez mais multifuncional e direcionado para as necessidades e carências da comunidade assume uma posição de destaque na malha urbana, relacionando-se com a envolvente e pré-existências.

A arquitetura religiosa contemporânea procura adequabilidade nos espaços religiosos, que apesar de não cumprirem integralmente as normas e recomendações instituídas, são perfeitamente capazes de cumprir a função primordial do culto cristão, as celebrações e ritos litúrgicos. Podemos, portanto, concluir que existe uma flexibilidade patente na Liturgia, adaptável ao espaço físico, sem comprometer a sua ação e no qual as diretrizes arquitetónicas e artísticas, quando não cumpridas na totalidade não condicionam nem prejudicam qualquer atividade do culto cristão. Existe a intenção de integrar a comunidade na conceção do espaço religioso, procurando o equilíbrio entre função, sacralidade e arquitetura. Quando o espaço religioso da resposta as necessidades e carências da comunidade, a sua adequabilidade é evidente.

Na atualidade é possível afirmar que um conjunto arquitetónico religioso composto por espaços focados e direcionados para a comunidade, o edifício igreja perde o seu destaque dentro do mesmo, passando para uma posição secundária.

Mantendo os ideais do Movimento Litúrgico e do Concílio Vaticano II, nomeadamente a participação ativa dos fiéis nas celebrações e ritos litúrgicos, a arquitetura religiosa, no seu contexto evolutivo, prossegue na procura da conceção de espaços dignos e habilitados a reunião, celebração e oração. Continua a responder ao seu propósito, integrando-se na cultura e sociedades contemporâneas, refletindo a abertura e liberdade artística, cultural, social e institucional da Igreja Católica.

Anexos

Anexo I - Glossário

Altar - mesa sagrada¹

Ambão - espécie de púlpito, estante ou dupla tribuna, à entrada da capela-mor, destinada à leitura da epístola ou ao canto do evangelho, na missa.²

Assembleia - Grupo de fiéis reunidos num espaço para a realização dos atos e celebrações litúrgicas.³

Batistério - lugar dentro da igreja ou construção anexa onde se encontra a pia batismal.⁴

Bíblia - coleção dos livros sagrados do Antigo e do Novo Testamento; Sagrada Escritura.⁵

Coro - conjunto de elementos pertencentes a assembleia para a realização de cânticos.⁶

Eucaristia - sacramento que é Cristo sob as espécies do pão e do vinho consagrados; ato litúrgico, com sentido de ação de graças e de sacrifício, durante o qual se realiza a consagração eucarística.⁷

¹Altar; In Infopédia; Porto editora; Porto; in; <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Altar>; Consultado Online:12 de junho de 2020.

²Ambão; In Infopédia; Porto editora; Porto; <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/amb%C3%A3o>; Consultado Online:12 de junho de 2020.

³Assembleia; In Infopédia; Porto editora; Porto; <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Assembleia>; Consultado Online:12 de junho de 2020.

⁴Batistério; In Infopédia; Porto editora; Porto; <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Batist%C3%A9rio>; Consultado Online:12 de junho de 2020.

⁵Bíblia; In Infopédia; Porto editora; Porto; <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/B%C3%ADblia>; Consultado Online:12 de junho de 2020.

⁶Coro; In Infopédia; Porto editora; Porto; <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Coro>; Consultado Online:12 de junho de 2020.

⁷Eucaristia; In Infopédia; Porto editora; Porto; <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Eucaristia>; Consultado Online:12 de junho de 2020.

Evangelho - cada um dos quatro primeiros livros do Novo Testamento ou o seu conjunto; a doutrina de Cristo neles contida; textos retirados desses livros e lidos durante a missa.⁸

Missa – ato mais importante do culto católico e do culto ortodoxo, no qual o celebrante realiza a consagração eucarística, renovando o procedimento de Jesus na Última Ceia e o martírio de Jesus na Cruz.⁹

Presbitério – Lugar reservado exclusivamente aos membros do clero. ¹⁰

Retábulo - Painel, construção de pedra ou madeira, com labores, na parte posterior do altar, que contém um quadro ou assunto religioso.¹¹

Sacramento - sinal sensível instituído por Deus para dar ao homem a Sua graça ou aumentar-lha.¹²

Sacrário - pequeno local onde se guardam o santo cibório e a custódia, quando contém partículas consagradas.¹³

Via-Sacra - exercício de piedade, geralmente feito diante de pequenas cruces ou quadros com cenas da Paixão, pelo qual se recordam catorze passos daquela fase da vida de Cristo.¹⁴

⁸Evangelho; In Infopédia; Porto editora; Porto; <https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/Evangelho>; Consultado Online:12 de junho de 2020.

⁹ Missa; In Infopédia; Porto editora; Porto; <https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/Missa>; Consultado Online:12 de junho de 2020.

¹⁰Presbitério; In Infopédia; Porto editora; Porto; <https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/presbit%C3%A9rio>; Consultado Online:12 de junho de 2020.

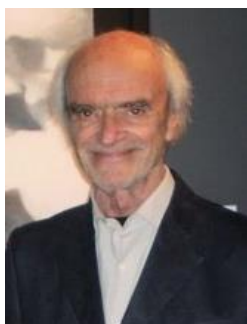
¹¹Retábulo; In Infopédia; Porto editora; Porto; <https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/retabulo>; Consultado Online:12 de junho de 2020.

¹²Sacramento; In Infopédia; Porto editora; Porto; <https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/sacramento>; Consultado Online:12 de junho de 2020.

¹³Sacrário; In Infopédia; Porto editora; Porto; <https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/sacrario>; Consultado Online:12 de junho de 2020.

¹⁴ Via-Sacra; In Infopédia; Porto editora; Porto; <https://www.infopedia.pt/dicionarios/linguaportuguesa/via-sacra>; Consultado Online:12 de junho de 2020.

Anexo II - Elementos do MRAR



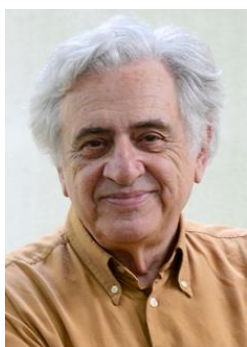
João de Almeida

Arquiteto e pintor português, nasceu em Lisboa em 1927. É autor de inúmeros projetos de relevância para a arquitetura religiosa portuguesa do século XX, nomeadamente a Igreja Paroquial de Paço de Arcos e a Igreja de Moscavide. Teve como mentor Hermann Baur, cuja influência fora decisiva para a sua formação. Desde 2003 que se dedica a pintura e escultura, expondo o seu trabalho em países como Londres (2006), Pequim (2007) e Munique (2015).



Nuno T. Pereira

É considerado o autor mais influente e uma das figuras mais marcantes da segunda metade do século XX. Nasceu a 30 de Janeiro de 1922 na cidade de Lisboa tendo concluído o curso de arquitetura na Escola de Belas Artes de Lisboa. O seu currículo conta com inúmeros e importantes prémios e distinções nomeadamente o título de Doutor honoris causa para Universidade do Porto, em 2003.



Nuno Portas

Arquiteto, urbanista, professor e governante, Nuno Portas nasceu a 23 de setembro de 1934. Tendo iniciado a sua carreira no atelier de Nuno Teotónio Pereira, no qual se manteve até 1974, concluiu a sua licenciatura em 1959. Foram-lhe conferidos os importantes títulos de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Aveiro e pelo Instituto Politécnico de Milão, e com o Prémio Sir Patrick Abercrombie de Urbanismo da União Internacional de Arquitetos.



Diogo Pimentel

Diogo Lino Pimentel nasceu em Lisboa em 1934, tendo na mesma cidade frequentado na Escola de Belas Artes, o curso de arquitetura, concluindo o seu percurso académico em 1960. Foi um dos membros mais importantes e participativos do MRAR, tendo-o representado inclusive, por diversas ocasiões, em outros países.



Luíz Cunha

Luíz Cunha alcançou o reconhecimento com os seus projetos de edifícios e equipamentos religiosos, de estilo expressionista muito próprio. Nasceu a 14 de Maio de 1933 no Porto, cidade na qual frequentou o curso de arquitetura na Escola de Belas Artes, tendo-o concluído em 1957. Apesar de se ter dedicado maioritariamente à arquitetura religiosa também deixou a sua marca na arquitetura civil, tendo projetado edifícios administrativos, culturais e turísticos.

Anexo III - SACROSANCTUM CONCILIUM

CONSTITUIÇÃO CONCILIAR SACROSANCTUM CONCILIUM SOBRE A SAGRADA LITURGIA PROÊMIO

Fim do Concílio e sua relação com a reforma litúrgica

1. O sagrado Concílio propõe-se fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja. Julga, por isso, dever também interessar-se de modo particular pela reforma e incremento da Liturgia.
 2. A Liturgia, pela qual, especialmente no sacrifício eucarístico, «se opera o fruto da nossa Redenção» (1), contribui em sumo grau para que os fiéis expressem na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja, que é simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na acção e dada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina, mas de forma que o que nela é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a acção à contemplação, e o presente à cidade futura que buscamos (2). A Liturgia, ao mesmo tempo que edifica os que estão na Igreja em templo santo no Senhor, em morada de Deus no Espírito (3), até à medida da idade da plenitude de Cristo (4), robustece de modo admirável as suas energias para pregar Cristo e mostra a Igreja aos que estão fora, como sinal erguido entre as nações (5), para reunir à sua sombra os filhos de Deus dispersos (6), até que haja um só rebanho e um só pastor (7).
- Aplicação aos diversos ritos*
3. Entende, portanto, o sagrado Concílio dever recordar os princípios e determinar as normas práticas que se seguem, acerca do incremento e da reforma da Liturgia.
Entre estes princípios e normas, alguns podem e devem aplicar-se não só ao rito romano mas a todos os outros ritos, muito embora as normas práticas que se seguem devam entender-se referidas só ao rito romano, a não ser que se trate de coisas que, por sua própria natureza, digam respeito também aos outros ritos.
 4. O sagrado Concílio, guarda fiel da tradição, declara que a santa mãe Igreja considera iguais em direito e honra todos os ritos legitimamente reconhecidos, quer que se mantenham e sejam por todos os meios promovidos, e deseja que, onde for necessário, sejam prudente e integralmente revistos no espírito da sã tradição e lhes seja dado novo vigor, de acordo com as circunstâncias e as necessidades do nosso tempo.

CAPÍTULO I

PRINCÍPIOS GERAIS EM ORDEM À REFORMA E INCREMENTO DA LITURGIA

I - NATUREZA DA SAGRADA LITURGIA E SUA IMPORTÂNCIA NA VIDA DA IGREJA

Jesus Cristo salvador do mundo

5. Deus, que «quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade» (I Tim. 2,4), «tendo falado outrora muitas vezes e de muitos modos aos nossos pais pelos profetas» (Hebr. 1,1), quando chegou a plenitude dos tempos, enviou o Seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, a evangelizar os pobres, curar os contritos de coração (8), como ,médico da carne e do espírito(9), mediador entre Deus e os homens (10). A sua humanidade foi, na unidade da pessoa do Verbo, o instrumento da nossa salvação. Por isso, em Cristo «se realizou plenamente a nossa reconciliação e se nos deu a plenitude do culto divino» (11).
Esta obra da redenção dos homens e da glorificação perfeita de Deus, prefigurada pelas suas grandes obras no povo da Antiga Aliança, realizou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal da sua bem-aventurada Paixão, Ressurreição dos mortos e gloriosa Ascensão, em que «morrendo destruiu a nossa morte e ressurgindo restaurou a nossa vida» (12). Foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja (13).
pelo sacrifício e pelos sacramentos
6. Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para que, pregando o Evangelho a toda a criatura (14), anunciassem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertara do poder de Satanás (15) e da morte e nos introduzira no Reino do Pai, mas também para que realizassem a obra de salvação que anunciavam, mediante o sacrifício e os sacramentos, à volta dos quais gira toda a vida litúrgica. Pelo Baptismo são os homens enxertados no mistério pascal de Cristo: mortos com Ele, sepultados com Ele, com Ele ressuscitados (16); recebem o espírito de adopção filial que «nos faz clamar: Abba, Pai» (Rom. 8,15), transformando-se assim nos verdadeiros adoradores que o Pai procura (17). E sempre que comem a Ceia do Senhor, anunciam igualmente a sua morte até Ele vir (18). Por isso foram baptizados no próprio dia de

Pentecostes, em que a Igreja se manifestou ao mundo, os que receberam a palavra de Pedro. E «mantinham-se fiéis à doutrina dos Apóstolos, à participação na fracção do pão e nas orações... louvando a Deus e sendo bem vistos pelo povo» (Act. 2, 41-47). Desde então, nunca mais a Igreja deixou de se reunir em assembleia para celebrar o mistério pascal: lendo «o que se referia a Ele em todas as Escrituras» (Lc. 24,27), celebrando a Eucaristia, na qual «se torna presente o triunfo e a vitória da sua morte» (19), e dando graças «a Deus pelo Seu dom inefável (2 Cor. 9,15) em Cristo Jesus, «para louvar da sua glória» (Ef. 1,12), pela virtude do Espírito Santo.

presença de Cristo na Liturgia

7. Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na sua igreja, especialmente nas acções litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro - «O que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na Cruz» (20) - quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com o seu dinamismo nos Sacramentos, de modo que, quando alguém baptiza, é o próprio Cristo que baptiza (21). Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt. 18,20).

Em tão grande obra, que permite que Deus seja perfeitamente glorificado e que os homens se santifiquem, Cristo associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amada, a qual invoca o seu Senhor e por meio dele rende culto ao Eterno Pai.

Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; nela, o Corpo Místico de Jesus Cristo - cabeça e membros - presta a Deus o culto público integral.

Portanto, qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, acção sagrada par excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra acção da Igreja.

A Liturgia terrena, antecipação da Liturgia celeste

8. Pela Liturgia da terra participamos, saboreando-a já, na Liturgia celeste celebrada na cidade santa de Jerusalém, para a qual, como peregrinos nos dirigimos e onde Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo (22); por meio dela cantamos ao Senhor um hino de glória com toda a milícia do exército celestial, esperamos ter parte e comunhão com os Santos cuja memória veneramos, e aguardamos o Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, até Ele aparecer como nossa vida e nós aparecermos com Ele na glória (23).

Lugar da Liturgia na vida da Igreja

9. A sagrada Liturgia não esgota toda a acção da Igreja, porque os homens, antes de poderem participar na Liturgia, precisam de ouvir o apelo à fé e à conversão: «Como hão-de invocar aquele em quem não creram? Ou como hão-de crer sem o terem ouvido? Como poderão ouvir se não houver quem pregue? E como se há-de pregar se não houver quem seja enviado?» (Rom. 10, 14-15).

É por este motivo que a Igreja anuncia a mensagem de salvação aos que ainda não têm fé, para que todos os homens venham a conhecer o único Deus verdadeiro e o Seu enviado, Jesus Cristo, e se convertam dos seus caminhos pela penitência (24). Aos que crêem, tem o dever de pregar constantemente a fé e a penitência, de dispô-los aos Sacramentos, de ensiná-los a guardar tudo o que Cristo mandou (25), de estimulá-los a tudo o que seja obra de caridade, de piedade e apostolado, onde os cristãos possam mostrar que são a luz do mundo, embora não sejam deste mundo, e que glorificam o Pai diante dos homens.

10. Contudo, a Liturgia é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a acção da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força. Na verdade, o trabalho apostólico ordena-se a conseguir que todos os que se tornaram filhos de Deus pela fé e pelo Baptismo se reúnam em assembleia para louvar a Deus no meio da Igreja, participem no Sacrifício e comam a Ceia do Senhor.

A Liturgia, por sua vez, impele os fiéis, saciados pelos «mistérios pascais», a viverem «unidos no amor» (26); pede «que sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé» (27); e pela renovação da aliança do Senhor com os homens na Eucaristia, e aquece os fiéis na caridade urgente de Cristo. Da Liturgia, pois, em especial da Eucaristia, corre sobre nós, como de sua fonte, a graça, e por meio dela conseguem os homens com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam, como a seu fim, todas as outras obras da Igreja.

A participação dos fiéis

11. Para assegurar esta eficácia plena, é necessário, porém, que os fiéis celebrem a Liturgia com rectidão de espírito, unam a sua mente às palavras que pronunciam, cooperem com a graça de Deus, não aconteça de a receberem em vão (28). Por conseguinte, devem os pastores de almas vigiar por que não só se observem, na acção litúrgica, as leis que regulam a celebração válida e lícita, mas também que os fiéis participem nela consciente, activa e frutuosa.

Vida espiritual extra-litúrgica

12. A participação na sagrada Liturgia não esgota, todavia, a vida espiritual. O cristão, chamado a rezar

em comum, deve entrar também no seu quarto para rezar a sós (29) ao Pai, segundo ensina o Apóstolo, deve rezar sem cessar (30). E o mesmo Apóstolo nos ensina a trazer sempre no nosso corpo os sofrimentos da morte de Jesus, para que a sua vida se revele na nossa carne mortal (31). É essa a razão por que no Sacrifício da Missa pedimos ao Senhor que, tendo aceite a oblação da vítima espiritual, faça de nós uma «oferta eterna» (32) a si consagrada.

13. São muito de recomendar os exercícios piedosos do povo cristão, desde que estejam em conformidade com as leis e as normas da Igreja, e especialmente quando se fazem por mandato da Sé Apostólica. Gozam também de especial dignidade as práticas religiosas das Igrejas particulares, celebradas por mandato dos Bispos e segundo os costumes ou os livros legitimamente aprovados. Importa, porém, ordenar essas práticas tendo em conta os tempos litúrgicos, de modo que se harmonizem com a sagrada Liturgia, de certo modo derivem dela, e a ela, que por sua natureza é muito superior, conduzam o povo.

II- EDUCAÇÃO LITÚRGICA E PARTICIPAÇÃO ACTIVA

Normas gerais

14. É desejo ardente na mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e activa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da Liturgia exige e que é, por força do Baptismo, um direito e um dever do povo cristão, «raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido» (1 Ped. 2,9; cfr. 2, 4-5).

Na reforma e incremento da sagrada Liturgia, deve dar-se a maior atenção a esta plena e activa participação de todo o povo porque ela é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão-de beber o espírito genuinamente cristão. Esta é a razão que deve levar os pastores de almas a procurarem-na com o máximo empenho, através da devida educação.

Mas, porque não há qualquer esperança de que tal aconteça, se antes os pastores de almas se não imbuírem plenamente do espírito e da virtude da Liturgia e não se fizerem mestres nela, é absolutamente necessário que se providencie em primeiro lugar à formação litúrgica do clero. Por tal razão este sagrado Concílio determinou quanto segue:

Formação dos professores de Liturgia

15. Os professores que se destinam a ensinar a sagrada Liturgia nos seminários, nas casas de estudos dos religiosos e nas faculdades de teologia, devem receber a formação conveniente em ordem ao seu múnus em institutos para isso especialmente destinados.

O ensino da Liturgia nos Seminários

16. A sagrada Liturgia deve ser tida, nos seminários e casas de estudo dos religiosos, como uma das disciplinas necessárias e mais importantes, nas faculdades de teologia como disciplina principal, e ensinar-se nos seus aspectos quer teológico e histórico, quer espiritual, pastoral e jurídico.

Mais: procurem os professores das outras disciplinas, sobretudo de teologia dogmática, Sagrada Escritura, teologia espiritual e pastoral, fazer ressaltar, a partir das exigências intrínsecas de cada disciplina, o mistério de Cristo e a história da salvação, para que se veja claramente a sua conexão com a Liturgia e a unidade da formação sacerdotal.

A formação litúrgica dos seminaristas, sacerdotes e fiéis

17. Nos seminários e casas religiosas, adquiram os clérigos uma formação litúrgica da vida espiritual, mediante uma conveniente iniciação que lhes permita penetrar no sentido dos ritos sagrados e participar perfeitamente neles, mediante a celebração dos sagrados mistérios, como também mediante outros exercícios de piedade penetrados do espírito da sagrada Liturgia. Aprendam também a observar as leis litúrgicas, de modo que nos seminários e institutos religiosos a vida seja totalmente impregnada de espírito litúrgico.

18. Ajudem-se os sacerdotes, quer seculares quer religiosos, que já trabalham na vinha do Senhor, por todos os meios oportunos, a penetrarem cada vez melhor o sentido do que fazem nas funções sagradas, a viverem a vida litúrgica, e a partilharem-na com os fiéis que lhes estão confiados.

19. Procurem os pastores de almas fomentar com persistência e zelo a educação litúrgica e a participação activa dos fiéis, tanto interna como externa, segundo a sua idade, condição, género de vida e grau de cultura religiosa, na convicção de que estão cumprindo um dos mais importantes múnus do dispensador fiel dos mistérios de Deus. Neste ponto guiem o rebanho não só com palavras mas também com o exemplo.

O uso dos meios de comunicação

20. Façam-se com discrição e dignidade, e sob a direcção de pessoa competente, para tal designada pelos Bispos, as transmissões radiofónicas ou televisivas das acções sagradas, especialmente da Missa.

III - REFORMA DA SAGRADA LITURGIA

Razão e sentido da reforma

21. A santa mãe Igreja, para permitir ao povo cristão um acesso mais seguro à abundância de graça que a Liturgia contém, deseja fazer uma acurada reforma geral da mesma Liturgia. Na verdade, a Liturgia

compõe-se duma parte imutável, porque de instituição divina, e de partes susceptíveis de modificação, as quais podem e devem variar no decorrer do tempo, se porventura se tiverem introduzido nelas elementos que não correspondam tão bem à natureza íntima da Liturgia ou se tenham tornado menos apropriados. Nesta reforma, proceda-se quanto aos textos e ritos, de tal modo que eles exprimam com mais clareza as coisas santas que significam, e, quanto possível, o povo cristão possa mais facilmente apreender-lhes o sentido e participar neles por meio de uma celebração plena, activa e comunitária.

Para tal fim, o sagrado Concílio estabeleceu estas normas gerais:

A. Normas gerais

A autoridade competente

22. § 1. Regular a sagrada Liturgia compete unicamente à autoridade da Igreja, a qual reside na Sé Apostólica e, segundo as normas do direito, no Bispo.

§ 2. Em virtude do poder concedido pelo direito, pertence também às competentes assembleias episcopais territoriais de vários géneros legitimamente constituídas regular, dentro dos limites estabelecidos, a Liturgia.

§ 3. Por isso, ninguém mais, mesmo que seja sacerdote, ouse, por sua iniciativa, acrescentar, suprimir ou mudar seja o que for em matéria litúrgica.

Trabalho prudente

23. Para conservar a sã tradição e abrir ao mesmo tempo o caminho a um progresso legítimo, faça-se uma acurada investigação teológica, histórica e pastoral acerca de cada uma das partes da Liturgia que devem ser revistas. Tenham-se ainda em consideração às leis gerais da estrutura e do espírito da Liturgia, a experiência adquirida nas recentes reformas litúrgicas e nos indultos aqui e além concedidos. Finalmente, não se introduzam inovações, a não ser que uma utilidade autêntica e certa da Igreja o exija, e com a preocupação de que as novas formas como que surjam a partir das já existentes.

Evitem-se também, na medida do possível, diferenças notáveis de ritos entre regiões confinantes.

O lugar da Sagrada Escritura

24. É enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia. Porque é a ela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as acções e os sinais. Para promover a reforma, o progresso e adaptação da sagrada Liturgia, é necessário, por conseguinte, desenvolver aquele amor suave e vivo da Sagrada Escritura de que dá testemunho a venerável tradição dos ritos tanto orientais como ocidentais.

A revisão dos livros

25. Faça-se o mais depressa possível a revisão dos livros litúrgicos, utilizando o trabalho de pessoas competentes e consultando Bispos de diversos países do mundo.

B. Normas que derivam da natureza hierárquica e comunitária da Liturgia

A liturgia, acção da Igreja comunitária

26. As acções litúrgicas não são acções privadas, mas celebrações da Igreja, que é «sacramento de unidade», isto é, Povo santo reunido e ordenado sob a direcção dos Bispos (33).

Por isso, tais acções pertencem a todo o Corpo da Igreja, manifestam-no, atingindo, porém, cada um dos membros de modo diverso, segundo a variedade de estados, funções e participação actual.

27. Sempre que os ritos comportam, segundo a natureza particular de cada um, uma celebração comunitária, caracterizada pela presença e activa participação dos fiéis, inculque-se que esta deve preferir-se, na medida do possível, à celebração individual e como que privada.

Isto é válido sobretudo para a celebração da Missa e para a administração dos sacramentos, ressalvando-se sempre a natureza pública e social de toda a Missa.

28. Nas celebrações litúrgicas, limite-se cada um, ministro ou simples fiel, exercendo o seu ofício, a fazer tudo e só o que é de sua competência, segundo a natureza do rito e as leis litúrgicas.

Os ministros inferiores

29. Os que servem ao altar, os leitores, comentadores e elementos do grupo coral desempenham também um autêntico ministério litúrgico. Exercam, pois, o seu múnus com piedade autêntica e do modo que convêm a tão grande ministério e que o Povo de Deus tem o direito de exigir.

É, pois, necessário imbuí-los de espírito litúrgico, cada um a seu modo, e formá-los para executarem perfeita e ordenadamente a parte que lhes compete.

A participação do povo

30. Para fomentar a participação activa, promovam-se as aclamações dos fiéis, as respostas, a salmodia, as antífonas, os cânticos, bem como as acções, gestos e atitudes corporais. Não deve deixar de observarse, a seu tempo, um silêncio sagrado.

31. Na revisão dos livros litúrgicos, procure-se que as rubricas tenham em conta a parte que compete aos fiéis.

A não-acepção das pessoas

32. Na Liturgia, à excepção da distinção que deriva da função litúrgica e da sagrada Ordem e das honras devidas às autoridades civis segundo as leis litúrgicas, não deve fazer-se qualquer acepção de pessoas ou classes sociais, quer nas cerimónias, quer nas solenidades externas.

C. Normas que derivam da natureza didáctica e pastoral da Liturgia

O valor didático da Liturgia

33. Embora a sagrada Liturgia seja principalmente culto da majestade divina, é também abundante fonte de instrução para o povo fiel (34). Efectivamente, na Liturgia Deus fala ao Seu povo, e Cristo continua a anunciar o Evangelho. Por seu lado, o povo responde a Deus com o canto e a oração.

Mais: as orações dirigidas a Deus pelo sacerdote que preside, em representação de Cristo, à assembleia, são ditas em nome de todo o Povo santo e de todos os que estão presentes. Os próprios sinais visíveis que a sagrada Liturgia utiliza para simbolizar as realidades invisíveis foram escolhidos por Cristo ou pela Igreja.

Por isso, não é só quando se faz a leitura «do que foi escrito para nossa instrução» (Rom. 15,4), mas também quando a Igreja reza, canta ou age, que a fé dos presentes é alimentada e os espíritos se elevam a Deus, para se lhe submeterem de modo racional e receberem com mais abundância a sua graça.

Por isso, na reforma da Liturgia, observem-se as seguintes normas gerais:

Aplicação aos diversos ritos

34. Brilhem os ritos pela sua nobre simplicidade, sejam claros na brevidade e evitem repetições inúteis; devem adaptar-se à capacidade de compreensão dos fiéis, e não precisar, em geral, de muitas explicações.

A conexão entre a palavra e o rito

35. Para se poder ver claramente que na Liturgia o rito e a palavra estão intimamente unidos:

1) Seja mais abundante, variada e bem adaptada a leitura da Sagrada Escritura nas celebrações litúrgicas.
2) Indiquem as rubricas o momento mais apto para a pregação, que é parte da acção litúrgica, quando o rito a comporta. O ministério da palavra deve ser exercido com muita fidelidade e no modo devido. A pregação deve ir beber à Sagrada Escritura e à Liturgia, e ser como que o anúncio das maravilhas de Deus na história da salvação, ou seja, no mistério de Cristo, o qual está sempre presente e operante em nós, sobretudo nas celebrações litúrgicas.

3) Procure-se também inculcar por todos os modos uma catequese mais directamente litúrgica, e prevejam-se nos próprios ritos, quando necessário, breves admonições, feitas só nos momentos mais oportunos, pelo sacerdote ou outro ministro competente, com as palavras prescritas ou semelhantes.

4) Promova-se a celebração da Palavra de Deus nas vigílias das festas mais solenes, em alguns dias feriais do Advento e da Quaresma e nos domingos e dias de festa, especialmente onde não houver sacerdote; neste caso, será um diácono, ou outra pessoa delegada pelo Bispo, a dirigir a celebração.

A língua litúrgica: traduções

36. § 1. Deve conservar-se o uso do latim nos ritos latinos, salvo o direito particular.

§ 2. Dado, porém, que não raramente o uso da língua vulgar pode revestir-se de grande utilidade para o povo, quer na administração dos sacramentos, quer em outras partes da Liturgia, poderá conceder-se à língua vernácula lugar mais amplo, especialmente nas leituras e admonições, em algumas orações e cantos, segundo as normas estabelecidas para cada caso nos capítulos seguintes.

§ 3. Observando estas normas, pertence à competente autoridade eclesiástica territorial, a que se refere o artigo 22 § 2, consultados, se for o caso, os Bispos das regiões limítrofes da mesma língua, decidir acerca do uso e extensão da língua vernácula. Tais decisões deverão ser aprovadas ou confirmadas pela Sé Apostólica.

§ 4. A tradução do texto latino em língua vulgar para uso na Liturgia, deve ser aprovada pela autoridade eclesiástica territorial competente, acima mencionada.

D. Normas para a adaptação da Liturgia à índole e tradições dos povos

A adaptação da Igreja

37. Não é desejo da Igreja impor, nem mesmo na Liturgia, a não ser quando está em causa a fé e o bem de toda a comunidade, uma forma única e rígida, mas respeitar e procurar desenvolver as qualidades e dotes de espírito das várias raças e povos. A Igreja considera com benevolência tudo o que nos seus costumes não está indissolúvelmente ligado a superstições e erros, e, quando é possível, mantem-no inalterável, por vezes chega a aceitá-lo na Liturgia, se se harmoniza com o verdadeiro e autêntico espírito litúrgico.

Aplicação à Liturgia

38. Mantendo-se substancialmente a unidade do rito romano, dê-se possibilidade às legítimas diversidades e adaptações aos vários grupos étnicos, regiões e povos, sobretudo nas Missões, de se afirmarem, até na revisão dos livros litúrgicos; tenha-se isto oportunamente diante dos olhos ao estruturar os ritos e ao preparar as rubricas.

A autoridade competente

39. Será da atribuição da competente autoridade eclesiástica territorial, de que fala o art. 22 § 2, determinar as várias adaptações a fazer, especialmente no que se refere à administração dos sacramentos,

aos sacramentais, às procissões, à língua litúrgica, à música sacra e às artes, dentro dos limites estabelecidos nas edições típicas dos livros litúrgicos e sempre segundo as normas fundamentais desta Constituição.

Casos especiais

40. Mas como em alguns lugares e circunstâncias é urgente fazer uma adaptação mais profunda da Liturgia, que é, por isso, mais difícil:

1) Deve a competente autoridade eclesiástica territorial, a que se refere o art. 22 § 2, considerar com muita prudência e atenção o que, neste aspecto, das tradições e génio de cada povo, poderá oportunamente ser aceite na Liturgia. Proponham-se à Sé Apostólica as adaptações julgadas úteis ou necessárias, para serem introduzidas com o seu consentimento.

2) Para se fazer a adaptação com a devida cautela, a Sé Apostólica poderá dar, se for necessário, à mesma autoridade eclesiástica territorial a faculdade de permitir e dirigir as experiências prévias que forem precisas, em alguns grupos que sejam aptos para isso e por um tempo determinado.

3) Como as leis litúrgicas criam em geral dificuldades especiais quanto à adaptação, sobretudo nas Missões, haja, para a sua elaboração, pessoas competentes na matéria de que se trata.

IV - PROMOÇÃO DA VIDA LITÚRGICA NA DIOCESE E NA PARÓQUIA

O Bispo, centro de unidade de vida na diocese

41. O Bispo deve ser considerado como o sumo-sacerdote do seu rebanho, de quem deriva e depende, de algum modo, a vida de seus fiéis em Cristo.

Por isso, todos devem dar a maior importância à vida litúrgica da diocese que gravita em redor do Bispo, sobretudo na igreja catedral, convencidos de que a principal manifestação da Igreja se faz numa participação perfeita e activa de todo o Povo santo de Deus na mesma celebração litúrgica, especialmente na mesma Eucaristia, numa única oração, ao redor do único altar a que preside o Bispo rodeado pelo presbitério e pelos ministros (35).

O pároco seu representante

42. Impossibilitado como está o Bispo de presidir pessoalmente sempre e em toda a diocese a todo o seu rebanho, vê-se na necessidade de reunir os fiéis em grupos vários, entre os quais têm lugar proeminente as paróquias, constituídas localmente sob a presidência dum pastor que faz as vezes do Bispo. As paróquias representam, de algum modo, a Igreja visível estabelecida em todo o mundo.

Por consequência, deve cultivar-se no espírito e no modo de agir dos fiéis e dos sacerdotes a vida litúrgica da paróquia e a sua relação com o Bispo, e trabalhar para que floresça o sentido da comunidade paroquial, especialmente na celebração comunitária da missa dominical.

V - INCREMENTO DA ACÇÃO PASTORAL LITÚRGICA

Sinal providencial

43. O interesse pelo incremento e renovação da Liturgia é justamente considerado como um sinal dos desígnios providenciais de Deus sobre o nosso tempo, como uma passagem do Espírito Santo pela sua Igreja, e imprime uma nota distintiva à própria vida da Igreja, a todo o modo religioso de sentir e de agir do nosso tempo.

Em ordem a desenvolver cada vez mais na Igreja esta acção pastoral litúrgica, o sagrado Concílio determina:

Comissões de Liturgia, música e arte sacra

44. Convém que a autoridade eclesiástica territorial competente, a que se refere o art. 22 § 2, crie uma Comissão litúrgica, que deve servir-se da ajuda de especialistas em liturgia, música, arte sacra e pastoral. A Comissão deverá contar, se possível, com o auxílio dum Instituto de Liturgia Pastoral, de cujos membros não se excluirão leigos particularmente competentes, se for necessário. Será atribuição da dita Comissão dirigir, guiada pela autoridade eclesiástica territorial, a pastoral litúrgica no território da sua competência, promover os estudos e as experiências necessárias sempre que se trate de adaptações a propor à Santa Sé.

45. Crie-se igualmente em cada diocese a Comissão litúrgica, em ordem a promover, sob a direcção do Bispo, a pastoral litúrgica. Poderá suceder que seja oportuno que várias dioceses formem uma só Comissão para promover em conjunto o apostolado litúrgico.

46. Criem-se em cada diocese, se possível, além da Comissão litúrgica, Comissões de música sacra e de arte sacra.

É necessário que estas três Comissões trabalhem em conjunto, e não raro poderá ser oportuno que formem uma só Comissão.

CAPÍTULO II

O SAGRADO MISTÉRIO DA EUCARISTIA

Instituição e natureza

47. O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da cruz,

confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade (36), banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura (37).

A participação dos fiéis

48. É por isso que a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na acção sagrada, consciente, activa e piedosamente, por meio dum boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos pela palavra de Deus; alimentem-se à mesa do Corpo do Senhor; dêem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, que não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que, dia após dia, por Cristo mediador (38), progridam na unidade com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos.

Revisão dos textos com mais leituras bíblicas

49. Para que o Sacrifício da missa alcance plena eficácia pastoral, mesmo quanto ao seu rito, o sagrado Concílio, tendo em atenção as missas que se celebram com assistência do povo, sobretudo aos domingos e nas festas de preceito, determina o seguinte:

50. O Ordinário da missa deve ser revisto, de modo que se manifeste mais claramente a estrutura de cada uma das suas partes bem como a sua mútua conexão, para facilitar uma participação piedosa e activa dos fiéis. Que os ritos se simplifiquem, bem respeitados na sua estrutura essencial; sejam omitidos todos os que, com o andar do tempo, se duplicaram ou menos útilmente se acrescentaram; restaurem-se, porém, se parecer oportuno ou necessário e segundo a antiga tradição dos Santos Padres, alguns que desapareceram com o tempo.

51. Prepare-se para os fiéis, com maior abundância, a mesa da Palavra de Deus: abram-se mais largamente os tesouros da Bíblia, de modo que, dentro de um período de tempo estabelecido, sejam lidas ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura.

Homília e oração dos fiéis

52. A homília, que é a exposição dos mistérios da fé e das normas da vida cristã no decurso do ano litúrgico e a partir do texto sagrado, é muito para recomendar, como parte da própria Liturgia; não deve omitir-se, sem motivo grave, nas missas dos domingos e festas de preceito, concorridas pelo povo.

53. Deve restaurar-se, especialmente nos domingos e festas de preceito, a «oração comum» ou «oração dos fiéis», recitada após o Evangelho e a homília, para que, com a participação do povo, se façam preces pela santa Igreja, pelos que nos governam, por aqueles a quem a necessidade oprime, por todos os homens e pela salvação de todo o mundo (39).

Língua

54. A língua vernácula pode dar-se, nas missas celebradas com o povo, um lugar conveniente, sobretudo nas leituras e na «oração comum» e, segundo as diversas circunstâncias dos lugares, nas partes que pertencem ao povo, conforme o estabelecido no art. 36 desta Constituição.

Tomem-se providências para que os fiéis possam rezar ou cantar, mesmo em latim, as partes do Ordinário da missa que lhes competem.

Se algures parecer oportuno um uso mais amplo do vernáculo na missa, observe-se o que fica determinado no art. 40 desta Constituição.

Comunhão dos fiéis

55. Recomenda-se vivamente um modo mais perfeito de participação na missa, que consiste em que os fiéis, depois da comunhão do sacerdote, recebam do mesmo Sacrifício, o Corpo do Senhor.

A comunhão sob as duas espécies, firmes os princípios dogmáticos estabelecidos pelo Concílio de Trento (40), pode ser permitida, quer aos clérigos e religiosos, quer aos leigos, nos casos a determinar pela Santa Sé e ao arbítrio do Bispo, como seria o caso dos recém-ordenados na missa da ordenação, dos professores na missa da sua profissão religiosa, dos neófitos na missa pós-baptismal.

Unidade da liturgia da palavra e da liturgia eucarística

56. Estão tão intimamente ligadas entre si as duas partes de que se compõe, de algum modo, a missa - a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística - que formam um só acto de culto. Por isso, o sagrado Concílio exorta com veemência os pastores de almas a instruírem bem os fiéis, na catequese, sobre o dever de ouvir a missa inteira, especialmente nos domingos e festas de preceito.

Concelebração e seu rito

57. § 1. A concelebração, que manifesta bem a unidade do sacerdócio, tem sido prática constante até ao dia de hoje, quer no Oriente quer no Ocidente. Por tal motivo, aprovou o Concílio estender a faculdade de concelebrar aos seguintes casos:

1º. a) na quinta-feira da Ceia do Senhor, tanto na missa crismal como na missa vespertina;

b) nas missas dos Concílios, Conferências episcopais e Sínodos;

c) na missa da bênção dum Abade.

2º. Além disso, com licença do Ordinário, a quem compete julgar da oportunidade da concelebração:

- a) na missa conventual e na missa principal das igrejas, sempre que a utilidade dos fiéis não exige a celebração individual de todos os sacerdotes presentes;
- b) nas missas celebradas por ocasião de qualquer espécie de reuniões de sacerdotes, tanto seculares como religiosos.

§ 2. 1.º É da atribuição do Bispo regular a disciplina da concelebração na diocese.

2º. Ressalva-se, contudo, que se mantém sempre a faculdade de qualquer sacerdote celebrar individualmente, mas não simultaneamente na mesma igreja, nem na quinta-feira da Ceia do Senhor.

58. Deve compor-se o novo rito da concelebração a inserir no Pontifical e no Missal romano.

CAPÍTULO III

OS OUTROS SACRAMENTOS E OS SACRAMENTAIS

Natureza dos sacramentos

59. Os sacramentos estão ordenados à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e, enfim, a prestar culto a Deus; como sinais, têm também a função de instruir. Não só supõem a fé, mas também a alimentam, fortificam e exprimem por meio de palavras e coisas, razão pela qual se chamam sacramentos da fé. Conferem a graça, a cuja frutuosa recepção a celebração dos mesmos òptimamente dispõe os fiéis, bem como a honrar a Deus do modo devido e a praticar a caridade.

Por este motivo, interessa muito que os fiéis compreendam facilmente os sinais sacramentais e recebam com a maior frequência possível os sacramentos que foram instituídos para alimentar a vida cristã.

Natureza dos sacramentais

60. A santa mãe Igreja instituiu também os sacramentais. Estes são, à imitação dos sacramentos, sinais sagrados que significam realidades, sobretudo de ordem espiritual, e se obtêm pela oração da Igreja. Por meio deles dispõem-se os homens para a recepção do principal efeito dos sacramentos e santificam-se as várias circunstâncias da vida.

61. Portanto, a liturgia dos sacramentos e sacramentais faz com que a graça divina, que deriva do Mistério pascal da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, onde vão buscar a sua eficácia todos os sacramentos e sacramentais, santifique todos os passos da vida dos fiéis que os recebem com a devida disposição. A ela se deve também que não deixe de poder ser orientado para a santificação dos homens e para o louvor de Deus o bom uso das coisas materiais.

Necessidade de revisão

62. Tendo-se introduzido, com o decorrer do tempo, no ritual dos sacramentos e sacramentais, elementos que tornam hoje menos claros a sua natureza e fim, e devendo por isso fazer-se algumas adaptações às necessidades do nosso tempo, o sagrado Concílio decretou o seguinte em ordem à sua revisão.

A língua

63. Pode ser frequentemente muito útil para o povo o uso do vernáculo na administração dos sacramentos e sacramentais. Dê-se-lhe, por isso, maior importância segundo estas normas:

a) Na administração dos sacramentos e sacramentais pode usar-se o vernáculo, segundo o estatuído no art. 36;

b) A competente autoridade eclesiástica territorial, a que se refere o art. 22 § 2.º desta Constituição, prepare o mais depressa possível, com base na nova edição do Ritual romano, os Rituais particulares, adaptados às necessidades de cada uma das regiões, mesmo quanto à língua. Procure-se que sejam postos em vigor nas respectivas regiões depois de aprovados pela Sé Apostólica. Na composição destes Rituais ou especiais «Coleções de ritos» não devem omitir-se as instruções que o Ritual romano coloca no início de cada rito, quer sejam de carácter pastoral, quer digam respeito às rubricas, quer tenham especial importância comunitária.

Restauração do catecumenado

64. Restaure-se o catecumenado dos adultos, com vários graus, a praticar segundo o critério do Ordinário do lugar, de modo que se possa dar a conveniente instrução a que se destina o catecumenado e santificar este tempo por meio de ritos sagrados que se hão-de celebrar em ocasiões sucessivas.

65. Seja lícito admitir nas terras de Missão, ao lado dos elementos próprios da tradição cristã, os elementos de iniciação usados por cada um desses povos, na medida em que puderem integrar-se no rito cristão, segundo os art.s 37-40 desta Constituição.

Rito do Baptismo de adultos

66. Revejam-se tanto o rito simples do Baptismo de adultos, como o mais solene, tendo em conta a restauração do catecumenado, e insira-se no Missal romano a missa própria «para a administração do Baptismo».

Rito do Baptismo de crianças

67. Reveja-se o rito do Baptismo de crianças e adapte-se à sua real condição. Dê-se maior realce, no rito, à parte e aos deveres dos pais e padrinhos.

Adaptações do rito do Baptismo

68. Prevejam-se adaptações no rito do Baptismo, a usar, segundo o critério do Ordinário do lugar; para

quando houver grande número de neófitos. Componha-se também um «Rito mais breve» que os catequistas, sobretudo em terras de Missão, e em perigo de morte qualquer fiel, possam utilizar na ausência de um sacerdote ou diácono.

Rito para suprir as cerimónias omitidas no Baptismo

69. Em vez do «Rito para suprir as cerimónias omitidas sobre uma criança já baptizada», componha-se um novo em que se exprima de modo mais claro e conveniente que uma criança, baptizada com o rito breve, já foi recebida na Igreja.

Prepare-se também um novo rito que exprima que são acolhidos na comunhão da Igreja os válidamente baptizados que se converteram à Religião católica.

Bênção da água baptismal

Fora do tempo pascal, pode benzer-se a água baptismal no próprio rito do baptismo e com uma fórmula especial mais breve.

Rito da Confirmação

71. Para fazer ressaltar a íntima união do sacramento da Confirmação com toda a iniciação cristã, revejase o rito deste sacramento; pela mesma razão, é muito conveniente, antes de o receber, fazer a renovação das promessas do Baptismo.

A Confirmação, se parecer oportuno, pode ser conferida durante a missa; prepare-se, entretanto, em ordem à celebração do rito fora da missa, uma fórmula que lhe possa servir de introdução.

Rito da Penitência

72. Revejam-se o rito e as fórmulas da Penitência de modo que expressem com mais clareza a natureza e o efeito do sacramento.

A Unção dos enfermos

73. A «Extrema-Unção», que também pode, e melhor, ser chamada «Unção dos enfermos», não é sacramento só dos que estão no fim da vida. É já certamente tempo oportuno para a receber quando o fiel começa, por doença ou por velhice, a estar em perigo de morte.

74. Além dos ritos distintos da Unção dos enfermos e do Viático, componha-se um «Rito contínuo» em que a Unção se administre ao doente depois da confissão e antes da recepção do Viático.

75. O número das unções deve regular-se segundo a oportunidade. Revejam-se as orações do rito da Unção dos enfermos, de modo que correspondam às diversas condições dos que recebem este sacramento.

Revisão dos ritos da Ordem

76. Faça-se a revisão do texto e das cerimónias do rito das Ordenações. As alocações do Bispo, no início da ordenação ou sagração, podem ser em vernáculo.

Na sagração episcopal, todos os Bispos presentes podem fazer a imposição das mãos.

Rito do Matrimónio

77. A fim de indicar mais claramente a graça do sacramento e inculcar os deveres dos cônjuges, reveja-se e enriqueça-se o rito do Matrimónio que vem no Ritual romano.

«É desejo veemente do sagrado Concílio que as regiões, onde na celebração do Matrimónio se usam outras louváveis tradições e cerimónias, as conservem» (41).

Concede-se à competente autoridade eclesiástica territorial, a que se refere o art. 22 § 2 desta Constituição, a faculdade de preparar um rito próprio de acordo com o uso dos vários lugares e povos, devendo, porém, o sacerdote que assiste pedir e receber o consentimento dos nubentes.

78. Celebre-se usualmente o Matrimónio dentro da missa, depois da leitura do Evangelho e da homilia e antes da «Oração dos fiéis». A oração pela esposa, devidamente corrigida a fim de inculcar que o dever de fidelidade é mútuo, pode dizer-se em vernáculo.

Se o Matrimónio não for celebrado dentro da missa, leiam-se no começo do rito a epístola e o evangelho da «Missa dos esposos» e nunca se deixe de dar a bênção nupcial.

Revisão dos Sacramentais

79. Faça-se uma revisão dos sacramentais, tendo presente o princípio fundamental de uma participação consciente, activa e fácil dos fiéis, bem como as necessidades do nosso tempo. Podem acrescentar-se nos Rituais, a rever segundo o disposto no art. 63, novos sacramentais conforme as necessidades o pedirem. Limitem-se a um pequeno número, e só em favor dos Bispos ou Ordinários, as bênçãos reservadas.

Providencie-se de modo que alguns sacramentais, pelo menos em circunstâncias especiais e a juízo do Ordinário, possam ser administrados por leigos dotados das qualidades requeridas.

Rito da consagração das Virgens

80. Reveja-se o rito da consagração das Virgens, que vem no Pontifical romano.

Componha-se também um rito de profissão religiosa e de renovação de votos, a utilizar, salvo direito particular, por aqueles que fazem a profissão ou renovam os votos dentro da Missa, o qual contribua para maior unidade, sobriedade e dignidade. Será louvável fazer a profissão religiosa dentro da Missa.

Rito das exéquias

81. As exéquias devem exprimir melhor o sentido pascal da morte cristã. Adapte-se mais o rito às

condições e tradições das várias regiões, mesmo na cor litúrgica.
82. Faça-se a revisão do rito de sepultura das crianças e dê-se-lhe missa própria.

CAPÍTULO IV O OFÍCIO DIVINO

Sua natureza: oração da Igreja em nome de Cristo

83. Jesus Cristo, sumo sacerdote da nova e eterna Aliança, ao assumir a natureza humana, trouxe a este exílio da terra aquele hino que se canta por toda a eternidade na celeste mansão. Ele une a si toda a humanidade e associa-a a este cântico divino de louvor.

Continua esse múnus sacerdotal por intermédio da sua Igreja, que louva o Senhor sem cessar e intercede pela salvação de todo o mundo, não só com a celebração da Eucaristia, mas de vários outros modos, especialmente pela recitação do Ofício divino.

84. O Ofício divino, segundo a antiga tradição cristã, destina-se a consagrar, pelo louvor a Deus, o curso diurno e nocturno do tempo. E quando são os sacerdotes a cantar esse admirável cântico de louvor, ou outros para tal deputedos pela Igreja, ou os fiéis quando rezam juntamente com o sacerdote segundo as formas aprovadas, então é verdadeiramente a voz da Esposa que fala com o Esposo ou, melhor, a oração que Cristo, unido ao seu Corpo, eleva ao Pai.

85. Todos os que rezam assim, cumprem, por um lado, a obrigação própria da Igreja, e, por outro, participam na imensa honra da Esposa de Cristo, porque estão em nome da Igreja diante do trono de Deus, a louvar o Senhor.

Valor pastoral

86. Os sacerdotes, dedicados ao sagrado ministério pastoral, recitarão com tanto mais fervor o Ofício divino, quanto mais conscientes estiverem de que devem seguir a exortação de S. Paulo: «Rezai sem cessar» (1 Tess. 5,17). É que só o Senhor pode dar eficácia e fazer progredir a obra em que trabalham, Ele que disse: «Sem mim, nada podeis fazer» (Jo. 15, 5). Razão tiveram os Apóstolos para dizer, quando instituíram os diáconos: «Nós atenderemos com assiduidade à oração e ao ministério da palavra» (Act. 6, 4).

Normas para a reforma

87. Para permitir nas circunstâncias actuais, quer aos sacerdotes, quer a outros membros da Igreja, uma melhor e mais perfeita recitação do Ofício divino, pareceu bem ao sagrado Concílio, continuando a restauração felizmente iniciada pela Santa Sé, estabelecer o seguinte sobre o Ofício do rito romano.

88. Sendo o objectivo do Ofício a santificação do dia, deve rever-se a sua estrutura tradicional, de modo que, na medida do possível, se façam corresponder as «horas» ao seu respectivo tempo, tendo presentes também as condições da vida hodierna em que se encontram sobretudo os que se dedicam a obras do apostolado.

89. Por isso, na reforma do Ofício, observem-se as seguintes normas:

- a) As Laudes, oração da manhã, e as Vésperas, oração da noite, tidas como os dois polos do Ofício quotidiano pela tradição venerável da Igreja universal, devem considerar-se as principais Horas e como tais celebrar-se;
- b) As Completas devem adaptar-se, para condizer com o fim do dia;
- c) As Matinas, continuando embora, quando recitadas em coro, com a índole de louvor nocturno, devem adaptar-se para ser recitadas a qualquer hora do dia; tenham menos salmos e lições mais extensas;
- d) Suprima-se a Hora de Prima;
- e) Mantenham-se na recitação em coro as Horas menores de Tércia, Sexta e Noa. Fora da recitação coral, pode escolher-se uma das três, a que mais se coadune com a hora do dia.

90. Sendo ainda o Ofício divino, como oração pública da Igreja, fonte de piedade e alimento da oração pessoal, exortam-se no Senhor os sacerdotes, e todos os outros que participam no Ofício divino, a que, ao recitarem-no, o espírito corresponda às palavras; para melhor o conseguirem, procurem adquirir maior instrução litúrgica e bíblica, especialmente quanto aos salmos. Tenha-se como objectivo, ao fazer a reforma desse tesouro venerável e secular que é o Ofício romano, que mais larga e facilmente o possam usufruir todos aqueles a quem é confiado.

91. Para poder observar-se realmente o curso das Horas, proposta no artigo 89, distribuam-se os salmos, não já por uma semana, mas por mais longo espaço de tempo.

Conclua-se o mais depressa possível a obra, felizmente iniciada, da revisão do Saltério, procurando respeitar a língua latina cristã, o seu uso litúrgico mesmo no canto, e toda a tradição da Igreja latina.

92. Quanto às leituras, sigam-se estas normas:

- a) Ordenem-se as leituras da Sagrada Escritura de modo que se permita mais fácil e amplo acesso aos tesouros da palavra de Deus;
- b) Faça-se melhor selecção das leituras a extrair das obras dos Santos Padres, Doutores e Escritores eclesiásticos;

c) As «Paixões» ou vidas dos Santos sejam restituídas à verdade histórica.

93. Restaurem-se os hinos, segundo convenha, na sua forma original, tirando ou mudando tudo o que tenha ressaibos mitológicos ou for menos conforme com a piedade cristã. Se convier, admitam-se também outros que se encontram nas colecções hinológicas.

Recitação coral ou privada

94. Importa, quer para santificar verdadeiramente o dia, quer para recitar as Horas com fruto espiritual, que ao rezá-las se observe o tempo que mais se aproxima do verdadeiro tempo de cada um das Horas canónicas.

95. As Comunidades com obrigação de coro têm o dever de celebrar, além da Missa conventual, diariamente e em coro, o Ofício divino, ou seja;

a) O Ofício completo: as Ordens de Cónegos, de Monges e Monjas e de outros Regulares que por direito ou constituições estão obrigados ao coro;

b) As partes do Ofício que lhes são impostas pelo direito comum ou particular: os Cabidos das catedrais ou das colegiadas;

c) Todos os membros dessas Comunidades que já receberam Ordens maiores ou fizeram profissão solene, à excepção dos conversos, devem recitar sòzinhos as Horas canónicas que não recitam no coro.

96. Os clérigos não obrigados ao coro, se já receberam Ordens maiores, são obrigados a recitar diariamente, ou em comum ou individualmente, todo o Ofício, segundo o prescrito no art. 89.

97. As novas rubricas estabelecerão as comutações, que parecerem oportunas, do Ofício divino por outro acto litúrgico. Podem os Ordinários, em casos particulares e por causa justa, dispensar os seus súbditos da obrigação de recitar o Ofício no todo ou em parte, ou comutá-lo.

98. Os membros dos Institutos de perfeição, que, por força das constituições, recitam algumas partes do Ofício divino, participam na oração pública da Igreja.

Tomam parte igualmente na oração pública da Igreja se recitam, segundo as constituições, algum «Ofício breve», desde que seja composto à imitação do Ofício divino e devidamente aprovado.

99. Sendo o Ofício divino a voz da Igreja, isto é, de todo o Corpo místico a louvar a Deus publicamente, aconselha-se aos clérigos não obrigados ao coro, e sobretudo aos sacerdotes que convivem ou se retinem, que rezem em comum ao menos alguma parte do Ofício divino.

Todos, pois, os que recitam o Ofício quer em coro quer em comum, esforcem-se por desempenhar do modo mais perfeito possível o múnus que lhes está confiado, tanto na disposição interior do espírito como na compostura exterior. Além disso, é bem que se cante o Ofício divino, tanto em coro como em comum, segundo a oportunidade.

100. Cuidem os pastores de almas que nos domingos e festas mais solenes se celebrem em comum na igreja as Horas principais, especialmente Vésperas. Recomenda-se também aos leigos que recitem o Ofício divino, quer juntamente com os sacerdotes, quer uns com os outros, ou mesmo particularmente.

Língua

101. § 1. Conforme à tradição secular do rito latino, a língua a usar no Ofício divino é o latim. O Ordinário poderá, contudo, conceder, em casos particulares, aos clérigos para quem o uso da língua latina for um impedimento grave para devidamente recitarem o Ofício, a faculdade de usarem uma tradução em vernáculo, composta segundo a norma do art. 36.

§ 2. O Superior competente pode conceder às Monjas, como também aos membros dos Institutos de perfeição, não clérigos ou mulheres, o uso do vernáculo no Ofício divino, mesmo na celebração coral, desde que a versão seja aprovada.

§ 3. Cumprem a sua obrigação de rezar o Ofício divino os clérigos que o recitem em vernáculo com a assembleia dos fiéis ou com aqueles a que se refere o § 2, desde que a tradução seja aprovada.

CAPÍTULO V O ANO LITÚRGICO

Sua natureza: o ciclo do tempo

102. A santa mãe Igreja considera seu dever celebrar, em determinados dias do ano, a memória sagrada da obra de salvação do seu divino Esposo. Em cada semana, no dia a que chamou domingo, celebra a da Ressurreição do Senhor, como a celebra também uma vez no ano na Páscoa, a maior das solenidades, unida à memória da sua Paixão.

Distribui todo o mistério de Cristo pelo correr do ano, da Incarnação e Nascimento à Ascensão, ao Pentecostes, à expectativa da feliz esperança e da vinda do Senhor.

Com esta recordação dos mistérios da Redenção, a Igreja oferece aos fiéis as riquezas das obras e merecimentos do seu Senhor, a ponto de os tornar como que presentes a todo o tempo, para que os fiéis, em contacto com eles, se encham de graça.

as festas da Virgem e dos Santos

103. Na celebração deste ciclo anual dos mistérios de Cristo, a santa Igreja venera com especial amor, porque indissolúvelmente unida à obra de salvação do seu Filho, a Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe

de Deus, em quem vê e exalta o mais excelso fruto da Redenção, em quem contempla, qual imagem puríssima, o que ela, toda ela, com alegria deseja e espera ser..

104. A Igreja inseriu também no ciclo anual a memória dos Mártires e outros Santos, os quais, tendo pela graça multiforme de Deus atingido a perfeição e alcançado a salvação eterna, cantam hoje a Deus no céu o louvor perfeito e intercedem por nós. Ao celebrar o «dies natalis» (dia da morte) dos Santos, proclama o mistério pascal realizado na paixão e glorificação deles com Cristo, propõe aos fiéis os seus exemplos, que conduzem os homens ao Pai por Cristo, e implora pelos seus méritos as bênçãos de Deus.

exercícios de piedade

105. Em várias épocas do ano e seguindo o uso tradicional, a Igreja completa a formação dos fiéis servindo-se de piedosas práticas corporais e espirituais, da instrução, da oração e das obras de penitência e misericórdia.

Por isso, aprovou ao sagrado Concílio determinar o seguinte:

Domíngo e festas do Senhor

106. Por tradição apostólica, que nasceu do próprio dia da Ressurreição de Cristo, a Igreja celebra o mistério pascal todos os oito dias, no dia que bem se denomina dia do Senhor ou domingo. Neste dia devem os fiéis reunir-se para participarem na Eucaristia e ouvirem a palavra de Deus, e assim recordarem a Paixão, Ressurreição e glória do Senhor Jesus e darem graças a Deus que os »regenerou para uma esperança viva pela Ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos» (1 Pedr. 1,3). O domingo é, pois, o principal dia de festa a propor e inculcar no espírito dos fiéis; seja também o dia da alegria e do repouso. Não deve ser sacrificado a outras celebrações que não sejam de máxima importância, porque o domingo é o fundamento e o centro de todo o

107. Reveja-se o ano litúrgico de tal modo que, conservando-se ou reintegrando-se os costumes tradicionais dos tempos litúrgicos, segundo o permitirem as circunstâncias de hoje, mantenha o seu carácter original para, com a celebração dos mistérios da Redenção cristã, sobretudo do mistério pascal, alimentar devidamente a piedade dos fiéis. Sé acaso forem necessárias adaptações aos vários lugares, façam-se segundo os art. 39 e 40.

108. Oriente-se o espírito dos fiéis em primeiro lugar para as festas do Senhor, as quais celebram durante o ano os mistérios da salvação e, para que o ciclo destes mistérios possa ser celebrado no modo devido e na sua totalidade, dê-se ao Próprio do Tempo o lugar que lhe convém, de preferência sobre as festas dos Santos.

A Quaresma

109. Ponham-se em maior realce, tanto na Liturgia como na catequese litúrgica, os dois aspectos característicos do tempo quaresmal, que pretende, sobretudo através da recordação ou preparação do Baptismo e pela Penitência, preparar os fiéis, que devem ouvir com mais frequência a Palavra de Deus e dar-se à oração com mais insistência, para a celebração do mistério pascal. Por isso:

a) utilizem-se com mais abundância os elementos baptismais próprios da liturgia quaresmal e retomem-se, se parecer oportuno, elementos da antiga tradição;

b) o mesmo se diga dos elementos penitenciais. Quanto à catequese, inculque-se nos espíritos, de par com as consequências sociais do pecado, a natureza própria da penitência, que é detestação do pecado por ser ofensa de Deus; nem se deve esquecer a parte da Igreja na prática penitencial, nem deixar de recomendar a oração pelos pecadores.

110. A penitência quaresmal deve ser também externa e social, que não só interna e individual.

Estimulese

a prática da penitência, adaptada ao nosso tempo, às possibilidades das diversas regiões e à condição de cada um dos fiéis. Recomendem-na as autoridades a que se refere o art. 22.

Mantenha-se religiosamente o jejum pascal, que se deve observar em toda a parte na Sexta-feira da Paixão e Morte do Senhor e, se oportuno, estender-se também ao Sábado santo, para que os fiéis possam chegar à alegria da Ressurreição do Senhor com elevação e largueza de espírito.

As festas dos santos

111. A Igreja, segundo a tradição, venera os Santos e as suas relíquias autênticas, bem como as suas imagens. É que as festas dos Santos proclamam as grandes obras de Cristo nos seus servos e oferecem aos fiéis os bons exemplos a imitar.

Para que as festas dos Santos não prevaleçam sobre as festas que recordam os mistérios da salvação, muitas delas ficarão a ser celebradas só por uma igreja particular ou nação ou família religiosa, estendendo-se apenas a toda a Igreja as que festejam Santos de inegável importância universal.

CAPÍTULO VI A MÚSICA SACRA

Importância para a Liturgia

112. A tradição musical da Igreja é um tesouro de inestimável valor, que excede todas as outras expressões de arte, sobretudo porque o canto sagrado, intimamente unido com o texto, constitui parte

necessária ou integrante da Liturgia solene.

Não cessam de a enaltecer, quer a Sagrada Escritura (42), quer os Santos Padres e os Romanos Pontífices, que ainda recentemente, a começar em S. Pio X, vincaram com mais insistência a função ministerial da música sacra no culto divino.

A música sacra será, por isso, tanto mais santa quanto mais intimamente unida estiver à acção litúrgica, quer como expressão delicada da oração, quer como factor de comunhão, quer como elemento de maior solenidade nas funções sagradas. A Igreja aprova e aceita no culto divino todas as formas autênticas de arte, desde que dotadas das qualidades requeridas.

O sagrado Concílio, fiel às normas e determinações da tradição e disciplina da Igreja, e não perdendo de vista o fim da música sacra, que é a glória de Deus e a santificação dos fiéis, estabelece o seguinte:

113. A acção litúrgica reveste-se de maior nobreza quando é celebrada de modo solene com canto, com a presença dos ministros sagrados e a participação activa do povo.

Observe-se, quanto à língua a usar, o art. 36; quanto à Missa, o art. 54; quanto aos sacramentos, o art. 63; e quanto ao Ofício divino, o art. 101.

Promoção da música sacra

114. Guarde-se e desenvolva-se com diligência o património da música sacra. Promovam-se com empenho, sobretudo nas igrejas catedrais, as «Scholae cantorum». Procurem os Bispos e demais pastores de almas que os fiéis participem activamente nas funções sagradas que se celebram com canto, na medida que lhes compete e segundo os art. 28 e 30.

115. Dê-se grande importância nos Seminários, Noviciados e casas de estudo de religiosos de ambos os sexos, bem como noutros institutos e escolas católicas, à formação e prática musical. Para o conseguir, procure-se preparar também e com muito cuidado os professores que terão a missão de ensinar a música sacra.

Recomenda-se a fundação, segundo as circunstâncias, de Institutos Superiores de música sacra.

Os compositores e os cantores, principalmente as crianças, devem receber também uma verdadeira educação litúrgica.

116. A Igreja reconhece como canto próprio da liturgia romana o canto gregoriano; terá este, por isso, na acção litúrgica, em igualdade de circunstâncias, o primeiro lugar.

Não se excluem todos os outros géneros de música sacra, mormente a polifonia, na celebração dos Ofícios divinos, desde que estejam em harmonia com o espírito da acção litúrgica, segundo o estatuído no art. 30.

117. Procure terminar-se a edição típica dos livros de canto gregoriano; prepare-se uma edição mais crítica dos livros já editados depois da reforma de S. Pio X.

Convirá preparar uma edição com melodias mais simples para uso das igrejas menores.

118. Promova-se muito o canto popular religioso, para que os fiéis possam cantar tanto nos exercícios piedosos e sagrados como nas próprias acções litúrgicas, segundo o que as rubricas determinam.

Adaptação às diferentes culturas

119. Em certas regiões, sobretudo nas Missões, há povos com tradição musical própria, a qual tem excepcional importância na sua vida religiosa e social. Estime-se como se deve e dê-se-lhe o lugar que lhe compete, tanto na educação do sentido religioso desses povos como na adaptação do culto à sua índole, segundo os art. 39 e 40. Por isso, procure-se cuidadosamente que, na sua formação musical, os missionários fiquem aptos, na medida do possível, a promover a música tradicional desses povos nas escolas e nas acções sagradas.

Instrumentos musicos sagrados

120. Tenha-se em grande apreço na Igreja latina o órgão de tubos, instrumento musical tradicional e cujo som é capaz de dar às cerimónias do culto um esplendor extraordinário e elevar poderosamente o espírito para Deus.

Podem utilizar-se no culto divino outros instrumentos, segundo o parecer e com o consentimento da autoridade territorial competente, conforme o estabelecido nos art. 22 § 2, 37 e 40, contanto que esses instrumentos estejam adaptados ou sejam adaptáveis ao uso sacro, não desdiguem da dignidade do templo e favoreçam realmente a edificação dos fiéis.

Normas para os compositores

121. Os compositores possuídos do espírito cristão compreendam que são chamados a cultivar a música sacra e a aumentar-lhe o património.

Que as suas composições se apresentem com as características da verdadeira música sacra, possam ser cantadas não só pelos grandes coros, mas se adaptem também aos pequenos e favoreçam uma activa participação de toda a assembleia dos fiéis.

Os textos destinados ao canto sacro devem estar de acordo com a doutrina católica e inspirar-se sobretudo na Sagrada Escritura e nas fontes litúrgicas.

CAPÍTULO VII

A ARTE SACRA E AS ALFAIAS LITÚRGICAS

A arte sacra e seus estilos

122. Entre as mais nobres actividades do espírito humano estão, de pleno direito, as belas artes, e muito especialmente a arte religiosa e o seu mais alto cimo, que é a arte sacra. Elas tendem, por natureza, a exprimir de algum modo, nas obras saídas das mãos do homem, a infinita beleza de Deus, e estarão mais orientadas para o louvor e glória de Deus se não tiverem outro fim senão o de conduzir piamente e o mais eficazmente possível, através das suas obras, o espírito do homem até Deus.

É esta a razão por que a santa mãe Igreja amou sempre as belas artes, formou artistas e nunca deixou de procurar o contributo delas, procurando que os objectos atinentes ao culto fossem dignos, decorosos e belos, verdadeiros sinais e símbolos do sobrenatural. A Igreja julgou-se sempre no direito de ser como que o seu árbitro, escolhendo entre as obras dos artistas as que estavam de acordo com a fé, a piedade e as orientações veneráveis da tradição e que melhor pudessem servir ao culto.

A Igreja preocupou-se com muita solicitude em que as alfaias sagradas contribuíssem para a dignidade e beleza do culto, aceitando no decorrer do tempo, na matéria, na forma e na ornamentação, as mudanças que o progresso técnico foi introduzindo.

Pareceu bem aos Padres determinar, a este propósito, o que segue:

123. A Igreja, nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários ritos, criando deste modo no decorrer dos séculos um tesouro artístico que deve ser conservado cuidadosamente. Seja também cultivada livremente 'na Igreja a arte do nosso tempo, a arte de todos os povos e regiões, desde que sirva com a devida reverência e a devida honra às exigências dos edifícios e ritos sagrados. Assim poderá ela unir a sua voz ao admirável cântico de glória que grandes homens elevaram à fé católica em séculos passados.

124. Ao promoverem uma autêntica arte sacra, preferiram os Ordinários à mera sumptuosidade uma beleza que seja nobre. Aplique-se isto mesmo às vestes e ornamentos sagrados.

Tenham os Bispos todo o cuidado em retirar da casa de Deus e de outros lugares sagrados aquelas obras de arte que não se coadunam com a fé e os costumes e com a piedade cristã, ofendem o genuíno sentido religioso, quer pela depravação da forma, que pela insuficiência, mediocridade ou falsidade da expressão artística.

Na construção de edifícios sagrados, tenha-se grande preocupação de que sejam aptos para lá se realizarem as acções litúrgicas e permitam a participação activa dos fiéis.

O culto das imagens

125. Mantenha-se o uso de expor imagens nas igrejas à veneração ds fiéis. Sejam, no entanto, em número comedido e na ordem devida, para não causar estranheza aos fiéis nem contemporizar com uma devoção menos ortodoxa.

Comissão diocesana da arte

126. Para emitir um juízo sobre as obras de arte, oiçam os Ordinários de lugar o parecer da Comissão de arte sacra e de outras pessoas particularmente competentes, se for o caso, assim como também das Comissões a que se referem os art. 44, 45, 46.

Os Ordinários vigiarão com todo o cuidado para que não se percam nem se alienem as alfaias sagradas e obras preciosas, que embelezam a casa de Deus.

Promoção da arte e formação dos artistas

127. Cuidem os Bispos de, por si ou por sacerdotes idóneos e que conheçam e amem a arte, imbuir os artistas do espírito da arte sacra e da sagrada Liturgia.

Recomenda-se também, para formar os artistas, a criação de Escolas ou Academias de arte sacra, onde parecer oportuno.

Recordem-se constantemente os artistas que desejam, levados pela sua inspiração, servir a glória de Deus na santa Igreja, de que a sua actividade é, de algum modo, uma sagrada imitação de Deus criador e de que as suas obras se destinam ao culto católico, à edificação, piedade e instrução religiosa dos fiéis.

128. Revejam-se o mais depressa possível, juntamente com os livros litúrgicos, conforme dispõe o art. 25, os cânones e determinações eclesíásticas atinentes ao conjunto das coisas externas que se referem ao culto, sobretudo quanto a uma construção funcional e digna dos edifícios sagrados, erecção e forma dos altares, nobreza, disposição e segurança dos sacrários, dignidade e funcionalidade do baptistério, conveniente disposição das imagens, decoração e ornamentos. Corrijam-se ou desapareçam as normas que parecem menos de acordo com a reforma da Liturgia; mantenham-se e introduzam-se as que forem julgadas aptas a promovê-la.

Neste particular e especialmente quanto à matéria e forma dos objectos e das vestes sagradas, o sagrado Concílio concede às Conferências episcopais das várias regiões a faculdade de fazer a adaptação às necessidades e costumes dos lugares, segundo o art. 22 desta Constituição.

129. Para poderem estimar e conservar os preciosos monumentos da Igreja e para estarem aptos a orientar como convém os artistas na realização das suas obras, devem os clérigos, durante o curso filosófico e

teológico, estudar a história e evolução da arte sacra, bem como os seus princípios em que deve fundar-se.
Uso das insígnias pontificias

130. É conveniente que o uso das insígnias pontificais seja reservado às pessoas eclesíásticas que possuem a dignidade episcopal ou gozam de especial jurisdição.

Apêndice

**DECLARAÇÃO DO CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II
SOBRE A REFORMA DO CALENDÁRIO**

Apêndice: Declaração sobre a revisão do Calendário

O sagrado Concílio Ecuménico Vaticano II, tendo na devida conta o desejo expresso por muitos para dar à festa da Páscoa um domingo certo e adoptar um calendário fixo, depois de ter ponderado maduramente as consequências que poderão resultar da introdução do novo calendário, declara o seguinte:

1. O sagrado Concílio não tem nada a opor à fixação da festa da Páscoa num domingo certo do calendário gregoriano, se obtiver o assentimento daqueles a quem interessa, especialmente dos irmãos separados da comunhão com a Sé Apostólica.

2. Igualmente declara não se opor às iniciativas para introduzir um calendário perpétuo na sociedade civil. Contudo, entre os vários sistemas em estudo para fixar um calendário perpétuo e introduzi-lo na sociedade civil, a Igreja só não se opõe àqueles que conservem a semana de sete dias e com o respectivo domingo. A Igreja deseja também manter intacta a sucessão hebdomadária, sem inserção de dias fora da semana, a não ser que surjam razões gravíssimas sobre as quais deverá pronunciar-se a Sé Apostólica.

Roma, 4 de Dezembro de 1963.

PAPA PAULO VI

Bibliografia

Actas del congreso internacional de arquitectura religiosa contemporânea – Primeiro congreso: Arquitecturas de lo sagrado: memoria y proyecto.

Actas del congreso internacional de arquitectura religiosa contemporânea – Segundo congreso: Entre el concepto y la identidad (ponencias).

Actas del congreso internacional de arquitectura religiosa contemporânea – Terceiro congreso: Más allá del edificio sacro: arquitectura y evangelización.

Actas del congreso internacional de arquitectura religiosa contemporânea – Quarto congreso: Latinoamérica y el Concilio Vaticano II: influencias, aportaciones, singularidades.

Actas del congreso internacional de arquitectura religiosa contemporânea – Quinto congreso: Arquitectura protestante y Modernidad. Hitos, transferências, perspectivas.

AA. VV; História da Arte, O Gótico; Editorial Salvat

AA. VV; Igreja de Águas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor.

ALVES DA CUNHA, João. 2014. O MRAR e os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal noséculo XX - A ação do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960, dissertação para obtenção do grau de Doutor, FA-UL. Lisboa.

ALVES DA CUNHA, João. 2015. MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa: os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do séc. XX. 1ª edição, Universidade Católica Editora. Lisboa.

ALVES DA CUNHA, João. 2010. A Igreja de Santo António de Moscavide: história de um caminho não percorrido, Didaskalia, volume XL, nº2.

ALVES DA CUNHA, João. MATOS, João Norton de. 2010. Entrevista ao Arquiteto João Luís Carrilho da Graça, Didaskalia, volume XL, nº2.

BECKER, A. et al. (org.). (1997). Portugal: arquitetura do século XX. Lisboa, Prestel.

BRANCO, Micaela, Lugar do sagrado – Igreja como elemento dinamizador do espaço publico, Faculdade de Arquitetura de Lisboa; 2015.

CARDOSO, João André Gonçalo. 2010. O espaço de relação entre templo e cidade - 3 momentos na arquitetura religiosa portuguesa dos últimos 100 anos, dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura. IST-UL. Lisboa

CAPTIVO, Maria Teresa Manso; Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos; Instituto Superior Técnico; Dissertação para obtenção do Grau Mestre em Arquitetura; junho de 2016.

Carmo, O. (2010) Arquitetura religiosa: tradição e modernidade. Recuperado de: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/dossier/arquitetura-religiosa-tradicao-emodernidade>.

Cobian, E. (2011). Contemporary religious architecture: The state of the art. Ourense: CIARC.

Concílio Vaticano II. 1966. Vaticano II – Documentos Conciliares: constituições, decretos e declarações. União Gráfica Lisboa.

Concílio Vaticano II. 1963. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium. Vaticano.

Concílio Vaticano II. 1964. Instrução para a reta aplicação da Constituição sobre a Sagrada Liturgia - Inter Oecumenici . Vaticano.

Congresso Internacional de Arquitetura Religiosa Contemporânea - [CIARC] (2009), Atas 2-I: Convocatória. Ourense.

CORREIA, J. (2002). Arquitectura Portuguesa – Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão. Lisboa, Presença.

COSTA, Bernardino Ferreira da; Movimento litúrgico em Portugal; 1ª edição; Imprimatur; 2018.

COSTA, Bernardino Ferreira da; Espaço Celebrativo; 2ª edição; Artipol; 2017.

COSTA, Teresa Dias. 2015. O papel das imagens na arquitetura dos espaços de culto, dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, FA-UL. Lisboa.

ELIADE, M. (1993). O reencontro com o Sagrado. Lisboa, Edições Nova Acrópole.

ESTIMA, A. (2007). A nova vanguarda da arquitectura religiosa fundamentada em valores metafísicos (simbólico-religiosos), I Série vol. V-VI. Porto, Faculdade de Letras.

ESTIMA, Alberto; A nova vanguarda da Arquitectura Religiosa fundamentada em valores metafísicos (símbolos-religiosos); Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património; I Série vol. V-VII, pp. 153-167; 2006-2007.

FRAMPTON, Kenneth. 2007. Modern Architecture. 4ª edição. Thames & Hudson. Londres.

FERNANDES, José Manuel; Igrejas do século XX, Arquiteturas na região de Lisboa; Editora Caleidoscópio; Edição e Artes Gráficas, SA.

FERNANDES, Sofia Garrocho. 2015. As igrejas de Álvaro Siza – a tensão entre a identidade do autor e o confinamento das práticas religiosas, dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, FCT-UC. Coimbra.

FILIPPE; Fátima Alexandra Barreto; Arquitetura ou Revolução - Learning from Satellite, para obtenção do grau de mestre em Arquitetura no Instituto Universitário de Lisboa.

FERNÁNDEZ COBIÁN, Esteban e LONGA, Giorgio Della; Entrevista a Álvaro Siza sobre la iglesia de Santa María en Marco de Canaveses; abril, 2006.

FERNÁNDEZ COBIÁN, Esteban; Arquitectura religiosa contemporánea. El estado de la cuestión; Congreso Internacional de Arquitectura Religiosa Contemporánea.

FERNÁNDEZ COBIÁN, Esteban; Cómo construir Iglesias católicas tras el Concilio Vaticano II; Arquitectura y Cultura Vol. 10, nº10; março, 2018.

Graça, J. (1995). Carrilho da Graça. Lisboa: Blau.

GIESELMANN, Reinhard; Contemporary church architecture; Stuttgart: Verlag Gerd Hatje; 1972.

GOMES, José Manuel Pereira Ribeiro. 2003. Liturgia e arquitetura: uma nova arquitetura para um novo projeto litúrgico, dissertação para obtenção do grau de Doutor, UCP. Lisboa.

HIGINO, N. (1998). A igreja de Santa Maria: Nascimento e desenvolvimento de uma ideia, in: Igreja de Santa Maria - Marco de Canaveses. Marco de Canaveses, Paróquia de Santa Marinha de Fornos e Francisco Guedes.

MARTINS, Jorge A. R. 2015. Arquitetura Religiosa pós Concílio Vaticano II – adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico: o caso do Alto Minho, dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, Escola Superior Gallaecia. Vila Nova de Cerveira.

MELO, Ricardo Bianca de, Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana; Tese para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo.

MENEZES, Ivo Porto de; Arquitetura Sagrada; Editora Loyola; 2010; |
Urbanismo, UFRJ/FAU/PROARQ; Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Arquitetura; março, 2006.

MILANI, Eliva de Menezes; Arquitetura, Luz e Liturgia: Um estudo da iluminação nas igrejas católicas; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFRJ/FAU/PROARQ; Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Arquitetura; março, 2006.

MONTEIRO, João. 2013. Arquitetura Religiosa Contemporânea em Portugal - Três Igrejas do Início do Séc. XXI, dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, FA-UL. Lisboa.

OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas; A produção do espaço sagrado na arquitetura contemporânea – A interpretação da tradição católica a partir do séc. XX, para obtenção de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais.

PALLISTER, James. 2015. Sacred Spaces – Contemporary Religious Architecture. 1ª edição.

Phaidon Press Limited. Londres.

Papa João Paulo II. 1999. Carta aos Artistas. Vaticano.

PEREIRA, José Carlos. 2000. O Movimento de Renovação da Arte Religiosa e o Complexo do Sagrado Coração de Jesus, ArteTeoria, nº 1, Lisboa.

PEREIRA, José Carlos. 2000. O movimento de renovação da arte religiosa e o papel artístico e pastoral do seu boletim, Lusitania Sacra, 2ª série, nº 12, Lisboa, 2000.

PINTO, A. et al. (org.). (2004). Cadernos de História da Arte, vol.9, Porto, Porto Editora.

PROCTOR, Robert. 2014. Building the Modern Church: Roman Catholic Church Architecture in Britain, 1955 to 1975. Asghate Publisher. Surrey.

POLICARPO, J. (2012). Liturgia, Arte e Arquitetura: Conferência 50 anos do Concílio Vaticano II. Lisboa

RICHTER, Klemens; Espaços de igrejas e imagens de Igreja; gráfica de Coimbra 2;1998.

SEEGERER, Christian Michael; Arquitetura Sacra Contemporânea, Levantamento e análises de obras (2000-2015), para obtenção e de pós-graduação em arquitetura e urbanismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

SCHERER, Pedro Farnés. 1989. Orientaciones doctrinales y sugerencias prácticas sobre el espacio celebrativo, según el espíritu del Concilio Vaticano II. Editorial Regina. Barcelona.

Schubert, G. (1987). Arte para a Fé: nos caminhos traçados pelo Vaticano II. São Paulo: Loyola.

SILVA, Cidália. 1999. Três momentos na Arquitetura Religiosa do séc. XX em Portugal, dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, FCT-UC. Coimbra

SILVA, Cidália; Apontamentos sobre a arquitetura religiosa do século XX em Portugal, FCT-UC. Coimbra; 2019.

SILVA, Bruno; História da Arquitetura Bizantina- História da arquitetura da pré-história à Idade Média – Imperio bizantino- Basílica Santa Sofia.

Policarpo, J. (2012). Liturgia, Arte e Arquitetura: Conferência 50 anos do Concílio Vaticano II. Lisboa.

SIZA, Álvaro. 2012. Imaginar a Evidência. Edições 70. Lisboa.

Siza, A. (2006). Entrevista sobre a Igreja do Marco de Canaveses. Porto.

TEIXEIRA, João António Pinheiro, Continuará o Concílio atual?; Gráfica de Coimbra; 2012.

TEIXEIRA, Luís Filipe Figueiredo; Arquitetura e Liturgia Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses, para obtenção do grau de mestre em arquitetura na Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciência e Tecnologia Arquitetura e Urbanismo Porto, 2018.

TOSTÕES, A. et al. (org). (2008). *1º Congresso Nacional de Arquitectura*. Lisboa, Ordem dos Arquitetos.

VATICANO II (1997). *Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações*. Petrópolis, Vozes Limitada.

VATICANO II. (1987). *Concílio Ecuménico Vaticano II: Documentos Conciliares e Pontificios*. Braga, Editorial A.O.Vozes Limitada.

VELÁSQUEZ, Verónica Lorena Orozco, La arquitectura religiosa católica em el pensamiento de le Corbusier; Universidad Popular Autónoma del estado de Puebla; 2015.

ZEVI, Bruno. 1995. Saber Ver a Arquitectura. 5ª edição. Martins Fontes Editora. São Paulo

Referências online

A Contra-Reforma ou a Reforma Católica; Acedido online In: <http://www.historialivre.com/modernacontrareforma.htm>; Consulta online: 16 de janeiro de 2020.

A Igreja; Acedido online In: http://www.centroestudosanglicanos.com.br/bancodetextos/liturgia/arquitura_liturgia_eevangelizacao.pdf; Consultado online: 11 de Janeiro de 2020; p.5.

A influência da arquitetura na liturgia cristã, Acedido online In: <http://arquiteturaeliturgia.blogspot.com/200707/influncia-da-liturgia-na-arquitetura.html>; Consultado online: 13 de Janeiro de 2020.

A liturgia católica – do Édito de Milão ao Concílio de Trento; Acedido online In: <http://www.cliturgica.org/portal/artigo.php?id=2899>; Consultado Online: 19 de Janeiro de 2020.

Ana Tostões; Acedido online In: <https://content.gulbenkian.pt/wpcontent/uploads/2019/05/16112730/BiografiaAnaTostoes.pdf>; Consultado Online: 12 de Março de 2020.

António Freitas Leal; Acedido online In: https://www.snpcultura.org/em_memoria_de_antonio_freitas_leal_e_antonio_flores_ribeiro.html; Consultado Online: 8 de Março de 2020.

Arquitetura Barroca; Acedido online In: <https://pt.scribd.com/document/241013525/Arquitetura-Barroca-pdf>; Consultado Online: 17 de Janeiro de 2020.

Arquitetura Religiosa Contemporânea; Acedido online In: http://catarina.udlap.mx/u_dl_a/tales/documentos/lar/vidal_r_ha/capitulo2.pdf; Consultado Online: 13 de Março de 2020.

Bartolomeu Costa Cabral;. Acedido online In: <https://espacodearquitectura.com/eventos/a-etica-das-coisas-bartolomeu-costa-cabral-arquitectura-1953-2012/>; Consultado Online: 7 de Março de 2020.

BRASIL, Beatriz; Acedido online In: <https://arquitetandoblog.wordpress.com/2009/04/17/movimento-moderno-origem-desenvolvimento-e-crise-beatriz-brasil/>; Consultado Online: 20 de fevereiro de 2020.

Civilizações da Antiguidade/Origens e difusão do Cristianismo; Acedido online In: https://pt.wikibooks.org/wiki/Civiliza%C3%A7%C3%B5es_da_Antiguidade/Origens_e_difus%C3%A3o_do_Cristianismo; Consultado Online: 11 de Janeiro de 2020.

Civilizações proto-históricas; In Infopédia; Porto Editora; Porto; in: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/proto-hist%C3%B3ria>; Consultado Online: 21 de fevereiro de 2020.

COBIAN, Esteban Fernandez; Arquitectura religiosa contemporânea. El estado del cuestión; Acedido online In: <https://repository.usta.edu.co/bitstream/handle/11634/10570/Apendice%202.pdf?sequence=3&isAllowed=y>; Consultado Online: 5 de fevereiro de 2020; p.12.

COBIAN, Esteban Fernandez; Como construir iglésias católicas trás em Concilio Vaticano II; Acedido online In: https://www.arquitecturaycultura.com/assets/01_articulo_fernandez.pdf; Consultado online: 5 de fevereiro de 2020; p.16

COBIAN, Esteban Fernandez; El espacio sagrado en la arquitetura española contemporânea - Arquitectura Religiosa Y Modernidad; Acedido online In: <https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/1021>; Consultado online: 21 de fevereiro de 2020; p.135.

Concílio Vaticano II
http://www.vatican.net/archive/hist_concils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19631204_sacrosanctum-concilium-po.html

Cristianismo, Acedido online In: <https://www.ap homoioo.org/uploads/3/8/6/7/38676315/cristianismo.pdf>; Consultado Online: 12 de Janeiro de 2020; pp. 1-4.

CUNHA Sónia; Acedido online In: <https://www.culturagenial.com/renascimento/>; Consultado Online: 16 de Janeiro de 2020

Diogo Pimentel; Acedido online In: https://www.snpcultura.org/diogo_lino_pimentel.html; Consultado Online: 23 de Maio de 2020.

Édito de Milão; In Infopédia; Porto editora; Porto; in [https://www.infopedia.pt/\\$edito-de-milao](https://www.infopedia.pt/$edito-de-milao); Consultado Online:18 de janeiro de 2020.

Euclides Vaz; Acedido online In: <http://www.lisboapatrimoniocultural.pt/artepublica/eescultura/autores/Paginas/Euclides-Vaz-1916-1991.aspx>; Consultado Online: 16 de Março de 2020.

Emil Steffann; Acedido online In <http://dromanelli.blogspot.com/2020/03/emil-steffan-siegfried-ostreicher-saint.html>; Consultado Online: 28 de Fevereiro de 2020.

Epilogo Concílio; Acedido online In: http://m2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-Concilio.html; Consultado Online: 23 de Fevereiro de 2020.

FERREIRA, José; A Liturgia antes do Concílio Vaticano II; Acedido online In: http://www.liturgia.pt/anodafe/A_Liturgia_antes_do_Concilio_Vaticano_II.pdf; Consultado Online: 23 de Fevereiro de 2020; p.6.

GÓMEZ, Mercedes; Acedido online In: <https://artedemadrid.wordpress.com/2013/11/05/iglesia-de-santa-ana-de-miguel-fisac/>; Consultado Online: 27 Fevereiro de 2020.

Gottfried Böhm; Acedido online In: <https://www.archdaily.com.br/br/913983/um-pritzker-no-interior-de-santa-catarina-a-igreja-de-gottfried-bohm-em-brusque>; Consultado Online: 22 de Fevereiro de 2020.

Hans Van der Laan Acedido online In:
<http://www.vanderlaanstichting.nl/en/theplasticnumber/introduction>; Consultado Online: 28 de Fevereiro de 2020.

Hélder Ernesto Coelho Baptista: Consultado In:
http://www.escultor.com.pt/helderbaptista/cv_helderbatista.pdf; Consultado Online: 26 de março de 2020.

Igreja Paroquial Santa Joana Princesa; Consultado In:
[https://www.infopedia.pt/\\$lenda-de-santa-joana-princesa](https://www.infopedia.pt/$lenda-de-santa-joana-princesa); Consultado Online: 27 de Abril de 2020.

Joao de Almeida; Acedido online In: <https://www.joaodealmeida.com/pt/bio.htm>;
Consultado online: 23 de Maio de 2020.

João Luís Carrilho da Graça; Acedido online In:
<https://espacodearquitetura.com/empresas/jlkg-arquitetos/>; Consultado Online: 15 de Abril de 2020.

Jorge Ricardo da Conceição Vieira; Consultado In:
<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/69/artists>; _____ BAIÃO,
Joana; Acedido online In: 17 de Março de 2020.

José Escada; Acedido online In:
<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/72/artists>; Consultado Online: 7 de março de 2020.

José Maya Santos; Acedido online In:
https://www.snpcultura.org/mrar_continua_ser_licao_importante.html; Consultado Online: 8 de março

Lambert Beauquin; Acedido online In:
<http://liturgicalleaders.blogspot.com/2011/10/lambert-beauquin-osb.html>;
Consultado Online: 10 de Fevereiro de 2020

Lanternim; Acedido In: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/lanternim>; Consultado Online: 27 de Março de 2020.

Leituras essenciais-ornamento e crime por Adolf Loos; Acedido online In: <https://www.archdaily.com.br/br/800467/leituras-essenciais-ornamento-e-crime-por-adolf-loos>; Consultado online: 21 de Fevereiro de 2020.

Luiz Cunha; Acedido online In: <https://fasciniodafotografia.wordpress.com/2019/02/01/luiz-cunha-1933-2019-o-belo-e-o-sagrado/>; Consultado Online: 23 de Maio de 2020.

Madalena Cabral; Acedido online In: https://www.snpcultura.org/madalena_cabral_recebe_premio_personalidade_do_an_o.html; Consultado Online: 8 de Março de 2020.

MALARD, Maria Lúcia; Forma, Arquitetura; Consultado Online:18 de Fevereiro de 2020;

Manuel Cargaleiro; In Infopédia; Porto Editora; Porto; in: [https://www.infopedia.pt/\\$manuel-cargaleiro](https://www.infopedia.pt/$manuel-cargaleiro); Consultado Online: 6 de março de 2020.

MRAR; Acedido In: https://www.snpcultura.org/obs_13_movimento_renovacao_arte_religiosa.html; Consultado Online: 6 de Março de 2020.

Maria José de Mendonça; Acedido online In: https://www.snpcultura.org/obs_13_movimento_renovacao_arte_religiosa.html; Consultado Online: 9 de Março de 2020.

Não podemos desistir da beleza; Acedido online In: https://www.snpcultura.org/nao_podemos_desistir_da_beleza.html; Consultado Online: 21 de fevereiro de 2020.

Nuno Portas; Acedido online In: [https://www.infopedia.pt/\\$nuno-portas](https://www.infopedia.pt/$nuno-portas); Consultado online: 23 de Maio de 2020.

Nuno Teotónio Pereira; Acedido online In: https://www.oasrs.org/media/uploads/DE007_VzTL1nF.pdf; Consultado online: 23 de Maio de 2020.

O Movimento litúrgico e a reforma litúrgica; Acedido online In: <https://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/dossier/do-movimento-liturgico-a-reforma-liturgica/>; Consultado Online: 27 de Janeiro de 2020.

O Significado da Palavra “Igreja” no Novo Testamento; Acedido online In: <https://www.estudosdabiblia.net/jbdo82.htm>; Consultado Online: 11 de Janeiro de 2020.

O significado do Humanismo; Acedido online In: <http://samauma.com.br/site/leitura/o-significado-de-humanismo/>; Consultado Online: 15 de Janeiro de 2020.

Otto Bartning; Acedido online In: <https://www.bauhaus100.com/the-bauhaus/people/the-bauhaus-entourage/otto-bartning/>; Consultado Online: 22 de Fevereiro de 2020.

PEREIRA; José Carlos Francisco; O Movimento de renovação da Arte Religiosa e o Papel Artístico e Pastoral do seu Boletim; p.441-442 / AA. VV; Igreja de Aguas, Penamacor; Câmara Municipal de Penamacor; Consultado In: http://www.cm-penamacor.pt/publicacoes/cmp/igreja_aguas_2016.pdf; Consultado online: 12 de março.

Princípios na arquitetura das igrejas pós-conciliares. Acedido online In: <https://leiria-fatima.pt/noticias/36-principios-na-arquitectura-das-igrejas-pos-conciliares-na-diocese-de-leiria-fatima/>; Consultado Online: 25 de Fevereiro de 2020.

RAMOS, Flávia Martins; Acedido online In: <https://issuu.com/flaviamartiniramos/docs/templosmodernos>; Consultado Online: 21 de Fevereiro de 2020.

Rudolf Schwartz; Acedido online In: <http://architectuul.com/architect/rudolf-schwarz>; Consultado Online: 5 de Fevereiro de 2020.

Romano Guardini; Acedido online In: https://www.snpcultura.org/romano_guardini.html; Consultado Online: 22 de Fevereiro de 2020.

Roseta Vaz Monteiro; Acedido online In: <http://www.rosetavazmonteiro.com/>, Consultado Online: 16 de Abril de 2020.

Sacrosanctum Concilium; Acedido online In: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html; Consultado Online: 21 de Fevereiro de 2020.

VARGAS, Cristiana; Acedido online In: <https://osaldahistoria.blogs.sapo.pt/o-escultor-alcacerense-que-homenageou-17352>; Consultado Online: 15 de Março de 2020.

Vitor Figueiredo; Acedido online In: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20v%c3%ador%20figueiredo; Consultado Online: 4 de Abril de 2020.

